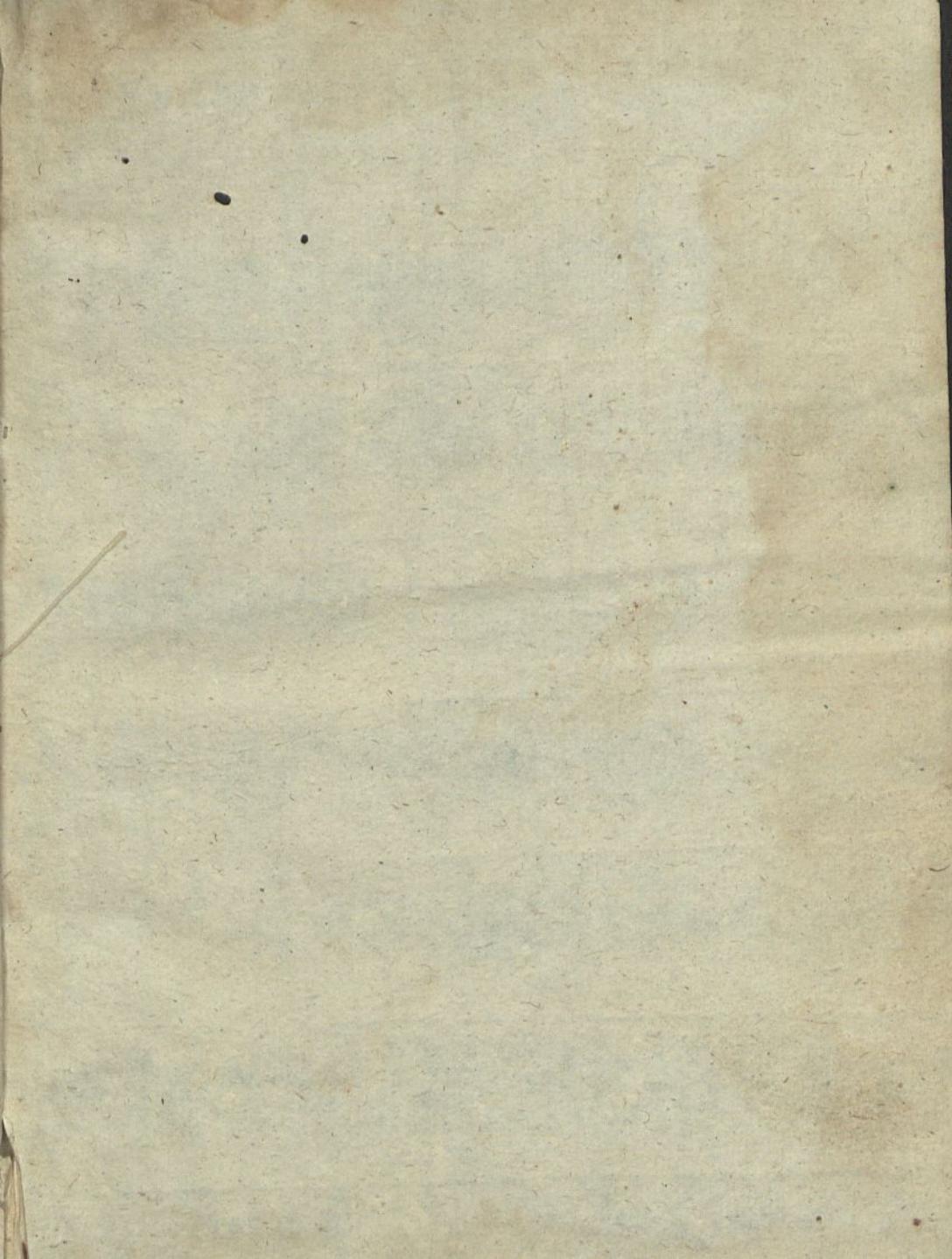
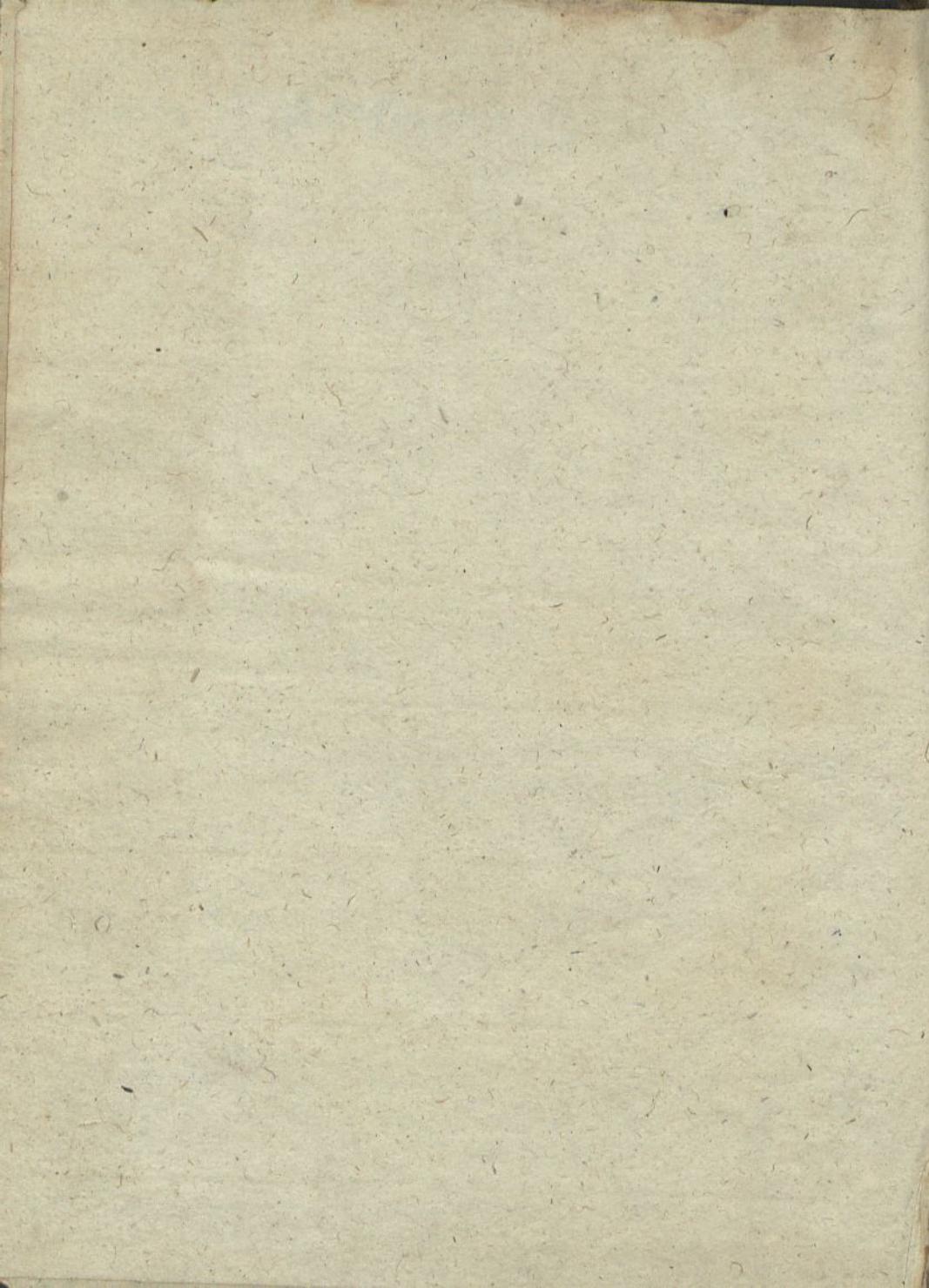


James Rodmoyer





VIVA JESUS.
C A R T A S
E S P I R I T U A E S
DO VENERABEL PADRE
FR. ANTONIO DAS CHAGAS,

*Primeiro Miffionario Apostolico Franciscano neste Reino,
e Fundador do Seminario de Varatojo.*

P R I M E I R A P A R T E,

Que Consagra, e Dedica

A MAGESTADE DO SERENISSIMO SENHOR

D. P E D R O II.
REY DE PORTUGAL,
PEDRO DA SILVA RODARTE.



L I S B O A : MDCCLXII.

Na Offic. de IGNACIO NOGUEIRA XISTO,
Com todas as licenças necessarias.

9/2220

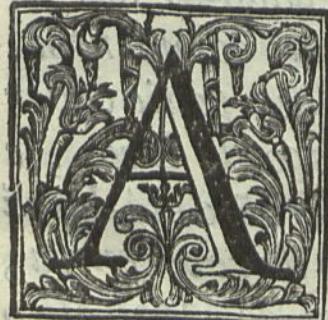
AVIA TESES
CATIA
ESTERNA
COMPRAS
196882 CHAGAS
MR. ANTONIO

PRIMERAS PARTES
O CONFERENCIA DE
A MISTERIOS DO SISTEMA SINGULAR
DE PEDAIS
ESTADOS-PORTUGAL
LISBOA DA SRA. MODALIA

PISSOAS: HISTÓRIAS

MUSEU MUSÉU MUSEU
CONSELHO MUSEU MUSEU

SENHOR.



Zelosa diligencia de
algumas Pessoas Re-
ligiosas, que tratáraõ com espiri-
tual familiaridade ao Veneravel Padre

*

Fr. An-

Fr. Antonio das Chagas, e sabem por
experiencia o grande fructo, que nas
Almas produzio a palavra Evangelica,
que a todos communicava em os Ser-
moes, e Practicas, que em sua vida fez
pelo Reyno: e entendendo agora que o
mesmo effeito promette a doutrinal vi-
veza de suas Cartas, como dictames de
seu fervoroso espirito, se a imprensa
as divulgar, illustradas com as Notas
de hum zeloso commento, e reduzidas
a este breve Tratado, para a utilidade
communa as juntou, e recolheo de par-
ticulares maos, entregando-as nas do
escolhido Sujeito, que as commentou.
Por me darem a parte, que podia caber
em obra tanto do servico de Deos, e
do proximo, me entregaraõ o dá-las á
estampa; conjecturando da reverencia,
com que em vida tratei ao Apostolico
Varao, naõ faltaria depois de sua mor-
te em concorrer para tão honorifico ob-
sequio

sequio seu. Manifestou o rogo o mesmo, que desejava o empenho grato a tanta dita; e a occasião, que me deo a sorte para offerecer aos pés de V. Magestade, naõ o trabalho, que excede a esfera de minha profissão, o dispêndio sim; porque o pôde satisfazer minha possibilidade. Com a posse me deraõ o direito para dedicar esta Obra á Catholica Grandeza, que em todo o tempo favorece os progressos da virtude, e reprime os impulsos da malicia; e no presente refresca a gloriosa memoria das mercês, e honras, que de sua Real maõ recebeo o esclarecido Sujeito deste Tratado, sempre vivo na piedosa estimação de tanta Magestade: e agora continuado de sua grandeza Real nos sucessores de suas Evangelicas Missões, e no amparo das orfaãs, que a fortuna deixou destituidas de todo o paternal arrimo, como huma, e outra gratidão

mani-

lro-

manifesta. E naõ faltará a daquellea di-
tosa Alma em pedir a Deos incessante-
mente pela Real vida, saude, e estado
de V. Magestade, para a defensa de
sua Fé, para o augmento de seu ser-
viço, para o refugio dos pobres, e para
a conservaçao de todos seus fieis Vas-
sallos, &c.

Pedro da Silva Rodarte.

PRO-

PROLOGO.

HUm dos fataes indicios, com que Deos Noso Señhor costuma ameaçar ao mundo, quando, desprezando os auxilios, persevera em escandalos, he tirar de entre os peccadores aquelles Varoës Apostolicos, que com sua doutrina, oraçõeſ, e exemplos procuraõ naõ só a emenda das culpas, mas muitas vezes applaçaõ a Soberana Justiça. Porém tambem he ſignal da Divina Clemencia na perda destas Evangelicas vozes, deixar-nos em seus escritos os eccos de suas mesmas palavras, para que, dando mais lugar ao arrependimento, queira o mesmo Senhor suspender o castigo.

Levou Deos ao Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, taõ conhecido por sua Apostolica vida. E pôde ſer que fosse a causa o aproveitarmo-nos taõ mal do ardente zelo, e incansavel trabalho, com que no eſpaço de tantos annos, vencendo o rigor de calores, frios, fomes, desvelos, e enfermidades, com pregaçõeſ fervorofas, altas direcçõeſ, e exaætas doutrinas procurou o remedio de tantas Almas. Grande motivo de confusaõ he este para aquelles, que ſe naõ quizeraõ aproveitar de seus documentos. Mas porque em ſua ausencia estes nos naõ faltassem de todo, inspirou Deos a Pessoas Religiosas, que em muitos annos de direcçao espiritual, tratando ſuas virtudes, ſouberaõ aprender ſua charidade, a que procurassem com toda a diligencia ver ſe ſe podiaõ juntar, e dar á luz algumas de suas Obras. Porém como este Servo de Deos, ou por ſua natural diſcriçao, exercicios, e habilidade, ou porque Deos lhe communicasse ſabedoria infusamente, naõ fazia para ſeus Sermoës mais que huns brevissimos apontamentos, que ſó delle mesmo podiaõ ſer entendidos, naõ foi poſſivel colher destas Obras couſa, que ſe pudesse dar á eſtampa até agora. O que ſe naõ deve ponderar ſem grande mágoa. Neſta diſſiculdade ſe resolvéraõ a procurar as ſuas Cartas Espirituaes, que a varias pessoas ſeculares, e Religiosas ſe ſabia ha-via escrito por todo este Reino. Porque, segundo ſe alcançou, lhe davaõ conta de ſuas conſciencias mais de duas mil Almas. E das primeiras, como cahiraõ por forte, ſe compôs este

Volu-

Volume ; por naõ dilatar muito esta consolaçao , e espirirual utilidade áquelles, que se querem aproveitar sinceramente, e com tençao recta de taõ alta doutrina. Mas porque em muitas delas Epistolas o Servo de Deos usa daquelle estylo alto, e metaforico , de que naturalmente era dotado , e juntamente em outras toca materias mysticas muy clausuladas , por serem para pessloas, que tinhaõ delle larga experientia, e por outra parte se acharem documentos , que parecem encontrados : que como o Veneravel Padre era grande Mestre de espirito, naõ só conhecia a diferença, que ha de huns a outros, mas que em huns mesmos , Deos muitas vezes varia os caminhos , e muda os affectos. Por esta , e outras razoës efficazes, pareceo conveniente fazerem-se Notas a estas Cartas , com que fossem a todos mais intelligiveis, e commuas estas circunstancias. Porém como para esta diligencia era necessario o espirito , que teve o assumpto, naõ faltou esta difficultade, e algumas outras , para haver quem se quizesse encarregar desta Obra. Mas como as mesmas Pessoas Religiosas persuadissem a eerto Amigo do Servo de Deos , que seria do agrado Divino , que tomasse á sua conta este trabalho, se principiou, e se conseguiu brevemente , vencendo com a voluntaria obediencia a repugnancia da desconfiança.

Naõ se põem titulo da materia , que contém cada Carta : porque como este Servo de Deos escreveo as mais dellas nas Misloës , em que andava , onde apenas tinha tempo para aquelle mesmo exercicio , lançava o que primeiro lhe occorria. E muitas vezes , depois de alguns Capitulos , torna aos mesmos pontos , conforme Deos lhe inspirava. E pela mesma razaõ se naõ podiaõ notar por paragrafos. E assim seguem as Notas o mesmo estylo das Cartas.

Estas saõ as circunstancias, que pareceo conveniente advertir com brevidade. Deos, que he o Senhor de todas as graças , nos conceda o espirito para perceber , quanto concedeo ao Servo de Deos para pregar. Que se nascer entre Gentios , sendo taõ grande desgraça , he maior a miseria de viver como Gentios , os que nasceraõ Catholicos : Da mesma sorte , sendo taõ grande mal se faltaria quem pregasse a doutrina Evangelica ; quanto maior mal fora cerrar os ouvidos á palavra Divina !

Ac SAN-

A' SANTISSIMA VIRGEM
M A R I A.
SENHORA.



Áy de Deos , e Refugio de pecadores. Dentro de cujos titulos se comprehende aquella immensidate de Graça , de que antes dos secu-
los

**

los

los fostes dotada pela Cbaridade Divina. Estas Cartas de vossa Servo, que forao escritas em serviço de vossa Unigenito Filho, notei, segundo entendo, só por respeito vossa. Porque, como vós sabeis, me persuadiraõ Pessoas, que tanto vos amaõ, que seriaõ de algum aproveitamento para aquellas Almas, que trataõ de espirito. Persuado-me que naõ tive outra razão mais que esta, para vencer a repugnancia, e incapacidade, com que me achava, para fazer esta Obra. E tambem vós sabeis a causa, porque segui este estylo. E como a minha tençao naõ foi de buscar outro agrado, pareceo-me naõ dar outra razão ao Mundo, que notará em estas Notas com mais acerto os defeitos de minha ignorancia, do que eu soube ponderar a grande doutrina, que contém estas Cartas. Mas se, por vós me communicardes vossos piedosos auxilios,

lios, houver couſa neste meu trabalho
de algum merecimento, humildemente,
e com vontade rendida protesto, que a
vós ſe devem as graças, porque por
voſſas maõs soberanas diſpensa todas
a Liberalidade Divina, que como a Fi-
lha, como a Māy, como a Esposa vos
communica por hum mar de Graça os
incomprehensiveis theſouros da Gloria.

Servo indigno &c.

L I C E N Ç A S,

D O S A N T O O F F I C I O.

Podem-se reimprimir os dous livros, de que se faz men-
çaõ, e depois voltaráõ conferidos para se dar licença
que corraõ, sem a qual naõ correrão. Lisboa 26. de Janeiro
de 1762.

Trigozo. Carvalho. Mello.

D O O R D I N A R I O.

Podem-se reimprimir os dous livros, que se apresentaõ,
e voltaráõ conferidos para se dar licença, sem a qual naõ
correrão. Lisboa 27. de Janeiro de 1762.

Costa.

D O P A C, O.

Que se possa reimprimir vistas as licenças do Santo Of-
ficio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Me-
za para se conferir, e taxar, e dar licença para que
corra, que sem ella naõ correrá. Lisboa 29. de Janeiro
de 1762.

Carvalho. D. Velho. Castello. Siqueira. Affonseca.

Está confórme com o original. Lisboa, S. Domingos, 20.
de Julho de 1762.

Fr. Francisco Xavier de Lemos.

Pode correr. Lisboa, 20. de Julho de 1762.
Trigozo. Lima.

Pode correr. Lisboa, 20. de Julho de 1762.
D. J. Arceb.

Que possa correr, e taixaõ em 400. reis. Lisboa, 23. de
Julho de 1762.

Com quatro Rubricas.

PRI-



PRIMEIRA
CARTA
DO VENERAVEL PADRE
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS

Para sua Irmãā

O Amor de Deos arda, e ferva em nossas almas.



RMAA, ou morrer na em presa, ou alcançar a victoria, ou chegar ao monte da perfeiçāo, ou morrer nos suspiros da devoçāo. Seguir a Christo he o mais alto cum e. O seguir a Christo naõ consiste em cuidar altas cousas de sua Divindade, senaõ em seguir os passos de sua vida, e crucificada Humanidade. Oh quem fizera isto ! Imitar, e seguir a Christo he fazer o que elle fez, exercitar as virtudes, que elle exercitou ; convem a saber : louvar a seu Eterno Pay, dar-lhe toda a gloria, e honra, e ser esta a tençāo de todas as nossas óbras : ter misericordia do proximo, ou seja máo, ou seja bom ; se he bom, amá-lo, pois Deos o ama ; se he máo, sofrê-lo, pois Deos o sofre.

Haveis de desejar a salvaçāo de cada hum, como a vossa mesma. Tanta pena vos ha de dar vér que se perde qualquer Alma, como se fóra a vossa propria : se naõ fazeis isto per-

seitamente, naõ guardais a Ley de Deos perfeitamente. Vede vós, que poucos a guardaõ! Chorai isto muito. Porque isto he o que faz chorar aos bons, encommendar muito a Deos, que teaha piedade dos máos, sem vos escandalizar de nenhum. Oa doutrina do Ceo, quem te guardára á rísca, que logo fôra Santo!

Melhor he, Irmaõ, obrar bem, que conhecer o bem. Por isto a santidade naõ confiste em muito contemplar, se naõ em muito obrar. Mais val hum dia, em que andais fazendo obras de charidade, ou de humildade, ou de obediencia, ou de paciencia, que estar hum mez em contemplaõ, extasis, e em raptos. Porque isto he comer a igualdade sem a merecer, e aquillo he merecê-la, aindaque a naõ chegueis a comer. Finalmente, naõ tenho tempo, aindaque a maré he boa. Lembrai-vos do que aqui vos digo. Entendei que vo-lo manda dizer o Espírito Santo, e a todos os que a lerem.

Começar: começa quem bem deseja, aproveita quem se resolve, chega á perfeiçaõ quem põem por obra tudo. O alicerse desta casa he a humildade. A virtude da humildade confiste em vos ter por peyor que todos quantos ha no Mundo, ainda que sejaõ más mulheres, e homens perdidos; entendendo, que se Deos lhes déra o que vos deo a vós, que elles forão melhores que vós. Desta humildade nasce o conhecimento de nossa grande vileza, deste conhecimento nasce o odio, que temos a nós mesmos, tratando mal o corpo; mas isto com prudencia: que o demasiado fogo á panella a faz rebentar. Desto odio nasce a mortificaõ de nós mesmos, desta mortificaõ o amor de Deos, deste amor de Deos o aborrecimento de tudo o mais, e desprezo do Mundo. Desto aborrecimento nasce o exerceicio da penitencia, contra a qual se leyanta o Mundo, Diabo, e Carne com grande perseguiçaõ, tentaõ, e tribulaõ, que servem como de fornalhas para provar o espirito: se o espirito he falso, como palha vaã, e inutil, se abraza na fornalha; e se o espirito he verdadeiro, como o ouro se apura nas levaredas, sahe mais lustroso nestas tribulações, que ou vem de Deos para nossa prova, ou do proximo pela murmuracaõ, ou

ou de nós por nosa natural fraqueza. Exercita-se a paciencia , da paciencia nasce a mansidaõ , da qual Deos muito se enamóra. Desta mansidaõ nasce a devoçaõ , que he hum deseo ardente de Deos , deste ardente deseo de Deos nasce a pura intenção , que he amar a Deos , naõ por nos salvar, nem por nos dar gosto , nem por interesse algum , senão por sua immensa , e sobre infinita , e além de amavel bondade , benignidade , e formosura. Desta pureza nasce o tratarmos de ajuntar a nosa com a sua vontade. E aqui está o ponto de tudo. Desta vontade , que temos de naõ ter vontade , nasce a resignação. A resignação he huma entrega , que fazemos a Deos da vontade propria.

Esta resignação se exercita de dous modos : hum em conformidade com Deos , dando-lhe graças por tudo quanto nos succeder , ou seja bem , ou mal , como naõ seja peccado : ou por indifferença , que leva indeterminação , com que nos pomos a esperar de Deos igualmente as consolações , com tençaõ de entender a vontade de Deos , pelo que nos succede , como naõ seja culpa. Desta indeterminação , que he altissima virtude , nascea união com Deos ; desta união huma paixão doce na Alma , que bem se sente na Alma , que nos abraça Deos. Desta paz nasce a liberdade do espirito. Liberdade do espirito he estar a Alma livre de todos os desejos da terra , e de seus vicios , ou sejaõ por memoria , ou por deseo de voar a Christo , de despir as prizões da carne , e de morrer , e gozar a Deos claramente na Celestial Patria , tudo he suspirar ao Ceo , e chorar pelos bens da Glória. E como vemos que naõ quer Deos soltar-nos tão depressa do carcere deste corpo , viremos a padecer solidão , isto he andar fugindo da gente , e communicação , buscar lugares tristes , e solitarios , soliloquios interiores com Christo. Estes se apertaõ mais com a sagrada Communhão , com a qual se une o Senhor muito á Alma. Desta conversaçao com Deos nasce deseo da Cruz para acabar crucificados com Christo , e para que mais cedo subamos ao Ceo por essa Cruz. E desta , tomada por gloria , nasce a esperança certa , e infallivel , de que Deos ha de salvar-nos. E aqui acaba o pégo , ou para melhor dizer , se chega ao cumo do monte da

perfeiçāo , qualito ao nosso conhecimento , ainda que muito ha de perfeiçāo daqui para diante. Mas quem chegar aqui, bem pôde dizer com S. Paulo : *Eu ja naõ vivo em mim, porque vive en mim Jesu Christo.* Elle vós guarde , e guarde a todos os que lerem este papel , que foi vontade sua , que este indigno , e miseravel , inutil , falso , e mentiroso a Deos , de sua vontade o escrevesse para sua gloria , honra , e bem de todas as Almas de todos aquellos , que o guardarem á risca. Guardai ao menos este papel , que algum dia pôde ser que me aproveite do que elle diz. E Deos vos faça Santa. Irmaõ inutil , e tem proveito.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta do Veneravel Padre para huma Irmaã sua , he escrita com tanta fortaleza , charidade , e espirito , que parece huma Epistola de S. Paulo. Começa : Ou morrer na demanda , ou conseguir a victoria. Para nos dizer , que tambem he conseguir a victoria , morrer na demanda. Que esta diferença fazem as pertenções com Deos ás pertenções do Mundo ; e por isso diz logo , que a perfeiçāo está em seguir a Christo crucificado , e exercitar suas virtudes , e perseverar na intençāo de seus exercícios. E naõ sei que sendas , ou que atalhos andaõ buscando muitos espirituales , depois que se nos deo do Ceo este Exemplar soberano. Diz , que havemos de sejar a salvaçāo alheya como a nossa propria , e encommendar a Deos os bons , e os máosz Arazaõ be , porque quem naõ deseja o que desejou Christo , e naõ roga pelo que elle rogou , naõ imita a Christo. E sentir menos a perdiçāo alheya , que a perdiçāo nossa , he amarmos mais a nós , que amar a Deos ; porque naõ amamos , nem como Christo nos ensina , nem como Deos nos ama. Diz , que melhor he obrar bem , que conhecer o bem. E naõ pareça dificultoso obrar bem , e ter merecimento sem conhecer ; porque no Entendimento naõ está a virtude , a virtude está na Vontade ; a Fé he mais elevada que o discurso , e nella se faz mais meritorio o affecto.

Diz , que entendamos os que isto lermos , que no-lo manda dizer o Espirito Santo. E que por naõ vermos , que Deos

Deos nos falla por todas as creaturas , quanto mais por hum Prégador Apostolico , havemos de dar estreita conta de tantos auxilios , de que agora naõ fazemos caso. Diz , como se começa por desejos , aproveita por reſoluções , e se chega por obras , e que toda esta fabrica se funda sobre a Humildade Santa. E faz esta distinção , para que saibamos quanto he necessario para chegar a ser perfeitos , e para que Je Deos nos puzer neste estado , tendo o conhecimento proprio por fundamento , temamos mais quanto for maior o pezo do edificio. Chama odio , e aborrecimento ao castigo , com que devemos tratar-nos , depois de conbecer-nos : isto he , penitencia , e detestaçao verdadeira de nossos vicios. Porque entre os termos de huma Santa prudencia , sem esta virtuosa vingança naõ se reforma huma Alma , que foi desbaratada pelos furores da natureza. E depois de continuar o Veneravel Padre neste paragrafo com hum alto progresso dos passos , com que se conduz o espirito , fecha toda esta fabrica com a resignação de nossa vontade na vontade Divina. Mas he necessario entender , que esta resignação ha de ser intarra , e absoluta , forte , actual , e perseverante , para ser verdadeira entrega , e união de conformidade. E digo actual ; porque como em quanto se vive , naõ ha hora sem contrariedade , se esta resignação naõ for vigorosa , e contínua , naõ sendo igual , bem se segue que naõ he perfeita.

Diz , que de dous modos se executa : ou por conformidade , ou por indifferença. A conformidade he o mesmo que a resignação , e a indifferença a renunciaçao ; a resignação quer quanto Deos quer , a renunciaçao quer quanto Deos pôde querer ; a resignação deixa que Deos se una a nós , a renunciaçao faz que nos nos unamos a Deos ; aquella abraça os males , e os bens com a mesma segurança , esta naõ faz distinção de bens , ou males : Porque se desfaz de si mesmo quem se renuncia. E finalmente por qual quer destas virtudes se une a Alma com Deos , sendo praticada com exacção , e humildade. Desta união vai discorrendo o Veneravel Padre effeitos maravilhosos , hum desejo de fugir de todos os contentamentos , buscando os lugares tristes , e solitarios : tristes , se entendem sem as alegrias vaas do Mundo , que para o espirito naõ ha maior alegria , e suavidade , que os lugares mais livres , para que sem embaraço se dilate mais o affecto :

hum desprezo dos melindres da carne , hum disfabor do appetite ,
hum desejo da Cruz vehementemente , hum suspirar , e aspirar da
mesma Alma áquelle bem , que lhe parece que toca , mas que naõ
alcança : e finalmente , huma saudade , que está mais aonde ama ,
que aonde vive .

C A R T A II.

O Amor de Deos more em a Alma de V. M.



Uitos dias ha que me vejo com muitas dividas a V. M. , e com o impossivel de pagar a V. M. estas letras , nem ainda responder , pela occupaçao continua de toda a hora , que nas Missões havia : agora , que me acha menos impedido , começo dando a V. M. as graças destas memorias suas , que se naõ cabem no que mereço , desejo agazalhá-las bem no que as estimo . Senti os quebrantos , e desfalentos de V. M. , e estimo as melhorias . Os apertos do coraçao , se saõ da natureza , devem-se com resignaçao sofrer ; se saõ da Graça , devem-se com favor estimar . Deos carrega no coraçao ás Esposas , para que o sello se imprima ; aperta , porque naõ larga aos que de sua Graça toca . O que importa , he louvar a Deos por tudo , sem que as molestias do corpo causem o menor desassoeego no espirito . O Padre Provincial teve gosto de que eu ficasse aqui , onde o espero . Elle resolverá para onde as Missões haõ de ser ; ou para onde o Missionario ha de ir . Eu naõ tenho petições no Paço : salvo o que me mandar a Obediencia , como naõ seja contra a minha consciencia ; e naõ sendo : quanto mais disparatada for a petiçao , mais graça terá para mim . Obediencia he huma virtude , que entaõ tem mais de obediencia , quanto de nós menos tem : exercitar-se na tontaria , he sua discriçao ; porque no que era acerto , e razaõ , pouco se merece . Folgára que me mandáraõ fazer despropositos toda a vida , e que eu os fizera sem cartanca , nem esgaravatar com

com o juizo. Porque nos acertos ha maior perigo pelos aplausos , e complacencia ; nos despropositos menos. Além disto , a mim naõ me tóca alcançar bom despacho ; fazer o que me mandaõ , e fazê-lo bem , he só o que me tóca. Neste papel , que cá vejo , vejo que V. M. está pouco aproveitada. Naõ se metta mais em Latinidades , nem em papeis de amores de Deos: faça o coraçao seu papel, imprima-se este amor no coraçao , sem dar por fóra finaes de si ; mais que em ser muito obediente , muito pobre , muito desprezadora de si , e muito estimadora dos outros. Lustre a modestia , a gravidade , o silencio , a compostura exterior , e interior , e as couias , que V. M. tem por preceito , ou por obrigaçao , e em tudo o mais seja o Reyno do Céo thesouro escondido em V. M. Porque todas essas borboletas de papel naõ nos daõ outras bôas novas , que haver em V. M. muitas vaidades ao Divino , e pouca mortificaçao ao humano. Queime todos os papeis, que achar. E os meus , se tem algum gosto nelles, faça-lhes tambem o mesmo. E ponha essas cinzas por mementos , de que tudo o mais he engano , e vaidade ; doendo-se só de seus peccados. E naõ fendo como os meninos , que naõ sentem perder a joya , nem manchar o vestido ; mas perder bonecos , derrubarem-lhes casinhas de lodo , e tomarem-lhes huma maçãa. Já naõ he tempo de engatinhar , senaõ de correr. O modo de engatinhar , he ir para Deos ao geito da natureza : o correr , he buscar a Christo , Senhor nosso , pelas valentias da Graça , vivendo sempre em huma amoroña violencia , com que nos crucificamos contra tudo o que queremos fóra da obediencia , ou vontade de Deos. A vontade de Deos he , que V. M. seja santa. E para o ser , naõ ha de fazer o que quer , senaõ o que naõ quer. Morrer mais cedo naõ dama nada , antes importa muito ; porque se chega mais cedo ao porto , para onde se navega. A morte he espantalho de miseraveis ; mas he sede continua dos que amaõ a Deos. Porque he meyo necessario para nos unir com a presençā , e vista Divina ; e sem passar pela morte , naõ pôde ser. Toda a frieza , que nos ata , e embaraça , he falta de amor de Deos: que se houvera amor , a mesma pena , que na frieza nos espanta , no ardente do amor grande alegria nos déra. Quem

caminha em tempo de Inverno , sente muito o vento , que lhe dá no rosto , e por isso com a capa , ou com o braço faz por se defender do vento. No tempo do Estio naõ he assim : antes aquelle mesmo ar , que no Inverno dava pena , he viraçaõ , que dá gosto. E o que antes por penoso se aborrecia , entaõ por suave se ama : e por isso se abre o peito , se descobre o rosto , e se tira a roupa , para que por toda a parte o vento se receba. E de que nasce isto ? De que no Inverno ha muito frio , e no Veraõ muito calor. No Divino amor he o mesmo. A quem está frio no espirito , qualquer vento de mortificaçao he tormento grave. Por isto contra a enfermidade , afflícçao , e adversidades se usaõ milhares de artifícios , defensivos , e remedios. E isto he final de estar huma Alma no Inverno das tibiezas sem o calor divino. Ao contrario , os que estaõ no Veraõ da Graça , no Estio do Amor de Deos , abrem-se , expõem-se , anhelaõ , suspiraõ pelas mesmas afflícções , que eraõ o seu fastio , amaõ as mortificações , os desprezos , e adversidades no gosto , e no espirito , de fóra , e de dentro. Veja V. M. como lhe vai disto , e se ainda se agasta , e naõ gosta desta viraçaõ do Ceo. Saiba que até o gosto he Inverno. Tenho achado (miseravel de mim !) que quanto acho bom , e he discurso , e naõ prova de experientia , que naõ ha neste Mundo verdadeiro amor de Deos , mais que padecer por elle; tudo o mais , até os actos de amor , que com o coraçao se dizem , e sem se padecer se fazem , tenho para mim que he arte de pírguiçosos , ou , quando muito , pírguiça de predestinados. Mas ainda assim he bom para os aprendizes , quando em continua memoria de Deos naõ tem respiraçao sem acto de amor : Meu Deos , e meu amor , amor eterno meu. Isto faz quem nisto cuida sempre , e quem se resolveo a naõ cuidar mais que nisto para amar isto. Mas daqui passa a aborrecer-se , e a atormentar-se a si , quem ao fino sabe amar a Deos. Veja V. M. o que mais lhe custa , e isto faça. Naõ fallo impertinencias indiscretas , que he andar pelos arrebaldes. Dentro de nós está o Reyno do Ceo , as mortificações de dentro , matando discrições , creaturas , memorias , e allivios , ficando só com Deos , e com quanto a elle eleva , para tudo o mais ser grimpa sem voz , que ao vento da

da Obediencia , e da obrigaçao se mude , ou esteja sem movimento, E se pelo caminho , que digo , vier alguma mortificaçao exquisita , festejá-la , e recebê-la bem , sem desculpas , sem queixas , nem carrancas ; antes com huma alegria modesta , unida com a memoria de meu Crucificado Senhor , que tudo suaviza , e logo dá ás Almas outros sahóres , que antes naõ souberão. Mas naõ por isto , senaõ pelo agradar , se ha de fazer tudo. Dou a V.M. de alviçaras pelas boas novas de Lamego , as mortificações que lhe tenho dado : que esta he a melhor moëda daquelles , que em Deos saõ amigos. O Padre Fr. Jacintho foi neste ponto de meu parecer. A outro Padre escrevi , mas naõ tive resposta sua. A melhor para mim será , que elles , e todos se ponhaõ contra mim. Bendito seja Deos , que naõ presto mais , que para queixa dos amigos , e escandalo dos mais ! Galante graça era metter-me em lutas com o Diabo. E naõ sei onde aqui esteve a graça , para ser conto. Bem folgára de estar ja em estado , que fiara Deos esta batalha de mim , ainda que sahíra com as maõs na cabeça. Mas miseravel de mim , que taõ pouco cuidado dou ao Demonio , que ainda me naõ vi nessas presfias , nem mettido nessas tallas. Naõ me estivera mal , que elle me puzeisse as maõs , e a boia vontade nesta vida ; com tanto , que nos naõ vissemos , nem fallassemos mais na outra. Quem pois assim anda feito farça do Diabo , que muito que ande entre os dentes dos mysteriosos. Eu estou certo , que de mim se naõ podem dizer milagres ; que se digaõ diabruras , naõ estranharei muito. Porque he certo , que se differem o peior , profetizaõ , e addivinhaõ o que ha em mim. Do mar se naõ tira agoa , que naõ seja salgada , e amargosa : de mim se naõ pôde dizer coufa , que naõ seja ruim. A pefloa , que quer meu parecer para as suas duvidas , diga V. M. que se naõ aconselhe commigo , que sou terrivel nos conselhos , mais que na execuçao : para os outros sempre digo grandes coufas , e naõ presto para mim. Sou como os trinchantes , que repartem iguarias aos outros , e ficaõ em jejum. No que toca ao exercicio de V. M. já lhe escrevi o que havia de fazer. Quanto ás mortificações , faça o que lhe aconselhei no Confissionario , até que demais perto tomemos novas notícias. A outra

tra mortificaçāo extraordinaria, naõ a faça sem ordem expressa; salvo se lho mandar a Obediencia. A Oraçaõ naõ a largue, ou seja assim, ou assim. Peço a V. M. que se eu morrer, peça ao Senhor N. me mande dizer cinco Missas pela minha Alma. Seja a Missa das Chagas de meu Senhor Jesu Christo, para que por elles me perdoe as terriveis penas, que mereço; se me houver perdoado as culpas horrendas, que tenho commettido, como espero, sem o merecer, que por sua Misericordia me perdoe. Nas suas confissões, ainda que mortifique o brio, declaré-se sempre de modo, que fique sem escrupulo. Os peccados veniaes basta dizer hum, ou dous, ou os que quizer; mas he necessario ter tambem proposito da emenda. Naõ te lhe dê que a reprehendaõ. Porque he muito tenra arvorezinha, que tem medo de hum pouco de ar, tendo mais razão para temer o fogo. Torno-lhe a encommendar a santa Oraçaõ. Porque as nossas Almas saõ como a cera, e Deos como Sol: a cera, por amarella que seja, se se põem ao Sol, quanto mais vezes a põem, tanto se faz mais branca: assim a Alma, quantas mais vezes se põem na presença Divina, tanto a seus soberanos rayos se faz mais pura. Continue V. M. nella o cuidado, que tem de mim. Deos, que ha de pagar tudo, elle guarde a V. M. como lhe peço, e desejo. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N. O T. A.

O Veneravel Padre escreve nestā Carta, como ordinariamente faz em todas, taõ altas doutrinas, que só elle pudera bastantemente ponderá-las: e assim naõ he a minha tençāo, mais que tocar alguns pontos nellas, porque quem ler faça mais alguma reflexão por causa das Notas. A primeira he, que diz, que os apertos do coraçāo, que sentia esta Religiosa, a quem escreve, se devem sofrer com resignaçāo, se saõ da natureza; e estimar como favor, se saõ da Graça. E supposto que naõ he facil de alcançar, de qual destas cousas procedem, ambas se abraçaõ, quando se acceptaõ com humildade: e por isso diz que se

rece-

recebaõ sem o menor desascoego do espirito. Diz, que naõ tem petições que fazer no Pão, mais que as que lhe mandar a Obediencia, e que quanto mais desbaratada for a petição, teria mais graça. Oh que grande paz teriaõ as Religiões, se a todos os Religiosos fosse agradavel esta doutrina! Diz, que folgara que lhe mandaraõ fazer disparates; naõ porque naõ amasse muito os acertos dos Superiores, mas porque aqui fallava só no que tocava á sua pessoa: aonde tirava mais proveito a sua Alma, quando achava mais repugnancia a natureza. Porque muitas vezes desejamos fazer o que nos mandaõ; mas queríamos que nos mandaraõ o que desejamos.

Diz mais abaixo, que se naõ metta em Latinidades, nem em papeis de amores de Deos. O Veneravel Padre era grande examinador daquelles espiritos, que tomava á sua conta: e por esta razão fazia todas estas provas, por ver se estavaõ pelo exame da humildade desfazidos, ainda dos mais licitos appetites. E porque verdadeiramente o exercicio mais alto he o de huma contemplaçao pura, e de hum recolhimento sem certos arrimos, que aindaque sejaõ virtuosos, de ordinario bebe nelles tanto a natureza, como o espirito. Diz logo, que importa pouco morrer mais cedo, isto he, que a imaginaçao, de que as mortificações poderão anticipar-nos a morte, faz ainda nos mais espirituales certo escrupulo de charidade, com que affrontando os exercicios se vem a enuiciar os affectos. E para isso diz, que a morte he espantalho de miseraveis. Porque o espantalho naõ faz danno, faz medo. Isto mesmo fazem aos corações fracos, e apprehensivos as mortificações mais prudentes, se se dá no mesmo coração lugar a este cuidado. E naõ era a tençaõ do Veneravel Padre approvar excessos precipitados: e por isso diz mais abaixo, que naõ fallava de penitencias indiscretas, que he andar pelos arrabaldes: dando a entender que fallava das mortificações interiores. Diz, que para tudo ha de ser grimpas sem voz, que se move, para onde a inclinar a Obediencia. E repara-se, que diz grimpas sem voz. Porque ha grimpas, que como tem alguma ferrugem, aindaque naõ fallaõ, ringem quando se movem. E o verdadeiro obediente ha de ter o movimento tão suave, que naõ so naõ ha de dividar, mas naõ ha de murmurar, nem ainda gemer. Diz, que lhe dão alviçaras pelas bôas

bôas novas de Lamego ; isto he , por se lhe haver aceito a escusa , que havia offerecido , para naõ aceitar aquelle Bispado. E as alvíçaras , que lhe dá , saõ mortificações. Elle sabia o que dava , e conhecia quem era a que recebia ; e por isto dava nesta moeda , que he a unica , com que desde esta vida se pôde comprar a Bemaventurança. Diz , que o melhor seria , que todos se puzessem contra elle : quer dizer , que reprovassem o haver-se escusado de ser Bispo. Porque naõ se contentava só com haver humildemente naõ aceitado aquella grande dignidade ; mas para corroborar aquelle acto de virtude , desejava que , como o ouro sobre o azul , que assentasse o aspero sobre o humilde. Logo diz , que advirta á pessoa , que deseja consultar com elle as suas duvidas , que se naõ aconselhe com elle ; porque he terrivel nos conselhos. E isto , porque ba pessoas , que vao consultar suas difficultades , taõ pouco indifferentes , que parece buscaõ mais a condescendencia dos Confessores , do que para seu remedio a mesma verdade. Diz-lhe , que nas suas Confissões , ainda que mortifique o brio , que se declare desorte , que fique sem escrúpulo : isto he , de cousas , que naõ saõ necessarias áquelle acto , mais que para a perfeiçâo. Porque o espirito he como os olhos , que se naõ podem applicar ao objecto , se naõ estao limpos do menor argueiro.

CARTA III.

O Amor de Deos more em a Alma de V. M.

 Arece que naõ he Deos servido que escreva largo a ninguem : porquanto havendo tomado este dia para desaffogar-me de Cartas , desde a madrugada , excepto hum breve espaço , me naõ deixâraõ até agora. E em nenhuma parte acho socego , nem retiro , nem recolhimento , mais que só em Deos , e entre as çarças , e as espinhas. Agora me furto de noite , porque de dia naõ he possivel , e começo com V. M. quando para bem havia de acabar a tarefa , que ha de ir á manhãa no

Esta-

Estafeta : que apenas chega , quando parte. Ora tenha V. M. muito boas Festas , e melhores Annos que os passados , para que indo de bem em melhor , e de virtude em virtude , chegue ao summo bem , que lhe desejo. Aqui me vejo com muitas Cartas de V. M. humas muito antigas , outras mais modernas : áquellas naõ respondo , porque já respondeo o successo ; a estas direi o que posso , agradecendo a V. M. , como sempre , o cuidado que tem dos meus acertos : que a este , e ás suas orações de V. M. attribuo , depois de Deos , muita parte dos bens , que tenho. Muito agradeço a noticia daquella pessoa , que se peiorou no bom tempo , eu , com o geito que posso , faço a possivel diligencia , porque os males se examinem , e conhecidos se temedeem. Dê Nosso Senhor a sua luz , que sem ella vivemos ás escuras : e a maior sombra , que nos tira a vista , he o proprio Entendimento. Da outra , que V. M. sabe há muitos tempos que choro os achiques , já me parece que lhe dei os avisos. Ponha-lhe Deos os remedios. Naõ ha maior erro , que querer governar o Mundo , quem naõ sabe governar-se a si. Os fundos , que isto tem , e as raizes , donde nasce , grande misericordia de Deos he conhecê-las. Naõ ha felicidade , como ter huma pessoa para si , que naõ ha outra causa nesta vida , mais que Deos , e a sua Alma. Mas a esta felicidade poucos chegaõ ! Tudo o que se disse de mim , teve sua graça. E para nada me prestára , quem de mim sentira bem , ou o dissesse. Quantos tem a sua meditaçao nos meus preteritos , e futuros , me fazem algum proveito com ella. Porque me ensinaõ muitas cousas , que eu naõ soubera , se esta memoria , que tem de mim , faltára. Creio que o amor , que todos me tem , os faz desejar que eu seja muito perfeito ; mas como sempre fui mentiroso , he muito pouco o fructo , que de tudo tiro. Ainda assim dou muitas graças a Deos , por haver disposto as cousas de modo , que eu naõ fosse ja hoje tronco , ou tiçaõ do fogó eterno. As quedas de V. M. finto muito ; porque quizera que cahira em tudo , como entendida , mas naõ como precipitada. Bem puderamos fazer agora algum juizo sobre cahirem as Estrelas. Mas como V. M. a teve taõ boa , que naõ houve lesão na cabeça , naõ ha para que fazer reparo nestes

nestes pronosticos ; e menos nos do Inferno , a quem está na casa de Deos. Naõ faça V. M. mais diligencia pelas cozinhas , basta que nelas naõ falte , quando simplezmente o ordenar a Obediencia. No formar figuras naõ use V.M. violencias : quando possa , e ache devoçao , o faça. Quando se lhe perca o affecto , e gaste o tempo nessas sombras sem muito fructo : vá-se á luz , quanto Deos lhe dér. Porque na tempestade ninguem navega como quer , senaõ como pôde. Mas sempre que possa , entre por esta porta : que o mais , he ser ladtaõ. E no Cœo , naõ se entra , senaõ por caminho direito. E ou por este camiõo , que he Christo , ou por esta porta em verdade crida , ou em figura formada , só se entra. Naõ estou bem com humas vidas de espirito , que sem terem vencido as Nações , que impedem a entrada da Terra de Promis-
faõ , (que he meyo necessario) naõ só de falso , mas de voo querem chegar ao fim , e ao termo , onde Sua Divina Mage-
stade nos leva depois de muitas batalhas , conflictos , e tra-
balhos. Medite V. M. nas Festas , e na variedade dos tem-
pos , accommodando-se aos Mysterios , que nelles se soleim-
nizaõ , como o fim seja achar a Deos , e desejar puramente contentá-lo em tudo. E serem estes , ou aquelles os meyos ,
naõ he de essencia ; como naõ sejaõ meyos desporporciona-
dos ao fim , que se procura. Muito encomendo a V. M.
que duas vezes no dia com brevidade , no principio da Ora-
çaõ , ou quando puder , examine os fundos da Alma , com-
tede de aproveitamento : ou assentada , ou como puder , se
tome esta residencia , sumamente necessaria para a perfei-
çao. A Missa do Anjo , e as mais que V. M. quizer , direi
sem falta , dando-me Deos vida , em quanto andar neste em-
prego , sobre que tenho muito que dizer a V. M. E entendo
na verdade , que Nosso Senhor o quer , vendo como se me
facilitaõ couças , que me naõ passavaõ ha pouco tempo pela
imaginaçao. E entendo , que se Deos me dér vida , teremos
cedo bons Missionarios. O Padre Geral me fez notavel fa-
vor. Eu lhe fico sumamente obrigado. Até agora naõ sei
quem he nosso Provincial. Espero á manhãa pelo Correyo ,
e nelle a certeza , para que a qualquer que for o ame , e
obedeça no que naõ for contra Deos.

sobren

Muitas

Muitas outras cousas pudera escrever a V. M., que passei com o Padre Geral; mas deixo para mais perto isto. Eu lhe naõ fallei na Provincia em outra cousa mais, que no sentimento, que tinha de vêr na minha Provincia este desconcerto: e que pedia muito a sua Reverendissima obrasse nella o que fosse mais gloria, e honra de Deos, e bem da Religiao. Naõ me peza de o haver feito assim com estas palavras. Pareça bem, ou pareça mal, naõ he este o meu fim ultimo. Tambem folgo muito nisto de haver-me conformado com V. M. Se Sua Divina Magestade for servido, brevemente irei á Corte, e estimarei ter occasiao do allivio, e consolaçao de V. M., que será minha tambem. Entretanto encommendo-lhe muito huma grande circunspeçao, e cautela, sem dizer mal, nem bem de quaesquer, que sahirem Prelados, e das mais cousas dos seculos, e governos: amor de Deos, mortificaçao espiritual, e pancar quanto vier á memoria, que naõ seja Deos, ou cousa, que leve a Deos: encommendar-me muito a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe paço. Avis, vespresa de Reys de 1679.

De V. M. servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Começa esta Carta o Veneravel Padre, como queixando-se da grande occupaçao, e trabalho, que tem com os negoçios. E he de advertir para os que tem tantas difficuldades da vida espiritual, que prosegue logo, que em nenhumha parte acha socego mais, que em Deos entre as carcas, e as espinhas. Porque entendamos, que se buscarmos a Deos entre os espinhos, acharemos entre os espinhos os regalos, e as consolaçoes. Diz mais adiante, que estima a noticia de certa pessoa, que, segundo se collige, havia de antes recuado algum pouco dos sanclos exercicios. E diz que faz o possivel, porque os males se examinem, e conhecidos se remedem; e que desse Nosso Senhor a luz, que sen ella tudo resultaria em escuridade, e cegueira. Porque naõ usar das meyos naturaes da razao, e juizo, foratentar a Deos com ignorancia; e naõ recorrer logo aos auxilios, jeria

seria offendê-lo com a soberba. E assim prosegue com a mesma doutrina, fallando de outra pessoa: fa-me parece que lhe dei os avisos, de-lhe Deos os remedios. Diz logo, que não ha felicidade, como ter huma pessoa para si, que nessa vida não ha outra cousa mais, que Deos, e a sua Alma. Que grande doutrina he esta para aquelles, que com enganosos pretextos de charidade se derramão desorte nas cousas exteriores, que entretendo só a natureza, o menos do que tratao, he a verdadeira vocaçao de sua Alma. Porque supposto que a muitos chama Deos por diferentes caminhos, ha de ser sempre dentro destes dous pontos, e limites, que diz o Veneravel Padre. Diz logo, que para nada lhe prestara, que delle se sentira bem: ou o disse, para que entendamos pelo contrario, que nenhuma cousa tanto nos ensina, como aquelle mesmo que de nós inurnura. E assim diz, que a meditaçao, que se tem de seus preteritos, e futuros, isto he, de certos juizos, que se fariaõ de seus sucessos, lhe ensinava cousas, que elle não sonbera, se este despertador lhe faltara. Havia esta Religiosa, a quem escreve, dado huma queda, em que pudera ter grande perigo, sendo naquelle occasião Cozinheira; porque era em Convento, onde a ambiçao do mais alto sangue he o mais baixo emprego destes exercicios: e por isso lhe diz, que quizera que cabisse em tudo, como entendida. Pode ser, porque o fervor espiritual algumas vezes, se não he bem digerido, passa facilmente a precipitado. E logo diz, que bem se pudera fazer algum juizo sobre cubirem as Estrelas. Porque como esta Religiosa era pessoa de muita qualidade, e elle procurava sempre como rayo abater os vapores, que exhala a carne, e o sangue, por este modo lhe fazia esta advertencia: que para quem era taõ espiritual, e entendida, bastava. Continua dizendo-lhe, como se ha de haver com os exercicios. Porque parece sentia naquelle tempo alguma desigualdade de espirito. E por esta razão lhe aconselha a luz clara, e o caminho seguro, que be Christo Senhor Nossa. E diz, que não trabalhe por formar figuras, e que não está bem com certas vidas de espirito, que sem terem vencido as Nações, querem entrar á Terra da Promissão: isto he, que sem ter mortificado as paixões, os appetites, e rumiando muitas vezes os Mysterios, e Paixão de Christo Senhor nosso, não he conveniente querer de salto passar a huma

huma Oraçao puramente de espirito, sem usâr destes meyos. Porque naõ he seguro o Edificio, que se naõ trabalha com bons materiaes desde os fundamentos. E diz, que se naõ cance muito em formar figuras. Porque aindaque a meditaçao seja destes Mysterios, sem a imaginaçao o pôde fazer exactamente o discurso.

CARTA IV.

A huma de suas Irmaas, antes de ser Freira.

O Amor de Deos more, e arda em voso coraçao.

 Inha Irmaa, e Senhora. Vós sois hum pouco de pó, e cinza, huma pouca de terra esteril, e cheya de espinhos, e hum sacco de podridao, hoje que patreceis melhor. E daqui a pouco, esterco, e mantimento de bichos. E nada tendes de voslo, mais que pecar, e naõ saber agradecer a Deos os favores, que vos faz. Tudo que em vós sentis do amor de Deos, saõ obras de seu amor. E Deos o que está fazendo em vós, pôde fazer em qualquer creatura, que melhor lho agradecerá. Por seus altissimos juizos mostra que vos quer bem, e que vos ama a vós, ao mesmo tempo que na redondeza do Mundo deixou outros muito melhores que vós, e de melhores inclinações. E neste conhecimento haveis de ir sempre, para que naõ percais a Humildade, que he o alicerce de todas as virtudes. E quanto mais esta se mette por baixo da terra, conhecendo a sua vileza, e a sua ingratidao, tanto mais sabe crescer, e entra pelo Ceo o amor de Deos, que mora nos humildes de coraçao, mais que em todos. E para saber isto como he, tende sentido bem no que vos digo.

A Graça de Deos, e o Amor de Deos, he a natureza, e o ser de Deos, que todo he Amor, assim como nós somos Corpo, e Alma. E daqui vem, que quem vive em graça,

e em amor , vive em Deos , e Deos vive nelle , e Deos he o que obra nelle. E porque como entaõ a creatura participa da Divina Natureza , assim como a vide , que vive unida á cepa , della recebe o succo , e o humor , de que vive , e de que dá fructo : assim a creatura unida com seu Creador , vive , e respira os alentos da Graça Divina , que com ella cresce cada vez mais , e dá fructo de boas obras. E como a Graça , e Amor de Deos , he infinito ; logo que a creatura tem alguma cousa della , ferve , e deseja ardenteamente sahir de si toda , e chegar-se áquelle infinito Senhor , como a panella , que tem grande fogo , este sobe em cachões fóra da panella , e se deseja ir , e sahe. Porque aquelle calor de fogo , que entrou na agoa , deseja unir-se com o fogo , que está fóra , que he o seu centro ; e deseja tambem deitar fóra toda a agoa , que lho impede : que isto he a nosla vida , e a panella nosso corpo , e a quentura o Amor de Deos , de que as fervuras nascem. He necessario saber isto , para que quando huma Alma se sente cheya de amor , que he o melhor que pôde ter neste mundo , saiba que aquelle amor , ou aquella fervura , naõ nasceo da agoa , que bem fria he por natureza , nem do barro do nosso corpo , que bem grosseiro he tambem ; mas que só nasceo do amor de Deos , que em nós se serve de fazer maravilhas para sua gloria ; e para que nos favores espirituales perca esta carne mortal as suas friezas , e se purgue das immundicias , que tem antes de cozer-se , e depois se tempere com as virtudes. E ultimamente quando parece que arrefece , se componha com a vontade de Deos , que ja quer goistar della. Desorte , que o noslo ponto até aqui naõ he mais que conhecemos bem , e verdadeiramente que Deos he o que obra , quando obramos bem , e naõ nós : e que naõ cuidemos que he humildade dizer , que Deos obra em nós , senaõ conhecimento certo , que entaõ he só certo , quando nos conhecemos. E conhecer isto , naõ he humildade , senaõ verdade certa , e conhecimento verdadeiro de nossa vileza.

Segue-se agora tratarmos de como huma pessoa , que pela Graça de Deos se sente já fóra do Mundo , sentindo-se sem outros desejos que os desejos do Amor de Deos , co-
mo

mo se alongará mais do Mundo. Porque muitos deixão o Mundo. E para isto, basta fugir de suas vaidades. Mas naõ se alongaõ muito, porque naõ chegaõ á solidão: isto he, solidão de espirito. E solidão de espirito nenhuma outra coufa he mais, que viver só com Deos. Porque assim como a solidão he huma coufa taõ só, que nella naõ vive ninguem: assim a solidão do espirito he taõ solitaria, e só, que naõ acha nella mais que Deos, e fica a Alma feita hum deserto, os sentidos hum ermo, onde Deos, como acha sózinha a sua creatura, vem logo fallar-lhe ao coração, e em ardentes suspiros, e abrafados desejos de se unir com Deos, que lie o seu principio, donde sahio, a fonte donde nasceo, a origem donde manou, e o centro, onde finalmente aquieita, quando nelle se recolhe, e se mette, e se entra de todo, para, depois de estar mettida nelle, se estender pela imensidão daquelle ser infinito, para se alargar naquelle pégo de amor, para arder naquelle mar de luz, para se derramar, e transformar de todo naquelle summo bem, sobre infinito, sobre admiravel, e sobre eterno. Para isto he necessario que vivamos sem creaturas na Memoria, sem discursos no Entendimento, sem outro amor na Vontade, mais que o Amor de Deos: e que juntamente andem sempre os sentidos como paísmados nas maravilhas de Deos, em tudo o que se puzer diante do sentido em oração continua. Na oração particular he necessario que agora entremos.

De dous modos vemos a Deos, e de dous modos he a vistaõ de Deos: huma he vistaõ clara, e esta só a tem os Bem-aventurados no Céo: outra se chama vistaõ obfeura, e esta a tem os que no Mundo chegaõ a fazer actos de Fé. Este acto de Fé naõ he mais que dizer huma creatura com todo seu coração: Meu Deos, eu creyo de todo meu coração, que vós estais aqui dentro de mim, fóra de mim, sobre mim, e ao redor de mim. E logo crer isto sem dúvida nenhuma, e naõ pôr a cuidar como elle alli está: que isto entaõ he meditação, senão crer, e erer, que quanto menos isto se cuida, e menos se considera, entaõ se crê melhor. Porque em vós crendo que Deos está em vós, e com vósco, sem saber como, e que vos está como espreitando, logo vos accendeis

em amor, que he o maior bem de todos, melhor que ter visões, e extasis, e revelações: que isto tudo se pôde ter em peccado mortal. Só o amor de Deos se naõ pôde ter, senão em Graça. Antes importa muito ás pessoas espirituales, que totalmente tirem de si o desejo de visões, e consolações. Porque he golozina espiritual. E em quanto a creatura naõ chega á uniaõ de Deos, aindaque se déra caso, que vos aparecera hum Christo crucificado, tinheis obrigaçao de duvidar se o era, e de lhe dizer: Senhor, naõ he isto o que eu quero, nem desejo: O que quero he, que se faça em mim a vossa vontade: e tratar de vos pôr na solidão; isto he, dizendo: Deos na minha Memoria, Deos na minha Vontade, Deos no meu Entendimento; e nada mais. E como a solidão do espirito he nada, he necessario pôr-vos nesse nada deste modo: Nada quero, nada desejo, nada tenho, nada mereço, nada procuro mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo. E isto vos encommendo muito. Porque neste nada, e na solidão, com que se diz: Deos na minha vontade, e nada mais, &c. está quasi toda a chave do jogo. E a razaõ he: porque Christo naõ está sempre com vosco, quanto á Humanidade, e por isto se vai: está sempre quanto á Divindade. E quanto esta he melhor que a Humanidade, tanto a deveis querer mais. Porém sempre convém que comeceis pela vida de Christo. E sabei, que agora estais no Cabo da Boa Esperança: que isto saõ as seqüidões, froxidões, e mais impedimentos do espirito. Se passares adiante, vivereis em altissimos favores de Deos, e vivereis nelle, e andareis por cima dos Ceos. Se vos deixares vencer das froxidões, desgostando, e apartando-vos da Oraçaõ, perdereis a Deos, e perdereis tudo. Por isto, aindaque naõ seja mais que offerecer a Deos o tempo, convém que lhe offereçais sempre as horas, que costumais ter de Oraçaõ. Sobre aquillo do Convento, cedo nos veremos, e entaõ fallaremos. Bem me parece isto. Porque he final de Matrimonio espiritual, que he o mais alto estado, a que se chega no Mundo. He final; porque assim como huma pessoa, que se casa, deixa pay, e máy, como dizia Christo, pelo seu Espolo; assim quem casa com Deos, que deixa por elle

elle tudo , dá mostras de que Deos a quer furtar , e cazar-
se com ella. Mas sobre isto fallaremos. E o que importa ,
he fazer agora estes exercícios todos os dias , começando
sempre por Christo , até que nos vejamos. Sobre a resa , me
parece bem que rezeis as vossas obrigações , e que vos naõ
canceis em ter o sentido na resa , senão em Deos. E melhor
resareis assim , e naõ vos fará nenhum impedimento deste
modo. Por isso refai em todo o caso , cuidando só em Deos , e
passando-o pela resa. Antes que entreis na Oraçaõ , fazei mu-
ito por dizer estas palavras com devoçao : Meu Deos , e meu
Senhor , se pudéra vir aqui com a pureza da Virgem Santissi-
ma , Senhora Nossa , essa fora a minha alegria. Se pudéra
vir com o amor de todos os Serafins , e com a reverencia , e
louvor de todos os Anjos do Ceo , essa fora a minha Bem-
aventurança. Se aqui trouxera o mesmo amor , com que vós
vos amais , essa fora a minha gloria. Se de todos os cora-
ções do mundo pudéra fazer hum só coração , eu vo-lo dé-
ra , meu Deos , e só para vós o quizera. Se de cada areya do
mar , de cada Estrella do Ceo , de cada argueiro da terra , de
cada hervinha do campo , de cada folha das arvores , de ca-
da letra dos livros pudéra fazer mil Mundos de Almas , mil
Reynos de vidas , mil mares de corações , mil Ceos de espi-
ritos , todos , meu Deos , e meu Amor , forão poucos , e me
parecerão limitados para entregar-vos , e render-vos. Se fora
Deos , como vós sois , vos adorára por meu Deos , e andára
fazendo sempre criaturas , que vos adoráraõ , Córros de An-
jos , que vos louváraõ , Templos , em que vos servíraõ , e Al-
mas , que vos amáraõ. Se fora o mesmo , que vós sois , dei-
xára de ser Deos , porque vós o fosseis , e me contentára ,
pondendo-me aos vossos pés , com que huma vez amorosamente
puzeisseis em mim os vossos olhos , e me naõ quizesseis mal.
Meu Deos , e meu Senhor , se me derais licença que nesse
Ceo furtasse alguma cousa , nem a Gloria furtaria , nem a
Bemaventurança : só huma cousa furtára , e esta he o vosso
Amor , a todos os Anjos , e Serafins , a todos estes Espiritos
Bemaventurados deixaria eu Bemaventurados , mas o amor ,
que vos tem , havia de furtar-lho. Nem a Virgem vosla Mão
escaparia , de que eu para vos amar ardentíssimamente lhe

em amor, que he o maior bem de todos, melhor que ter visões, e extasis, e revelações: que isto tudo se pôde ter em peccado mortal. Só o amor de Deos se naõ pôde ter, senão em Graça. Antes importa muito ás pessoas espirituales, que totalmente tirem de si o desejo de visões, e consolações. Porque he golozina espiritual. E em quanto a creatura naõ chega á uniaõ de Deos, aindaque se déra caso, que vos aparecera hum Christo crucificado, tinheis obrigaçao de duvidar se o era, e de lhe dizer: Senhor, naõ he isto o que eu quero, nem desejo: O que quero he, que se faça em mim a vossa vontade: e tratar de vos pôr na solidão; isto he, dizendo: Deos na minha Memoria, Deos na minha Vontade, Deos no meu Entendimento; e nada mais. E como a solidão do espirito he nada, he necessario pôr-vos nesse nada deste modo: Nada quero, nada desejo, nada tenho, nada mereço, nada procuro mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo. E isto vos encommendo muito. Porque neste nada, e na solidão, com que se diz: Deos na minha vontade, e nada mais, &c. está quasi toda a chave do jogo. E a razaõ he: porque Christo naõ está sempre com vosco, quanto á Humanidade, e por isto se vai: está sempre quanto á Divindade. E quanto esta he melhor que a Humanidade, tanto a deveis querer mais. Porém sempre convém que comeceis pela vida de Christo. E sabei, que agora estais no Cabo da Boa Esperança: que isto saõ as seqüidões, froxidões, e mais impedimentos do espirito. Se passares adiante, vivereis em altissimos favores de Deos, e vivereis nelle, e andareis por cima dos Ceos. Se vos deixares vencer das froxidões, desgostando, e apartando-vos da Oraçaõ, perdereis a Deos, e perdereis tudo. Por isto, aindaque naõ seja mais que offerecer a Deos o tempo, convém que lhe offereçais sempre as horas, que costumais ter de Oraçaõ. Sobre aquillo do Convento, cedo nos veremos, e entaõ fallaremos. Bem me parece isto. Porque he final de Matrimonio espiritual, que he o mais alto estado, a que se chega no Mundo. He final; porque assim como huma pessoa, que se casa, deixa pay, e máy, como dizia Christo, pelo seu Espolo; assim quem casa com Deos, que deixa por elle

elle tudo, dá mostras de que Deos a quier furtar, e cazar-se com ella. Mas sobre isto fallaremos. E o que importa, he fazer agora esses exercicios todos os dias, começando sempre por Christo, até que nos vejamos. Sobre a resa, me parece bem que rezeis as vossas obrigações, e que vos naõ cancelis em ter o sentido na resa, senão em Deos. E melhor resareis assim, e naõ vos fará nenhum impedimento deste modo. Por isto resai em todo o caso, cuidando só em Deos, e passando-o pela resa. Antes que entreis na Oraçaõ, fazei muito por dizer estas palavras com devoçao: Meu Deos, e meu Senhor, se pudéra vir aqui com a pureza da Virgem Santissima, Senhora Nossa, essa fora a minha alegria. Se pudéra vir com o amor de todos os Serafins, e com a reverencia, e louvor de todos os Anjos do Ceo, essa fora a minha Bem-aventurança. Se aqui trouxera o mesmo amor, com que vós vos amais, essa fora a minha gloria. Se de todos os corações do mundo pudéra fazer hum só coraçaõ, eu vo-lo dera, meu Deos, e só para vós o quizera. Se de cada areya do mar, de cada Estrella do Ceo, de cada argueiro da terra, de cada hervinha do campo, de cada folha das arvores, de cada letra dos livros pudéra fazer mil Mundos de Almas, mil Reynos de vidas, mil mares de corações, mil Ceos de espíritos, todos, meu Deos, e meu Amor, foraõ poucos, e me parecerão limitados para entregar-vos, e render-vos. Se fora Deos, como vós sois, vos adorára por meu Deos, e andára fazendo sempre criaturas, que vos adoráraõ, Córros de Anjos, que vos louváraõ, Templos, em que vos serviraõ, e Almas, que vos amáraõ. Se fora o mesmo, que vós sois, deixára de ser Deos, porque vós o fosseis, e me contentára, pondo-me aos vossos pés, com que huma vez amorosamente puzesseis em mim os vossos olhos, e me naõ quizesseis mal. Meu Deos, e meu Senhor, se me derais licença que nesse Ceo furtasse alguma coufa, nem a Gloria furtaria, nem a Bemaventurança: só huma coufa furtára, e esta he o vosso Amor, a todos os Anjos, e Serafins, a todos esses Espiritos Bemaventurados deixaria eu Bemaventurados, mas o amor, que vos tem, havia de furtar-lho. Nem a Virgem vosla Māy escaparia, de que eu para vos amar ardentiſſimamente lhe

furtasse tambem o amor. Dai-me voslo amor, meu Deos Pay, dai-me huma migalha de amor a esta pobrezinha, que vo-lo pede de elmola por amor de meu Senhor Jesu Christo. Dai-me voslo amor, meu Deos Filho. Dai-me voslo amor, meu Deos Espirito Santo. Amen. Deos vos guarde. Coimbra, 2 de Janeiro de 1664. Irmao, e Amigo d'Alma.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta, que o Veneravel Padre escreveo a huma Irmada sua, he cheya de huma alta, e solida doutrina. Começa pela Humildade, por onda devemos começar todos nossos affectos, para serem seguros. Continua, mostrando como as nossas melhores obras, e mais fervorosos actos, tudo sao beneficios Divinos, com que ficamos cada vez mais obrigados a procurar ser perfeitos. Acaba mostrando como havemos de corresponder com agradoimento por exercicios, ensinando os mais seguros, e verdadeiros.

Im Diz pelo exemplo da panella, que ferve, que o sinal da Graça he o desejo, que tem huma Alma de servir a seu Creador: mas como este desejo tambem pode ser natural, porque tudo o criado tira a seu centro, por isso diz o Veneravel Padre, como a panella, que ferve, e sabe para fóra. Como se differa, que não basta hum desejo esteril, e infructifero, sem operante, e officioso; pois a Graça em si está como o fogo do Elemento. Porque em Deos não pode crescer, nem diminuir, mas em nossas Almas he como a materia, ou ha de arder, ou se ha de apagar. E daqui se segue tornar atráz nas causas de espirito, quem não vai a diante.

Segue a mesma metáfora da panella no cozer, temperar, e compôr, como ensinando os tres estados da vida espiritual: o primeiro da Purgativa pelo cozer: o segundo da Illuminativa pelo temperar: o terceiro da Unitiva pelo compôr. Porque assim como no principio se começa a cozer a panella com a violencia do fogo, assim como o forte calor da penitencia se purga nos primeiros fervores nessa Alma. E como no meyo do cozimento se tempera,

péra, e aduba; assim tambem nossa Alma purgada pela luz Divina, se regula, e reforma. E como no fim se compõem depois de cozida, nosso espirito brando regulado, e composto se une ao Agente Divino: que isto chama o Veneravel Padre, fallando da Alma, que neste estado começa Deos a gostar della.

Diz logo, que naõ basta deixar o Mundo, mas que he necessario alongar-se delle, para sentir huma Alma em si a Deos. E naõ falla aqui o Veneravel Padre sobrenatural, senao naturalmente, até onde pudesse chegar a nossa diligencia com a Divina Graça. E este fallar-lhe ao coraçao Deos, que he por santas inspirações, e ardentes affectos, e efficazes auxilios, só o entende, e sente, quem se alonga do Mundo, e quem tráz limpaa a confoiencia, e os sentidos do pegamento das Creaturas. A razão he: porque estas palavras de Deos saõ chamas suaves, que se introduzem sem fazer estrondo, e as vozes das Creaturas he ajuntamento de agoas de tumulto, e ruido; que, quando muito, dizem louvores, mas naõ communicaõ segredos. Que isto o faz só Deos aos seus mimosos, que escutaõ sua voz em silencio.

Diz mais abaixo, que se déra caso, que lhe apparecera hum Christo crucificado, tinha razão de duvidar. Esta doutrina he muito importante, por tres razões. A primeira pela segurança: porque o Demônio se transforma, permitindo-lho Deos, em Anjo de luz, e engana, e tem feito grandes males a muitas Almas golosas destes mysterios occultos. A segunda, pela santa Humildade; porque naõ he justo que hum peccador presumha que merece similhantes favores. A terceira, pelo merecimento, que consegue quem serve, e trabalha constantemente, sem mais animo, que a Fé forte, e perseverante.

Diz-lhe que escuse de pôr particularmente o sentido na Reza, senao em Deos. Isto he, que aquella attençaõ particular a cada palavra naõ he possivel na reza vocal, naõ sendo menos meritoria, tendo-a em Deos com o affecto, e reverencia. Porque esta applicaçao amorosa unida, faz que se derrame menos o pensamento, do que se estivesse variando os sentidos, aindaque sejaõ pelos mesmos Mysterios.

C A R T A V.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Nuito Reverenda Madre Soror N. , e Senhora minha. Todas as de V. Reverencia me tem chegado, e todas me parece que tenho lido , e até hoje lí huma , que me escrevo ha hum anno , em que me fallava em N. , a quem todos devemos muito encommendar a Deos , para que das presentes quedas naõ páre em maiores ruinas. E livre-nos Deos das mesmas , que nos mesmos ma-les podemos cahir , se Deos nos desamparar. Naõ he possi-vel responder a tudo pelo miudo , nem ainda pelo grosso ; faremos o que pudermos.

Primeiro que tudo : até agora mortifiquei a V. M. , em quanto naõ fizesse o que me dizia ; pois sendo isto nada , a vi taõ pegada a esta ninheria , que era necesario tirar-lha : agora vejo que V. M. naõ tem nenhum desapego , nem res-ignaçao ; pois por lhe dizerem que eu estava enfermo , chorou. Que lentimentos saõ estes ? Quem serve a Deos , naõ sente nada , louva a Deos em tudo , e por tudo lhe dá graças. Cuidava eu que tinha feito em V. M. alguma coufa. Cuidava que se lhe chegassem novas que eu era morto , se alegrasse muito em Deos , e dissesse : Ou este Frade era bom , ou máo , ou foi ao Inferno , ou ao Ceo. Se ao Ceo , naõ ha que sentir ; se ao Inferno , convém conformar com Deos , e louvá-lo. Porque , levando-o taõ cedo , lhe elcusou o com-metter mais peccados , a que se seguem maiores tormentos. Santa Maria Ogniacia , aparecendo-lhe sua máy depois da morte , e dizendo-lhe que estava condenada , louvou a Nosso Senhor , e alegrou-se na justiça de Deos , aborrecen-do aquella , a quem Deos aborrecia. He possivel que se põem V. M. a chorar por Fr. Antonio ! Estive arriscado a naõ lhe escrever mais. Aposto eu que naõ chora V. M. tanto por

por seus peccados. Miseravel de mim, que sou peyor, pois lhe custo maior sentimento. Depois de me passar a paixaõ, estive para lhe mandar por obediencia, que me considerasse morto, e ate nao folgar muito com isto, nao me escrevesse; mas compadeço-me do miseravel espirito de V. M. cheyo dessas sensibilidades. Que ha de dizer quem isto vir? Oh Padre, Christo chorou na morte de Lazaro, e Santo Agostinho, e S. Bernardo na morte de sua may, e seu irmaõ. Oh como sabemos canonizar os delictos, fazendo das culpas merecimento, e vestindo o erro de desculpas. Faça-se V. M. de marmore, que ate nao perder o sentimento de tudo, nao farei grande caso do seu espirito. Nao me dirá, que he o que tem aproveitado em tantos annos? Ainda está por saber este A B C do Amor de Deos, quem nos ensina como Doutora as regras do espirito? Confidere-se, abata-se, humilhe-se, e ja que lhe parece que chegou a indifferença; veja se se alegra com isto, se dá graças a Deos de descobrir esta mina de sua fraqueza, engano, e vaidade.

Ora já lá vai a trovoada. Necessario he que a luz apareça, e que tenha algum allivio, quem soffre a minha pena. Até que eu ordene outra cousa, em quanto V. M. tiver saude, tomará cada semana tres disciplinas, que entraráo em numero com as da Communidade, se nesse tempo as houver. Jejuará cada semana, tendo perfeita saude, os Sabbados, ou Sextas feiras a paõ, e agoa diante da Comunidade. O jejum se entende a semana, que nao for Cozinheira, ou tiver grande trabalho. E trará por exercicio o mais do tempo, além da santa Oraçao, as palavras, que disse Noso Senhor a Santa Catharina de Sena, huma semana: *Eu sou o que sou; tu es a que nao es.* E faça por remoê-las bem, como agora: *Eu sou o que sou Santo. Eu sou o que sou puro. Tu es a que nao es, nem pura, nem santa.* &c. Outra semana terá por exercicio o mais do tempo; *Tem tu cuidado de mim, que eu terei cuidado de ti.* E cuidando em Deos, faça por se descuidar de si. Outra semana aquellas palavras, que lhe disse: Escolhe as coulhas amargoas por doces, e tem as doces por amargosas. Estima como refrigerio as Cruzes, que na verdade para a Alma saõ refrigerio.

rio. E naõ dirá V. M. que lhe naõ dou algum, pois lhe inculco estes allivios.

Como a resoluçao de N. me alegrei. E naõ lhe está mal padecer para se aproveitar, que Deos cura humas feridas com outras. Alegro-me tambem, de que V. M. se houvesse com indifferença. E o que importa he, naõ esperdiçar isto com alguma palavra, ou sentimento voluntario: que os naturaes, aindaque mostraõ as paixões porco mortificadas, saõ fructa da natureza. Ame V. M. quem mais lhe dér que merecer, que estas saõ as verdadeiras amigas no mundo: que os que nos gabaõ, e adúllaõ, inimigos saõ. A lanceta, que nos tira o sangue, mais amiga he noſſa que o comer goſtoſo, com que adoecemos. A Christo tentou o Demonio. Todo o que naõ he tentado, tenho quasi por vencido. Porque ninguem põem demanda á tua fazenda: e assim nem o Demonio. O que importa he, em elles vindo, dar graças a Deos, sem fazer grandes aballos pela resistencia: que a maior consiste em pôr em Deos a memoria, e a vontade. Estimei muito que o Padre N. assistisse a N., porque podera ser que importasse naõ menos que a sua salvaçao esta assistencia. Tenha Deos misericordia de todos, e conserve a muitos servos seus para salvaçao das Almas.

Eu me levo muito boa vida, e me acho muito bem disposto. Tudo isto se pôde acabar em huma hora. E cumprio-se a profecia de Viseu. Mas pelo que vou vendo de presente, até para a saude foi boa esta vinda; para o espirito no recolhimento; para a saude nas medicinas, onde temos confiança. Seja Deos bendito! naõ era necessario, que houvesse lá petições ao Padre Provincial, para naõ haver penitencias, que aqui naõ temos outra, que disciplina todos os dias; o comer ordinario, como nas outras partes, sem jejum de paõ, e agoa. Cadêas já naõ as trago. Todos me mandaõ comer, e nenhum jejuar, nem affligir. Faça-se a vontade de Deos, que com isto folgo muito. Assim folgue eu no que for prova, e tormento. Os quarenta dias, que tinha determinado, por caufas efficazes, que o haõ impedido, se converteraõ nos nove, que V. M. me diz. E darei conta, naõ dos resplandores, que trago do monte, se naõ das sombras,

que

que descobri neste valle. Queira Deos que seja de lagrimas, para que, sendo diluvio, se afoguem culpas, e se defogue a consciencia. Estimo muito a medida, e quererá Nosso Senhor que com ella, onde a puz, se melhore taõ má cabeça, que já para o corpo fica bôa. Ao Padre Fr. N. consulte V. M. em tudo o que for necessario, como a mim mesmo. E faça mais caso do seu parecer, que do meu: e assim lho mando, até que depois do Capitulo vá assistir a V. M. de mais perto, se cá vier o Geral; que se não vier, fico-me por cá outro anno. Porque não fique sem Missaõ Trás os Montes. Aindaque já encomendei esta Província a Jeronymo Ribeiro, que andou prégando por aquellas partes, e fez nellas prácticas. Seja Deos bendito! As Cartas de Santa Theresa, com as Notas de Palafoz, tive depois de Frade. Não li muito dellas; porque sempre me falta tempo para mim. As memorias de meus annos agradeço a V. M. E bem hão mister os meus esquecimentos as suas memorias. E quererá Deos Nosso Senhor, que em a emenda de alguns dias, se repárem as ruinas de tantos annos, que só se contaõ para o pranto, não tendo que descontar para o merecimento. Não entendo bem esta pergunta de V. M. Declaré-se V. M., ou faça tudo o que entender não he peccado, e pôde ser causa de impedir-lo sem damno nenhum. Já pôde V. M. chamar-se filha, e seja-o diante de Deos, para que por meyo de V. M. me perdoe Deos minhas culpas, e me conceda suas misericordias. Agora não posso mais, quando puder será melhor. Entretanto recommende-me ás amigas, e a todos peça roguem por mim a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e desejo. Vi-seu, 16 de Julho de 1678. De V. M. servo muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Depois que no primeiro paragrafo de ſa Carta diz o Veneravel Padre a esta Religiosa, que devem todos encommendar a Deos certa pefsoa, que parece havia caido em alguma grave

grave culpa, que a isso chama quēda, dando em razão, para que não páre em maiores. A razão he. Porque esta natureza tem os peccados, que bons são disposições para outros, e os grandes para os maiores. Logo lhe diz, que atégora a mortificára, em quanto não fizesse o que lhe dizia, que devia de ser algum exercicio, a que tinha inclinação. E como esta ainda nas cousas de virtude se deve de ter ordinariamente por suspeitoſa, por isso diz o Veneravel Padre, que a vio tão pegada aquella nineria, que era necessario tirar-lha. E prosegue, que ainda assim ve, que não tem nenhum desapego, nem resignação. Porque parece que lhe escreveo, que dizendo-se-lhe que elle era morto, lhe custára muito sentimento. E logo discorre com excellentes doutrinas de resignação, e conformidade, com muitos Santos exemplos, ponderando de si mesmo, que deve ser peyor que os mesmos peccados, pois ella chora por elle, o que podia ser não fizesse tão facilmente por seus mesmos erros. Toda esta materia he digna de grande ponderação, e que muitas Almas, ou por pouco mortificadas, ou menos attentas, deixão passar, cabindo em grandes defeitos, sem os sentir, ou conhecer. E para melhor intelligencia he necessario saber, que entre o mortificar o entendimento (o que não he facil) e mortificar a vontade, que he menos difficult, ha mortificar a razão, ou hum affecto nascido destas duas potencias; e por esta causa menos conhecido, e mais difficultoso. E neste mesmo caso, que razão pôde haver para o Entendimento mais justificada, nem para a vontade menos suspeitoſa, que o sentimento da morte de hum Varaõ Santo. Mas dessa mesma justificação nasce dilatar-se sem medida o affecto. O que não pôde ser justo, mais que no Amor Divino. Porque ainda a dor do peccado deve de ser com tanta cautella, que se não perturbe a tranqüillidade d'Alma. Não se diz, que se pôde nesta vida cerrar totalmente as portas á natureza; mas he necessario que assim como ella tem primeiros movimentos, sejam opostos tambem os do espirito, para que com o bom pretexto se não faça hum habito defeituoso contra a pureza santa, que deve haver na resignação verdadeira. Logo lhe assigma algumas penitencias, de que devia usar. E supposto que estes exercícios são ordinarios naquelle Convento, vimão neste lugar a proposito, para ensinar que não havia de haver defeito, por que

queno que seja, a que se naõ siga algum castigo. Porque desta exacção nascem effeitos maravilhosos. Diz mais, que se alegra de que se houvesse em certa difficultade com indifferença; mas que importava naõ esperditar aquelle acto com alguma palavra, ou sentimento. Porque muitas vezes, como os que jejuaõ todo o dia, e á noite quebraõ o jejum por huma pouca de golozina: assim soffrendo algumas cousas com paciencia, deixamos escapar alguma palavra, ou acção de escandalo, que nos faz perder o merecimento maior que adquiriríamos perseverando.

Diz o Veneravel Padre, que a todo aquelle, que naõ tenta o demônio, tem por meyo vencido. Porque ninguem põem em demanda sua mesma fazenda. E daqui nasce, que muitas pessoas vivem com grande risco de sua salvação, por crerem certa paz falsa, que naõ foi adquirida pela guerra, a qual o demônio lhes díssimula. Porque vendo as prizões miseraveis, naõ procuraõ romper as cadeas pela penitencia, e buscar o remedio em seu mesmo escrupulo. Diz, que em vindo a tentação, havemos de dar graças a Deos, sem fazer grandes aballos pela resistencia. E a razão he. Porque em fazer estes dous actos bem feitos consiste inteiramente este ponto. Muitas vezes sendo tentados, e recorrendo a Deos logo, ainda assim somos feridos; mas he por nossa culpa. Porque como a tentação nos lisonjea o appetite, aindaque recorremos a Deos, lá deixamos algum resquicio, por onde os olhos do Entendimento, como ás furtadas, fica lançando a vista áquelle mesm objecto, que tirou o golpe ao cuidado. Tambem os grandes aballos, que fazemos pela resistencia, nascem de certa perturbação, que faz em nossa Alma o alvoroco da mesma concupiscencia. Porque se o coração estivera forte, unido, e cerrado, naõ se sobrefaltara de ver os inimigos de perto: e assim convém procurar a paz interior, e o socorro, para poder resistir; isto he, levantar inteiramente o pensamento a Deos, e soffrer com quietação os assaltos: que desta sorte naõ permitirá o Senhor que Jejamos vencidos.

C A R T A VI.

O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. S.

 Inha Senhora. Este grilhaõ, que me deitáraõ meus males, ou meus bens, ha tanto tempo, tem sido a causa de eu naõ escrever a V. S. como desejava; mas se tenho para mim que morreõ todo o desejo do espirito, que muito he que adoeceste o primor. Dê-me V. S., se assim for servida, muito boas novas suas; porque de todas farei a devida estimacão.

Eu fico melhorado, seja Deos bendito; mas com grande fraqueza: e esta me tem maõ, para que naõ esteja mais longe. Mas espero em Sua Divina Magestade, que algum dia possa de mais perto dizer a V. S. o que entendo no particular, em que V. S. me falla no seu ultimo papel. Senhora: as arvores podem estar cheyas de fructos, e juntamente estar verdes, e com alguma flor; nas do espirito requirese, que se acabe a flor, e que se acabe a verdura, para chegar a transformaõ de Christo crucificado, que he o que eu prego, sem ser S. Paulo: e assim deve estar crucificado tudo na arvore da mortificaõ, que eu estimo mais que a Oraçaõ. Necessario he que se que a flor da discriçao, e se que a verdura de nossas paixões, e inclinações naturaes, e que se ponha todo o cuidado em sazonar os fructos das obras virtuosas, sem que concorra a arvore para a folha, e para a flor com a substancia, que tira aos fructos. V. S. tem hum juizo muito malfazejo para si, porque lhe sahe muitas vezes pela porta fóra. Necessario he fechar a porta, e fechar-se V. S. dentro de Christo, se trata de ser santa, e naõ dizer, nem fazer, nem cuidar o que naõ cuidára, fizera, ou differa este Senhor. E com sua licença, e por sua gloria, e honra, fazer entaõ o que elle ao coraõ lhe fallar. Prouvera a Deos, que todas as Senhoras foraõ como V. S.

Naõ

Naõ tenha vaidade. Porque V. S. he huma creatura vil, e miseravel, como as outras. Mas eu naõ me contento, já que V. S. tomou esse caminho, senaõ com que emprenda as virtudes heroicas sem imperfeiçao, e faya dos desalentos de mulher para a grandeza de animo, com que deve ser senhora desuas paixões. V. S. ainda está cheya de vaidades, presumpçao, cuidado do seculo, e satisfaçao com o mundo. Isto naõ ha de ser assim. Costumaõ dizer alguns: ou bem dentro, ou bem fóra. Senhora, bem fóra de tudo. Isto he o que eu aconselho. E naõ cuide V. S. que em ter grande paciencia no que lhe digo, tem grande merecimento. Naõ basta huma virtude, saõ necessarias todas. Naõ basta que V. S. dê tudo a Deos, senaõ que se dê a si despida até de si mesma: que isto he o que este Senhor quer de nós mais que tudo.

Ainda assim peço perdaõ a V. S. de quanto lhe tenho dito. Porque poderá ser que a curta vista de meu juizo se enganasse em tomar a altura ao espirito de V. S., como quem entende taõ pouco de espiritos, como eu. Mas aproveite se V. S. desta vibora, pois aindaque nella haja a maior peçona, dizem os Naturaes, que tambem da sua cabeça se faz a melhor triaga. Seja Deos muito bendito! E em castigo desta minha ouſadia, mande-me V. S. este Christo aqui a Monte-mór, para que elle me reprehenda, posto em huma Cruz, e desta Cadeira me ensine, o que sem escrupulo de minha grande soberba direi entaõ a V. S. E por amor deste Senhor naõ te esqueça de encommendar-lhe esta taõ pobre Alma, pois sabe V. S. o que merece a charidade, que trata bem aos peiores. Eu, tal qual sou, em meus pobres sacrificios encommendo, e peço a Sua Divina Magestade, que guarde a V. S., e lhe dê todas as felicidades de espirito, em cuja comparaçao todas as do mundo saõ engano, e vaidade. Monte-mór.

De V. S. servo, e Capellaõ inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NOTA.

NOTE A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Senhora viuva, Titular, e de muita qualidade, discricão, e virtude. E depois de lhe dizer a causa, porque até aquelle tempo o naõ fizera, que era haver estado enfermo, a que chama males, ou bens: para que entendesse, que nos males do corpo consistem grandes bens do espirito. Diz que as arvores podem juntamente estar verdes, ter flores, e fructo; mas que naõ succede assim ao espirito, e que se necessario que a verdura se seque, e a flor se murche, para que o fructo se logre. Estas verduras, que se crião no coração, saõ os appetites. Estas flores, que rebentão no entendimento, saõ as vaidades. E sem se mortificarem estes floridos verdores, que roubaõ a substancia á planta da Alma, naõ se colhe o verdadeiro fructo, que se a imitaçao de Christo crucificado: e por isso chama arvore á mortificação, que se a Cruz, que sendo secca, naõ se esteril, nem infructuosa. E diz, que a estima mais que a Oraçao. A razão he. Porque nestas pessoas criadas com mais grandeza, e liberdade, (fallando ordinariamente) se naõ mortificao vontades, e trabalhaõ muito por ser verdadeiros humildes: a Oraçao algumas vezes se planta verde de flores, que ou cabe com o Inverno de qualquer tentaçao, ou naõ dá fructo ao Outono da Morte.

Diz que tem hum juizo muito malfazejo para si mesma, porque lhe sahe muitas vezes pela porta fóra isto he, hum certo orgulho natural mal mortificado. Porque naõ diz que o deixa sahir, senaõ que se sahe. E esta promptidaõ orgulhosa tambem humas vezes he flor, e outras verdura, he rama, ou folha, que se interpoem entre o fructo das virtudes, e o Sol da Graça. E sem este calor naõ podem madurar.

Diz que prouvera a Deos , que todas as mais Senhoras forão como ella ; e que naõ tenha vaidade , que he huma creatura miseravel , como as outras. E por estes termos , em que o Veneravel Padre nostra que se encontra , parece que quiz confundi-la ensinando-lhe o mal , que a Deos correspondia , sendo mais obrigada. Como se differa : V. S. tem recebido mais de Deos , e esta era a melhora , dada pela Graça : e logo : V. S. he , como

as outras, miseravel creatura. E esta he a confusaõ de sua negligencia, e miseria.

Diz, que a deseja santa, que faya dos desalentos de mulher, e que ainda esta cheia de vaidade. Diz, que se alente, que com esta differenca se nutre a virtude, com a austerdade se fortalece; e se levanta com a humildade, e só produz fructo de heroicas obras, quando o verdor se secca, e a flor se murcha.

Prosegue, que naõ cuide que em ter paciencia no que lhe ouve, tem grande merecimento. Porque naõ basta huma virtude. Naõ diz que naõ aproveita, senão que naõ basta. Arazaõ he. Porque huma, ou duas virtudes podem-nos servir para nos dispôr, mas naõ para nos justificar: he necessario que trabalhemos por todas, para que assente em nossa Alma a Graça Divina. Naõ digo que estas virtudes todas saõ precisas em sua perfeiçaõ, ou sempre em acto. Porque nem sempre todas pôdem ter exercicio. Porém he forçojo, que o naõ tenhaõ gravemente os vicios contrarios. Porque as virtudes saõ no espirito, como os humores no corpo, que podem estar mais, ou menos puros; mas se algum se corrompe, já se lhe segue a febre, e apôs a febre a enfermidade, e consequentemente a corrupçaõ dos outros humores, como no espirito succede ás virtudes.

C A R T A VII.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.

Minha Senhora. Todos se queixaõ das minhas faltas, e todos tem razaõ, se de mim se queixaõ. E V. S. muito mais. Mas hum homem tão deitado a longe, que pôde fazer que bom seja! Quanto he maior a minha tibiaõ, e negligencia com Deos, e com os proximos, tanto maior espero que seja a caridade de V. S. em rogar por mim a Deos.

Em meus pobres Sacrificios, quanto posso, desejo
Tomo I. C me

merecer a V. S. a lembrança , que tem de mim diante de Deos , e que vá a diante a concordia , que em todas as coisas de V. S. , e de sua casa , filhos , netos , e sobrinhos , se continuein , e augmentem as felicidades d'Alma , e da vida , que lhe desejo. Mas em bons desejos se me vay tudo. Nada he o que obro , porque o mais que faço he nada. As melhores Caldas do mundo , saõ a Graça de Deos , a santa Oraçaõ , e conformidade com Deos , caridade , e paciencia nas contrariedades , que desejamos. Se nestas se metter a Senhora Condesta , terá quanto quizer de Deos , e saberá pacificar-se , naõ querendo de Deos nada , fenaõ o que elle quer , que sempre he o melhor.

Eu vou continuando esta peregrinaçao por esta banda , já vay para o fim , e desejára começar de novo para Miranda. Naõ sei se terei tempo , vida , e espirito. Faça-se a Divina vontade. Os Companheiros andaõ bons. O Padre Fr. Luiz entendo escreve a V. S. Agora fica com huma grande ciatica. Isto tambem he bom para os servos de Deos. Encommende-nos V. S. a sua Divina Magestade , que guarde a V. S. quanto lhe peço , e desejo. Barcellos 18 de Fevereiro de 1678.

De V. S. servo inutil , e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A

Esta Carta escreve o Veneravel Padre á mesma Senhora. Diz , que todos se queixaõ delle , e que todos tem razaõ : para que considerasse , que naõ devemos ser todos melindrosos , nem cuidemos que somos tão justificados , que naõ possa sempre haver alguma razão de nos arguir. E diz , que quanto he maior a sua negligencia com os proximos , tanta espera seja maior a caridade , com que a Deos o encommende. E por falta desse zelo , cabimos continuamente em hum grande defeito Catolico. Porque em vendo huma miseravel creatura , que cabe em algum erro , ou seja por ignorancia , ou por fraqueza , o que nos succede , e podia succeder por malicia , entaõ lhe toma-

mos aversão, quando nos devíamos compadecer mais de sua miséria.

Diz, que as melhores Caldas são a Graça Divina, a Santa Oração, a conformidade, caridade, e paciencia: isto he, que alguma Senhora queria usar daquelle remedio para ter filhos, e parece consultava o Venerável Padre, que supposto que sabia que os meyos naturaes são convenientes; mostra com tudo, que os devemos usar como Católicos, tratando de merecer primeiro a Deos esses benefícios, que nos nega muitas vezes por causa de descuidos, e vaidades, em que a grandeza vive de ordinario mais engolfada.

C A R T A VIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.

 Inha Senhora. Naõ perco eu com V. S. o tempo, antes o dou por muito bem empregado; mas falta o tempo, e cresce o labirintho. E quem anda taõ perdido como eu, naõ he muito que perca o fio para as suas importancias; que por taes avalio as tarefas, em que me faço lembrado a V. S. Ajude-me V. S. com as suas Orações, e concordia, que eu no que posso ajudar, ainda que taõ pouco valho, naõ me descuido. Naõ se podem dizer verdades de taõ longe. Deos nos chegará a tempo, que tenha V. S. o merecimento de ouvir-me, assim como já agora o de soffrer-me. Encómendo muito a V. S. a presença, e memoria de Deos. Porque este Espelho diante dos olhos d'Alma basta para exercicio, pois alli nos vemos, e vemos, como he possível, a Deos, e a sua vontade. E quem traz os olhos no Sol, naõ anda em trévas.

Tambem dou a V. S. as graças por esta penitencia. Já fez seu papel em público. Queira Deos, que a consideração desta pena seja meyo, para que algumas Almas busquem o caminho da Graça. A V. S. peço que cada vez mais me en-

De V. S. servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Servo de Deos á mesma Senhora , e depois de lhe dizer , que naõ perde com ella o tempo , e que antes o dá por bem empregado , diz , que o tempo lhe falta , e cresce o labyrintho : e assim succede de ordinario. Porque na estreiteza do tempo se faz mais difficultoso o negocio : de que se segue quam grande erro commette , quem guarda negocios de toda huma vida para resolver nas apressadas horas da morte. Diz , que se naõ podem dizer verdades de longe. E por este modo lhe insinuava , que deviaõ de ser amargoas. Porque se forão doces , de qualquer parte se pôdem dizer. Porque estas sempre saõ faceis de levar. E por este estylo costumava o Servo de Deos , quando fallava geralmente , tratar as pessoas mais perfeitas , porque voltasssem os olhos ao interior de sua Alma , e examinassem se tinhaõ que reformar nellas. E por isso diz , que quererá Deos chegá-la ao tempo , em que tenba o merecimento de ouví-lo , como agora o tem de soffre-lo.

E encommenda-lhe muito a presença , e memoria de Deos , a que chama Espelho , em que se vê noſſa Alma , e vemos , como he possivel , a Deos. Diz , que nos vemos , e vemos a Deos juntamente : para que entenda , que sem pôr os olhos em Deos naõ poderá ver-se bem a ſi mesma ; e ſem se vêr a ſi mesma , iſto he , ſua miseria pela humildade ſanta , naõ verá bem aquella Bondade infinita. E por esta razão diz , que quem traz os olhos no Sol , naõ anda em trevas. O que ſuccede a quem ſe conhece. E naõ ſe conhece , quem naõ traz os olhos em Deos continuamente , por verdadeira humildade.

CAR.

CARTA IX.

O Amor de Deus more em nossas Almas.



Rmão charissimo. Não tenho tempo, pela lida, em que ando com toda esta Corte, mais que para agradecer-lhe suas lembranças, e dizer-lhe, que os escrúpulos dessa Senhora, tem mais de pena, que de culpa. E a maior, que lhe considero, he não fazer o que V. M. lhe diz nesse particular, segundo esta informaçāo. Porque não ha peccado, onde não ha consentimento da razaõ com deliberaçāo da vontade. Tudo o mais saõ achaques espirituales, que assim como os padece o corpo, os padece a Alma. O espirito de blasfemia, como he tentaçāo do demonio, afflige, e atormenta muito o espirito. Este se ha de vencer totalmente, não fazendo caso delle, mais que de hum monturo. Porque esta tentaçāo reina, e cresce cada vez mais, em quanto della se faz caso. He como gozo, que tanto mais ladra, a quem vai pela rua, quanto mais para o gozo se víra. O que importa he fazer hum firme proposito de não offendere a Deos, com hum acto forte de Fé, em que creya tudo quanto crê a Santa Madre Igreja de Roma; outro acto de Esperança, e de Amor: e que quem assim for tentada, se defende, virando quanto puder o sentido. E quando não possa, diga, fallando com Deos: Senhor, pequei, peza-me de todos os meus peccados, por seres vós quem sois: Creyo, quanto creo vossa Santissima Māy, a Virgem Maria Senhora nosla, e a vossa Igreja Catholica! E espero em vossa Misericordia, porque he maior vossa clemencia que a minha culpa: Amo, sobre todas as coufas, a Deos Pay, Deos Filho, e Deos Espírito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos verdadeiro. E bastará que de todo o coração, reduzindo isto a mais breve, diga: Peza-

V. M. , que ao de N. , que devia de querer-me agora em fom de guerra para algum estrondo militar. Eu tenho dado em pacifco. Quererá Deos que esta paz seja verdadeira.

Naõ sei se me advinha o coraçao , que V. M. teve , ou tem algumas batalhas interiores , ou exteriores , ou se tem feito a condiçao o que se podia esperar da malicia. Os Medicos naõ receitaõ purgas tem conhecimento do humor pecante : quando V. M. entenda que nas minhas Receitas , ou Boticas pôde achar alguma mézinha , naõ deixe em silencio a confiança. O natural de V. M. he muito agudo. Naõ he isto muito bom para febres , que podem parar em malignas. E ás vezes naõ se vem nos pulsos. Porque se reconcentraõ nas entranhas. Peço-lhe muito que , quanto puder , se violente , para que no trato commum , ainda o que for cautela , tenha rosto de lizura. Mas naõ se admire tambem de estar tal o mundo , que se chame ao Entendimento malicia. Bem he que V. M. vigie sobre si , e veja aonde chegaõ seus movimentos , e para que fim caminhaõ. E se alguma hora se desmanchaõ , vêr depois como se ordenaõ. Isto parece Grego. Mas quem sabe Latim , sem o estudar , tudo poderá saber. Advinhe , ou examine-se , como deve.

Faça V. M. quanto puder por continuar as suas cozinhas , que saõ excellente côro para quem tem oraçao , e memoria continua de Deos. E eu naõ sei como pôde huma Religiosa andar sem esta eterna lembrança. Muito necessaria he fechar-se na Casa do Amor de Deos com o esquecimento de tudo. Porque se esta chave tem dado volta , impossivel he que ande mais que Deos na memória , e coraçao.

Isto faça por hum acto de simplicidade , espancando quanto vem ao sentido , fenaõ he Deos , ou de Deos , ou para Deos. E huma das cousas , de que faço conta despir a V. M. se algum dia for a essa terra , he a total lembrança de tudo quanto naõ he Deos , ou de Deos. Já era tempo disto. Mas V. M. aproveita pouco. Naõ me pezará , que se tornasse a refrescar com o Combate Espiritual , que he excelente Livrinho. Nas penitencias vá , como vay , seguindo com humildade , e gosto , e obediencia da Madre Abbadessa. Ao Senhor S. Joleph , á Mây de Deos , e ao Senhor pe-

ço, quanto posso, por V. M. Quererão elles dar-lhe aquela tontice, em que consiste o juizo. A Deos darei as graças do que se fez dia da Natividade. E a esta Senhora pedirei seja tambem do Bom Successo para o caso do S. N. de quem, tal qual sou, me lembro, como posso. Grandes cousas ouvi dizer do S. N. tenho disto grande gosto, e estive para lhe escrever as graças; mas parece-me desnecessario, ou vaidade minha, ou perigo seu. Hoje tenho estado com huma estremada dôr de cabeça, naõ posso mais, e a Deos.

*Fr. Antonio das Chagas.***N O T A.**

Esta Carta escreve o Servo de Deos a certa Religiosa, de cuja virtude fazia muita confiança. E naõ só a esta, mas a outras pessoas dava muitas vezes conta, assim dos negocios, como das cousas de seu espirito. Porque era tão humilde, que se naõ fiava só de si mesmo; e para que o encomendasse a Deos, e juntamente aos negocios de seu servico.

Diz, que totalmente entendéra, que fora descoberto o segredo do Convento. Isto era, de certo Hospicio que intentava, para continuar com mais facilidade as Missões, e que o accettaria, se se lhe désse, como convinha. O que naõ faria em outros termos, mas que continuar o seu officio de Missionario; e que naõ sabia se aquella indifferença era desmaelamento. Donde se pôde inferir quam difficult he de entender o espirito alheyo, quando o Servo de Deos com taes exercicios confessava isto do proprio espirito.

Diz, que naõ sabia se lhe advinhava o coraçao, que esta Religiosa tivera, ou tinha algumas batalhas interiores, ou exteriores, ou se havia feito a condicão, o que se podia esperar da malicia. Esta materia he tão vaga, que se naõ pôde fazer juizo do conceito, que o Veneravel Padre faria: mas como diz que os Medicos naõ receitaõ purgas sem conhecerem o humor pecante, parece fallava com generalidade em dizer que podia haver feito a condicão, o que se podia esperar da malicia. Mostra, que algumas vezes convém, que faça a destreza o que se podia arris-

arriscar na batalha , e que be melhor naõ expôr á tentaçao , estando as virtudes fracas , e outras seria perder por frouxidao o merecimento , fugindo das occasiões de as pôr em exercicio ; sem a qual se naõ conseguem seus habitos. E por esta causa diz , que naõ deixe a confiança em silencio ; porque naõ erre a eleiçao dos caminhos.

Diz , que o seu natural he muito agudo , e que naõ be bom para febres , seguindo a mesma metáfora da Medicina. Porque ás vezes lançaõ nas entradas a malignidade , que recataõ nos pulsos. E pede-lhe , que se violente. As almas activas , e promptas com clareza do Entendimento , ainda que tenhaõ muita liberdade de espirito , se se naõ trataõ com muita cautela , e mortificaçao , a mesma vivacidade , e a promptidao , que as alenta , alguma vez as faz sair da medida. E por isso diz , que se examine , como deve , para ver se sabe de sua regularidade : e que se naõ admire , que se chame no mundo ao Entendimento malicia. Esta equivocação entre os homens he affaz trabalhoſa. Porque naõ basta que sejaõ os juizos rectos ; mas quando be forçosa que saiaõ fóra , importa que naõ pareçaõ agudos.

Diz , que naõ sabe como pôde huma Religiosa andar sem a presença de Deos. A razão he. Porque este trato , e esta presença he a effencia do ser de Religiosa. Diz , que a Deos pede queira dar-lhe aquella tontice , em que consiste o juizo : isto he , verdadeira sinceridade , em que a luz assiste sem fumo , e aonde sem repuxos , e como agoa de fonte , corre ao Entendimento naturalmente.

C A R T A XI.

 Om tres Cartas de V. M. me acho. E todas estimo , quanto devo , em quanto naõ as agradeço de mais perto , porque naõ posso. Os males , e bens de V. M. festejo. E dou por elles graças a Deos. Pelos bens , porque saõ favores , com que se affervora o espirito ; pelos males , porque saõ o crysol , em que a virtude se pró-

se prova. Se Sua Divina Magestade lhe fizer Cruz dessa pena, signal he que a leva pelo seu caminho. E convém que entaõ o exercicio seja conformidade, e paciencia, e acção de graças por tudo. Se dér a saude, empregá-la naquillo que a obrigaçao ordena; e continuar nessa amorosa presençā, e lembrança de Sua Divina Magestade, fazendo cada vez mais pela pureza da consciencia, e da tençao. Naõ tenha impedimento para os Divinos influxos. Naõ faça caso de escrupulos. Occupe em actos de Amor de Deos, e de seu servizo todos os seus cuidados. E deixe esses espirituas atolleiros, que impedem ir por diante o espirito. A virtude da Humildade nas obras, palavras, e pensamentos he a V. M. mais necessaria. E por isto seja esse o maior exercicio. O final de haver humildade, he ser muito obediente a qualquer pessoa aproveitada, ou desaproveitada: fallar pouco, e sempre bem de todos, nunca mal de algum, engolir as raivas, e buscar as occupações mais humildes, e naõ queixar nos males, que nos vierem. Naõ faço caso do demonio. Siga a vida commūa. Persevere na pontualidade do Côro. Peça a Deos a virtude da devoçao, e confiança em sua bondade infinita. E entenda que naõ ha de faltar-lhe Deos: e que tudo o mais saõ traças do demonio, para que lhe falte a paz, e alegria da consciencia, que he dom do Espírito Santo: e com ella damos muitos passos na melhoria do espirito. Deos quererá que nos vejamos cedo, se Deos me dér melhor saude; mas faça-se sua vontade, e guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Nesta Carta diz o Veneravel Padre a esta Religiosa, que seus males, e bens festejá, e dá graças a Deos por elles. Porque com buns se affervora, e com outros se apura o espirito. Para que entendamos, que estamos obrigados, quando Deos faz os beneficios, a crescer nos progressos, e examinar, e purificar dos defeitos, quando vem os trabalhos.

Diz,

Diz, que se o Senhor a levar pelo caminho da Cruz, que seja o seu exercicio conformidade. Porque ha pessoas tão pegadas á sua escolha, e sujeitas ao proprio amor, que jamais se contentaõ, ainda que a Cruz, que Deos lhes der, seja bem pecaada, se não levar alguma couça de eleiçao propria.

Diz, que faça cada vez mais pela pureza da tençaõ, e da consciencia; porque não achem impedimento os divinos influxos. Esta be a razão, porque muitos sujeitos com muitos annos de exercicios, ainda assim se achaõ pouco aproveitados. Porque não fazem caso de imperfeições voluntarias, que impedem a suavidade da Graça Divina, com que resplandece a Alma.

Diz, que despreze os escrupulos, e que se occupe em actos de amor de Deos. A razão be. Porque os escrupulos com santos pretextos saõ ordinariamente fino amor proprio; e outras vezes falta de humildade. Porque quem se conhece, e ama a Deos com sinceridade, se se humilha, confia; se chora, não se perturba.

Diz, que o signal da Humildade be a Obediencia a qualquer pessoa. (No que não for peccado se entende.) A razão be. Porque o verdadeiro humilde considera, que todos podem entender, e sabem mais que elle. Diz, que se tiver algumas raivas, be necessario engoli-las, e não desmaigá-las. Porque esta paixão, se assim como chega á garganta, se não torna a voltar cerrada, be como a polvora; que se o fogo se introduz em hum só graõ, be impossivel deixar de arder toda.

Diz, que be traça do demonio fazer que lhe falte a paz, e alegria. Confesso, que se não excedera o estylo destas Notas, que não acabára jamais de fallar desta alegria santa, que diz o Veneravel Padre. Porque supposta a humildade, e consciencia sufficiente, não sei que possa haver em hum Christão virtude mais propria, que esta santa, e modesta alegria. Sem ella se enfraquece a Fé, se desanima a Esperança, e a Caridade se esfria.

C A R T A XII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito tempo era necessario para responder a dous papeis, que tenho de V. M., e muito maior o desejo, que tenho de o fazer. Mas naõ sei se, até satisfazendo, ficarei faltando. Porque até nas minhas satisfações ha defeitos. Primeiro! que tudo, esta primeira queixa me bolio alguma cousa no sentimento, que tenho, de que pareça a V. M. que nem longe, nem perto tenha cousa, que mais estime, ou me deva mais no trato de sua Alma. Porque tambem conheço, que a nenhuma, como á de V. M., deve obrigações meu pobre, e miseravel espirito. E aindaque algumas Almas me devaõ mais paslos, ou mais escritos, (porque assim he necessario) naõ me devem mais desejos do seu aproveitamento, que V. M. A's vezes he estudo mostrar que me descuido de V. M., para que assim tenha algum exercicio, em que a próve. E outras vezes, que he o mais ordinario, he falta de tempo, a pesar dessas revelações, que lhe dizem outra cousa a V. M. O que quizera com tudo he, que V. M. estivera já taõ resignada, que nem dos meus naõ descuidos fizera muito reparo, nem dos meus esquecimentos já se lhe déra: recebendo simplezmente os accidentes do tempo, como a terra recebe do Ceo os influxos. Se chove, folga, que lhe chova a Graça. Se venta, que a metta debaixo de hum pé de vento. Se faz Sol, que a illustre com a luz do Sol. Se ha sombras, que huma nuvem escura lhe faça sombra. Isto faz, quem, como a terra, está firme, posta nas maõs de Deos, que fundou a terra sobre o nada, e a tem no ar por toda a parte, tanto mais firme, quanto de sua maõ mais pendente: *In manu ejus omnes fines terræ.* (Psalms. 94. vers. 4.) Agora em outros escrupulos, e desconfianças: Deos nos livre, naõ lhe venhaõ á boca essas cousas. Ir de Portugal, assim he, que só Deos

Deos o ha de fazer. Raras tentações tenho ainda assim, de fer, ou naõ ser isto. V. M. profetizou, seja Deos louvado, sem saber o que fazia. E foi, que achar-me nesta occasião havia de ser para se compôr tudo, mediante a Graça de Deos. Eu estive precipitado a ir-me. E agora conheço certissimamente, fallando segundo as disposições debaixo, que fora impossivel haver o ajustamento, que houve, e a paz, em que ficaõ todos, e bôa amizade: que he certo, que por outros meyos se naõ havia de ajustar sem milagre. E ainda que naõ ficáraõ algumas cousas, como eu desejava; melhor do que esperava, ficáraõ muitos. E assim, seja Deos louvado, que a troco de que cessem os escandalos, peccados, e vicios, que saõ fermento do Inferno, tenho-o por cousa vinda do Ceo. Todas as bellas cousas, que se differem de mim, e até hum dissabor, que eu podia ter, se converteo em mel espiritual. Seja Deos bendito, que nas amarguras nos faz pescar as perolas. E se algum dia fallarmos de mais perto, pergunte-me V. M. ou lembre-me certa misericordia de Deos, que houve. O que V. M. suspeitou de N. foi cousa mais diferente. Puz nelle os olhos, e certa cousa, que alli se me representou ao humano, me servio de meyo para hum toque divino: que summamente me tem aprovado em huma consideraõ. Mas debalde tudo. Porque ficaõ as cousas em actos de Entendimento, e naõ passaõ a extremos da Vontade. A sua Cinhada falle V. M. as vezes que ahi vier, que naõ he a sua conversaõ a que me faz escrupulos do apego dos interesses dos parentes, ou o desejo de melhores fortunas suas. Disto se deve V. M. livrar, e espreitar quanto puder, e vêr nos fundos da Alma se lavra ainda esta raiz do amor proprio. O rio, e a fonte na superficie da agoa parece humas pratas, hum crystal puro mais que os espelhos; e o fundo, saõ huns poucos de seixos; e ás vezes hum pouco de lodo. Aqui o exame. Mergulhe V. M., e depois alimpe tudo, que ao menos o fundo estã cheio de limo da terra, ou de pedregulho, ou cascalho. Espiritualize isto. As similitanças, que V. M. me achou do diabo, naõ saõ taõ fóra do proposito, que se naõ possaõ dizer de siõ. Porque naõ he cousa de graça. Mas naõ caminho por

por aquella confiança , com que os fervos de Deos se mostrão despejados. O meu geito he caminhar encolhido , e naõ ter maõ para devocões , que se naõ tem geralmente a todos. Ver-me vestido de branco , ainda que era melhor dibuxo , naõ era melhor agouro. Porque tambem os Ciñes saõ condenados. O ramo naõ me pôde dar melhores esperanças. Que com outro ramo na maõ vio o Profeta Ezequiel no Templo os que Deos deitou nos Infernos. Isto merecem meus peccados. E ahi hirei como ingrato , se a Bondade Divina naõ mostrar quem he commigo. Assim o espero , aindaque o naõ mereça assim. Este he o juizo , que de mim faço. Pouco importa o juizo , se faltar a bençao de Deos , e naõ tiveramos para isto bõa maõ direita. Os Mysterios , que de mim se tem feito , bem se pôde ter por de fé , quando me calumniarem a mim , que naõ lhe falta por onde cortar. Queira Deos que entre estes córtex me façaõ dôr , que he signal de vivo , e que naõ esteja em estado de insensivel , que já naõ sinta meus peccados , que he signal de morto. Toda a outra dôr eu lhe perdoou , e o mais que differem de mim. Porque nestas materias de Religiao , e Capitulos , creio que mui raras vezes fallei. V. M. continue em explicar-me os argueiros , e os Elefantes. Porque lhe confesso , que lhe devo huma notavel obrigaçao entre outras : e he que me tem feito mais prevenido com os seus avisos. Beijo as mãos a V. M. pelos seus vagados. Naõ quizera o meu bom sucesso tanto á custa do trabalho de V. M. Mas sempre fica de melhor condiçao para Deos , quem fica com o merecimento , que quem fica com o allivio. Nos piolhos naõ ha para que fallar. Cortezaámente me tratao. Porque algumas horas que se occupaõ , me tem respeito : saõ vivos , e meus parentes muito chegados , baste o damno , que lhes eu faço. Naõ inquiete V. M. os Santos por me tirar hum proveito. Esta tarde poderá ser que tenhamos Práctica. Entretanto encommende-me a Deos , que guarde a V. M. como lhe peço , e desejo.
Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NOTA.

N O T A

E Sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que parece se lhe havia queixado, de que pela distancia se havia esquecido de repetir á sua Alma a doutrina, que consumava. E depois que lhe asegura quanto deseja a sua melhora, diz que algumas vezes mostrava de propósito que se esquecia, para que esse cuidado lhe servisse de exercicio. Porque a caridade, que era a causa da communicaçao, procurava mais o como poderia ser util, do que aggradavel. Diz, que o que deseja, he que estivera já tão resignada, que não fizera nenhum reparo de seus esquecimentos. Porque a prova da resignação não consiste tanto em padecer trabalhos, como em carecer de remedios: e principalmente, quando saõ tão justificados; porque he sentir bem allivios.

Diz, que folgara que fosse como a Terra, e não diz como nenhum dos mais elementos. O Ar, se muito tempo está quieto, com facilidade se corrompe. O Fogo com qualquer vento se accende. E o mar continuamente se move. Só a Terra he de si mesma firme, e estavel. E supposto que secca, ou humedece, conforme o Sol, ou a chuva se lhe communica; nessa mesma obediencia está a resignação significada.

Diz, que os mais escrupulos, e desconfianças lhe não vêm á boca. Porque ha alguns, que de te-los, e comunicá-los se pôde fazer maior escrupulo. Diz, que nas amarguras faz Deos que pesquemos as perolas. Porque o coração humano he mar, e mar profundo, onde, sem ser por penalidades, se não alcança este tesouro do merecimento. E como querem alguns que se formem do orvalho, que cai do Ceu ao romper da Aurora: por isso chama ás mortificações perolas, e não outras joyas, que se crião, e formão da terra. Diz, que do apego dos interesses, e desejo de melhor fortuna dos parentes deve acutelar-se. E não diz que se livre logo totalmente, senão que se espreite. Porque supunha que não teria este pagamento. Porque se o tivera por certo, differe, não que se espreite, senão que selivre. E por esta razão diz, que sonde os fundos da Alma, e veja com cuidado se lavra ainda este amor proprio. E falla per-

los termos de laurvar ; porque como he raiz , que se naõ acaba ,
senaõ com a morte , he necessario cortar nella continuamente.

Diz , que as similhanças , que lhe achou do diabo , que
naõ saõ graça , nem fóra de propósito. Porque parece tinha en-
commendado a esta Religiosa lhe fizesse algumas similhantes lem-
branças. E tudo interpretava desorte , que lhe servisse de hu-
milhar-se. Por isso traz o exemplo dos Cisnes , e dos que vio-
Ezequiel com os ramos , que forão condenados. (Ezech.8. v.18.)
Este juizo fazia o Veneravel Padre , naõ tirando os olhos de sua
miseria , e consolando-se só com a Bondade Divina. Vejaõ ago-
ra aquelles , que , sem terem feito verdadeira penitencia , vivem
com tanta confiança em suas obras , como se triverão na algibeira
humas Cartas do perdaõ de suas culpas. Diz que continua em
explicar-lhe os argueiros , e Elefantes. Para mostrar , que quem
ama a Deos , naõ ha de fazer menos caso de culpas leves , que de
graves peccados. Porque de ordinario mede Deos as ingratidoens
pelos beneficios.

C A R T A XIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.

Duas de V. S. recebi com a estimaçao , que devo. E
quizera eu , em quanto naõ posso chegar de mais
perto a obedecer , e servir a V. S. , que chegasse o
agradecimento , aonde passa a obrigaçao. Vaõ
estas letras a responder , em quanto as de V. S. á vista se naõ
podem pagar. Bem o desejo eu ; mas naõ he possivel tudo o
que desejo. Queira Sua Divina Magestade , se for para glo-
ria sua , que se vençao as dificuldades , e que eu possa al-
guma hora nessa terra fazer-lhe algum serviço , e a todas es-
tas Almas.

Naõ ha que fazer caso dos eccos , que pelo mundo soão.
Parecem vozes humanas , e saõ hum engano aereo , ou hum
pouco de ar , que passa por este valle de lagrimas. Se por

tura, aindaque seja com tençao sincera, quando não seja delito, sempre he engano; pois Deos he o Author de tudo.

Pede que se lembre, que cada hora pode passar de sua vida, e a estreita conta, que lhe havia Deos de pedir, não só das culpas, mas das misericordias. Porque como havia tido grandes successos em todas suas causas, queria que soubesse que os beneficios, que Deos faz neste mundo, não sao acajo, cujo fim nos mostra o uso, que delles fazemos. Porque ou Deos os dá para merecimento, ou os permitte para castigo. E como este Vrao havia tido grandes fortunas no seculo, quiz adverti-lo, para que lhe não servissem de damno: e que, se quizesse, lhe podia servir de remedio.

Diz, que viva para Deos, o tempo, que lhe restar de vida, e que só este vivirá para si. Para que entendesse, que quantas grandezas fez pela vaidade, (quando não fossem para o demônio) forão feitas ao vento: e para que vejamos as grandes obras, que perdemos, feitas pela vaidade do Mundo; porque não tiverão a Deos por fim, e principio.

Diz-lhe, que resstúa, se dever, aindaque fique pobre. E isto diz a hum homem, que temba de seu hum milhão. Porque estes grandes cabedaes ás vezes fazem esquecer de pequenas dívidas. As quaes bastab, como o Servo de Deos refere logo, para condenar ao Inferno. E esta he huma das razoens, porque sao Bemaventurados os humildes, e pobres: porque fazem muito caso do que desprezaõ os ricos, e grandes.

CARTA XIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Stimo, quanto posso, este papel de V. M. E já me parece que deve de ser escrito ha muitos dias. Porque não colho delle que fosse dado a V. M., hum que lhe escrevi muito antes, e fatalmente se deteve depois de escrito alguns dias. No que toca aos exercicios, tenho

tenho por acertado que V. M. gaste todos os dias, que lhe parecer, em qualquer dos exercícios. Porque qualquer delles, bem obedecido, faz chegar á perfeição. Mas em achando os finaes, que elles apontaõ, passe a diante, aindaque os naõ ache tão perfeitamente, como deseja. Basta que naõ ache o contrario. Nenhuma perda tem V. M. em que os outros exercícios se lhe varressem. Porque creio que estes são os mais seguros, de quantos tenho achado no caminho do Espírito. As bofetadas tanto são melhores, quanto peyor parecem. Porque se naõ periga então na vaidade de as dar, e leva-se o caminho de ter mais que sofrer, a bofetada, e a murmuracão. Os catarros, dores de dentes &c., he fructa do tempo. Muitos dias ha, que eu dou menos do que antes dava. E ando cheio de estilicidio, chaqueca, e outras coufas destas: que são muito boas, e muito para lhe lambar os dedos, quem quer ir por caminho direito. A mim, e a cada hum de nós naõ nos tóca viver muito, senão viver bem. E aindaque sem isto pôde ser, nenhuma perda ha nisto: que nem fora mais que vencer huma repugnancia mettida em traje de razaõ, ou prudencia, fizera grande proveito. Ser são, ou ser enfermo, tambem naõ importa para aperfeiçoar. Santa Clara, nossa Madre, vinte e oito annos teve de enferma, e de unida. Santa Ludivina quarenta annos esteve como paralytica, e entrevada, sem descer da perfeição, e união de Deos. O negocio he aquietar naquelle saborosa paz do espirito, que diz: *In omnibus requiem quæsivi.* (Ecclesiast. 24. vers. 11.) Em tudo acho socego, em nada perco o descanço, venha o que vier. Oh quem me déra chegar a isto! Chegue V. M. por esse caminho, em quanto lhe naõ mandar o contrario. Das mortificações use, mais das espirituas, que das corporaes. Mas em nenhuma ha perda, se se fazem com humildade, sem reparar no que fazemos de bem, esgravatando muito o que pôde ser de mal. Continue estes exercícios, accrescentando na Quareima mais hum quarto de Oraçaõ. E entommeade-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e desejo, &c. Servo inutil.

N O T A.

Nesta Carta diz o Veneravel Padre a esta Religiosa, que tem por acertado, que gaste os dias, que lhe parecer, em qual quer dos exercicios, que lhe havia assinalado. E logo dā a razāo de sta liberdade. E be, que como elle os havia elegido, sabia que qual quer delles faria o mesmo effeito, sendo bem praticados. E prosegue, que em achando os finaes, que lhe aportāra, e ainda que nāo fosse taō perfeitamente como desejava, passasse a diante, que bastava nāo achar o contrario. A razāo be. Porque huma pessoa, que deseja agradar nuito a Deos, nāmca pōde cuidar que faz exercicios sem muitos defeitos. E se assim o nāo cuidasse, fora o maior defeito contra a Humildade, que be a primeira pedra de qual quer virtude.

Diz, que as bofetadas tanto sāo melhores, quanto peior parecem. Isto be, porque algum nāo approvaria as que elle em si dava no fim dos Sermoens, que fazia. E dos effeitos externos, que causava aquellas demonstraçōes de dor, e Humildade, eraõ todos os que o ouviaõ, testimunhas, pela confusāo, que faziaõ nos coraçōens cheios de erros, e delícias, vendo huma pessoa de tanta virtude, e que fazia huma vida taō ajustada, e penitente. E os motivos interiores, que para isso teria o Veneravel Padre, elle o sabia, demais dos de exemplo, e penitencia. E assim, que sempre be temeridade querer condenar, nāo digo jā as accōens, que de si sāo bōas, mas ainda indiferentes, e obradas, e permitidas por pessoa de tanta virtude, e sabedoria.

Diz, que vencer huma repugnancia em traje de razāo, ou prudencia, be grande proveito nas cousas de espirito. E be de advertir, que disse em traje de razāo, ou prudencia. Porque nestas nāo se vence só a vontade, senaõ tambem o Entendimento. Porque esta prudencia, e razāo, be um pretexto, com que muitas pessoas espirituadas se deixāo cahir em muitas fraquezas, engolindo seus appetites approuvados de seu mesmo discurso, lisonjeado de sua mesma vontade.

C A R T A X V :*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Estes papeis de V. M. que saõ espehho ás vezes, humas, em que eu me vejo, outras, em que vejo a V. M. se me representou taõ afflita, que he preciso affroxar mais os cordeis, para que naõ sejaõ tratos ao rigoroso, os que eu ao espiritual imaginava commerçios. Naõ jejue V. M. como eu lhe ordenava, se assim lho mandou a Madre Abbadessa. Tire as outras penitencias do corpo, e as disciplinas. E só na presença de Deos, acrecentate V. M. quanto puder. Se tem fadiga em formar figura de Christo, ou conceito de Deos, ande V. M. em sua memoria no acto simplez de Fé, como agora: Creio, Senhor, que he impossivel naõ estar na vossa presença. Creio, meu Deos, que naõ tirais os olhos de mim, para que com os da Alma vos olhe, e me naõ esqueça. E se acompanhat esta Fé com hum acto de amor, hum meu Deos de cõraçõ, val mais que muitas meditações: crendo que tem dentro de si, e diante de si a maior, e a mais incomparavel formosura, que ha nos Ceos, e na terra. E se foi mais affeiçoad a magestades, discrões, ou quaesquer outras perfeições: a que mais a move, traga na memoria sempre, o que puder. E entenda, que n'esta presença amorosa, continua, branda, com deixamento dos mais cuidados, e creaturas, (e ainda dos Santos) he quem consome em breve tempo a ferrugem de nossas paixões, e deixa ilustradas nossas Almas; para que como em espelhos claros reluza nellas, naõ só a imagem, mas o original de Deos. Descuide-se, quanto puder, de tudo, excepto as cousas da obrigaçao. E ainda na conversaçao, que ahi tem, faça por estar mais em Deos, que em outra advertencia (aindaque a julguem por tonta.) E neste exercicio coma, durma, vi-

va, acorde, falle, ore, e ande quasi sempre, e dê ao seu pobre corpo, o que he caridade dar a hum pobre, sustentando-o, e compadecendo-se delle; por ser aposento de huma Alma, por quem Deos morreó, e que anda nelle encarcerada, cumprindo o seu degredo, até que chegue o tempo de ir para a celeste Patria, para onde devem cada hora os suspiros ser do coraçao correios. Temos fallado no que tóca a V. M.

A mim me mandaõ caminhar para a Província. E eu faço conta (passando as calmas) de ir-me chegando para ella. Mas naõ tão depressa, que se naõ faça primeiro o Capitulo. E passado elle (se Deos me dér vida) lá nos veremos. Folgára, que se V. M. pudera saber, se há novidade naquelle ponto, que sabe, me avizas; para que a resoluçao se enfeite: que as couças prevenidas, com mais desafogo se fazem. Quando naõ possa penetrá-lo, naõ lhe dê pena. E se isto lhe dér o menor desafogo, naõ faça nenhuma diligencia. Naõ havendo neste particular, ou em algum de V. M. couça relevante, de que me avise, quero que V. M. folgue, e que mē naõ escreva até aviso meu.

Também se pôde deter naquelles pensamentos, que parecem caridade, ou importancia a outras pessas. Porque quando saõ caridade, ainda saõ melhores que Fé. Eu folgo muito que V. M. naõ ficasse na Portaria, que nos mais ofícios se trabalhará menos. E quer Deos, que V. M. tenha estes folegos, para que aproveite em algum espiritual exercicio. Convém muito naõ cuidar no que naõ importa. Porque lhe naõ roube o demonio a caridade com escusados mysterios, e com huns porques, e paraques, que destroem a presença de Deos. Se as couças, de que eu devo de ser reprehendido, podem ser comunicadas, preceito he de Christo dar a correccão ao proximo. E naõ he caridade, por hum grito, que se pôde dar, evitar que se affogue no pego quem vay a metter-se nelle. Passaráo os dias do exercicio, e do retiro, por isto naõ escreví. E o fructo, que tirei, Deos o sabe. Mas parte do fructo foi, que naõ escrevesse a ninguem até certo tempo. E eu faço isto mal. Porque em matérias de summa importancia me vem Cartas. E tenho hum

sem

sem numero dellas , que cedo pararão na fogueira. Agora
não há tempo para mais , que pedir a V. M. se lembre dian-
te de Deos de mim , e de maneira se eleve em Deos , que
de mim se esqueça. Dei-lhe aquella penitencia por chorar
a morte incerta de huma creatura ; e não chorar a Morte , e
Paixão de Christo com tanta facilidade , he signal de haver
mister penitencia. Faça V. M. por chorar aquella morte ,
donde nos vejo a vida : e tenha-a V. M. qual eu desejo , e
peço a Deos , que guarde a V. M. Viseu , 6. de Agosto de
1678.

De V. M. servo inutil , e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Venerável Padre a huma Religiosa ,
que lhe dava conta , em como a Abbadeffa lhe mandara
não usasse de certas mortificações , que lhe havia assignado. E
lhe diz : Obedeça á Prelada ; porque além de estar em primei-
ro lugar esta obediencia , por ella teria maior merecimento. E
só lhe encomienda , que no exercicio da presença de Deos , ac-
crecente quanto lhe for possivel , aindaque não possa fazer mais
que andar sempre nesta Divina lembrança. Porque sabia , que
como os orgaños , por onde commetemos nossos erros , são os
sentidos : e ocupados estes com a memoria de Deos , reforma-
dos , ou impedidos pela Divina presença , se conseguem por este
modo mais altos effeitos , do que por outros , mais materias , e
exercicios.

Diz-lhe , que folgara de faber se havia novidade naquel-
le ponto. Isto era , de certa Dignidade , que se lhe offerecia.
Porque aindaque o Venerável Padre estava tão indiferente pa-
ra seguir a vocaçao , com que Deos o chamasse ; considerava
esta materia de mudança tão arriscada , que sempre a tinha por
suspeitosa. E por esta razão tratava estas cousas com tanta
cautéla.

Diz-lhe , que se pôde deter naquelles pensamentos , que
parecem de caridade , ou importancia a outras pessoas. Esta dou-
trina

trina he para aquelles , que aspiraõ á perfeiçao. Porque de ter mais , ou menos pensamentos , naõ so lícitos , mas ainda bons , e dar esta regra , e medida a huma Alma , naõ he senaõ para aquelles , que se procuraõ exercitar , naõ so no bom , mas no melhor ; por naõ perder o que se pôde adquirir. E por esta razaõ diz mais abaixo , que convem muito naõ cuidar no que naõ importa. Porque o demônio lhe naõ roube a caridade com escusados mysterios. A razaõ he. Porque o mesmo demônio desta sorte nos tenta com as mesmas virtudes , fazendo , quando naõ pôde mais , que exercitemos sem este cuidado as que jaõ menores , ou nos naõ saõ tão importantes , nem daquella hora , porque a regularidade se perca.

C A R T A XVI.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Ssim convém , e importa muito , que V. M. se alegre com a minha ausencia , e com toda a vontade de Deos conhecida. E esta se conhece em tudo , que naõ he peccado. Porque excepto este , tudo o mais que succede no mundo , ou seja bem , ou mal , he vontade de Deos : As mortes , as enfermidades , as fomes , as sedes , os achaques , as tentações , e tribulações , e em fim , tudo quanto ha desta cõr. Como tambem ao contrario , as consolações , e bens , ou naturaes , ou espirituaes (em que naõ ha culpa) vontades saõ de Deos , e o devemos louvar , e por tudo ; aindaque sintamos repugnancia na parte inferior ; que isso naõ faz mal á perfeiçao : assim como naõ faz mal ao Ceo , que o ar se vista de tempestades , e que se alague a terra com chuvas. Naõ pude mais cedo escrever. Porque Varatojo para nõm , he o mesmo que Lisboa ; assim pelas occupações de dentro , como pelas frotas , que vem de fóra. Seja Deos por tudo bendito. Com o seu favor , passei excellente mente o caminho , quasi sem agoa , ainda-

aindaque naõ sem fadiga: que essa levo eu na minha propria miseria, que me achei com vertigios estes dias. Mas tudo passa, e só fica a pena de naõ agradecer muito tudo isto á Providencia Divina. No cuidado, com que V. M. se houve em fazer aviso ao Senhor Conde, fico muito agradecido; e certo estou, que naõ perde hum ponto nessas commendas. Ao Casal Comba avisei, que se prevenisse para vir. Mas agora a qualquer dos que quizerem entrar, faço conta advervir de novo a resoluçao, que se tomou neste Convento. Onde de commun consentimento, eu, e todos os Padres, fizemos hum astento determinado, de naõ ter absolutamente nada, nem aceitar ordinaria de S. A. mais, que o que está cahido, para reparo deste Convento, e paga das dívidas, que ficáraõ. E como esta perfeiçao he maior, he necessario dar-lhe parte, se tem espirito para o mesmo. Nisto tenha V. M. segredo, até que o pubbliquemos. Nosso Senhor tem dilatado os corações destes Religiosos, de modo; que eu hoje estou o mais alegre homem do mundo, vendo os principios, com que a eita nossa Congregaçao se dá fundamento. Neste Convento trabalho há continuo; mas naõ falta o tempo para o estudo. Porque como quasi sempre há silencio, e todos se recolhem, aproveita-se todo.

N. naõ foi bom Profeta do tempo. Porque tenho por impossivel fazer a jornada da Corte taõ cedo, como elle disse: excepto se houver algum caso extraordinario, que naõ tenha advertido. Queira Deos que nesta Junta se faça tudo, como Deos quer; que eu receyo muito algum destempero; mas lá se avenhaõ, que eu fiz todo o possivel por ajustá-los. Peça V. M. á Madre Porteira lhe mostre essa cópia da Patente. E depois mande-ma. Porque ferá necessaria cedo. Dia da Ascensão me lembrei de V. M. quanto pude, entendendo que V. M. faria o mesmo por mim; taõ onzeneiro sou. A Condesa, minha Senhora, me recomendo muito, e que bem me pôde acompanhar com o bordão de suas Orações, que ferá hum grande arrimo meu. Queria passar adiante: porem mette-se de pernayo hum maço de Cartas, a que he preciso responder logo, que

que vem com proprio. A Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Varatojo.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta começa o Veneravel Padre, dizendo a esta pessoa, a quem escreve, que assim convem, que se alegre muito com tudo o que for vontade de Deos conhecida. Porque aindaque basta conformar a nossa vontade com violencia, a maior perfeição consiste em que a alegria se siga á repugnancia.

Diz, que tudo he vontade de Deos, excepto o peccado, quando sucede no mundo. E de naõ rumiarmos bem esta verdade, se segue naõ podermos digerir aquelles successos, que naõ saõ conformes ao nosso juizo, ou ao nosso gosto: dispondo-os Deos muitas vezes, naõ para castigo, mas para nossa consolação, e remedio. E por isso, depois de dizer males, e bens, tentações, e tudo o que naõ he peccar, continua em fim tudo quanto ha desta cor. Porque entendamos, que em quanto vivemos, tudo o que obra em nós aquella maõ soberana, he para nosso bem, e remedio, aindaque traga a cor do castigo. E se naõ tocamos algumas vezes estes proveitos, he, porque somos como os meninos, que lançaõ a purga, em lhe amargando na boca. Da mesma sorte, como naõ temos fé, nem paciencia, fugimos da triaga, como se fosse peçonha, e perdemos o effeito da providencia amorosa por nossa culpa, nossa ignorancia, e fraqueza.

Continua tocando outros particulares, e fallando na reforma, com que determinavaõ guardar a Regra. Diz: Nosso Senhor tem dilatado os corações destes Religiosos, de modo, que eu hoje estou o mais alegre homem do mundo. Desorte, que o coração do irmão he o que se dilata, e o do Veneravel Padre se alegra. Esta he a prova da verdadeira caridade, cuja alegria consiste na consolação alheia, mais que na propria. E tendo por fim a gloria de Deos, puramente parece que para si mesma he o menos para quem vive.

Diz,

Diz, que aindaque na Casa ha muita occupaçao, e trabalho, que naõ falta o tempo para o estudo, e Oraçao. E a razao, que dà, be aproveitar todo o tempo. Porque ha muitos seculares, e Religiosos, que se queixaõ, de que naõ tem lugar para os exercícios. Mas a causa be, porque empregaõ muitas horas mais a seu gosto, que a seu proveito; e outras as perdem seu proveito, nem gosto; sem mais razao, que froxidao, e torpeza de espirito.

CARTA XVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Adre Soror F., e Senhora minha. Hoje vespера da Porciuncula recebo huma de V. M. E alguma si-
neza faço em responder logo hoje, por ser dia,
em que de todos estes Povos temos huma multi-
daõ muy grande para confessar, como fiz esta manhaã; e
outros estorvos. Mas tudo vence o desejo de servir a V. M.,
e agradecer-lhe o cuidado, que tem de mim diante de
Nosso Senhor. Louvo muito a V. M., e dou muitas graças
a Deos por vencer aquella difficuldade. O que muito cu-
sta, muito val. Virem estes, ou aquelles pensamentos,
naõ he máo; antes as Almas, que Deos dispõem para gran-
des coufas, as afflige, e crucifica primeiro com as tenta-
çoẽs; mas dá tambem juntamente auxilio, para que o que
naõ podem nossas forças, o façamos com a Divina Graça.
O que só naõ he bom, he entregar a vontade aos appeti-
tes, e render o coraçao ás tentaçoẽs, estando na nosla maõ
a resistencia com as armas de hum naõ quero, em que se
resolve a Alma. E esta, em quanto determinadamente naõ
quer, naõ pecca; antes merece. Qualquer valor, com que
V. M. se sente, he conhecida prova, de que Deos a ajuda,
e se agrada de V. M. Mas a principal coufa que quer, he
que V. M. se trate como inimiga de si, desfazendo, e pi-
zando

zando seus pensamentos, vanglorias, appetites, jactancias, altivezes, e toda a outra machina da euganosa, e mundana vaidade: que sem estar vencida, naõ se faz vida de espirito. E a razao, porque a muitas Almas se escurece o Entendimento, e se enfraquece a vontade para Deos, he porque amaõ o deleitavel, e naõ o terrivel: o sabór, com que a natureza se alegra em seus prazeres, e gostos, e naõ o fel, e dissabór, com que a Graça se põem mal com a natureza. Se V. M. quer luz, afflija-se, ame o seu desprezo, despreze a sua estimação, escolha o que aborrecia, aborreça o que amava, negue a seus sentidos tudo o que os adoca, costume os áquillo, que os penaliza. E faça tudo isto por contentar a Deos, que anda á espreita, e naõ lhe passa nada por alto, ou do que se ganha com elle, ou do que se esperdiça. Naõ he tempo de mandar exercicios; porque me falta até para estas breves regras, e respostas. Mas parecem-me bem as disciplinas, principalmente no retiro; e que em quanto este dura, ponha por duas horas cilicio de dous em dous dias. E cada dia lea alguma liçao, que falle na morte, ou vaidade do mundo, ou na brevidade da vida, ou na terribilidade da conta, ou na Gloria da Celeste Patria, e Divina Formosura. E tudo isto achará nas partes do Padre Puente; ou Vidas de Santos. E ao menos lea huma hora cada dia, ou junta, ou dividida. Faça vinte actos de Amor de Deos, e dez de aborrecimento do mundo, ou dez desejos do Ceo, com os suspiros possiveis. Reze cinco Salves a Nossa Senhora; alguma cousa ao seu Anjo da Guarda. E o mais faça por andar na presença de Deos, ou lembrança de meu Senhor Jesu Christo, com desejo de imitá-lo. Tenha ao menos duas horas de Oraçao, como puder. Mas faça por tê-la prostrada meyo quarto de hora, ou em cruz, ou o que lhe for possivel: que deste modo a revelou o Espírito Santo a Nossa Senhora. E por falta da reverencia, e da attenção ao que se medita, muitas Almas naõ aproveitaõ muito. Nada disto, que lhe ordeno, obriga a peccado. E por de naõ fazê-lo com qualquer cauta. Ir a diante he o que importa. E aindaque haja alguma queda, (o que Deos naõ permitta) o levantar logo, he a maior importancia. En-

com-

comende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Vespera da Porciuncula.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta do Servo de Deos para huma Religiosa, cujo espirito governava, começa dizendo-lhe a razaõ, porque naõ lhe havia escrito todo aquelle tempo. E dando graças a nosso Senhor, a louva muito por haver vencido certa difficultade: que devia de ser, como insinua, algum trabalho interior. Porque diz, que virem-lhe estes, ou aquelles pensamentos, mais he proveito, que danno, quando jaõ bem resistidos. Porque álem de ser este o ordinario exame, com que Deos prova as Almas, que elege para cousas maiores, he o mais proprio exercicio, com que se conseguem os melhores habitos. Este he o signal mais certo, por onde os que governaõ Almas costumaõ conhecer o estado dellas. Porque se de naõ serem tentadas, se naõ devem arguir: da mesma sorte se naõ podem por isto provar. Mas quando á tentaçao se segue a exata resistencia, a tribulaçao he consequencia da Graça. Como pelo contrario, se se lhe segue a fraqueza, he signal da enfermidade, que padece a Alma. O que se naõ alcançara sem aquella prova.

Diz, que a principal cousa, que Deos quer della, he que se trate como inimiga: isto he, mortificando todos os obstaculos, que impedem a perfeiçao do espirito. E diz, que de se naõ fazer esta guerra continua, o entendimento se escurece, e se enfraquece a vontade. A razaõ he. Porque como os nossos sentidos jaõ como nuvens espessas, que se interpõem entre a luz divina, e as potencias da Alma, quando estiverem mais carregados dos vapores de affeçoes humanas, tanto receberá menos de calor a vontade, e de luz o entendimento.

Diz-lhe, que escolha o que aborreça, e que aborreça o que amava. E he de advertir esta contraposição. Porque hapse-
sas taõ pouco attentas, que vivendo sempre em deleites, appetites, e regálos do mundo, e dizendo que querem seguir a vida

a vida do espirito, elegem exercicios, lem as vidas dos Santos, frequentam os Templos, mas sem nenhum proveito. E pôde ser que mais facilmente enganados. Porque aindaque se empregão em algumas accoens, que de si saõ piedosas, e seguem o que naõ seguiaõ, naõ aborrecem os que amavaõ. Porque no mesmo tempo a comedia, a galhofa, a murmuraçõ, a vingança, a liberdade, e o jogo jaõ os seus entretenimentos. E he extremada ridicularia, que se tem por gente espiritual, e devota; sem repararem, que em certo modo offendem mais á doutrina, e Religiao Evangelica, que parece a querem conformar com a liberdade, e desenvoltura.

C A R T A XVIII.

O Amor de Deos more em nossas Almas.



Stas regras faço a correr. Porque he tanta a escritura, sem ser sagrada, que parece vejo a suprir o que faltou a V. M. Já naõ ha obediencia. V. M. de cada vez peiora; e tanto mais, quanto he maior a desculpa. Contenta-se com fazer proveito em outras. Pois naõ basta isto, he necessario moer-se a si, e vêr que folgou muito de estar aonde a pudesle ouvir, ja que nem sempre pôde fallar. Pois aquillo de ficar-se sem huma mortificaçõ, teve muita graça. Em fim, V. M. faz o que quer, e no cabo sempre tem á maõ hum achaque para canonizar as pirguiças. Eu naõ sei que contas fazem os propositos de V. M. E entaõ cuida que me satisfaz com mandar para cá estas mortes, para se ficar com a bõa vida. Hora seja assim por agora, que tempo virá, em que os allivios sejaõ para V. M. máos tratos, e pague tudo por junto. A seu Irmaõ falle V. M., e diga o que entender nos particulares, que lhe comunicar, que he serviço de Deos assim: mas dizendo-lhe sempre o que dissera a qualquer outro, que o mesmo lhe consultará. Dou a V. M. as

gra-

graças do aviso, e sempre que tenha que me fazer algum que importe, lhe mando rompa as ordens contrarias, seja por onde quer que for. Muito folgára de que se escrevesse a Pratica; ou ao menos hum Apontamento seguido dos pontos essenciaes. Porque eu a fiz com tal pressa, que não sei pontualmente o que disse. Mas se isto cança, não se faça. Quem lá disse, que eu fazia penitencias, não falla verdade. Porque aíaz descuidado ando, e corrido de não fazer nada, suspeitando que pôde ser cedo o dia da conta, e que muito má a posso dar de mim. Já cuido disse a V. M., que isto de dizerem-me o contrario do que obro, me serve de despertador, para que faça o que enganadamente me avisa: e assim proponho de fazer alguma, pois V. M. me reprehende, gabando-me do que não faço. E isto lie o de que folga muito o diabo. As minhas Cartas quando V. M. lhe achar alguma cousa, que sem nojo possa aproveitar a alguém, mostre-as, se quizer.

Mas saiba V. M., que nenhuma cousa me faz maior aborrecimento de escrever, que saber que os meus papeis particulares se costumão mostrar. Poderá ser que me emende com danno de muitos. Porque os meus agradecimentos, em danos forão sempre. De Bispos temos mil historias. E provera a Deos, que não houverá Tragedias, as que se achaão nos livros, e exemplos. Encommendemos a todos a Deos, e peçamos-lhe hum Deos nos livre, e guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inútil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Venerável Padre a huma Religiosa; filha espiritual sua. E diz-lhe, que já não há obediencia, e que cada vez peiora, quanta he maior a desculpa. A razão he. Porque muitas vezes se não tivessemos a desculpa, não nos atreveríamos a tomar a licença. E também, porque sem escusa, o que se perde em outra virtude, se ganha pela confusaõ, e hu-

Tomo I.

E

mil-

mildade. Mas se necessario saber que o Servo de Deos sempre fazia muitas provas ás Almas, que governava. E como entendeisse que esta Religiao fara inclinada a repetir alguns lugares da Escritura, mandou-lhe que o naõ fizesse. E como lhe obedecesse com puntualidade, tornou a mandar-lhe, que em cada regra das suas Cartas lhe escrevesse hum lugar de quantos consumava repetir.

Pedia-lhe ella que lhe levantasse esta obediencia com a occasiao da porta, donde lhe era forçoso assisir, ainda que naõ houvesse de fallar. E por esta razao diz, que faz o que quer, mas que nem sempre tem hum achaque para canonizar pugilas que eraõ as maõmas desculpas. E com esta suavidade, ainda nas misterias mais leves, naõ havia circunstancia, que deixasse passar sem doutrina. Porque deste cuidado se segue escusar muitos erros. Porque a noſſa Alma he como a espada, que se cada dia se alimpa na ponta da capa, escusa de chegar á violencia da pedra, onde se riscal, ou arrisca.

Diz, que a seu irmaõ diga o que entender nos particulares, que lhe comunicar. Mas dizendo-lhe só o que differe a outra pessoa, se o mesmo lhe comunicará. E he muito de advertir esta intiereza. Porque o trato, e parentesco nos faz ás vezes alargar sem escrupulo, naõ fazendo culpa de muitas causas, a que insensivelmente se seguem muitas, danosas consequencias, e apprehensoens, que ficaõ solapadas, e rebentao como pastemas, sem repararmos donde forao nascidas: e com pretexto de advertencia, e cautela justa, occasionamos huma suspeita, e apprehensao formada. Prosegue, que dizendo-lhe o contrario do que consumava obrar, lhe servia de despertador. Para que entendamos, que Deos faz que digao de nós algumas vezes o bem que naõ fazemos, para que abramos os olhos, e nos confundamos, e saibamos que he aviso, o que cremos aplauso.

Diz, que se nas suas Cartas achar cousa digna de se mostrar, que faça o que quizer. Mas adverte logo, que isto lhe serviria de cautela, e aborrecimento para se naõ alargar. Era o Veneravel Padre muy humilde, e prudente: como prudente, diz que pode mostrar as suas Cartas; porque naõ lhe ficasse duvida, que podia escrever cousa, que naõ pudesse ser vista: e

como humilde, ensinava a cautela, com que escrevia, para que com esta advertencia obrasse nesta permissão sem a ligeireza, que ás vezes a bôa tençâo occasional.

C A R T A XIX.

O Amor de Deos more na Alma de V. M. odo s. d.

Não sei se estas regras seraõ as ultimas, que das presenças de agora faço a V. M. Porque se me ordenaõ para á manhaã as quinicias. Mas, ou daí aí, ou niqui, ou dalli, ou perto, ou longe, sempre serrei o mesmo em desejar merecer a V. M. o favor, quenaõ mereço, e a caridade, que me faz. Peço-lhe muito, que me encomende a Deos, e escreva sempre, que importe, advertindo-me, e odizendo-me quanto entender que convém, por zelo de Deos. E saiba, que ilie naõ hey de agradecer tanto cousa alguma, quanto agradeço aquillo, que á V. M. lhe parece que me desgosta, ou mortifica. Porque como na verdade naõ ha gosto mais, que os espirituas, só o que para Deos me aproveita, me deleita. Tambem com V. M. hey de fazer o mesmo sempre, que souber, e puder. Sobre a dispensaõ daquelles Breves, o que importa he negar-se V. M. a esses discursos: que he de crer, que sem algum fundamento naõ queiraõ incorrer de advertencia em huma excommunhaõ, que se funda sempre sobre peccado mortal. E pois elles neste particular naõ mostrao a consciencia inquieta, lá se avenhaõ, naõ nos desenquietemos nós. Eu bem claro o disse a huns, e outros. Faça-se a vontade de Deos. Receyo com tudo muito, que haja algumas perturbaõs de consciencia. Mas como naõ sou Profeta, naõ se pôde fazer caso dos meus receyos. Bem me pareeo o Palito. Queira Deos, que se naõ perdesse na folha de fôra, o que entrava de mortificaõ por dentro. Mas se o Amor de Deos anda pela tanta, bôa esperança tenho ate do que aí fu-

da estã verde. Agradeço a V. M. o cuidado, que tem de mim. Suspeito, que lho detejo merecer. Porque até agora naõ tem V. M. perdido o seu primeiro lugar diante de Deos em minhas pobres oraçõeſ. Do que V. Reverencia me diz a mim, naõ tenha nenhum escrupulo: que mo diz para o remedio, e naõ para a calumnia.

Ir ao Paço segunda vez acerca do Capitulo, foi couſa, que nunca me passou pela imaginaçao, nem pelos ouvidos, que me lembre. Porque aindaque importára muito, só a obediencia me pudera levar a estas couſas. (como testimunharão estas Cartas) E se outra vez me mandarem, estou promptissimo para ir sem réplica. Porque entao o ir he obrigaçao, e o fallar, conforme minha consciencia, o será tambem: ou seja pro, ou contra, que contra isto ninguem me pôde obrigar. Encommendo-lhe, que encommende muito a Deos os peccadores, e que em V. M. achem laſtima, e caridade. As aversõeſ naturaes, naõ saõ peccado; mas saõ inclinaçõeſ para elles. Necessario he andar á lérta quem quer chegar á uniaõ de Deos. E o meyo mais proporcional, he a caridade, e amor do proximo; que parece incapaz de amor, e caridade.

Para eu ser aqui Confessor, he mui cedo: e ando ainda muito bem disposto, e capaz de me metter no mar para as pescarias de Deos; que para a calma, e para o frio me tem dado bom temperamento. Se o Senhor for servido que viva acinte da razao; porque naõ devia viver quem vive para peccar, e naõ presta para nada: alguma hora, quando naõ para Confessor, para Sacristao servirei, se Deos for servido. Mas naõ acabo de ter socego em humas marés, que me põem ás vezes de foz em fóra, e que me fazem suspeitar, que poderá ser brevemente huma das mais azedas resoluçõeſ. Allumie-me Noso Senhor, para que eu entenda a sua vontade: e assim lho peça V. M. Porque tambem me persuado, que se tivera isto por mal, e se me naõ representára em feiçao de bem, naõ a quizera: e assim entre cova, e mundo, nem de todo mundano, nem enterrado de todo, faremos o que Deos for servido. Estas saõ as abstinencias de Fr. Antonio, naõ ter nenhuma, antes ter cada vez mais fome, e sede de suas

suas melhorias espirituas de V. M. E quando naõ as haja, tudo nasce de ser eu o máo Cozinheiro.

V. M. o tem sido boa, pois tira chagas, donde outros delicias. Sou de parecer, que em quanto forem leves, V. M. naõ as cure; mas se houver risco de damno, faça-o V. M., e sempre o que por obediencia, ou necessidade justa lhe mandarem, ou disfierem. E entre estas dores das maõs, e pés, se lhe cahir por entre os dedos alguma, offereça-a a Deos por este peccador, que quer ter esse pé para merecer alguma cousa diante de Deos, e vêr se desse modo pôde tomar tambem o Ceo ás maõs. Se isto foi ociosidade, faça V. M. por mim penitencia. E vendo-me mais peccador, encommende-me mais a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo.

De V. M. servo inutil.

Este Registo, que mandou N., remetto-o a V. M. Coma dessa fructa, vá por esse caminho, e ajude-lhe a essa Cruz.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa, estando de partida. E depois que lhe aſſegura, que de qualquera parte sempre terá o desejo, e cuidado de seu aproveitamento, lhe pede que o avise do que entender he para gloria de Deos mais conveniente: e que saiba que nenhuma couſa tanto lhe aproveita, como aquella, que a ella lhe parece que o desgosta. E diz, que isto he o que o deleita. Sabia o Veneravel Padre a chimica do espirito, que deſcançava com o cuidado, e a fadiga lhe servia de allivio, e a censura de complacencia virtuosa: e até com seus deſeitos, como ſempre os ſuppunha, tinha conſolaçāo; porque ſe humilhava. Mas esta ſcienza naõ ſe aprende, ſenão mortificando vontades, goſtos, e appetites: e em fin, crucificando a natureza deſorte, que ſe naõ ouçaõ mais que da Alma os dictames. Logo ſobre a diſpenſaçāo de certos Breves, que ſe procuravaõ impetrar, ſendo pela doutrina ordinaria contra a conſciencia.

Diz, que o que importa he negar-se aos discursos, que fazia naquelle materia. E a razão, que dá, he crer que sem fundamento naõ se quereria incorrer em huma excommunicação, que sempre se funda sobre culpa grave; mostrando desta sorte, que aindaque a injustiça nos pareça clara, que se naõ somos por officio obrigados, ou por caso forçoso, que naõ podemos sem culpa fazer conceito contra o procedimento do proximo, principalmente podendo ter alguma escusa no Juizo Divino.

Diz, que bem lhe pareceo o Palito; mas que queira Deos que se naõ perdesse na folha de fóra, o que entrava de mortificação por dentro. Isto parece que foi algum acto de humildade, ou mortificação exterior: e por isto lhe adverte a cautela, quando falla na folha de fóra, porque examinasse se chegara ao coraçao alguma complacencia. E diz, que se o amor de Deos anda pela rama, que boa esperança tem, até do que está verde. Porque como a rama ampara os fructos, para que madurem a seu tempo; amparará as virtudes o Amor Divino, a cuja sombra se devem criar nossos affecções.

Diz, que do que lhe refere naõ tenha nenhum escrupulo: isto he, de noticias, que lhe dava para o que convinha. Mas logo insinua com que circunstancias ha de ser, para remedio, e naõ para calumnia: e a elle, que naõ só era seu director, mas conhecido em todo o Reyno por hum tal Varaõ Apostolico. E naõ basta só naõ ser para calumnia, senão tambem ser para remedio; e a quem he capaz de dar-lho. Porque sem estas condicōens, se naõ fosse culpa, fora ligeireza muito arriscada. Diz, que as aversoens naturaes naõ saõ peccados, mas disposicoens para elles, e que o melhor remedio he a caridade do proximo. A razão he. Porque hum contrario naõ se destroe bem, senão por outro contrario, e a aversão natural a esta, ou áquellea pessoa, ao menos he obstatulo da caridade, que a naõ deixa obrar; e assim só com a caridade se pôde vencer, e destruir. E naõ basta desviar o discurso, e a memoria. Porque isto he prender este máo affecção, mas naõ destrui-lo. O que naõ he impossivel á caridade: que se ajudada da Graça destroe o peccado, como naõ mudará a aversão natural, que, se he defeito, naõ he delicio?

C A R T A XX.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Adre N. , e Senhora minha. Senhora , aindaque naõ queira , pois he Esposa de meu Senhor. Dei agora em rebelde , e até contra meus achaques me quero levantar a maiores. Estes dias andei de corpo similhante ao espirito , que naõ he pouco mal : porém Nossa Senhor sempre me trata bem. Se me naõ curára pregando , estivera morrendo. Porque me cahio muita agoa na cabeça nos Sermoés do Campo , em Braga , e em Barcellos , Ponte de Lima , e nesta Terra : até que cahí , e tenho por experiençia , que o remedio he ir prégar em a Igreja , aonde fui , e saya para fóra o mal , que entrou para dentro. Assim o fiz , e assim melhorei. Mas ainda a cabeça anda como minha : porém tudo he meyo , e motivo de louvar a Deos , que poem estes despertadores , para que naõ durma a Alma ; antes véle em sua presença. Seja Deos bendito.

Vamos a responder. Naõ quero já que V. M. se ponha taõ ruins titulos , nem que saya taõ cedo por fóra o que está solapado dentro. Tudo tem seu tempo , sua maré virá , e com ella a viraçao do Ceo. Já escreví a V. M. , que a Trás dos Montes naõ he possivel ir. Porque em cada terra ha muito que fazer. Deixaremos a Província para esta segunda jornada , se Deos dér para isto vida. Naõ cayo no que V. M. me diz das Communhoés espirituaes. Se he pedir licença para fazé-las , parece-me muí bem. Lá foi huma medida , que mandei este Correio passado , que trazia commigo havia muito tempo , de Nossa Senhora. Em V. M. fica melhor empregada. As Reliquias de Santa Isabel guarde V. M. para quando eu lá for. Basta-me o Sangue de Christo Senhor nosso , que trago commigo. Das culpas commettidas , ou que V. M. commetter até a segunda ordem , naõ faça V. M.

mais penitencias , que conhecer que naõ he capaz de nenhuma , nem a fez nunca , como a devia fazer. E cuide sempre , que he peior do que cuida : que se naõ achará nisto muito enganada. E eu crerei a V. M. sem virem á balha os Santos Evangelhos pára prova de sua grande humildade. Ora seja Deos bendito , e queira Deos que assim seja.

Em todas as tentaçõés tenho experiençia , que naõ ha melhor defensivo , que a memoria , e presençia de Deos : examinando nella , e olhando para a Alma , se repartio , ou diminuio o amor de Deos ; esforçando nesta presençia o proposito de o naõ offendre. E tudo isto com huma suavidade pacifica , sem tumultos , nem violencias dos sentidos , nem grande efficacia de palavras : que a força quebra a cabeça , e naõ desaffoga a Alma , até ter perfeita saude. Faça V. M. quanto puder por ella , e louve a Nosso Senhor , que lhe quer mostrar , que até nas cousas do corpo he bem obedecer. Seja Deos louvado pelos repiques : que em dia das memorias da morte , melhor parecem outros signaes. Quererá Nosso Senhor , que tudo seja para sua gloria , e honra : que naõ será pequena , que os vivos se pareçaõ com os mortos ; pois he certo , que os estrondos das maiores estatuas páraõ em cinzas. V. M. obedeça aos Medicos , como aos Prelados , que S. Francisco Xavier assim o fazia. E em quanto tiver impedimento na vista , ou nos olhos dôr , naõ me escreva muito , senaõ o menos que puder ser. A voz , com que V. M. ha de servir a Deos , he quando for ao Côro rezar mais alto que puder ; como naõ seja modo extraordinario , que possa perturbar : que S. Vicente Ferrer assim o aconselha , que levantemos a voz ao louvor de Deos , ou quando se canta , ou quando se reza.

Eu bem folgára de ter onde parar , e recolher-me algum tempo no meyo destas Missoës. Mas somos muitos , e naõ ha onde , fóra de Viseu , ou da Provincia. Apenas começamos huma terra , já nos chamaõ para outra : e assim lidando com varias fadigas , he preciso descançar , trabalhando nellas.

Lea V. M. , quando puder , essas quintas essencias do Padre Puente : aindaque me parece , que quem lhe resumio a sub-

a substancia, não terá o mesmo espirito. Aindaque não tive tempo de lêr a Infancia de Christo, tenho o seu Author por Varaõ perfeito. Ler tudo, sempre he bom; mas nem a todos he concedido ir pelo caminho, que se lê em todos. Conforme o espirito de cada hum deve ser o exercicio, e o emprego. No lêr não ha engano. Do Senhor Bispo de Lamego espero grandes fructos, pelo fervor que vejo em seu espirito, e no pastoral cuidado, com que se desvêla pelo bem das Almas: tudo he necessario nestes miseraveis tempos. Porque os peccados saõ os maiores, que houve nunca no mundo. O Senhor Bispo do Porto he hum grande Prelado: e eu lhe devo viver sempre muito aggradecido, pela mercê que me tem feito. Estimo que a Madre Soror N. ande tão alentada, que chegue a ser Cozinheira. Entre os tiçoẽs pôde arder o coraçao: e entre o fogo da terra soprar-se o do Ceo. Peça-lhe V. M., que nessas fadigas se lembre de quem merece o do Inferno. V. M. festeje o Senhor S. Joseph, quanto puder; que eu folgára de fazer o mesmo: mas cá, como posso, faço o meu officio. Na Enfermaria não ha regra de mortificaçõẽs. Amor de Deõs, compunçao comigo, caridade com o proximo, seja o commun exercicio, e prezença de Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Viana, 28. de Março.

Servo inutil, e mais obrigado a V. M.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Nesta Carta, que o Veneravel Padre escreve a huma Religiosa, lhe diz como tinha passado de saude com alguma molestia; mas que farára com o grande trabalho. Porque suando sabe o mal para fóra. Oh como se engana quem lhe parece, que sem suar no amor de Deos, ou bem do proximo, ha de lançar do coraçao os humores duros, e frios, que nelle introduzio o diabo! E diz, que tem por experiençia, que pregando melhorava. E bem advertido, não be só mysterio: senão que muitas vezes, se des-

se desprezarmos certos melindres, com que nos tráz encantados o amor proprio, acharemos que no receyo estava o danno, e no desprezo consiste o remedio. Diz mais adiante sobre certas Reliquias, que lhe offereciaõ, que a elle lhe bastava o Sangue de Christo Senhor Nosso, que trazia consigo. E naõ era só pelo que o Senhor derramou por nosso remedio; mas huma gotta deste Santissimo Oleo de infinito preço, que eu vi, e trazia em hum Relicario. E naõ sei o como lhe veyo aquelle rico thesouro. Mas jupponho que hum Padre tão exacto, e humilde, naõ approvava, e usava daquelle Reliquia, sem grandes probabilidades.

Diz, que das culpas commettidas, ou que commetteffe, até segunda ordem naõ faça mais penitencia, que conhecer que naõ be capaz de nenhuma: e que cuide que be muito peior do que cuida. Isto he, que jámais creya que acabará de conhecer-se a si mesma. Oh que agradavel penitencia be e sta aos olhos de Deos! Quanto val mais esta confusaõ, e humildade amorosa entre a dor de nossas culpas, e a confiança da Bondade Divina, que disciplinas, jejuns, cilicios, com que insensivelmente muitas vezes ficamos cheyos de presumpçaõ, e engano. Naõ se diz que naõ saõ estas mortificaõens muito necessarias, pois dellas usa tanto a Igreja; mas que creamos, que sem a humildade verdadeira dentro do nosso nada tudo be nada. Porque como nossa justificaõ depende da Graça Divina, que naõ admitté a vaidade, be necessario que estas obras exteriores naõ façaõ mais no coração, que barrer, e passar, para que a Graça se possa introduzir.

Diz, que em todas as tentaçõens naõ ha melhor remedio, que a presença de Deos, e o exame da Alma. Isto he, examinar as forças, com que se acha depois da tuta; que be a mais segura doutrina. Porque a tentaçao nunca nos deixa no estado, em que nos prova. Porque, ou ficamos vencidos, ou vencedores. Se vencidos, mais fracos; se vencedores, mais animosos, e fortes. E diz, que sem tumulto, e com suavidade. Porque o demonio, quando nos naõ vence, procura que nos perturbemos, para que o que naõ fez a tentaçao, faça o escrupulo. E para tudo, o melhor remedio be detectar com paz, e humildade o peccado, e inflamar á defensa o amor, e o affecto.

Diz, que ler por todas os Livros Espirituas be conve-nien-

niente, mas que he necessario naõ querer usar os exercicios de todos. Porque ha pessoas, que querendo seguir o methodo de cada livro, naõ fazem exercicio a proposito. Haõ de ler-se para affervorar o espirito, e para ocupar bem o tempo, e para accomodar a liçaõ aos exercicios proprios, de que usamos.

C A R T A X X I.

O Amor de Deos more em nossas Almas.



Adre Soror N. Naõ he menos necessaria na Arte da Pintura saber metter na figura, que se pinta, as cores alegres, que as sombras tristes. Todas servem de perfeiçaõ ao retrato, e de maior beleza á figura. Assim Deos, que pinta a sua Imagem nas nossas Almas, naõ as aperfeiçoa menos com as sombras daquillo, que as melancoliza, que com as cores, e consolaçoẽs, com que sua Bondade as alegra. Assim se serve Deos. Sirvamo-lo nós assim, estando taõ quietos, e destinados para receber as sombras, como para as cores. As pauzas na Musica fazem mais suave a consonancia. Se se continuáraõ sempre as vozes, fora fastidiosa a harmonia. Por isto ás vezes faço pausa, e a pôde fazer Deos com a minha ausencia. E tudo faz consonancia para as Celestes doçuras, e segundo as disposiçoẽs da Providencia Divina. Com tudo, naõ estamos taõ de parto, que já V. M. lme queira tomar as dores. Naõ lhe dê nada cuidado; mais que faltar-lhe ainda aquella indifferença, de que nasce a sede falsa de algum humano allivio. Seja toda a sede da vontade de Deos. E aindaque elle naõ manda que naõ sintamos, façamos nós por estar mortos para todo o sentimento, que naõ for de nossos peccados. Quem lhe deo a V. M. atégora Fr. Antonio para seu arrimo, de que cousa haverá no mundo, que lhe naõ faça encosto? Se hum bordaõ de canna occo, teve para V. M. serventia; quanto mais a teráõ outros, que saõ mais sólidos, e melhor apro-

aproveitados das misericordias de Deos. Calle V. M. essa sua caramunha , e ponha toda a sua razaõ apar da vontade de Deos : e logo verá como ficaõ doces as maiores amarguras. A galanteria , que eu disse acerca das Letradas , era para as humillhar , naõ por me enfadar. Porque naõ tenho de que. Antes folgára que V. M. , e todas souberaõ muito mais: com tanto , que tudo souberaõ mortificar. Deixe V. M. estar os seus papeis , que tempo lhes virá no Diluvio, em que os pró-ve o fogo. Continue V. M. os seus exercícios , lea as Vidas dos Santos , e use do espiritual recreyo dos Livros, que trataõ de Deos : como naõ mude de estylo na oraçaõ , e mortifica-çaõ. O que se fez na semana do Jubileo , tudo me pareceo bem feito. Louvado seja Deos , que poderá ser que alguma cousa me caya em casa. O silencio , e retiro , de que V. M. usa , saõ boas azas , se no estender das pennas naõ levar o vento algumas plumas. Estenda-se sempre para dar a Deos o que he seu , e para tirar de nós o que he nosso : vivendo sempre em temor , de que a vaidade nos furte o que a Misericordia de Deos nos concede. O necessario convém que se falle. Porque a singularidade sem obediencia naõ descubra a flor da virtude , que periga ás vezes , e se mucha nas notabilidades : isto he , quando nas occupações da obediencia , ou necessidade V. M. se occupa. O mais tempo , que puder , cále , e falle com Deos : e continue só a responder , nos dias de silencio , ao que se lhe perguntar. Na Consoada á noite se pôde usar , sem escrupulo , do que naõ passar de meyo ar-ratel entre tudo ; como naõ seja peixe. O regálo consiste no exquisito , o sustento no necessario : deste ha de V. M. tomar até se lhe acabar a fome , aindaque naõ acabe o appetite : que o appetite sempre diz mais , e a fome contenta-se com menos. Ao jantar satisfazer. E em paõ naõ ha para se mortificar , nem em hervas , ovos , e peixe , mais que algum bocado. Nos doces , e fructas pôde haver algum res-guardo mais. Nos dias de Jéjum da Igreja , tenha V. M. na Consoada alguma perfeiçaõ mais , contentando-se com al-guna couzinha menos.

Nos exercícios troque V. M. os dias : quero dizer , o que a cada hum se applica , conforme lhe estiver melhor ás

occu-

occupaçõeſ de ſeu eſtado : que como elles , e elles ſe façaõ bem , eſte he o noſſo intento. E na Enfermaria ténha V. M. mais deſaffogos , a troco de que com a caridade allevie mais aos enfermos. E aſſim tambeſt nas maiores occaſioeſ de carida‐de , obediencia , e neceſſidade , deixo tudo á ſua prudencia. A tentaçao , que V. M. teve , de que me faziaõ mal as ſuas oraçoẽs ; conhecidamente foi do diabo : e claramente fe viu neſta impaciencia , que a V. M. lhe deo. Porque re‐partio entaõ com V. M. da fructa , que elle come , e da pena que ſente , em que alguem fe compadeça de minha pobre Alma : que a naõ ſer tanta a Mifericordia Divina commigo , e as oraçoẽs de muitos ; tenho para mim , que já eſtivera no Inferno , ou muito perto delle. Encommende-me V. M. a Deos , que o ſeu maior proveito conſiſte em applicar o que faz aos outros por amor de Deos.

A Alma de meu Irmaõ eſtimou muito , que V. M. ap‐plique o que puder de ſuffragios. Porque aindaque lhe naõ ſaibamos grandes peccados : ſabiamoſ que era humano. Eſ‐pero que Deos tivesſe mifericordia delle. Porque Sua Di‐vina Mageſtade lhe havia dado hum grande deſejo de ſer verdadeiro filho de Meu Padre S. Francisco. E era ajudado da Divina Graça : grande amador da pobreza , e da caſtida‐de. E cuido , que da obediencia o mesmo. E ſe aſſim foi , agora colherá o premio de ſeus bons deſejos. Mas ainda lhe ferão bons todos os ſuffragios. No Sermaõ me achei muy bem. E aindaque houye trabaſhio , para tudo nos deo o Se‐nhor alento. Dos ſangues , que cá diſſeraõ , me naõ lembra que houvelle tal. A gente , que olha para mim com bons olhos , de tudo faz mysterios. Naõ faça V. M. caſo delles , e troque as laſtimas , ou os reparos , em me pedir a Deos verdadeira humildade , caridade , e paciencia. Tenha V. M. a mortificaçao , que lhe dei : ſalvo , ſe a Prelada a mandar tirar : que a qualquer obediencia naõ ha regra contraria. Ao Capitulo naõ me parece que irei ; ſalvo ſe me chamarem para fazer lá alguma Pratica. Porque o negocio , que lá po‐dia ter , que era encommendar-lhes que fizessem o melhor ; já lho tenho dito a todos. E ſe for neceſſario , lho direi mais vezes. O meu negocio he que ſe faça o que he mais con‐forme

forme á nossa Regra, e á vontade de nosso Padre S. Francisco, e de Deos. Em fazendo isto, saya quem sahir : que isto he o que desejo. E senaõ sahir assim ; aindaque me doa, encommendá-lo a Deos he o que me toca. V. M. faça o mesmo. E obedecamos todos a qualquer que vier. Porque o nosso intento he naõ obedecer ao homem, senaõ nelle a Deos ; ou por amor de Deos. Alegre-se, anime-se, que quero Almas animosas. E encomende-me muito a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A

Esta Carta começa o Veneravel Padre, persuadindo a esta Religiosa, a quem escreve, a resignaçao debaixo da metáfora da Pintura, e da Musica. E verdadeiramente com muita propriedade, se buscarmos a origem, com que a Graça infunde em nós as virtudes. Creou Deos a nossa Alma, como Còpia, e Pintura, pois afez á sua Imagem, e similitudem : e por esta razão tem cores, que sobrafahem, tão resplandecentes, que naõ tomáraõ as tintas menos que da Eternidade ; e tem sombras da culpa, que nos abatem á terra, e ao lodo, de que fomos formados. Tambem pertencemos á Musica, depois que o Divino Verbo, Palavra, e Voz de Deos soberana, acordando as Naturezas, Humana, e Divina, fiz tão suave harmonia do Creador para a creatura, subindo humas vezes á Divindade pela Misericordia, e descendo outras por a nossa culpa á nossa miseria. E pôde ser sej esta a razão, porque Deos quando se communica a seus servos, o faça mais ordinariamente por visões, ou locuções. Porque como humas saõ imagens, naõ as estranha a nossa Alma ; e como outras saõ palavras, já as entende a nossa natureza. E por todos estes principios devemos estar resignados, e acordes, como ensina o Veneravel Padre.

Sentia esta Religiosa que lhe faltasse este Poy espiritual, com que aproveitava muito sua Alma. Porque receyava

alguma

alguma larga ausencia. E por esta razão diz o Servo de Deus, seguindo o mesmo estilo de metáfora, que não está tão de partida, que devia de tomar-lhe já as dores da ausência, que não fazia, dizendo-lhe por este modo, que aquelle aceleramento era de coração pouco mortificado. Porque aindaque este cuidado fosse muito justo, bastava ser anticipado, para ser imperfeito. Porque toda a celeridade nasce de temor, ou appetite. Diz, que quem lhe deixa a elle por Padre espiritual, lhe dará outro melhor Director. E não diz isto, porque fosse necessário adverti-lo a huma pessoa, que parece estava tão aproveitada; mas porque algumas vezes sucede, que por hum destes fios insensivelmente se prende a vontade, que ha de ser para Deus tão livre, que preza nem o ha de estar das mesmas virtudes.

Diz, que a singularidade, sem ser por obediencia, ás vezes faz murchar as flores da virtude; isto se entende em actos exteriores: humas vezes, porque pôde introduzir-se hum pensamento de vaidade, que be hum bicinho secreto, que roendo a raiz da planta, não se conhece, senão quando se murcha: e outras, porque damos occasião aos fracos, a que façã discursos, para elles, e para nos perigosos. E do coração para dentro se podem fazer sem estes inconvenientes mais altos exercícios de mortificações, e afectos; pois temos o Reyno do Céo dentro de nós mesmos, se o buscarmos em verdade, e espirito.

CARTA XXII.

O Amor de Deus more na Alma de V. M.



Uando a mortificação se deixa pela caridade, perfeição pôde ser a falta de mortificação. Veja V. M. se esta falta foi perfeição, se foi vaidade. E como esta fidalga he tão subtil, que entra sem se ver, tambem receyo que entre sem se sentir. Eu ando de espreita, não de malicia, que a cautela he Carta de Seguro, e o descuido acto de querela. Má carta de

de pago, má paga parece esta para tanta dívida; mas assim paga, quem só desta moeda tem. Em fim, ou haja, ou não haja erpes, já estão postos os defensivos. Bem podem já aparecer os afectos. Não sei dizer a V. M. quanto me alegréi com as suas novas, muito menos quanto estiméi a maré, que me vejo nellas.

Hum dos gostos, que tive grandes, he que até não ficar, e responder, como me parece que Deos quiz, as minhas ações se vestirão da libre das Idéas de V. M. Porque parece que estavamos fallados em quanto se tem feito. Que a V. M. lhe tomem mal os seus papéis, ou descuidos, folgue muito com isto. Porque huma das couias, de que tenho especial gosto, he que a minha resolução pareça, e se diga mal della. Bem aviado estivera eu, se deixasse de ser Bispo, porque me louvassem: ou se o fora, porque me não vituperassem. Já cuido que disse a V. M., que tenho por Maxima assentada, que he vaidade conhecida servir a Deos, porque nos louvem; ou não serví-lo, porque nos vituperem. Já não quero fallar em Mitras. Porque na verdade faz horror, que a minha miseria ou nisto se metta, ou disto se lembre. A Carta de S. A. não lhe dé a V. M. cuidado; porque não ha de ficar em Morgado á Religião, como huma pessoa grande me disse: nem em cabeça de casal a meus Pais; nem menos havia de ser Bandeira da Misericordia de S. A. Porque está já relaxada ao braço de minha vileza summa. O Padre Provincial faz seu officio. Entende-o assim. Muito apertou, já me deixa. Mas aindaque o não fizera, eu sou tão couro crú, que nada dou de mim. Entendo que sentio muito, que eu lhe não obedecesse nisto. São pontos, e estes ás vezes doem mais que as feridas. Porque também os da minha consciencia me doem mais, que os golpes dos indevidos mandatos, que me não ligaõ; porque são contra minha Alma. Mas o mandato, como era causa de amor; o muito, que o Padre Provincial me tem, lhe deo que sentir, e a mim muito mais que agradecer. Porque elle fez o que se lhe mandou, e eu o que entendi. No mais não temos diferença: aindaque haja desconfiança da minha parte para os acertos, se me não engano da sua; porque entende que

que acerta, e naõ tem perdido o tino. Ajude V. M. com oraçãoes a todos, e deixe dizer essas bellezas, que ainda as temo menos, que os milagres.

A V. M. lhe mando, que toda esta Quaresma naõ faça aquella penitencia. Porque se huma he miseravel, que naõ presta para nada da parte de dentro, paraque quer por fóra mais exterioridades. Glorío-me agora em que as outras se mortifiquem, e em V. M. se naõ veja, nem o forro dessa mortificaçao. Ame mais a Deos, que ainda o pôde mais amar. Naõ queira já padecer por elle: que ainda naõ tem o dom amavel, e sobre muitos desejavél de padecer por Deos. Naõ he justiça, que o pobre corpo padeça, estando inocente, e que essa Alma, onde houve os áque del Reys, vivia muito á vontade.

Para a Pascoa intento ir, se naõ houver ordem em contrario. Porque determino obedecer em tudo, como naõ sejaõ Bispados, nem peccados. Naõ farei muito em pagar a V. M. muitas dividas com a alleviaçao dessa Casa. Devo a V. M. como já lhe disse, naõ haver-me ido de Portugal. E creio que foi luz do Ceo, tudo o que V. M. neste particular me disse. Tenha agora disto vangloria. E veja, que vindo os Discípulos de Christo muito contentes, por fazer milagres, e deitar diabos fóra, lhes disse o Senhor: *Eu vi a Satanás cahir do Ceo como hum relampago.* E foi dar-lhes a entender, que com a luz do Ceo cahio nos Infernos. O mesmo lhe pôde a V. M. succeder, se se desfyanecer agora com esta luz. Que vai? Como estamos agora? Foi bom este rayo? Veja, que para os Louros ha tambem Coriscos. Tremor como S. Paulo, até de obrar bem. Que só naõ temem, os que vivem mal: *Non est timor Dei ante oculos eorum.*

Ora Senhora, como lhe hey de agradecer o muito que lhe devo? Digo-lhe, que: mas paraque he dizer-lhe? que para Deos. Saiba que neste mundo a ninguem desejára vér mais santa, naõ só porque V. M. me deseja perfeito, mas por trezentas dividas. Mas fique o mais para os pertos, naõ deitemos o que está dito a longe. Acabem-se os sobrefaltos, e continue em me encommendar a Deos, e em dar graças destas batalhas a Nossò Senhor, que guarde

a V. M. como lhe peço, e desejo. Evora. Março 21. de 1676.

Servo inutil, e cada vez mais obrigado.

Fr. Antonio das Chagas:

N O T A.

Esta Carta começa o Veneravel Padre, dizendo, que quando a mortificaçao se deixa pela caridade, que perfeiçao pode ser a falta de mortificaçao. E isto succede, quando se larga algum exercicio por acudir á necessidade do proximo: ou no caso, em que a verdadeira prudencia manda antepôr á mortificaçao a necessidade propria. Mas como em fazer este juizo pode haver soberno da parte do appetite, diz que examine, se foi perfeiçao, ou vaidade: á qual chama fidalga. Porque ordinariamente he hum vapor do sangue, que serve, com que o espirito fraco se desvanece. E como a vaidade he nada, o mesmo he sem virtudes o sangue da Fidalguia.

Diz, que entra sem se ver, nem sentir: accusando por este modo a cegueira, e insensibilidade humana. Porque não pode ser maior, que, esquecendo-nos das misérias, em que ordinariamente cabemos, fazer presumpçao do engano, e gozosa posseçao do vento. Chama Carta de Seguro á cautela; não porque se possa nesta vida viver sem alguma culpa, mas porque por esta fidelidade nos concede a Divina Graça, aindaque culpados, os meios mais oportunos, como as Leys permitem áquelles, que se livraõ soltos. Diz, que o descuido he acto de querela. Porque em nossa negligencia se escrevem as mais das queixas da nossa Alma; aonde as testemunhas haõ de ser os remorsos da propria consciencia.

Fallando sobre outros particulares diz, que se lhe não de de que se lhe tem mal feus papeis, ou descuidos. Porque huma das cousas, de que tem especial gosto, he que se diga mal de sua resoluçao: isto era, de não aceitar hum Bispado. E não porque sem esta reprevaçao dos homens se não possaõ fazer heróicos actos; mas porque tambem he Carta de seguro, e mais justificada, porque no la concede aquelle mesmo, que nos censura,

sura ; quando nos repreôva. Diz , que naô quer fallar em Mitras , porque em verdade lhe faz horror ver que sua miseria daquelle materia falle , ou se lembre. E he grande doutrina esta para pessoas , que professão , e exercitaõ a santa Humildade. Porque a perfeição desta virtude naô consiste tanto em naô querer a grandeza , como em perder della a memoria. Cuja imagens saõ como nivens estereis , que naô chovem , mas escurcem.

Prosegue fallando ainda sobre a mesma materia. Porque parece que o Prelado lhe mandára acceptasse o ser Bispo. E diz , que tal obediencia naô liga. Porque era contra sua Alma. E algumas vezes acceptando por amor proprio , contra o mesmo discurso tomamos a obediencia por pretexto , dando primeiro posse ao escrupulo , do que a tomemos do officio.

Diz , que naô faça penitencias , mas que ame muito a Nossa Senhor ; e que ainda naô tem o dom amavel de padecer. Todos somos obrigados a fazer por amar , como os maiores Santos amaraõ ; mas nem todos estamos capazes de padecer , como elles padeceraõ. Para procurar amar , todos temos desde o Bautismo a Graça ; mas para aquelle excesso de padecer , sem maior favor naô basta a natureza. E ás vezes querer exceder as forças proprias , he tentaõ , que tem feito dar muitas quêdas a muitas Almas.

Diz , que em tudo , que lhe disse , acertará , que parece foi luz do Cœo. E porque lhe naô entrase alguma complacencia , lhe lembra o que disse Christo Senhor nosso a seus Discípulos , depois de haverem feito milagres , e affugentado demonios ; para que entenda que a luz ás vezes a dá o Senhor a huma Alma , porque aproveite a outra : e que o merecimento naô consisse tanto em fazer milagres , como em trabalhar pelas virtudes.

C A R T A XXIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

REverenda Madre, e Senhora Soror N. As Cartas de V. M. para mim saõ como orvalho para a terra, ou hervinhas seccas, que revivem na madrugada. E muitas graças dou a Sua Divina Magestade pelas bôas novas da saude de V. M. taõ necessaria para esta Comunidade, e para que V. M. seja espelho do que pôde Deos em suas miseraveis creatureas. Eu tenho disto grande alegria. E mais será, quando o espirito seja muito maior, e todas essas espirituales fadigas se levem com grande amor de Deos, e do proximo, e com huma tençaõ muy recta, e pura de agradar a Sua Divina Magestade, e nelle a todas as mais creatureas, a quem a manda servir seu amor, estendendo o desejo de amar, padecer, e servir mais, por todos os que forao, saõ, e haõ de ser agradaveis a Nosso Senhor, em cujo coraçaõ se ha de metter, e obrar tudo quanto obrar, ao menos huma vez no dia, com o desejo, e tençaõ, pedindo-lhe que lhe dê graça, para que se metta toda em meu Senhor Jesu Christo, e viva pela sua vida, entenda pelo seu Entendimento, queira pela sua Vontade, e veja, olhe, ouça, falle, coma, e sinta pelos sentidos deste Esposo amabilissimo.

Por via de Joseph de Setuval, que he muy bôa via para o Algarve, me chegou esta de V. M. E agora pelo Governador de Sines vai esta, ou irá, querendo Deos: que hoje parto para Villa-nova de Mil Fontes, que he daqui cinco legoas: e dahi a Odemira, que saõ outras cinco. E querendo Deos, dahi a quatro entrarei na primeira terra do Algarve. Onde pelo muito que ha que fazer nos Póvos, naõ poderá ser a volta taõ cedo, como eu cuidava. Mas faça-se a vontade de Deos.

Bem

Bem quizera eu que as cousas da minha Província tiverão grande reforma com grande união, e paz. Poderoso he Deos para maiores milagres. Eu lhe peço todas as horas, com a efficacia que posso, ponha em todos nós seus olhos. Quere-rá Deos, que assim como os Medicos abalaõ os humores para os purgar, e ficar com saude o enfermo, assim seja na Província.

As doenças dessa Communidade sintó, pela Cruz, que ferá das saás o mal das enfermas. Louvo a Deos, que as leva a todas por Cruz. E quanto for o martyrio, tanto será o merecimento. V. M. fez bem em dar os papeis, que se lhe pediraõ para exercícios. E ferá melhor em fazer tudo o que estiver na sua maõ, para que essas plantas cresçaõ, ainda que elles (naõ subindo para o Ceo direitas) se inclinem para aqui, ou para alli. Tempo virá, em que a tempestade as endireite, por mais que agora as torça a vaidade, ou livianade. Grande contentamento tenho com as boas notícias de N., e mais com as de sua companheira N. Nosso Senhor lhe dê a perseverança, que lhe peço, porque a sua vocaçao se próve na constancia do Espírito. Eu encomendo muito a Deos aquella pessoa, que teve occasião de peccados. E bem creio que ferá passada a culpa. E ás passadas se oferece a Divina Misericordia. Se nessa terra se diz, que eu digo que está perto o dia do Juizo: eu o torno a dizer. E se isto he temeridade: Nosso Senhor Jesu Christo foi o que o disse. E ha já perto de mil e seiscientos annos: *Et veniet citio*. Se eu dissera que elle mo revelára; fora grande o meu escrupulo. Encontrar o que a Escriptura diz, ou he ignorancia, ou malicia. Que seja o Antichristo nascido, naõ o posso eu dizer; porque tal naõ sei. Suspeito eu, pelo estado do Mundo, que naõ deve estar longe o seu nascimento, ou a sua vinda ao Mundo. Folgára muito viver no seu tempo, para que com a graça de Deos pudesse dar a vida por meu Senhor Jesu Christo. E tençao tenho de fazer quanta guerra puder ao Inferno até o ultimo suspiro. Cá tinha chegado já a Historia de França, que tenho por Gazeta do Limoeiro. Dessa mulher, que diz, que eu descobri o sigo, naõ me posso lembrar que eu a ouvisse de Confis-

faõ. Porque naõ me lembro que nessa Corte confessasse , ha muitos annos , mulher alguma. Mas bem he que de mim se diga alguma cousa , que naõ terá graça passar livre neste jugo do Amor de Deos. A todas peço me recommendem a Sua Divina Magestade , que guarde a V. M. quanto lhe peço. Sines , 9. de Novembro de 1680. , dia em que me parto.

De V. M. servo inutil , e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre andando na Missaõ do Algarve ; que era em resposta , como se colhe della. Diz , que as Cartas desta Religiosa saõ para elle , como orvalho para a terra secca , ou para as hervinhas. Porque assim como estas plantas a Aurora as anima , e alegra , e o Sol as cria , nos havemos de consolar com esta sociedade Catholica , e com a communicaõ de creaturas virtuosas ; mas para passar logo ao Creador , que he o fim , e motivo desse contentamento. E por esta causa diz logo , que tudo quanto obrar , seja com terçaõ muy recta , transformando-se em Christo por amor , e resolucao , ao menos huma vez no dia. Porque este ha de ser o principio , e fint de todos os movimentos de nosso coraçao , e espirito.

Diz , que sente muito as doenças daquelle Communitade , pela Cruz que teriaõ as que estavaõ saas , do mal das enfermas. Porque sabia , que onde era a caridade tanta , se sentiaõ como proprias as enfermidades alheias. Porque ou as sente o cuidado , ou as inveja o espirito. Prosegue : Se nessa terra se diz , que eu digo que está perto o dia do Juizo , eu o torno a dizer. E como fazendo pruco caso de similbantes ditos , continua : se he temeridade , Christo Senhor nosso o disse ha mil e seiscontos annos.

He grande a cegueira de quem murniura. Porque de mais de que bastava ser o Veneravel Padre huma pessoa tão advertida , e exacta , para se entender que naõ se arrojava a dizer huma cousa tão grave do pulpito , sem ser com grande fundamento. Este he hun lugar tão repetido , que só de propósito po-

de ser ignorado: e por isso diz logo, que encontrar o que a Escritura diz, ou he ignorancia, ou malicia: que em hum destes dous baixos ha de fazer naufragio de força, quem facilmente se arroja, sem ser pela segura via da tençao recta. O que naõ tem quem murmurá.

C A R T A XXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Enhora minha. Naõ sei como posla ser terem passado tantas semanas, sem V. M. receber Carta minha; pois naõ me lembro que nunca passasse tantas, sem escrever a V. M., e a esse Convento. Bom he fazer mais diligencia pelas Cartas: que eu, pouco, ou muito, alguma coufa escrevo. Agora recebo segundo proprio por via do Senhor Bispo do Porto, que summamente se mostra pontual no que se lhe encommenda desse Convento, e em obrigar-me com suas novas, e favores. Naõ tem chegado as Veronicas da Madre Abbadesa. Melhor he nem cançar, nem arriscar as vias, a que sejaõ taõ devotas disto, que faltem. E de graça se lhe déraõ, se a culpa se naõ anticipára. Eu tambem naõ quizera que as Freiras ie ocupáraõ nisto; salvo quando em peyor coufa se occupáraõ. Porque aindaque he santo o trabalho de maõs, que naõ está o espirito para toda a hora: com tudo, nas Casas Capuchas, e ocupadas, passado o serviço das Communidades, e obrigações do officio, ou do estado, e as Horas da Oraçaõ, e exercicio, folgára que as mais se occupáraõ em liçao de Vidas dos Santos, ou de Oraçaõ. O que mais me servem saõ Veronicas, que talvez com menos custo, e mais proveito saõ despertadores das Almas. Se a Braga, ou a Vianna puder V. M. remetter-me algumas, (pois ando sem ellas ha tanto tempo) muito o festejarei. Em Braga, sendo Deos servido, hei de estar todo o mez de Janeiro; em Vianna parte da Qua-

refma. E me parece , que se eu fizer o que entendo , naõ poderei ir para lá antes de douis annos. Porque o Veraõ se irá no Minho , e se entrarmos em Miranda , e a Trás dos Montes no Outono , precisamente se ha de passar por estas bandas o Inverno : e he necessario a Primavera para ir passando por oitenta legoas de Póvos. Onde , ou se naõ tem pregado , ou he preciso tornar a pregar , aindaque se ja menos.

Na primeira tentaçao , em que V. M. me falla , naõ ha de estranhar senti-la , pois a sentiraõ os Santos. Santa Catharina de Sena , naõ he crivel o que se lhe representava para moyê-la interior , e exteriormente. S. Paulo teve , quasi todo o tempo de sua vida depois de Apostolo , hum demônio , que o atormentava com esta tentaçao : e milhares de Santos. Nenhum mal de culpa temos no sentir , inal de pena sim. E este mal , se se leva bem , he bom ; aquelle se se consente , he sumimamente máo. Nasce muitas vezes da disposição natural ; outras de alguma ruina espiritual , como de vaidade , vangloria , jactancia , e complacencia de si mesma. Nasce tambem da sugiestaõ do demônio naquelles , ou naquellas , que tem zelo de Almas. E de boa vontade o demônio deixara de tentar com isto , se os que tem este zelo deixaraõ a occupaçao , em que andaõ. E como V. M. agora entrou neste officio de governar algumas ; naõ se espante que desinquiete o diabo a sua , especialmente se teve alguma complacencia fóra de Deos , de que lhe ensinava o caminho. Bem sei que naõ teria destes vestigios. Mas ás vezes , quando menos se cuida , nos derruba hum vagado. Eu sou Mestre de ruinas , porque me tem dado na cabeça estas experiencias. V. M. he Mestra de edificações ; mas necessario he que ande com a regra na máo , e que faça tudo direito , e naõ se entorte para si. Além disto , toda a pessoa , que ha de ser alguma coula diante de Deos , he necessario que seja tentada de tudo. Todas as bestas da selva do Inferno , diz a Escritura que haõ de passar pelo justo na noite desta vida. O negocio he que ellas passem , e que naõ se detenhaõ , nem fiquem. V. M. ainda agora começa seu mundo espiritual , tem muita terra por andar , muitos despenhadeiros por onde ir , muitos labyrinthos por correr , naõ a desmaye o primeiro

aceno

aceno do demonio : que a Hercules convidáraõ-no os conflitos , e fizeraõ-no Hercules os trabalhos. Os despojos desses Leoës mortos saõ as nossas armas : pegar da clava ferrada de hum si me , e determinado proposito: Senhor, antes morrer , que peccar : Mil mortes antes , que consentir. E defender-se de tudo com hum argumento , que agora lhe quero ensinar. Porque nesta Carta sou Mestre , e noutra serei discípulo. O argumento infallivel he este : Eu naõ quero peccar: logo he impossivel que peque. E daqui o que se ha de seguir, he zombar do demonio : que se os peccados só os commette a vontade , pouco importa que haja algum reholiço natural , ou diabolico , se o naõ consente a vontade , aindaque a natureza os sinta. Importa com tudo , que quando vier alguma tentaçao vehementemente , se sustente V. M. com grande quietação sem nenhum movimento voluntario , fazendo por ter fixo o sentido em Deos , ou sentada , ou em pé , ou de joelhos , valer-se da memoria de meu Senhor Jesu Christo , apartando de si toda a outra imaginaçao. A segunda cousa he , aindaque naõ consinta (o que Deos naõ ha de permittir) que V. M. diga a seu Confessor , linto em mim estes , ou aquelles pensamentos , ou movimentos contra tal virtude , ou preceito , ou voto ; mas estou certa , que naõ consinto. He virtude dar parte ao Medico espiritual dos achaques ; e ao menos he humildade , e pôde exercitar-se a mortificaçao , e a paciencia , que saõ virtudes , que nos fazem martyres , sem derramarmos sangue , e nos escusaõ o Purgatorio.

O somno ás vezes he necessario pelo quebrantamento do corpo , ou afflicçao do espirito: ás vezes he tentaçao , quando saõ demasiadas as horas. A prudencia nesses caos mette , ou tira o cutello. Nas Confissioës passadas naõ bulla V. M. que ás tenho por bem feitas ; Salvo se se atrever a jurar aos Santos Evangelhos , que naõ confessou , ou naõ quiz confessar tal peccado. As presenças de Deos saõ dâdivas da liberalidade Divina , e favores dos olhos de Deos , que ás vezes pestenejaõ , e ás vezes se fechaõ sem nos dar as costas para nos espreitar as Almas na falta da gloria de suas vistas. O que importa neste tempo , he desfazer em fauadades , e em desejos daquelle bem , que se dá sem se merecer , e se perde sem

sem se cuidar, e se torna a ter sem se presumir. Marmellos, pucaros, gallinhas, em quanto enferma, e mal convalescida, naõ saõ regalos, saõ necessidades da natureza, que naõ entraõ a graça, especialmente quando com o conhecimento da nossa mileria os tomamos para alentar a vida. Agora calar os appetites, he conhecida ganancia da Alma. Porque he dura violencia da natureza. Nosso Senhor foi muito amigo de sal, naõ queria o sacrificio sem elle. Naõ queira V. M. fer melhor, e de melhor gosto, que Deos, em quanto está enferma, ou achacada. A indifferença consiste em tomar o que vier, dando graças ao Divino beneplacito. *Ita Pater: quoniam sic placitum fuit ante te.* Nestas palavras está a mais alta perfeiçao da vida espiritual; tudo o mais saõ damices, ou demazias do espirito, que ás vezes saõ sensaborias de Deos; porque saõ melindres, ou goflos da propria vontade. Naõ refira nunca defeitos alheios. Porque ainda que sejaõ sem queixa da lingua, saõ queixume fino no fundo da Alma. E quem esgaravata estes fundos, muitas aguas turvas acha: V. M. tem hum natural mui pichoso, e estava para dizer soberbo: ahi ha de ser a lida, aquietar esses movimentos do animo, que ainda naõ está sumido na fortificaçao de si mesmo. Deixe-se a si, e ás vezes ao mesmo Deos, por naõ deixar a Enfermaria, e as Entrevadas: que Deos he muito gostoso, e mui gentilhomem, todos folgamos de lhe lambes os dedos. Lidar com enfermos, e entrevados, he cousa muy nojenta, e faz-nos grande fastio: e quer Deos que comamos este prato por seu amor, muito mais que mel, e açucar, que achamos na Divina suavidade.

As mais tenhaõ paciencia, que assaz me custa todos os dias, prégando, e assistindo a outras couças, acudir para varias partes em Cartas. E agora naõ há hora para mais. Lembre-se V. M. de me encommendar muito a Nosso Senhor, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e desejo. Sobre o que V. M. pede conselho dessa menina em outra Carta, a que naõ respondo, naõ me resolvo. Porque eu sou muito contrario de meninas, ou meninos nos Conventos. E tenho ainda mais fundamentos, que os de V. M. Mas tambem naõ querro que por meu voto fique fóra da Casa dos escolhidos, quem

quem nella pôde ser Santo, ou Santa. Faça lá o que Deos lhe inspirar, e a carne lhe naõ disser, 22 de Dezenibro. Guimaraens. Naõ prometto responder aos massos, que tenho recebido, porque naõ sei o que farei, ou o que Deos fará de mim. A Deos.

Servo inutil, e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Como as mais das Cartas, que se achaõ do Veneravel Padre, forao escritas a pessoas, com quem tratava de espirito, e com quem havia muitos annos tinha larga communicaçao, e em muitas materias, naõ faz mais que tocá-las; he dificultoso em algumas de colher todas as circunstancias de sua doutrina. Nesta Carta faz mençaõ de certas Veronicas, que parece lhe havia de mandar a Abbadeſſa deſta Religioſa, a quem escrevia, que seriaõ para uſar dellas nas Mifsoens, em que andava.

Diz, que naõ quizera que occupasse mais tempo em trabalho de maõs, que aquelle, que (excepto o da obediencia, e obri-
gaçao propria) se deve precisamente para allivio da natureza, e que fora disto gastasse antes o tempo, que restasse, em ler Li-
vros de Santos. Sabia o Veneravel Padre, que para quem se da-
va ao exercicio da contemplaçao, estas occupaçoes exteriores se naõ baõ de tomar mais que de necessidade. Porque como os
sentidos saõ instrumento do corpo, e as potencias do espirito, quanto se emprega mais neste trabalho, se enfraquece aquelle
recolhimento. E porque tambem este Sexo, a quem escrevia,
se applica com tanta efficacia, que he necessario ainda nas cou-
sas mais licitas conduzi-lo sempre com muita prudencia.

Diz no segundo paragrafo, que naõ ha de eſtranhbar certa tentaçao, pois que alguns Santos toda a sua vida a sentiaõ, que o ponto está em naõ consentir nella. E deſta sorte naõ he danno, mas he de proveito. A razao he. Porque de mais do me-
recimento, que se consegue em pelejar, se adquire o habito de
resistir. Diz logo as causas, de que esta tentaçao nasce. E por
nos

nos não dilatarmos muito, em tres eouças consiste o remedio, quando está em nossa diligencia. A primeira he, recorrer logo a Deos. A segunda, examinar nossa Alma, emenda-la, e correge-la. A terceira he, voltar totalmente as costas, sem fiar já mais, nem na idade, enfermidades, experiencias, meditaçoes, &c. Porque a velhos, moços, enfermos, e virtuosos, e ainda aos que naturalmente aborrecem este vicio, a todos he perigosa a guerra feita cara a cara. O negocio consiste em fugir, compor, e desprezar: fugir da occasião, compor a Alma, desprezar a memoria com paz, e paciencia.

Diz o Veneravel Padre, que como esta Religiosa era Mefira, que era necessario que fosse tentada. Desta licaõ usa ás vezes à Divina Providencia, para que aquelles, que saõ superiores, naõ sejaõ asperos, e imprudentes, e aprendaõ á sua custa a naõ desconsolar hum miseravel, pelo ver tentado: sendo que déra antes a vida, que ver-se combatido: e pode ser, sem o entender, servindo-lhe de grande merecimento. Mas naõ bastaõ ás vezes a hum miseravel os apertos, que lhe faz o demônio, trazendo-o em buna perpetua guerra, e tormento; senão que acha maior desconsolaõ, aonde buscava o allivio.

Diz, que a presença de Deos he ddiva da liberalidade Divina: isto he, certa presença, que nos move, e compunge. E ás vezes nos accende Deos estes movimentos, para espreitar nossos espíritos. A razão he. Porque com estas ajudas de custo não he grande sineza andar hum pouco recolhido, e composto: e assim nos próva Deos com a esterilidade. E por outra parte usamos ás vezes taõ mal de seus favores, que os retira, como indignos delles. Por vér se na ausencia sabemos sentir, o que na communicaçao não sabemos estimar.

C A R T A XXV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Uito Reverenda Madre Soror N. Naõ posso por agora dizer mais que huma coufa. E he , que summamente me envergonho de vêr que vivo , depois que tive huma suspeita , de que desejava amar a Deos. E o signal de que o naõ amo , he vêr que vivo. Se de huma leve faisca faço este discurso : Quem , tendo vida , pôde cuidar que como Salamandra poderá viver no incendio ? V. M. tambem naõ ama , pois vive. Com isto lhe digo tudo. Mas viva para morrer , amando a nosso Senhor , que guarda a V. M. quanto lhe peço. Março 20.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta pequena Carta escreve o Veneravel Padre a huma Religiosa , filha espiritual sua , como outras muitas ; mas de que fazia grande conceito. E estas poucas clausulas , para quem entendia por experienzia as operaçoes do espirito , comprehendiaõ altissimos documentos. Diz , que lhe naõ podia dizer mais , que huma coufa. E era , que summamente se envergonhava de que vivia , depois que tivera huma suspeita , de que desejava amar a Deos. E he muito de advertir , que chama suspeita a tantos annos de affectos , oraçoes fervorosas , mortificaçoes , penitencias , e grandes sentimentos do mesmo espirito. E a razao he. Porque saõ tão parecidos entre si alguns effeitos da natureza aos da graça , que sem huma revelaçao expressa naõ podemos segurar , ou distinguir , se saõ da Graça , ou da natureza.

reza. E se a tantas finezas chama suspeita, que cuidamos aquelles, que jámais sabemos desatar-nos dos laços miseraveis do amor desta vida? E nem diz ainda suspeita de que amava, se não de que desejava amar. Porque quando muito podemos suspeitar hum deseo, mas jámais segurárnos do affecto. E diz, que se envergonha de ver que vive. E com muita sabedoria em verdade. Porque depois que Deos nos deixa sentir o seu amor; se deixa que vivamos, he para que nos envergonhemos de quaes somos.

Para intelligencia desta clausula, he necessario entender que esta vida, de que falla o Veneravel Padre, he a vida da quella morte, de que diz S. Paulo: Eu já naõ vivo, vive em mim Christo: querendo dizer por este modo, que se elle amara de verdade, naõ sentiria tanto os combates da carne, e do sangue: que supposo que estes sem milagre se naõ podem extinguir nesta vida, sempre saõ de dor, e confusão para huma Alma amorosa. E diz, que esta era a prova de que naõ amava. Porque fallava o Veneravel Padre daquelle amor, que compára a Escritura á morte, ou ao Inferno, em que a natureza, ou naõ vive, ou he tormento o que sente. Diz logo, que se de huma leve faísca faz este discurso: Quem tendo vida pôde cuidar que vive entre o incendio, como a Salamandra? Podendo ser que havendo-lhe dado esta Religiosa conta de alguns grandes fervores de espirito, lhe diffesse por este modo, que naõ fizesse delles muito grande caso. Porque se nelle com huma suspeita era vergonha ter vida: Como seriaõ certos os fervores, que deixão vida ao discurso, para cuidar em si mesma esses sentimentos? E por esta causa diz ultimamente: V. M. tambem naõ ama, pois vive. Como se differa: V. M. vive, porque ainda sente que ama: querendo por este modo enfinar-lhe huma grande humildade, que he só o seguro nas consolaçõens, e esteridades de espirito.

C A R T A XXVI.*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Uando o Sol he mais ardente, levanta a terra
mais fumos, de que procedem maiores nuvens;
e, ás vezes, tempestades; e assim quando na
parte superior o Sol da Graça costuma mais ar-
der, da parte inferior se levantaõ essas contra-
riedades: e por isto me alegro muito com as más novas, que
V. M. me dá de si, e que eu espero que tudo Deos enca-
minhe para algum bem. Se sabemos usar dos ventos, as mes-
mas tempestades com mais pressa nos mettem no porto. O
negocio he, naõ descuidar-se o Piloto, naõ faltar á Náo o
governo: com que ha razaõ de vigiar. Porque em toda a
parte ha riscos, onde cahir. A Escritura diz, que quando
chega a noite, todas as feras passaõ pela selva. Assim quan-
do a Alma tem a noite, que eu desejo ter; que haõ de ter
os bons? Todas as feras do Inferno passaõ para a selva da
Alma. O negocio he, que passem, e que tenhamos pena
com ellas. Porque em lugar da culpa nos deixaõ tanto de mé-
recimento, como de martyrio: e quem o tem espiritual
nesta vida, naõ passa pelo Purgatorio, como S. Grego-
rio disse. Assim deseje V. M. padecer mais, e naõ se farte
nunca de padecer. Naõ se mate, porque o corpo se naõ ma-
ta: que as penas do espirito saõ penas de Aguia, com que
ao Sol se voa, e as nuvens se vadeaõ. As penas do corpo
saõ penas de Avestruz, com que ninguem se levanta: e
assim coma o corpo tudo o necessario, estando enfermo, sen-
do o fim servir com saude a Deos na Alma. Importa muito,
que vindo essas baterias, ande prevenida, e advertida com
os firmes propositos, resignações, indifferenças, e valen-
tias do animo, cuja victoria consiste em desprezar os demo-
nios, e os vicios, que naõ queremos, até zombarmos del-
les:

les: que entaõ nos deixaõ, sem dar no meyo dos labyrinthos, e apertos. Graças a Deos, eu ando como Deos sabe, da cabeça louco, dos ouvidos mouco, do peito rouco, do espirito naõ sei se escuro. Mas he preciso pregar até morrer: que poderá ser feja cedo. Naõ era máo, se fora em graça, para quem cada vez he mais ingrato, e deve a Deos maiores beneficios. Naõ tenha dó do meu corpo, do meu espirito sim. Lea por onde quizer, como sejaõ Livros Espirituaes, que tudo saõ iguarias de Deos, por peior, ou melhor Cozinheiro. Tenha V. M. muita fortaleza, brandura, e caridade, prudencia, e paciencia. E peça a Deos, huma, e muitas vezes, o que lhe falta, com muita confiança de alcançar o que lhe pede. E á honra das suas cinco Chagas faça todas as manhaás cinco actos de amor, e á noite outros tantos. E fe lhe esquecer, naõ tenha escrupulo, peça perdaõ a Deos, que a guarde, quanto lhe peço.

Servo inutil

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Consultava o Veneravel Padre explicar-se por exemplos, que sempre saõ mais efficazes, quando saõ bem proprios: como he este, com que nessa Carta mostra, como com o Sol da Divina Graça se levantaõ da parte inferior, que he terra pezada, e humida, vapores, e tempestades de tentaõens. E a razao he. Porque o demonio, vendo huma Al na illustrada, e favorecida, se esforça mais contra ella. E Deos como a toma mais á sua conta, lhe permite maiores combates, para que com a guerra adquira maiores merecimentos, e faça melhores habitos. E por esta razao diz, que se alegra com as más novas, que lhe dá de si, para ir fortificando-lhe a confiança por esta discreta metafora. Advertindo-a com tudo, que importa naõ descuidar-se. Porque naõ os perigos menores, onde os favores jaõ grandes.

No segundo paragrafo lhe aponta um lugar da Escritura, com que qualifica mais a mesma doutrina: mostrando, que as tentaõens parece que naõ tem meyo. Porque se jaõ admittidas,

das, saõ culpa ; se resistidas , de grande merecimento. E só quem com fortaleza souber vence-las nessa vida , conseguirá a palma do martyrio na outra.

Diz , que deseje padecer mais , mas que naõ se mate querendo insinuar-lhe por este modo , que a principal mortificação ha de ser a interior. Porque esta ha só a que , destruindo os appetites , faz que huma Alma vire das prizoeis da vontade , sobre si mesma se remonte.

Diz-lhe , que coma , e beba ; entende-se o preciso , conforme seu presente estado , e com o fim de servir melhor a Deos. Porque sem estas condicōens fora hum erro , que faz ao homem commun com os brutos. Torna a advertir , que quando vierem as baterias das tentaçōens , ande advertida , e prevenida com os firmes propósitos , resignaçōens , &c. , e que he necessario desprezá-las ; porque este he o signal de que começāo a ser vencidas.

C A R T A XXVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uma de V. M. escrita em vinte sete de Agosto , que he assaz antiga , me déraõ ha mais de hum mez. E naõ pude responder , como a outras , por faltar-me o tempo , e naõ a vontade de servir a V. M. A quem agradeço esta confiança , que tem commigo. E estimaõa muito , que assim como o espirito de V. M. tem commigo este desaffogo , tivera o meu algum prestimo. Para muito tarde se guardava a appellaçō das presenças. Porque tenho por impossivel que seja cedo. (quando Deos queira que seja) Entretanto folgára de acertar em servir a V. M. Mas farei o que posso , quando naõ chegue ao que devo.

Todo o mal de V. M. he naõ acabar de entender , que quanto for maior o fastio , e dislabor , com que se puzer na oraçō , tanto será maior o merecimento. Porque Nostro Senhor naõ nos pede que estejamos alli diante delle com

grande espirito, e gosto; senaõ que estejamos alli; e que a pezat da vontade a mesma vontade esteja com o seu pezar, fazendo este serviço, onde naõ devemos ir buscar-nos a nós, senaõ a Deos. Busca a Deos quem enfadando-se muito de estar de joelhos, ou como pôde, diante delle, está por contentar a Deos, ou esteja consolada, ou desconsolada, ou devota, ou indevota. Busca-se a si, quem só está na Oraçao em quanto dura a consolaçao; e assim faça V. M. por tomar huma meya hora de mais a mais de suas obrigaçoes, em que faça este sacrificio a Deos, aindaque naõ cuid outra cousa mais que dizer: Senhor, eis-me aqui. E para isto basta cuidar que Deos está vendo a V. M., e que se a vê devota, lhe dê disso muitas graças: se peccadora, e miseravel, lhe peça muitos perdoes. Tome para a Oraçao cinco cousas, que lhe servem tambem para a Communhaõ. E pergunte-se.

Primeira: Com que Fé, ou certeza estou, de que estou diante de Deos? E faça por crer, e dizer a Deos: Senhor, eu creio que he impossivel naõ estar diante de Deos. Segunda: Com que reverencia estou diante da Divina Magestade? Senhor, nenhuma. Mas se eu pudéra estar com a que estaõ os Anjos, Santos, e Serafins, com a mesma humildade, e reverencia estivera. Com que fim, ou motivo venho a este lugar? Senhor, venho por vos agradar a vós, e naõ a mim, e nem a mais ninguem, e quizera estar aqui com a tençao, com que vossa Mäy Santissima estava diante de vós.

Com que proposito estou aqui? De emendar-me, e nunca mais peccar. Senhor, de hoje em diante morrer antes, que peccar: ou emendar, ou morrer. E com quanto amor estou desta Divina Bondade, Formosura, e Omnipotencia, &c.? Com nenhum amor, meu Deos. Mas se eu pudéra amar-vos, como todos os Bemaventurados, e de cada creatura do mundo pudéra fazer hum Reyno do Ceo, assim o fizera por vosso amor.

E feito isto, fique-se em Deos, amando-o, ou considerando-o. E tire desta Oraçao, quando mais naõ seja, vergonha do pouco que tem feito por Deos, proposito de nunca mais peccar, resoluçao de fazer quanto puder fazer. E

veja

veja se pôde seguir os Exercícios da mortificaçāo, que dei-
xei nesse Convento, especialmente tomar por sua conta
huma virtude, em que se exercitar sempre, e se esmerez mais,
que nas outras. E esta seja a Santa Humildade. Faça o que
lhe tenho dito. E naõ espere que Nosso Senhor lhe puxe
pela toalha, naõ lhe faça outras forças, que dat-lhe este
avizo. Mas creia sem duvida, que em se pondo nisto, lhe
perdoa todo o passado, e que a toma por sua conta, para que,
aindaque seja cada vez mais miseravel, a ame, e favoreça,
querendo que V. M. com elle tenha toda a confiança. Avize-
me V. M. de como lhe vay. E naõ desanime com cousa ne-
nhuma: que temos hum Deos, cuja misericordia he infinita-
mente maior que nossas culpas. E como he Medico de Al-
mas, naõ folga tanto de curar achaques leves, como de sarar
os mais graves. Encommende-me a Sua Divina Magestade,
que guarde a V. M. como lhe peço, e delejo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa,
que, como outras muitas, lhe dava conta de sua cons-
ciencia.

Diz-lhe no segundo paragrafo, que todo o seu mal era
naõ acabar de entender, que quanto fosse maior o fastio, e dis-
fabor, com que se puzeisse na Oraçāo, tanto seria maior o me-
recimento: naõ porque este diffabor, e fastio se haja de buscar
de proposito; mas porque quando Deos nos põem no Calvario,
he o exercicio naõ só mais seguro, mas mais perfeito. Porque a
perfeiçāo consiste em estar á vontade de Deos, e naõ á nossa vontade.
Por esta razão lhe aconselha mais meya hora dessa Santa
violencia.

Diz-lhe, que se pergunte a si mesma, com que Fé, ou
certeza está diante de Deos: com que fim, ou motivo: com que
proposito: com que amor. Porque sabia o Veneravel Padre, que

ordinariamente muitas pessoas mal mortificadas se põem na Oraçao, como por costumz, sem attençao actual, sem affecto, e outras circunstancias, com que ie devem assistir naquelle acto. E por esta razão lhe diz, que se esnere na Santa Humildade. Porque de todos os nossos defeitos he remedio esta virtude.

Finalmente, diz-lhe que não espere que Nosso Senhor lhe pegue Pela toalha. Porque ha pessoas, que tendo luz, e desejos de aproveitar, não acaba bem de se resolver, e nunca sabem de se remisso cuidado, nascido da pouca fortaleza, e liberdade de espirito.

CARTA XXVIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Agradeço a V. M. este memorial, que me dá, do estando em que puz a meu Senhor Jesu Christo, para que quando o puzer diante dos olhos, me sirva de espelho de meus peccados, aos mesmos passos que se me inculca como lamina do Amor Divino. Oh que bom despertador, se a minha Alma andára como relogio, e aprovártara as horas, que desperdiça minha froxidaõ, e descuido !

Todas as mortificações, que tinha posto a V. M. lhe tiro esta semana. E todas lhe commuto, em que faça, quanto puder, por andar na presença Divina. Porque desta não ser continua em tudo o que obramos, nascem as ruinas, que padecemos. Quem quer bem a alguma pessoa, sempre folga de cuidar nella, e de fallar nella, quando pôde. E se V. M. quer bem a Deos, nisto se ha de ver; fallar, e cuidar nelle quanto puder. Porque como em toda a parte está Deos, achá-lo-ha em toda a parte. E não he necessario outro Oratório, ou Templo, mais que em si mesma; pois em nós está por essencia, presença, e potencia. Queira Deos, que também por Graça, e amor perpetuo. A Enfermaria me conten-

to que V. M. vá vêr simplezmente: os enfermos, os dias que puder: e lá menos mortificaçao se deve usar, a fim de contentar a Deos, alegrando os seus enfermos. Naõ vi o Lívrinho de S. Philippe Neri, que V. M. me diz. Vêr a todos, he bom; mas convém atar o entendimento, e naõ querer caminhar por todos, no que toca á Oraçaõ; na mortificaçao isso sim. Porque todas se haõ mister. Mas nesse sexto exercicio de Eusebio achará V. M. todas. Nisto de parecer com Santos me naõ falle V. M. mais neste mundo. Mas antes lhe encommendo, que espreite muito, com que diabos mais me pareço. Porque em quanto tenho tempo na vida para chorar meus peccados, posla fazê-lo: e mais vêm quatro olhos, que dous. Já que me naõ pôde emprestar os seus para chorar, emprestemos para vêr. O Senhor estimo muito; mas cuido que me aproveito mal delle. Provavelmente irá hoje para outra parte. Peço para isto licença. E cuido que lhe faço a elle, e a V. M. alguma boa passagem; pois o tito de quem taõ pouco o sabe amar, para quem muito mais lhe há de querer. Applique V. M. este Jubileo, quanto pôde, pela mais má Alma, que houver na Igreja de meu Senhor Jesu Christo: que entendo me ficará em caça o proveito, e a V. M. lhe naõ fará danno. O que eu disse daquelle humildade, que naõ era muito ser pequeno entre grandes, senão muito pequenino á vista dos mais pequenos: prova-se com humas palavras, que disse Samuel a Saul, reprehendendo-o de soberbo, com o tempo em que fora humilde: *Cum parvulus effes in oculis tuis, caput in tribubus Israel factus es?* E porque naõ pequeno em seu coraçaõ? O coraçaõ de Saul era grande; e ser pequeno á vista de quem he grande, naõ he muito. As meninás dos olhos saõ muito pequeninas, ainda que os olhos sejaõ grandes. E ser pequeno á vista de pequeninos: *Cum parvulus effes in oculis tuis:* essa he da humildade a grandeza. O nollo Capitulo encommende muito a Deos, que pende delle, ou a nolla reforma, ou muita parte da relaxaçao: e por isso intento trabalhar, quanto puder, porque se ajuste o melhor, aindaque desgoste a todos. Porque o meu intento he só contentar a hum, que está no Ceo. Peça-lhe V. M. fortaleza, e luz, para que naõ erre,



e nem desmaye com as contradicções: que de mim sou a mais fraca couça, que tem o Mundo.

Os quebrantamentos do corpo naõ eraõ máos, se V. M. soubesse navegar com as tempestades. Mas receyo-lhe, que o espirito se fique com os delmazelamentos, e a Alma com os quebrantos. Esforce-se o espirito nos males desse inimigo, que quanto mais fraco, menos damnoso. Elle tem a condiçao dos polvilhos, que só moidos prestaõ. Deos, e a sua Igreja naõ deo até agora jejum de paõ, e agoa. E perfeitamente jejua, quem come huma só vez o que basta para sustento, deitando fóra o regálo: e á noite naõ quebre o jejum. Desta maneira quero o de V. M.

A seu irmão naõ he necessario que V. M. falle no meu sentimento, que melhor me será cuidar o peior de mim. Cancei-me com V. M. mais; porque tendo eu praça de seu Pay espiritual, naõ convinha mentir-lhe. E V. M. me escreveo lhe disserão, que eu permittia aquella diligencia. E tal naõ houve nunca. E assim baste-me que fique em V. M. a certeza do que lhe digo, sem que rompa fóra dessa nuvem o trovão, que pôde servir de credito. E assim lhe mando, que lhe naõ diga nada disto.

Peço que continue V. M., e que me encommende a Nosso Senhor; que astaz he necessario o socorro a meu espirito miseravel; e que peça o mesmo a todas as que puder, para que todas roguem por mim a Sua Divina Magestade, qae guarde a V. M. como lhe peço, e desejo.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A

Esta Carta começa o Servo de Deos, dizendo, que agradece o memorial do estado, em que puzera a Nosso Senhor Jesu Christo: isto era, hum Registo do Senhor atado á columna; porque sabia que ainda aos mais perfeitos saõ ordinariamente necessarios estes despertadores mysteriosos.

No segundo paragrafo diz, que todas as mortificações, que lhe havia posto, lhe tira por aquella semana: commitando-lhas, em que faça, quanto puder, por andar na presença de Deos; porque de não ser esta continua nascem as ruínas, que padecemos. Chama ruínas não só ás quedas espirituais, em que cahimos, mas ainda ás perdas das virtudes, em que trabalhamos: que por hum descuido perde ás vezes huma Alma fabricas de muitos amos em huma só hora, se não toma a presença de Deos por remedio preservativo em todos os momentos do espirito. Diz, que não he necessario outro Templo, mais que o coração proprio. Porque, supposto que Deos está em toda a parte, quem o buscar fóra de si, achará sempre a Deos; mas achá-lo há fóra de si. E não pôde haver maior ignorancia de huma criatura, que ir buscar a outra parte o que ama, podendo achá-lo em si mesma.

Diz, que bom he vér todos os Livros Espirituas; mas que convém não querer seguir o estyo de todos. Porque desta variedade continua nasce não acabar cousa alguma. Diz, que lhe não falle em se parecer com os Santos; mas antes lhe encomenda que espreite com que diabos mais se parece. Porque em quanto vivemos nesta vida miseravel, não ha caminho mais seguro, que a lembrança de nossos peccados, de que estamos arrependidos. Porque a Contrição he hum correctivo, que faz antidoto deste veneno.

Diz, que não eraõ máos os quebramentos do corpo, se não fraqueassem os exercicios. E he hum ponto este, que se deve considerar com madureza, principalmente quem governa Almas. Porque nem todos os exercicios bons, saõ para todos bons exercicios: que supposto diz o Veneravel Padre, que o corpo quanto mais fraco, menos damoso he ao espirito; diz isto por regra geral, como se colhe da primeira clausula, em que mostra o recesso, de que fraquece a Alma com a natureza.

C A R T A XXIX.

O Amor de Deos more em vossas Almas.



Uito amadas Irmaãs em meu Senhor Jesu Christo. Chegou-me huma Carta vossa , que muito estimo. Nosso Senhor vos conserve a vida , e a graça , para que em seu santo serviço alcanceis muitas Coroas. Fazei muito pelas virtudes , especialmente pela caridade , e paciencia , com as quaes , a modo de duas azas , as Almas voaõ , e ninguem sem ellas se salva. Na fornalha se prova o ouro , e o espirito nas contradicões. Na bonança qualquer governa , na tempestade se mostra o bom Piloto. Este mundo he valle de lagrimas , e de agonias : máo final fora nelle viver em contentamento. Assim como entre espinhos nasce a Rosa , assim entre as affliccões a graça. Dai graças a Deos pelas vossas penas , que he o que mais na vida vos serve : tudo isto he traça de Deos , para que enfadando-nos deste enganoso mundo , deste penoso desterro , suspiremos pela Celeste Patria , e nella tragamos os cuidados , e os sentidos. Os bens , e os males do mundo , todos quasi saõ de huma cõ nos Servos de Deos ; porque naõ estimaõ huns , nem desejperaõ com outros. Por tudo dai graças a nosso Senhor , que he Pay de Misericordia ; até para nosso bem permitte o nosso mal. O tempo passa , para a Eternidade se caminha , que quem traz os olhos nella , de nada do tempo gosta , tudo leva bem das maõs de Deos. Fazei-o vós assim , pois Deos vos chamou ao estado de suas Esposas , que convém que sejaõ como a Açucena entre as espinhas , e que se vistaõ da mesma libré do Esposo : que foi , bofetadas , açoutes , affrontas , escarneos , feis , Cruzes , risos , mortes. Estas paraõ na felicidade eterna , onde nos servem de joyas. Os outros bens , que o mundo estima , páraõ na infernal miseria , onde eternamente se chora. Cedo partirei , dando-me Deos vida. Pedi-lhe se faça

se faça em mim tua gloria, e honra. Se por lá estiver Fr. Joaõ, dai-lhe minhas lembranças. A todas essas Senhoras as mesmas. E lhe pedí me encommendem a Deos, e vos guarde, como lhe peço. Viteu 27 de Agosto de 1678.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmaõs. Diz lhes, que façaõ muito por todas as virtudes, especialmente pela caridade, e paciencia; com as quaes, como com duas azas, voaõ as Almas. A razaõ he. Porque com a aza da caridade se voa de Deos ao bem de proximo: e com a paciencia se voa do proximo á gloria de Deos. Traz o exemplo do ouro na fornalha, seguindo o mesmo exemplo. Porque a caridade se significa no fogo, e a paciencia nos golpes do martello: naõ tendo por segura a virtude, que se naõ purifica pela contradicção, como só se acredita o Piloto na tempestade.

E diz logo, que neste valle de lagrimas fora muito máo sinal viver com contentamentos. Esta doutrina he amarga; mas só he solida, e verdadeira. E daqui nasce, que rara será a Carta, em que o Veneravel Padre naõ aconselhe a mortificaõ, com huma notavel instancia. Porque ha pessoas espirituales, que vivem ás vezes muito satisfeitas com huma paz superficial, que como naõ foi adquirida pela contradicção, quando naõ seja falsa, he pouco segura.

Diz, que as penas, e miserias desta vida, algumas vezes he traça de Deos; para que fatigados nos desenganemos dos bens deste mundo. E isto he tão certo, que ainda mal, porque raras vezes buscamos a Deos, sem ser forçados deste desengano.

C A R T A X X X .

ditum

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

M quanto V. M. tem para si, que lhe pôde servir de titulo o que anim de gosto, nem quero ter esse gosto, nem que V. M. me dê esse titulo. Quizera a minha vileza as lembranças, que servem de despertador de minha miseria, naõ aquelles padroados, que podem ser throno da minha vangloria. Mortifique-se V. M. ainda em ser Senhora. Naõ cuide, que está já taõ humilde, e vil, que possa ser escrava, nem tanto no estado da Innocencia, que de quatro annos lómente possa ser filha. Eu tambem tenho dado em esteril. E como para nada presto, hei mister ter huma grande Senhora, que me sustente no espírito. E para isso busco huma Religiosa desse Convento, que deve de ser grande Senhora das suas paixões, e affeções, potencias, e fentidos. E quem for Senhora desta familia, grande Senhora he: especialmente, se para accommodar-se á si, depois de senhorear a todos, escolher o Palacio do nada, que he a casa dessa Senhoria. E he menos que nada, se faltar a maõ de Deos! Mas espero eu, que naõ falte, antes ajude tanto a V. M. que nesse aposento do nada lhe communique o tudo, que he hum fino, ardente, e incessavel, infatigavel, perseverante, eterno, e além de tudo quanto se diz, puro, brando, forte, excessivo, vehementemente, incomprehensivel Amor de Deos, que nunca se farta, nunca se enfada, nunca cessa, sempre arde, sempre voa, sempre se absorbe no pégo immenso, invadeavel, infinito, inexplicavel, sobreprofundo além de immenso, e mais que infinito, além de sobreamavel, e incomprehensivel bondade, bondade, bondade, bondade, bondade, e infinitas bondades de Deos. Oh meu Deos, quem naõ dislera mais, nem cuidára mais, nem vivêra em mais, nem amára mais, e amára mais, ardêra mais,

ra mais, servira mais, até totalmente ficar absorto, transfundido, sobrelevado, incluso, morto, sumido em vóia bondade imensa! Bendito seja para sempre tão bom Senhor. Fique-se embora, que não estou agora muito para escrever. Responda-se ao que faltou em quanto não escrevo. A Deos. Fico de saude. A Barcellos podem ir as Cartas.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta era resposta à huma Religiosa do Convento de N. a qual o Veneravel Padre estimava muito por seu espirito. E como elle tratasse a todas com aquella polícia Catholica, que se costuma, com o nome de Senhoras, esta filha espiritual sua lhe dizia, que mais merecia o nome de escrava, ou ao menos de filha. E o Veneravel Padre, depois de se humilhar a si mesmo, (que he o melbor meyo de poder persuadir esta virtude aos outros) lhe diz, que se mortifique, e crea, que ainda he Senhora. Porque não está tão humilde, como se considera, nem tão desfeita de suas paixõens, que possa ter direito ao nome de filha. E he para reparar, que quando diz escrava, não põem termo ao tempo, como quando diz Senhora. A razão he. Porque a huma grande humildade, significada no nome de escrava, não basta muitos de vida, se não se qualifica com huma hora da morte, bastando repetidos actos para a sinceridade do nome de filha.

Logo lhe ensina discretamente, como se adquirem estas virtudes, que he contrastando suas paixõens mesmas, e reduzindo-se ao nada do ser humano, por bem bem fundado conhecimento proprio, e que só este he o estado, em que Deos assiste em huma Alma de assento, e por huma luz soberanamente infundiada, conhece que só Deos he tudo dentro daquelle nada. Porque vazio o espirito de si mesmo, necessariamente ha de ser de Deos ocupado. En estes termos, parece que o Veneravel Padre, posto tambem neste nada, se remontava com o affecto desorte, que diz

Cartas do Veneravel Padre
diz naõ está para passar adiante , sendo esta mesma causa a razão , que melhor provava esta doutrina.

C A R T A XXXI.

O Amor de Deos arda em vossas entranhas.



Rmaás , e Senhoras minhas. Deos , que assim he servido , assim deve ser melhor. Pôem-vos na sua Cruz ; porque melhor he acompanhá-lo na Cruz das enfermidades padecendo , que cuidar nelle na Oraçaõ meditando-o. Pôem-nos assim em todas estas angustias , para mostrar-nos , que do fundo maior de nossas misérias faz o throno de sua misericorda. Naõ quer Deos de vós agora outra oraçaõ , nem mortificaçāo , mais que a paciencia com os males , conformidade com Deos , sofrimento com vosco , e a mansidaõ com o proximo. Deixai-vos ir por onde Deos vos leva , e naõ o queirais governar : dizendo , que se tivereis saude , fizereis , e acontecereis. Porque se vós naõ tendes agora paciencia para sofrer tão pouco , como haveis de ter depois espirito para sofrer o mais ? A perfeiçaõ naõ consiste em fazermos quanto queremos , se naõ em levar com quietaçāo de animo o que Deos quer fazer de nós. Soffrera de bôa vontade os vossos males , porque vós os naõ tivereis. E pudéra ser , que os sofrera eu muito peior. Mas já que Deos me dá a mim saude , e a vós enfermidades , firvamo-lo todos , eu lidando , e vós soffrendo. A' Senhora Subprioresa dareis meus recados , e a todas as mais Irmaás. E vede quanto mais chagas tem este Christo , do que vós tendes. A Deos , que vos escolha o melhor.

Irmaõ , que mais vos quer em Deos.

Fr. Antonio das Chagas.

NO-

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmaãs, a quem amava muito, naõ mais pelas razoens do sangue, que pelas de suas virtudes. Diz-lhes, que melhor he padecer a Cruz das enfermidades, que contemplar nella pela Oraçaõ. Porque sabia por experienca, que a mortificaçao resignada he o chrysol verdadeiro, e seguro, onde se apura o ouro do espirito, e que sobre este fundamento edifica Deos em huma Alma seu throno. A razao he. Porque quanto mais desfazzemos da natureza, tanto mais amplificamos o lugar á graça. Diz-lhes, que naõ quer Deos, quando estamos enfermos, que façamos outra mortificaçao, ou tenhamos outra Oraçaõ. E he claro. Porque nehumha pôde ser taõ excellente por eleiçao nossa, como aquella que Deos nos elege; que tambem he nossa por conformidade. E enganaõ-se muitas pessoas, quando por esta razao cuidaõ que naõ fazem nada. O ponto consiste na paz, paciencia, mansidaõ com o proximo, e resignaçao, com que acceitamos as penas da maõ da Providencia Divina, com que nos prova. Porque naõ busca em nós tanto as austerioridades grandes, como a grande resignaçao, e humildade.

C A R T A XXXII.

O Amor de Deos more nas nossas Almas.

Inha Irmaã, e Senhora. Sinto os vossos males, e a nosso Senhor peço a melhoria delles, e toda aquella saude corporal, que vos desejo. Se as almas se curaõ, facilmente os corpos convalescem. Curai a vossa Alma com Confissao, e Contriçaõ de peccados, e com muitos actos de amor de Deos, entregando-vos cada vez mais á sua Divina Vontade, e lançai-vos toda nos braços de sua Misericordia, dando-lhe graças pelos males, tanto como pelos

pelos bens : que isto agrada muito a nosso Senhor. E sabei ; que quando elle nos crucifica , devemos tirar-nos de todas as outras Cruzes , e fazer por levar bem a que elle nos dá.

A paciencia alegre , a Oraçaõ amorosa , e a perseverança firme , agrada muito a Deos. Exercitai estas virtudes , louvando em tudo a nosso Senhor , que vos guarde , quanto lhe peço , e desejo. O melhor brinco de sangria , que vos posso mandar , he esse papel de Oraçaõ , que servirá a todas. E o dai de minha parte á Madre Prioreza , para que o ponha no Coro , onde todas se aproveitem. O Sepulchro , com o favor de Deos , irá commigo : já está melhorado.

Irmaõ , e amigo.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma sua irmã Religiosa. E por ella parece que se achava enferma , e consequentemente com alguma afflictão interior : as quaes melhor se conhecem no tempo da enfermidade , aonde as do espirito mal se dissimulão na falta da saude. Diz-lhe , que se as Almas se curão , facilmente convalescem os corpos. Porque succede muitas vezes em pessoas espirituas , que pelo descontentamento mal regulado , que tem de si mesmas , nascido do onor proprio , não podendo soffrer seus defeitos , nascem-lhes certa melancolia , que causa tão extraordinaria desordem de humores , que jendo a enfermidade no corpo , he causada de espirito. E por esta razão , e porque ainda nos achiques puramente , que tocaõ só à saude , a resignaõ , e desengano he huma grande parte do remedio : e como o Veneravel Padre tinha estas experiencias (por haver tratado com tantas Almas) por esta causa lhe diz , que façam huma Confissão bem feita , se lance nos braços de Deos , e se resignem na Vontade divina.

Diz-lhe , que quando o Senhor nos crucifica , isto he , com enfermidades , e outras quaesquer mortificaõens , que devemos deixar todas as outras cruzes , para levar melhor a que Deos nos

nos dá. Mas amamos tanto a eleição propria, que sempre a que não be nos fa, nos parece mais pesada, por mais leve que seja. E por isso a exhorta tanto á suavidade dos exercícios proprios.

nos dá. Mas amamos tanto a eleição propria, que sempre a que não be nos fa, nos parece mais pesada, por mais leve que seja. E por isso a exhorta tanto á suavidade dos exercícios proprios.

C A R T A XXXIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

A Luz não arde sem fumos, o Sol não lustra sem que alguma borrasca de nuvens lhe eclipse por algum tempo os rayos, o ouro não nasce sem fezes: e assim V. M. console-se, aindaque com imperfeições se veja defeituosa nos seus santos exercícios. O que importa, he continuá-los. Porque hum passo, que cada dia damos para diante, fará que em breve tempo nos achemos adiantados, e feito algum caminho.

Livre Deos a V. M. de largá-los, e ao menos a santa Oração. Porque quanto cuidar que se affasta della, tanto se alonga de Deos. Melhor he, ou mal, ou bem, estar chegada a elle, que dar-lhe as costas. Isto faz quem seus exercícios larga. E se he máo com imperfeições estar perto, quanto peyor será com peccados, e fugir de Deos, e pôr longe, e deitar a longe! Agora purga V. M. seus desuidos, e Deos se glória nessa pena, assim como se offendia nessa culpa: e quer vêr se V. M. o busca alli; que he aturar, e accommodar á sua vontade: ou se se butica a si; que he só estar alli, em quanto a consolação dura. Quem ama a huma pessoa, não tem maior deleite que cuidar nella, ou conversar com ella. Isto fazemos na Oração. Se V. M. quer bem a Deos, isto ha de fazer. Metta-se nas suas Chagas, e dellas fará Ermidas, onde esteja, falle, coma, viva, e ande continuamente, aindaque se ache totalmente ás escuras. Aprenda amar a Deos ás cegas. Faça contra as rebeldias da Natureza alguma diligencia: que em esta se vencendo, está vencido tudo. Esta semana visite V. M. cada dia tres vezes o

San-

Santissimo Sacramento ; mas que naõ seja mais que com hum Padre nosso ; guardando cada dia hum sentido. Tenha o dia de Communhaõ silencio , em que naõ falle mais que respondendo o que basta. E sobre tudo use dos Rosarios do Amor de Deos a cada conta : Meu Deos do meu coraçao : Amor eterno meu. E encommende-me a Deos , que porque me chamaõ , naõ posso ser mais largo. A Deos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

Esta Carta começa o Veneravel Padre com exemplos naturaes : para mostrar (como elle dizia muitas vezes) que naõ ha creatura , de que naõ possamos tirar alguma doutrina : e assim lhe diz , que se consolz , ainda que se veja com imperfeçoes. Porque se aquellas jaõ accidentes da natureza , como pode de queixar-se quem sobre effas penhoens tem as da culpa ?

Diz , que o que importa , he continuar os exercicios. Como quem sabia , que naõ ganha a Coroa , senaõ quem persevera. E assim lhe diz , que ao menos em nenhum caso largue a Santa Oraçaõ. Porque tinha por certo , como prudente , e experimentado , que se se perseverava na Oraçaõ , antes acrecentaria , do que deixaria nenhum exercicio. E por esta causa com destreza Santa particularmente lha encommenda.

Diz , que agora paga seus descuidos , querendo-lhe dizer , que os ruins habitos naõ se desfazem , senaõ pelos exercicios contrarios : que isto se entende a purgaçaõ do espirito. E por esta razao diz , que quer Deos ver , se ella o busca a elle , ou se busca a si : onde a melhor prova está entre a nossa vontade , e a Vontade Divina. Entre as quaes naõ pôde haver indifferença sem repugnancia , nem repugnancia sem suspeita : que com a pacientia se purifica na perseverenca.

C A R

CARTA XXXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Adre Soror N. O primeiro passo dos que amão a Deos, he huma resoluçao forte, e determinada a usar dos meyos necessarios para taõ alto fim. O meyo mais efficaz he a santa Oraçao. Esta para os que começo, e tambem para os que acabaõ, he pôr-se em lembrança de Deos com a possivel reverencia. Benzer-se, e fazer huma grande cortezia á Santissima Trindade, fazer hum Acto de contriçao, ou dizer a Confissao, e logo pedir a nosso Senhor a luz necessaria para estar como convém na sua presença, para examinar as culpas, para offerecer-lhe a Alma, e para melhorar de vida: Meu Deos, dai-me vossa luz para conhecer vossa Bondade infinita, e amá-la quanto posso, e para conhecer minhas miseras, e chorá-las quanto devo. Depois disto naõ examine os peccados, que tem feito, senão os beneficios, que tem recebido. Como agora, fallando com Deos: Meu Deos, vós me creastes de nada; e deter-se na consideraçao do que era ha cincoenta annos, e de que Deos a pudera deixar no abysmo do nada, onde deixou infinitas criaturas, Anjos, e Serafins, que pudera crear, e naõ creou. Depois o beneficio da conservaçao, e que tantas criaturas o servirão desde o ventre ao parto, do parto ao berço, do berço ao mundo, do mundo até agora, em que no mar os peixes, no ar as aves, na cozinha o fogo, na terra os fructos, e nas gentes tantas Pessoas concorrerão para a sua vida, vestido, sustento, regálo, saude, e augmento. O que Deos naõ fez a tantas outras pessoas: matando humas no ventre, outras no berço, outras ao desamparo. E depois cuide o beneficio da vocaçao á Igreja, fazendo-a Christaã, o que naõ fez a outras tantas pessoas, que deixou em Turquia, Ásia, Europa, Inglaterra, &c.

Depois à particular vocaçao para a Religiao, que he final de predestinada, e escolhida. O que naõ fez a tantos,

que estaõ no mundo, nem para isto lhes deo geito, nem auxilio, &c. Depois cuide no beneficio da Redempçao, em que o mesmo Deos se fez Homem, para vir morrer por V.M. O que naõ fez pelos Anjos, nem por muitas outras criaturas. E ultimamente cuide nos beneficios do sangue, da feiçao, do entendimento, da pessoa, dos auxilios, e de muitas occasioes, em que a livrou dos perigos, de peccados, e do inferno. E depois veja o retorno, que por isto tem dado a nosso Senhor, e quanto o tem servido, ou offendido, e com pena de naõ ter maior pena de seus peccados. Peça-lhe contrição, lagrimas, penitencia, e dor de sua ingratidaõ: fazendo firmissimo proposito de antes morrer, que peccar. Peça-lhe tudo o que naõ tem, o amor, a humildade, a mortificaõ, para o agradar, e servir. E em quanto naõ temos estas coulas, quer Deos que com grande extremo lhas peçamos. E ou receba muito, ou pouco, de tudo isto lhe demos muitas grazas: convidando a Virgem Maria, os Anjos, e os Santos, o Sol, e a Lua, e todas as criaturas, para que por V.M. o louvem. E no cabo faça cinco actos de amor de Deos, ainda que naõ seja mais, dizendo: Meu Deos, e meu amor. Ou o que já lhe ensinei: Meu Deos, em vós espero, em vós creio, e a vós mais que tudo amo, e me peza de vos ter offendido, e proponho antes morrer que peccar, tende misericordia de mim. Gaste em isto, ao menos, hum quarto de hora. Beije no fim a terra. E vá-se ás outras obrigaões: fazendo, quanto puder, em andar em amorosa lembrança da Divina presença: despejando a Memoria de outras figuras, o Entendimento de outros cuidados, a Vontade de outras affeçoes. E se peccar, e cahir, com suave sentimento, e conhecimento de sua miseria, naõ estranhando as ruinas, torne a Deos, pedindo-lhe misericordia. Isto me ponha por obra, sem falta, duas vezes no dia, tendo saude. E naõ tenha outra casta de Oraçaõ. E lhe mando que me dê conta de como se acha. E tome cada semana huma disciplina álem das da Comunidade; naõ estando enferma. E encommende-me a Deos, que guarde a V.M. quanto lhe peço todos os dias.

De V.M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NO-

N O T A.

Esta Carta comprehende huma excellente direcção para as pessoas, que se resolvem a querer seguir a vida espiritual. E logo no principio contém huma doutrina tão importante, que pela não praticarem, tornaõ muitos atrás ordinariamente. Diz o Veneravel Padre, que o primeiro passo he huma resolução forte, e determinada; mas esta não basta, se, como logo continua, se não tomaõ os meyos proporcionados para o mesmo intento. Que importa querer edificar huma torre, ainda que se tenha a cal, e a pedra, se não houver andaimes, cordas, e escadas? Resolvem-se muitas pessoas com o peso da consciencia a mudar de vida: porém como para este fim he meyo seguir a Oração, assi-ssir aos Santos exercícios, largar a Comedia, e os intretencionamentos superfluos; e não querendo abraçar estes meyos precisos, toda a sua fábrica he imaginaria; e ao menos fundada na areá.

Diz-lhe mais abaixo, que não examine primeiro os peccados, que tem feito, senão os benefícios, que tem recebido. E falla o Veneravel Padre como quem tinha tantas experiencias. Porque a huma Alma, que está ainda fraca, não convém offercer-lhe o primeiro objecto, tão triste, e tão horroroso, e peñado: antes o da Bondade infinita, que incita o agradecimento, e forçando a confiança. E depois de continuar com discreta doutrina, lhe diz ultimamente, que se peccar, e cair, que com suave arrependimento, e conhecimento de sua miseria torne a Deos, e lhe peça misericordia. Porque no mar das suas misérias humanas (principalmente quando se começa a largar as vélas) se se não navega com muita prudencia, qualquer borrasca parece tormenta, e desanima huma Alma, se não tem quem a governe com a sabedoria, com que o fazia o Veneravel Padre: como mostraraõ tantas experiencias na conversão, e perseverança de tantas Almas levantadas da culpa.

C A R T A X X X V .

O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. M.



Rmaã, e Senhora em meu Senhor Jesu Christo. Nada posso responder a este papel de V. M., que nelle naõ veja escrito. Estive para o catar, e tornar a V. M., para que nelle, como em espelho, se visse, excepto faltar-lhe a V. M. o conhecimento do muito, que de Deos em vaõ tem recebido; pois esperava receber mais. O bom criado nunca se tem por digno da bõa, ou má razaõ, que recebe. E o que falta a V. M. entre outras muitas poucas, he esta huma, naõ conhecer que tudo o que naõ he estar já no Inferno, he summo favor da Divina Misericordia. Por cuja causa se este conhecimento estivera assentado na Alma, tivera-se V. M. pela mais favorecida mulher, que tem o mundo. Porque vira claramente, que até os seus bons desejos de tudo o que acha da parte d'Alma, fôr causa, que recebeo de Deos.

As pedras se lançaõ agoa, naõ he porque dellas nasce, inda que corra por ellas; naturalmente saõ seccas, e duras; mas lá pelos segredos da terra lha communica o mar. E quem vê rebentar do penedo as fontes, diz: Jesus que excellente agoa corre deste penedo! Isto he V. M. hum penedo duro, e para Deos muito secco. O mar de suas misericordias lá pelos meatos occultos de sua Sabedoria, e bondade eterna, fez que vissemos alguma vez sahir, ou correr por esse penedo as agoas de sua Graça.

Santos desejos, bôas obras, mas isto tudo naõ nasce do penedo, naõ nasce de V. M., do mar naõ nasce, de Deos procede, aindaque pela sua Alma corre. E a soberba está em parecer-lhe que V. M. deo a Deos alguma causa nos bons desejos: naõ he totalmente assim. Porque até isto recebeo V. M. de Deos. *Quid autem habes, quod non accepisti? Si autem accepisti, quid gloriaris quasi non acceperis?*

Eis-

Eis aqui porque, aindaque cuide V. M. nisto, naõ tem assentado comigo, que essa sequidaõ, que acha, he esquecimento, em que dorme dos benefícios Divinos, para ser mais esperta esta lembrança. Sempre andará gostosamente, dizendo: Eu naõ estou no Inferno! Oh qoe grande bondade de Deos! Summamente sou favorecida, e querida de meu Deos! Tenho-me por Bemaventurada, em quanto naõ estou no Inferno mettida! Senhor, bendito sejais, que me tratais tão bem, até quando a minha soberba cuida que lhe vai mal! Mas V. M. tem hum juizo muito bacharel, e huma vontade muito letrada, que se lhe vai o tempo em estudar os pontos, e saber os trincasfios do espirito; e no cabo perde o fio, e deixa passar, ou erra ordinariamente o ponto sem sentir-se ainda bemaventurada naquelle quietação suavissima, com que as Almas, que estudaõ por Jesu Christo, entre as Cruzes dormem, e entre os Espinhos aquietão.

Tambem vejo a afflicção, que tem nos afectos, como cuida V. M. que segue a indifferença? Se V. M. com o seu espiritual appetite tem brigas cada hora com a Divina Vontade? Se V. M. a abraçára indifferente, naõ havia de andar com escolhas nisto, ou naquillo, senão deitar-se a dormir sobre tudo o que vier, e sobre tudo, em que a obediencia a ocupar: nem cançar-se com outra Oraçaõ nesse tempo, que fazer isto bem por amor de Deos, aindaque naõ sentira tudo o que fizera. Naõ está o negocio só na presença, com que sente a Deos, senão no grande amor, com que por elle se obra aquillo tudo, em que a obrigaçao nos emprega. E como se naõ faz isto, he falta de mortificaçao do espirito. E o amor proprio, que ainda vive nos braços da vontade, faz na Alma todos estes reboliços, que a desfiscoegaõ, dizendo com os fundos da natureza: Naõ tenho vida neste officio para os exercícios da graça. Considere isto. Até este amor proprio, para que se solte o espirito, e dê liberdade á Alma, cativando os appetites da natureza. E naõ se lhe passe o tempo na vaidade de me confirmar o que digo, podendo aproveita-lo em obrar o que lhe aconselho. E tudo nasce de huma occulta satisfaçao, que V. M. tem de si propria, toca da, porém mal descoberta, com tantas luzes do Divino Es-

pirito. E folgue muito de me soffrer, que mais me soffre Deos; com tanto que se alegre de sentir ver-te cada vez mais ruim. E encommende a Deos este peccador, até que lhe possa responder. A todas eslas Senhoras, minhas lembranças, que naõ posso mais.

A peior Alma do Mundo.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta, que escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa do Convento de N., que de seu mesmo argumento se vê o estado grande de seu espirito, he de huma elevadissima doutrina para perfeitos, e imperfeitos. Diz o Veneravel Padre, que lhe naõ pôde dizer cousa, que naõ vissè escrita na sua, (de que esta era reposa) para lhe dizer, que a perfeiçao naõ consiste em muito comprehender, senaõ em muito obrar. Porque parece que de algum modo se queixava esta Religiosa, ou de alguma esterilidade, ou negligencia do seu mesmo espirito: e por isso lhe diz, que tem recebido em vaõ a mercé de Deos; pois se lembrava de si mesma, quando só havia de fazer memoria da liberalidade Divina. E por isso prosegue, que tudo o que naõ he estar já no Inferno, he misericordia. E por ignorarem esta devida humildade, padecem muitos espirituas grandes perturbaçoes com o pretexto falso desta mesma virtude. E cuidando que accusaõ sua negligencia, levaõ hum appetite do gosto espiritual da propria Alma. Porque se conhecessemos bem o que somos, e o que a Deos devemos, nada nos parecerá estranho, mais que o peccado; e terriamos por grande misericordia naõ commetter infinitos.

Prosegue esta doutrina com mais discretos exemplos das cousas naturaes, como das agoas, e dos penedos, por envergonhar a frialdade, e dureza do coração humano. E logo continua, que a sua soberba está em parecer-lhe que Dessa lhe deve alguma cousa nos bons desejos. E isto diz: porque ainda a pessoas muito espirituas be quasi imperceptivel certa satisfaçao, que deixaõ na Alma, ou os affectos, ou as bõas obras, se actualmente se naõ referem a Deos, que he o Author de todas. Aponta-lhe hum lugar

lugar muito proprio. E prosegue, que por esta causa (ainda que cuide neste ponto) naõ tem assentado consigo, que aquella se-
quidaõ era esquecimento dos benefícios divinos. E a razão he clara. Porque sempre nos consoláramos, se tivessemos presente o que mereciamos, e o que recebemos.

Diz-lhe, que se lhe vay o tempo em estudar os trinacrios do espirito, com que perde o fio: mostrando que o verdadeiro estudo ha de ser Christo crucificado. Porque como he o caminho, e a luz, se primeiro nos naõ crucificamos com elle, desengane-
mo-nos, que jámais chegaremos áquella alteza de Contemplati-
vios.

Tambem prosegue logo: Vejo a afflissaõ, que tem com os officios, e que como cuida que segue a indifferença quem está tão pouco resignada, quem naõ morre a seu appetite pela Divina Vontade. Grande doutrina he esta para as pessoas mais espirituais, que raras vezes acabaõ de vencer, naõ digo os appetites, mas certas virtudes, que o naõ saõ, quando nos impedem. Porque naõ he só mal o que nos faz mal; mas o que nos naõ deixa fazer bem, ou fazer melhor. Obrar melhor he o que Deos quer: o que Deos quer ordinariamente, he o que naõ quer a noſſa vontade: a noſſa vontade quer a noſſa eleiçao: Pois qual será melhor, esta eleiçao noſſa, ou a da Providencia Divina? que prin-
cipalmente na Religiao, e na Obediencia sem quasi huma reve-
lação em contrario, naõ pôde ter engano? E naõ se entende esta doutrina só para o emprego, mas para todos os mais exercicios. Porque cuidaõ muitas pessoas, que se naõ tem hum grande recolhimento, huma atençao, e hum silencio de espirito em lugar muito solitario, que tudo he perdido. Assim pôde ser, quando o distraibimento he voluntario, ou ainda quando nas occupaçoes, em que Deos nos põem, naõ procuramos a quietação da Alma, e se naõ vamos do fim com a tençao recta. Mas com estas circun-
stancias, quanto está em noſſa diligencia, naõ pôde haver exer-
cicio mais alto, que aquelle, em que nos põem o beneplacito Di-
vino.

C A R T A X X X V I .

O Amor de Deos arda , e ferva em vossas Almas.



Rmaãs minhas muito queridas , e amadas em Jesu Christo. Naõ tenho maior gosto na vida , que boas novas vossas , por illo foi grande o gosto , que me deo a nova de vossa melhoría , a qual leve Deos adia ante por muitos largos annos. Daí muitas graças a Deos por tudo o que vos dér , ou sejaõ bens , ou males ; pois naõ ha mais alto estado , que andar huma creatura agradecendo a seu Deos , naõ só os mimos , os favores , os regálos , as delicias , senaõ os piolhos , as comichões , as raivas , as impaciencias , as fomes , e as mais tentações , que saõ espias , por quem Deos manda espreitar o amor , que lhe mostramos , e a paciencia , que temos. E até de cahirdes em alguns peccados haveis de dar graças a Deos ; porque vos naõ deixou cahir em culpas maiores. E pedir-lhe logo perdaõ muito amorosamente , e aquietar o coraçaõ nas brazas , como nas delicias , e nas espinhas , como nas rosas. Porque disto nasce na Alma huma alegria de Espírito santo : que bem testimunha logo que somos de Deos , pois andamos contentes , e naõ trombudos com o que elle nos quer dar.

De mim vos digo , que aindaque sou mais ruim , e cada vez peior , que naõ quero mais raçaõ da graça de Deos , e de seus favores , que aquelle quinhaõ , ou grande , ou pequeno , que elle me quer dar , e que vivo tão contente , ás vezes entre cobras , e lagartos , sylvados , e asperezas , como entre sabores do Ceo , e glorias do espirito. Porque o meu Deos tudo me dá para meu bem. Os açoutes saõ para me ensinar , os abraços para me obrigar , os bens , e males , para me provar. Naõ quer mais de mim , que naõ desgostar-me eu com o que he seu gosto , e que lhe agradeça tanto o paõ de centeyo , e a broa , que ainda naõ mereço , como os ovos molles , e os boçados doces , que nunca merecia.

Apro-

Aproveitai-vos desta arte , e tanto se vos dará de ser tontas , como prudentes , tanto folgareis de estar doentes , como de estar saãs. Porque Deos naõ ha mister as vossas orações , e as vossas disciplinas. Tudo isto achareis em muitas figuras prostradas , os joelhos no chaõ , os olhos no Céo , e maõs postas penitentes , e outras muitas cousas ; mas tudo isto he fingimento. Porque naõ ha nellas espirito , nem conformidade. Quem tem conformidade com Deos , tem verdadeiro espirito ; e quem tem isto , sempre lhe vai bem. Para o Natal tereis o que vos disse. Dai graças a Deos , que vos guarde , e nos ajude a todos. Dia de Santa Luzia.

Irmaõ , que muito vos quer.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmaãs Religiosas , e em toda ella lhes aconselha huma virtude , que he o fiador de todas as virtudes. Esta he a conformidade. E assim lhes diz , que naõ ha mais alto estado de espirito , como agradecer a Deos igualmente quanto lhe dér , sejaõ bens , ou sejaõ males. E he de advertir , que nem porque os fracos faõ mais imperfeitos , porque estimão mais os allivios , do que os desgostos : os austeros serão mais perfeitos , estimando mais os desgostos do que os allivios. Mas convém entender , que esta doutrina se naõ entende , quando a eleiçao he nossa , senão quando a consolação , ou dor he dispensada pela Providencia Divina. Porque a verdadeira renúncia he naõ ha de ter escolha , ainda que seja a mais amarga. Porque será menos perfeita no que tiver de mais propria.

Diz-lhes , que até de cabirem em alguns peccados haõ de dar graças a Deos , pelas naõ deixar cabir em maiores culpas. E a razão principal he. Porque da parte de Deos em quanto estamos nesta vida , até a permissão do peccado , em quanto á Bondade Divina , he meyo , que nos offerece para a contrição , e emenda :

da: assim devemos chorar a culpa, e beijar a vara, que nos castiga por esta causa.

Diz o Veneravel Padre, que nos dá Deos açoutes para ensinar, abraços para persuadir, bens, e males, para nos provar. E diz finalmente, que a Deos não lhe são necessarias as suas disciplinas. Porque sem a verdadeira caridade pouco aproveitaõ obras exteriores. E porque a humildade se prova nos trabalhos, e a fidelidade nos benefícios.

C A R T A XXXVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Adre Soror N. Supponho que V. M. sahio Enfermeira, e espero na Bondade de Deos, que nessa, e nas mais obediencias se exercite V. M. com huma espiritual alegria. He necessário que para fazer bem feito este officio, em V. M. acordando peça a Deos a graça, e as virtudes necessarias, com grande confiança de alcançá-las, aindaque suastre pouco por merecê-las. Falte V. M. nesta occupaõ a tudo, por não faltar ás enfermias com a caridade, e cuidado, de que ellas necessitaõ. E da parte de V. M. com huma paciencia generosa, muito alegre, e modo suave, sem que nunca se mostre irada, nem pareça triste, peça a Deos estas virtudes. E nunca se recolha a dormir sem pedir perdaõ dos defeitos, e dar graças dos recibos. Entenda V. M. que cada enferma he hum Altar, onde está Christo crucificado, pedindo-lhe que trate muito delle. E quanto puder faça, porque a todas sirva de consolaõ, e allivio, offerecendo-lhe a nosso Senhor as desconsolaões, e afflicções, que padecer neste tempo, fazendo conta, que a põem Deos em tantas Cruzes por seu amor, quantos são os sujeitos, de que encarrega a V. M. Naõ posso dizer-lhe mais, que falta o tempo, aindaque sobeja a vontade de fer-

servir a V. M. , a quem Deos guarde , quanto lhe peço. Vara-
ratojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa do Convento de N. , e por alguma noticia , que tinha , supunha estava eleita por Enfermeira. Diz-lhe , que espera , que naquelle , como nas mais obediencias , se exercite com espiritual alegria. Duas cousas saõ aqui dignas de advertencia , huma , que não diz nesse , e nos mais officios , senão obediencias : Segunda , não diz se exercite com diligencia , senão com alegria. A razão he. Porque muitas vezes perdemos o merecimento em muitas obras , porque ás fazemos como por costume , ou por officio , o que haviamos de fazer por obediencia , ou por affeçao. E porque para com Deos não merecem tanto as cousas feitas com grande acerto , como com promptidaõ , e vontade facil , e amorosa , e por isto diz com alegria. Diz-lhe , que ainda que falte a tudo o mais , não falte ás enfermas. Porque ás vezes saõ mais pezados os serviços , e favores pelo modo cançado , e desabrido , com que se fazem , do que o fora a molestia , se se não recebessem.

Diz-lhe , que considere em cada enferma hum Altar , onde está Christo crucificado , e que por aquelle trabalho , com que lhe assiste , se considere em si mesma em todas aquellas Cruzes crucificada. Oh mysterioso tesouro da Caridade , que por torpeza de noffa miseria a cada passo o desperdiçamos por noffa ignorancia !

CAR.

C A R T A X X X V I I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito agradeço a V. M. estes avisos , (e isto saõ todas as regras de V. M.) que como regras desejo guardar , e como avisos seguir. Naõ faça V. M. es-
crupulo do que me disser. Porque pouco mais , ou
menos , eu sei os que o faõ , e talvez tomo disto motivo pa-
ra os encommendar a Deos , pois estes me aproveitaõ , me
ensinaõ , me zelaõ , me advertem , e me desejaõ bom. Naõ
importa nada que de mim se diga isto , ou aquillo. O que fa-
ço , quando Deos quer , he esminçar a minha consciencia ,
se me ajusto , e me alegro com o que o Mundo pratica.

No que toca á suspeita , que se tem de mim , naõ faço conta de me justificar mais que com Deos , e com V. M. , que
sabe o meu coraçao : os mais importa-me muito que me te-
nhaõ em má conta , e que eu me naõ desculpe , nem acredite
com nenhuma. Bem sabia a Mây de Deos , que S. Joseph ,
vendo-a com finaes de Mây , cuidava mal della , e ainda assim
naõ se desculpou , nem se justificou , nem com Santos . pon-
do a sua causa na maõ de Deos. Eu só estando louco , ou des-
amparado da sua graça , fizera o que nesse particular se cuida
de mim , que totalmente he contra o meu entendimento , e
obrigaçao. Só com V. M. me declaro , e só o que quizera ,
he , que naõ se fizera nisto algum peccado. As inclinações ,
que se imputaõ , naõ me daõ cuidado ; maior mo déraõ as
desfaffeçoens. Mas como todos me queiraõ parcial , sendo im-
possivel sé-lo de algum , se Deos me naõ deixar de sua maõ ,
ou me dêr maior luz , he força que se queixem todos. Mui-
ta mercê me fazem nisto. Na verdade me parece amor. Naõ
quero cuidar outra cousa. Eu , como posso , peço a nosso
Senhor se lembre de todos. E como nem sei , nem posso re-
mediá-los , temera muito tudo o que fora mais , que orar a
Deos

Deos por elles. Do meu Recolhimento ficou em silencio o fructo. Porque o nada naõ faz ruido. Muito me soffre o nosso Senhor. Seja elle bendito, que guarda tambem segredo a minhas culpas. Os Companheiros se recolheraõ no mesmo tempo. Eu só fiquei em huma Ermida do Sepulchro longe de todos. Meyado Settembro, com o favor de Deos, começarei a jornada. Cedo nos veremos, se Deos naõ ordenar o contrario, ou houver outra coufa, que dê commigo em Trás os Montes; que levo esta Provincia atravessada no coração. Quando assim seja, avisarei a V. M., a quem Deos guarde. Vitru 3 de Agosto de 1678.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Nesta Carta respondia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que parece lhe dava aviso, de que se murmurava, que em algumas parcialidades da sua Provincia, a que ainda estava sujeito, elle se encostava a este, ou áquelle partido: do que o Veneravel Padre estava taõ longe, que naõ somente, como elle escreve, mediante a Divina Graça, o tinha por impossivel, mas em huma igual indifferença, nem determinava dar alguma escusa, que esta be a maior perfeição, quando naõ ha de por meyo algum escandalo. E logo diz, que o que fazia já nestes casos, era esmiuçar a sua consciencia: querendo ensinar com esta doutrina, que quando nos accusaõ, se estamos sem culpa, toda a satisfação, que damos, seja com qualquer pretexto, naõ be outra coufa mais que amor proprio. E supposto que alli havia outras razoens maiores para o silencio, traz o admiravel exemplo da Virgem Nossa Senhora com S. Joseph: e diz, que o que deseja, be, que se naõ obre naquelle materia algum peccado: ensinando que naõ havemos examinar só os nossos; mas quando os naõ temos, dar graças a Deos, e desejar que os naõ cometam os outros, se queremos que seja Deos o fim, e principio de nossos cuidados.

C A R T A X X X I X .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uando sei de portadores, e posso, escrevo. E com estar neste canto, naõ he menor aqui o tralho, e o exercicio, com visitas, e papeis, que quasi he impossivel vencê-los. Seja Deos bendito. Muito me alegro com as bôas novas, que a Madre Abbadessa me dá de sua Sobrinha de V. M. E bons auspicios saõ estes principios. Deos lhe dê o augmento, e os leve ao cabo. As Aguias logo nascem Aguias, os primeiros arremessos saõ annuncios dos voos. Os Diamantes, ainda antes de lavrados, logo se vê que nascem com grandes fundos. Queira Deos lavrar esta pedra para a sua Igreja, e ensinar a voar esta Aguaia para a sua Gloria.

A Pobreza, que a V. M. lhe sahio, naõ ha de V. M. entender por pobreza das necessidades do officio, senaõ do espirito, e da pessoa. Mysteriosa foi a forte. Porque V. M. he muito pouco pobre de espirito, e tem ainda muitas vontades, que com cor de virtude saõ Remoras da graça de Deos. Porque a primeira causa, que quer este Senhor, he que se dispa a Alma até das mesmas virtudes, que impedem a verdadeira paz. E ainda a estimaçao, e o caso, que fazemos dos dons de Deos, apegando-nos a elles, e naõ querendo viver sem elles, de que nasce logo desafogoço, e guerra no espirito. As pessoas nuas, e pobres de espirito, taõ alegres se põem no fundo de sua Alma, onde está Deos, quando lhes vay bem, como quando lhes vay mal, jejando, e comendo, rindo, e chorando. Porque naõ tem outra vontade, que naõ ter nenhuma, mais que a de Deos, entendida pelos preceitos, votos, conselhos, obediencias, e sucessos, onde naõ ha peccado. E assim examine V. M. o fundo de sua Alma em a memoria, entendimento, e vontade,

de, o amor, e odio, o gosto, e a dor, a vergonha, e a tristeza; e o termo para onde vay isto. E quanto menos disto tiver, até se ficar em hum puro, nú, simplez, e divino amor de Deos, sem lhe fazerem móça as paixoës, e as afieçoës de sua Alma, que saõ as acima ditas: entaõ pôde entender que he pobre de espirito. E se o for, he signal que está desatada, e livre de tudo o que he creature, e unida com Deos. Nas outras pobrezas reguladas, como já lhe tenho dito, naõ ha escrupulo.

Mysterio teve tambem o meu Conhecimento proprio. Porque assáz ando atrás delle, conhecendo-o, e naõ alcançando-o. Porque aindaque acho muito, he mais o que me foge, e naõ acho. Oh se quizera Deos, que no iada achafsemos tudo! Eu me contentára com me enterrar no meu nada. Peça V. M. muito a Deos me dilate para isto a vista. Faray o que V. M. neste particular me manda. Muito folgára eu, que houvera occasião de ensinar à V. M. como ha de ter a sua oraçao no fundo da Alma, onde está Deos, que foi elle servido dar-nos disto alguma luz. E quanto andamos fôra delle, tanto andamos em perigo. Va-je V. M. entretanto purgando, quanto puder, a Memoria de Imagens, e de figuras, o Entendimento de discursos, e de juizos, a Vontade de gostinhos, e de malicias, a Imaginaçao de lembranças, e os sentidos, e pensamentos, pondo-os em a custodia possivel, e seu tempo chegará, se Deos for servido, para dar algum passo adiante; pois ha tanto tempo que engatinhamos.

A minhas Irmaãs escrevi huma Carta tão terrivel, que me pezou depois de mandá-la, pela demazia; mas servir-lhes ha de escarmento para todas as mais diligencias. O que se diz de mim naõ importa nada. Convém muito, que eu naõ dê motivo para o que for erro. Tudo o que se suspeira que he a natureza, desejo eu que naõ seja culpa. Folgarei muito que seja graça. Peça V. M. a Deos me allumie, para que naõ erre no officio, ainda que a pesoia erre. Mas he certo, que alguma ambiçao tivera das calumnias, ajudando-me Deos, se estas naõ prejudicárao ás Almas, que olhaõ para onde sahe a doutrina.

Eu

Eu tinha tençāo de ir a essa Corte, se me chegasse certa coufa, que espero. Naō vindo, naō folgarei de ir. Porque he intempestivo o tornar. Se com tudo o Padre Provincial me mandar, he certo que hei de obedecer em ir. Tenho por sem duvida, que muito cedo serā a jornada, se eu tiver vida, o quando naō sei.

A de V. M. ainda naō está tanto ás portas da morte; que queira ser sombra da Madre Soror N., que Deos terá nos Ceos. Cá a encomendei a Deos. A sua vida era taō bōa, que podemos crer estará já absorvida naquelle doce abysmo da Formosura eterna. Muito sinto ver que andem longe desse centro, andando perto do fim da vida, algumas pessoas, a quem o demonio combate. V. M. com toda a caridade lhes applique o possivel suffragio. Vi a Carta do Senhor Conde, e cada vez experimento mais as obrigaçōes, que lhe tenho. Faça-me Nosso Senhor agradecido, ou pague por mim o que devo. De N. naō dou a V. M. noticias, porque me naō aquietá o coraçāo nas suas penitencias. Encomende-a V. M. muito a Deos, para que a naō engāne quem a todos nós tenta.

O fallar com equivocaçāo, naō indo contra o Entendimento, naō he mentira, excepto nos Juramentos, ou em Juizo: que isto he o que está condenado. A^o Reverenda Madre N. agradeço muito o Registo do Senhor S. Pedro. E ainda que elle me naō diz nada, já sey tudo, quanto passou com ella. Estimo esta segunda lembrança sua, em quanto naō vejo as suas regras, que as guardará a estimaçāo, quanto pôde, ainda que as naō corresponda a obrigaçāo, quanto deve.

Muito estimarei que se decida pela Madre de Deos a resoluçāo de certa Noviça, que estava para outra parte. Porque tudo o que me parece melhor, desejo para a Madre de Deos. A^o Madre Soror N. muitas lembranças. Lembre-se V. M. muito de mim nesta festa. E entenda que he a melhor preparaçāo, e fundo da Alma, pondo o gosto na memoria, onde está o Pay, a esperança no Entendimento, onde está o Filho, o amor na Vontade, onde está o Espírito Santo, e recolher-se neste fundo, que essencialmente está em Deos.

No

No coraçāo fique o odio para o peccado, a dōr para todos os commettidos, o temor de os commetter, e a tristeza de cahir: e na consciencia a vergonha do mal que correspondemos a Deos, e do pouco porque o deixamos; fique-lhe ao menos este fundo. E quanto nelle mais se suuir, e estiver sem sair para fóra por extravalaõ dos sentidos, mais de espirito terá. Se com tudo lhe fizer danno á cabeça, siga a sua oraçāo communia: ou fique em huma simplez memoria sem imagens, nem figuras. E lembre-se cada vez mais de mim diante de Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Vara-
tojo, 16. de Dezembro de 1679.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

NO primeiro paragrafo desta Carta diz o Veneravel Padre que estima muito as bōas novas, que dā a Abbadeffa desta Religiosa, a quem escreve, de huma Pupilla Scbrinba da mesma Religiosa. E porque naõ passe palavra sem alguma doutrina, lhe diz, que as Aguias logo nos primeiros arremessos mostrão que haõ de ter voos, e que os Diamantes antes de lavrados já ensinuaõ grandes fundos: querendo dizer, que as Almas, que se haõ de dar a Deos, haõ de ter firmeza, e agilidade; firmeza para naõ recuar, agilidade para subir. E estes contraditorios se dão em os espíritos; pois tambem Christo mandava a seus Discípulos, que tivessem da Serpente a prudencia, e juntamente a simleza, e simplicidade da Pomba.

No segundo paragrafo, em que responde á lhe haverem escrito, que em humas Sortes, que costumaõ tirar para exercicio das virtudes na occasião de algumas Festas, sabio a esta Religiosa a Pobreza, e tirando forte por conta do Veneravel Padre, lhe sabio o Conhecimento proprio, diz, que naõ ha de entender a Pobreza, pelas necessidades do officio, senão do espirito da pessoa: e que mysteriosa foi a forte; porque ella tinha ainda muitas vontades. E a razão he. Porque para ser verdadeira pobre de espirito, he necessario que tenhamos tão pouco de nosso,

que (como diz o Veneravel Padre) estejamos livres, para carecer até das mesmas virtudes, se Deos assim for servido. Porque a pobreza não consiste na qualidade das coisas, senão na estimação, que fazemos delas. E chama a este embaraço Remora, porque, sendo hum peixe pequeno, suspende o curso de hum grande navio. E esta he a razão, porque alguns espirituales se enganam com os dons de Deos, não conhecendo a propriedade; por que como he de virtudes, não se acostumellaõ deste appetite.

Diz tambem, que mistério teve o Conhecimento proprio da sua sorte, porque sempre andava conhecendo, e não alcançando. Porque Deos muitas vezes nos dá a luz, e por razoens, que elle sabe, não nos deixa tocar-la. E tanto, que neste caso diz o Veneravel Padre: Oh se quizesse Deos, que no nada achassemos tuus! quer dizer, que nestes termos o melhor remedio he humilhar diante do Senhor.

Diz, que muito folgaria de ter occasião de lhe ensinar a ter sua oração no fundo da Alma, onde assiste Deos. O Veneravel Padre sabia esta doutrina por experiençia; e nós entendemos que he hum tocar a recolher as potencias, sentidos, e facultades de nessa Alma, e com huma profunda attenção, e silencio passar pelas imagens da fantasia aquelle fundo, onde por huma ignorar mysterioso a fé viva, e perseverante, parece que venexa, e toca o que não. Se entende, nem se alcança. Este descer, ou entrar ao fundo d'Alma, não se entende imaginariamente, nem por hum recolbimento estéril; mas como desfazendo a Alma de todas as exterioridades ficar naquelle sonho vigilante, que dizia a Esposa, quando dormia, e o seu coração vigiava, por hum simples affeçao, que he mais claro, ou menos confuso, quanto tem de menos composto. E nem pareça esta oração fôra da esfera da nessa diligencia; porque ordinariamente a não alcançam muitos espirituales por falta de mortificação interior, ou porque não se atrevem a perseverar. Mas debalde se cansará quem pertender entrar nesse santuario do espirito, ao menos sem hum coração muito humilde, e bem resguardado. E por esta causa lhe diz, que vii pugnando as potencias de appetites, gozos, imagens, &c. O mais desta Carta continua a mesma doutrina por diferentes pontos, que toca.

CARTA XL.

O Amar de Deos, more na Alma de V. M.

Com muitas Cartas de V. M. me acho, e com muito pouco tempo, e sem retiro no retiro. De que nascce, que havendo oito dias, que estou nelle, não tenho podido ler as Cartas, que saõ mais de quatrocentas. E as mais dellas ficáraõ sem resposta. Porque em passando do Correio futuro, nem ler, nem escrever faco conta, mais que o que toca a Missoés, ou a alguma coula, muitonecessaria, e particular; e viver em silencio ao menos quarenta dias. Por isso tenha V. M. paciencia, que tambem he exercicio necessario. Faça-se a vontade de Deos. E eu me recolherei na Provincia algum tempo, se primeiro me não recolher no sepulcro. Quem anda mal convalescida, não he prudencia metter-se com penitencias, com exercicio da presençā de Deos, sim. Deve V. M. depois do tempo da Oraçāo particular andar sempre com memoria de Deos, ou como Pai, ou Esposo, ou Juiz, ou Amigo, ou Mestre, &c. com huma simplez attençāo de que está diante de Deos; ou, como tenho por melhor, que Deos nos está vendo com os olhos fixos. No mais, em quanto puder, conforme-se com a Communidade. E quando se achar com alento corporal, alguma disciplina, ou hora de cilicio cada semana huma vez. Silencio quanto puder. E lhe mando, que não tenha máos pensamentos, deitando fóra todos os que lhe vierem, sem fazer juizo, com aquella palavra: *Deos, e nada mais.* Isto se entende, excepto as couças de obrigaçāo, ou as que muito importarem á Religiao.

Naõ creio que esse maslo traria couça, que me astuste. Porque já nessa materia naõ me parece que haverá couça, que me sobrefalte. No alheio desengano ponho muita parte do meu socego; mas naõ perderei o socego, ainda que elles

naõ percaõ o engano. Queira Deos que pare N. nesse lugar, e que nelle o visite Nosso Senhor, mostrando-lhe o erro, em que cahe, quem se governa por seu capricho, e naõ quer conselho: e a nós nos tenha de sua maõ, que em muito maiores erros cahiremos, se Deos por sua misericordia nos naõ acudir, e livrar.

Agradeço a V. M. a lembrança do dia da Ascensão, e dos mais, que me pertencem. E bem folgára eu que esta houvera o dia de hoje, em que faço quarenta e sette annos, tão mal vividos, e aproveitados. Cada vez sou o peior. E se esta Não se naõ salvar nas amarras das Oraçõeſ alheias, sem duvida na Costa de minhas misérias fará naufragio.

Eu em todos estes dias, e tempos quasi sempre ando em humas nevoas, e labyrinthos: onde se acaso me naõ perco, ao menos naõ me vejo, nem me entendo; e só pego de hum fio, por onde fico. Ora seja Deos louvado, que naõ posso passar daqui, e que nem aqui tenho tempo para escrever humas regras. Estas eraõ as primeiras, saõ quasi feis horas da tarde, em que ha de ir o Correio, e naõ tenho escrito mais que a V. M. Appellemos para o outro. Deponha as desconfianças, fiando-se de Deos. Obedeçamos nós sem contradiçõeſ, e venha o que vier, e encomende-me muito a Nosso Senhor, que agora me sinto muito mais fraco, que nas Missoeſ, e ando com grande quebrantamento, naõ sei se maior do corpo, se do espirito. A Deos, que guarde a V. M. 25. de Junho de 1678.

De V. M. servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N. O. T. A.

Diz o Veneravel Padre nessa Carta no primeiro paragrafo, que quem anda mal convalescida, naõ he prudencia meter-se em penitencias. Naõ porque naõ sejaõ sempre proveitosas de si mesmas, mas porque deixaõ em estado, que depois se naõ podem fazer algumas, quando saõ mais necessarias: ou fazem que quando importa o castigo ao corpo, seja preciso usar do regalõ.

galo. Mas neste estado aconselha a presença de Deos para contraristar os vícios. E porque não perca o hábito da mortificação, se lhe permite alguma disciplina, ou cílico. Porque a nossa natureza he tão repugnante à virtude, que com a liberdade de hum dia ás vezes perde quanto trabalhou todo hum anno em huma hora. Encommenda-lhe o silencio quanto puder. Porque sabia que este he o meyo de suprir todos os outros impedimentos dos exercícios, assim porque se mortifica o corpo, como porque se recolhe o espirito.

Manda-lhe que não tenha máos pensamentos, e falla por este termo; porque escrevia a pessoa espiritual entendida, e que sabia, que este preceito se entende de pensamentos ociosos, ou admittidos: e por isso chama máos pensamentos aos escusados. E he a razão, porque diz isto se entende excepto as causas obri-

gatorias, ou as que importaõ a Religião. Diz em o seguinte paragrafo, que não crê, que aquelle masso traria causa, que o assustasse: isto era sobre suspeitas, que se lhe oferecia alguma Dignidade. E diz, porque no alheio desengano punha muita parte do seu socego, que de não desengarmos bem os que nos importunaõ, nasce ordinariamente a importunaõ, que nos causaõ. Porque ainda que não queremos ser importunados, não nos atrevemos a ser esquecidos.

Mas diz logo, que não perderá o socego, ainda que os que o importunaõ não percaõ o engano, que esta fortaleza depois de todos os outros meios, como ultima, he sempre a mais precisa. Diz, que em todos aquelles dias passava entre grandes nuvens, e labirinthos, isto he de espirito. Mas diz que sempre se pegava a hum fio, por onde ficava; que era sem duvida a Fé. Porque nas securas, ou confusões do espirito, que Deos permite por muitas causas, o remedio mais seguro he lançar na Fé a olhos cerrados. Porque como a mesma esterilidade não dispensa outros caminhos, este nem pode faltar, nem haver nelle algum engano.

C A R T A X L I .

O Amor de Deos arda, e more na Alma de V. M.

ESe fosse Deos servido que , mediante a sua Graça , acertasſe agora a miferia (naõ se sabendo governar a ſi) em guiar a V. M. para hum puro , ardente , efficaz , e vivo amor de Deos ! Oh Bondade imensa de Deos ! E que naõ fareis vós de mifericordia , e piedade , ſe me ſoffreis a mim ! Senhora , vi o papel de V. M. Naõ poſto responder , como quero. Porque entre tudo o que me falta , excepto o amor de Deos , o tempo he o menos que tenho. Mas responderei como poſſo.

Quanto aos tóques , que V. M. ſentio nas minhas paſlavras , lhe digo , que naõ faça caſo do instrumento , ſenão da maõ , que o move. Quiz Deos moſtrar a V. M. quanto he para querido , poſis até por taõ vil creatura lhe mandou eſſes recados. Quando as paſlavras ferem o coraçao , estas se cha- maõ paſlavras de Deos , que tem a efficacia de penetrativas , até quando parecem mais brandas. O que importa he eſcutá-las o coraçao , e pô-las a Alma por obra. No que tóca á con- fiança , que V. M. tem , e resoluçao para a Confisſao das cul- pas , parece-me muito bem , que naõ ha de haver pejo de as confeſſar , já que o naõ houve de as commetter ; mas dar graças a Deos , que eſſa facilidade noſſa he mifericordia ſua. O conhecimento da fraqueza , e miferia propria , tambem he alicerſe , e fundamento para a fabrica do eſpirito. Con- vém com tudo que naõ comecemos o edificio das virtudes com diamantes , e depois continuemos a obra com pedras toſcas , e adobes grosſeiros. Ao Confeſſor convém ſempre communicar as dúvidas , e obſervar ſimplezmente os ſeus con- ſelhos , aindaque naõ ſeja o mais apurado doméstico. Por- que os Letrados , aindaque ſe affaſtem de exercitar , ſabem entender , e coſtumão aconfeſſhar o que mais convém. E para huma

huma Alma, que anda nas mantilhas do espirito, naõ fad ainda necessarias as Calças Imperiaes das mysticas Theologias. E mais aproveitará V. M. em poucos dias com a negaçao do proprio juizo, que com muito altos exercicios do Entendimento. Porque este Fidalgo, em sendo Bacharel, ha necessario deitá-lo fóra, para que a vontade possa obiar ou obedecendo, ou amando, ou torcendo-se na conformidade com Deos.

Bom Livro he para tudo isto o Combate Espiritual. O que eu entendo que V. M. ha de mister, como o paõ para a boca, especialmente nesse retiro, e depois para sempre, ha despir a sua memoria de toda a lembrança de criaturas, fazendo por fixar, e imprimir nella a Imagem de meu Senhor Jesu Christo, chagado, e crucificado, ou como mais devocao tiver; e fazer concerto comigo, que a todo o tempo naõ ha de soffrer outra lembrança na imaginaçao. E quando vier outra, perguntar-lhe: Sois Deos? Naõ. Pois Deos, e nada mais. Se se lhe varrer a Imagem de Christo, e ficar em Deos com memoria de algum attributo seu, ou huma simplez attençao, em que se ache preza, cercada, ou interiormente sumida, deixe-se estar. Porém se neste tempo se lhe mandar alguma cousa, faça o que se lhe manda, e o que tiver de obrigaçao, mortificando o desafiocego de atirarem de Deos. Porque fica melhor em Deos. Porque melhor he a obra, que a imaginaçao. E conservar a paz interior, e exterior com huma quietacaõ resignada, final he que vai bem para a perfeçao. Em todas as criaturas, que vir, ou sejaõ racionaes, ou flores, Ceos, Estrellas, ou quaesquer outras, costume-se a dizer comigo: Tirado o que alli está de Deos, naõ ha nada. Porque nada era tudo, antes que Deos alli puzeisse a sua Omnipotencia: logo alli naõ está nada, mais que o que está de Deos. E fique-se em memoria de Deos, se he flor, Estrella, Sol; entendendo que alli se lhe communica hum naõ sei que da Divina Formosura. Se he Livro, que alli se lhe descobre hum naõ sei que da Eterna Sabedoria. Se he Comer, alli se põem hum tudo nada da suavidade Divina. E entao erga o coraçao a Deos, e diga: Meu Deos, se isto he huma pinga de vossa Sabedoria, Formosura, Suavidade, &c., que

será o mais! E daqui fique-se amando aquillo, que bruxuleou entendendo. Entaõ, quando eu lá for, me dirá como lhe vai nisto. E naõ se asfombre com as culpas passadas. Porque estas naõ nos fazem mal, mais que em quanto delas naõ estamos arrependidos. E estando-o, como saõ materia de maior arrependimento, saõ a causa, de que tiramos mais fructo, mediante o Divino Espírito. Peça V. M. a nosso Senhor me tenha de sua maõ, e me dê luz, pois me fez lanterna, e que Sua Divina Magestade naõ permitta que, mettendo algumas Almas no Porto, dê commigo no pégo. O mais fica para os pertos. E a Deos, que guarde a V. Reverencia, como lhe peço. Setuval.

De V. M. Servo inútil,

Fr. Antonio das Chagas.

N O O T A.

Esta Carta começa o Veneravel Padre por huma alta doutrina, com o baixo conceito que faz de sua Pessoa. Pôde ser, que para responder no terceiro paragrafo, em que diz, que quanto aos toques, que sentio nas suas palavras, naõ faça caso do instrumento, senão da maõ, que o move: ensinando com esta advertência, que em todos os casos havemos de passar sempre ao Creador, sem ficar jámais nas creaturas. Diz, que quando as palavras ferem o coração, saõ palavras de Deos. E falla pelo termo de ferir. Porque naõ basta tocar. Porque muitos saõ tocados, mas poucos os feridos. E por isso diz, que o que importa, he executar essas mesmas palavras, e pô-las por obra. Que esta diferença faz a palavra de Deos, quando só toca, ou quando fere, conforme a disposição que encontra. Louva-lhe a resolução, e facilidade, com que se acha para confessar libanamente as suas culpas; mas diz-lhe que dé graças a Deos dessa mesma facilidade. Porque he tal noſſa miseria, que até de confessar libanamente as culpas nos pôde vir a vangloria.

Diz, que o conhecimento da fraqueza, e miseria propria tambem he alicerce para a fabrica do espirito. E diz tambem, naõ porque haja outro mais forte fundamento, que este conhecimento

to proprio ; mas porque não cuidasse que nisto me fôso havia já feito tudo : advertindo Porem , que caminhasse com a prudencia desse conhecimento , para que começando o edificio com pedras preciosas , não viesse a continuá-lo com pedras toscas : como sucede a muitos , que como nos fervores do principio não achão contradicção na natureza , ajudaõ tanto as chaminas da devoção , que consomem a materia , e deixaõ exhalar aquella terra virtude , antes que se introduzaõ nella as brazas da Caridade.

Diz abaixo , que mais aproveitará em poucos dias com a negação do proprio juizo , que com muito altos exercícios do Entendimento. E diz , que em sendo Bacharel , be necessário largá-lo fóra , para que obre a Vontade. A razão be. Porque nenhuma causa nos engana tanto , como o amor proprio , e nenhuma causa nos encobre tanto este amor , como o conceito que de nós fazemos. E por esta causa diz , que importa desfazer do entendimento , para que obre a vontade sem engano , passando da especulação ao affecto.

Diz que be necessário despír da memoria a lembrança das criaturas , fazendo por imprimir nella a Imagem de Jesu Christo. Porque a causa de todas as nossas distrações são as imagens estranhas , que voluntariamente admittimos na fantasia. E como á vista do Sol desapparecem as Estrelas , com a continua presença , e lembrança da Imagem de Christo (como diz o Veneravel Padre) esquecerão as imagens das criaturas.

C A R T A XLI.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Rande contentamento tive com estas regras de V. M. , e igual foi o pesar de não poder com os logos dar os agradecimentos: agora , que posso , beijo as maos a V. M. , por esta lembrança , pedindo-lhe , que diante de Deos tenha de mim alguma memoria , pois tudo he necessário á minha miseravel vida.

Todo

Todo o mal do espirito de V. M. he falta de resoluçao, e naõ tem V. M. valentia de animo, para se dizer a si; *Isto ha de ser sem dúvida, ou morrer, ou naõ tornar atraz*: fazendo brio do amor de seu Esposo, e honra de o naõ desgostar com os fastios do espirito. Convém muito que V. M. se determine a ter huma, ou duas horas, (ou assentada, ou em pé, ou de joelhos) em que tenha Oraçao particular, e cuide na Paixaõ de Christo, e nos extremos, que nella fez por V. M. E comece V. M. com esta simplicidade: *Meu Deos do meu coração, ou vós me quereis, ou me naõ quereis para vós?* Se me quereis, eis-me-aqui, fazei o que quizeres de mim. Se me naõ quereis, o que eu naõ creio, pois vos desposastes commigo, dai-me licença que me queixe de vós. Quando ha de ser isto, meu Deos? Quando vos hei de amar? Quando me hei de resolver? Quando vos hei de seguir? Quando será que eu naõ tenha outro cuidado, outro desejo, outro amor? He possivel que ha de poder mais a minha frieza, que a vossa misericordia! A minha froxidaõ, e maldade, que a vossa bondade immensa! Meu Deos, como ha de ser isto? Aqui estou, fazei o que quizeres de mim.

He necessario, que aindaque V. M. finta na Oraçao muitas securas, escuridões, friezas, e confusões, naõ largue a Oraçao, aindaque lhe pareça que entao naõ faz coufa alguma. Deos he como a braza, que em pouco tempo le toma na maõ, e logo a solta, e naõ se queima; mas quem a tem muito tempo, abraza-se. Muitas Almas tomaõ a Deos na maõ de sua memoria, mas como he pouco o tempo, naõ lhes faz móssa a braza Divina. Oh se muito tempo a trouxeraõ entre maõs, isto he, no amor, e lembrança, que depressa se accendéraõ!

Esta resoluçao, e memoria de Deos he summamente necessaria a V. M., até quando sentir maior pigruiça, e negligencia de espirito. Porque estes saõ os douis golpes, com que a Pedra do Deserto se destilla em agoa. E isto vem a ser, que com estes douis actos abrandamos de maneira a Christo, que he a Pedra do Deserto, que elle nos communica logo o dom de abundantes lagrimas, com que as Almas se lavaõ de suas culpas, e por naõ chorá-las, primeiro falta o espirito, a devo-

devoçao, o fervor, a oração verdadeira, o amor de Deos, e as mais virtudes, de que se orna a Alma.

Faça V. M. muito por se exercitar na virtude da Compunção, doendo-se de seus desejos, froxidos, e negligencias, sendo Esposa de Christo, e busque para isto lição, que a move. Lea em S. Joao Climaco, no principio, o grão, que trata do pranto espiritual: que se V. M. chorar seus pecados, e andar algum tempo compungida delles, terá quanto quizer de Deos.

As nossas Almas sem lagrimas, saõ como a terra sem agoa: por falta da agoa he a terra esteril, e inutil, naõ dá fructos, naõ produz flores, só brota abrolhos, e espinhos. E aindaque ás vezes produza algumas arvores fructuosas, ellas se fazem sylvestres; o fructo inutil, e imperfeito, agreste, e sem docura, fructo em sim do Mato. Assim a nossa Alma sem lagrimas he infructuosa, naõ dá mais que abrolhos de vícios, estímulos de consciencia, e espinhos de escrupulos, e ruins imaginações. E aindaque produza alguma hora algum pensamento bom, naõ chegaõ á madureza da perfeição devida. Saõ virtudes agrestes, fructas bravias, que naõ se põem á mesa de Deos na Celeste Patria.

Para que os olhos tenhaõ estas lagrimas, e a Alma ande compungida, tres saõ os remedios: ou põr os olhos na fealdade do peccado, que he hum summo mal, pois nos priva da graça de Deos, que he o maior bem dos bens, ou põr os olhos no fumo do Inferno, olhando espiritualmente para a fornalha dos condenados: ou erguendo a memoria aos gostos da Celeste Patria com saudades, e aniosos desejos daquelle Eterna, e Celeste Vida, de que andamos ausentes, e desterrados neste Valle de miseria, de tribulação, e angustia. Cuide de V. M. nisto, e eu lhe fico que, a pesar dos impedimentos, que saõ grilhoes do demonio, se folte a Alma em lagrimas, com ellas se purifique, e lave. E para que a Oração se apure, e depois o amor de Deos se accenda de sorte, que V. M. aborreça, despreze a sensualidade, e tudo o que naõ for Deos. Faça isto, até que nos vejamos, e entao tomaremos novos exercícios. Entretanto Deos nosso Senhor dê a V. M. a saude, que lhe desejo, que ás vezes suspeito que lhe dá os males,

males, para vêr se a pôde levar por mal, pois V. M. não quer por bem. Eu, tal qual sou, lhe hei de pedir com oren-
camento, que posso, dê a V. M. muita compunção, mui-
tas lagrimas, resolução, e amor, e muito de sua Graça, e
que guarde a V. M. por muito felices annos nesses Divinos
empregos, em cuja comparação tudo quanto tem a vida,
he engano, e vaidade.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

Nesta Carta, depois daquella urbanidade, com que se deve tratar a sociedade Católica, diz o Veneravel Padre a esta Religião, a quem escreve, que todo o mal de seu espirito era falta de resolução. E isto diz; porque sabia que a enfermidade das mais das Almas, em que humas miseravelmente morrem, e outras torpemente vivem, nasce da falta de se resolverem. Porque aquellas se não atrevem a deixar culpas graves, nem estas a emprender heroicas virtudes. E diz logo, que faça honra, e brio do amor de seu Esposo. E não se entenda, que neste modo, com que incita ao Amor Divino o Veneravel Padre, he exhortação sómente. Mas porque ha pessoas, que cuidão que se não meditação, ou fazem seus actos com muito recolhimento, que vaõ contra o espirito Católico. E este he grande engano. Porque Deos não nos deo paixão, ou faculdade, de que não possamos, ou ainda devamos usar para o servir. Deserte que haveremos de mover o brio pela honra de Christos: a ira contra o pecado, a vingança no serviço da Penitencia. E como diz S. Paulo, haveremos de gloriar-nos em Christo. E antes em quanto nossa Alma se mover pelo instrumento do nosso corpo, devemos cada hum de nós conforme a sua Constituição incitar, ou reprimir aquellas paixões, que mais lhe possa aproveitar para servir a Deos melhor.

Diz-lhe, que com os fastios do espirito se determine a ter mais huma, ou duas horas de Oração, que esta diferença fazem aos fastios dos corpos: que estes se curaõ com variar mantinen-
tos,

tos, e aquelles com repetir a causa do mesmo tedio. E logo prosegue com hum colloquio. Porque a tenta muito nas sequidens ao espirito, e lhe diz que persevera na maior esterilidade. Porque esta perseveranca be a sustancia de todos os exercicis. E a razao be. Porque muitas vezes neste dissabor, e cançao, por hum mesmo acto, como o demonio nos tenta, tambem Deos nos prova; e pelo acto contrario na perseveranca vencemos a tentaçao, satisfazendo á Vontade Divina. E assim diz, que Deos be como braza: e com ser mais lucida, naõ diz como a chamma. Porque a chamma naõ persevera, e a braza apertada, logo faz chaga.

Prosegue, que be necessario derramar lagrimas, isto be, haver detestado bem suas culpas, e haver bem chorado as offensas feitas. E por isso diz, que por naõ haver chorado, falta ao espirito da devoçao. Porque a noſſa Alma enferma, ainda que por outros remedios, se cura como as enfermidades do corpo; se o corpo naõ está bem purgado, os melhores manjares, mais juaves, e saborosos, lhe parecem amargos, e desabridos. A Alma, da mesma sorte, em quanto se naõ purga pelas lagrimas, e penitencia, e tem estragado o appetite, em nenhuma meditaçao acha sabor, ou juavidade. Com a mesma exhortaçao continua admiravelmente esta Carta o Veneravel Padre.

CARTA XLIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.



Inha Senhora. Nostro Senhor dê a V. S. mui alegres annos, para que continuando na perfeiçao como quem começa, se apure o espirito na gloria, e honra de Deos, como quem acaba.

Eu fico para servir a V. S. melhorado de humas fraquezas, que me deraõ na cabeça. Porque parece que ainda faltava esta ruina sobre tantas. Desejo merecer a V. S. o favor, que faz na Concordia, lembrando-se de mim, e de meus Companheiros tão necessitados todos nestes labyrinthos dos espi-

espirituales soccorros, com que V. S. nos val. A Missaõ de Coimbra está quasi acabada. Daqui passaremos para mais longe. Se Deos nos der vida, iremos (acabadas estas tarefas) agradecer a V. S. de mais perto a mercê, que nos faz: e agora folgára eu de imitar, ou acompanyhar a V. S. no agazalho, que faz a meu Deos neste tão soberano Mysterio da Incarnaçao. Peça-lhe V. S. por esta Mulla maliciosa, que ainda assim se deseja chegar a Deos.

Cá me lastimou a pena, e perda da Senhora N. Mas Sua Divina Magestade sabe o que nos está melhor. O Senhor D. N. busquei agora de novo esta Festa. Disseraõ-me que se tinha ido a Bussaco. Nos penedos se acha agora melhor a Deos, que nas Cidades; e por isto poderá achar-se neste penedo. Mas sou de casta mais dura. Rogue V. S. por todos a Deos, que fazemos o mesmo, taes, quaes somos, por V.S., e pela Senhora N., e pelo Senhor N. Em cuja companhia guarde a V. S. muitos annos, como lhe peço, e desejo Coimbra 4 de Janeiro de 1677.

De V. S. Servo inutil,

Fr. Antonio das Chagas.

NOTA.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Senhora, Viuva, Titular, de qualidade, e virtude. E depois de lhe dizer o estado em que se achava, e agradecer-lhe o favor, que lhe fazia, diz que folgára de a imitar no agazalho, que faz naquelle sagrado Mysterio a Deos nascido, e que lhe peça por aquella Mulla maliciosa: isto he, considerando-se elle a si mesmo hum daquelles ditos Brutos, que assistiraõ no Dicino Presepio. E como o Servo de Deos naõ dizia sem tençao causa alguma; seria para que espreitasse, se a suavidade daquelle consolaçao a fizera esquecer da grande humildade, com que devia considerar tão grande Mysterio, como ver entre douis Brutos a Deos humilhado.

Diz que buscara acerta p'ssoa, que lhe disseraõ havia ido a Bussaco, e que naquelle occasião melhor se acha a Deos entre

entre os panedos ; isto he , no retiro. Porque taõ grandes misericordias naõ se contemplaõ bem entre os tumultos , mas no silêncio das feras , na quietação dos penitentes , e na sinceridade dos humildes Pastores , cuja paz naõ interrompe o ruído das vaidades.

CARTA XLIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Graças sejaõ dadas a Deos , pela licença , que se deo a V. M. , e por me dar esta hora capaz de fazer estas regras. Fico melhorado , seja Deos bendito : porém , mais , ou menos , repetem os vertigios , excepto de hontem para cá. As fontes , muitas pestoas dentro , e fóra me persuadião que as fechasse ; mas como eu as cheguei a abrir , naõ abro chagas para as fechar. Faça-se a vontade de Deos , ou succeda bem , ou mal. O Padre Guardião me trata , como se eu fosse hum Fidalgo mui mimoso , naõ me deixando ir a nenhum acto de Comunidade , e fazendo-me comer gallinha : é assim me mandáraõ os Medicos , que tivesse regimento por muito tempo ; mas este especial , por quinze dias , em que naõ tenho provado cousa alguma mais , que o que me ordena a Medicina. Quer Deos que isto me custe pouco. Porque até os meus appetites se tem feito fastio . e assim naõ tem V. M. que temer que haja pouco cuidado nos meus allivios. Porque as muitas larguezas , que todos me aconselhaõ , saõ o meu escrupulo. Mas como he conjuração de todos , naõ quero ser singular na contradicção. Tudo isto se cura melhor com a esperança , que tenho , que Deos me dará forças , e saude , para que em Outubro chegue a essa casa. E se este Senhor me tirar antes a vida , eu quero a sua vontade , como for mais gloria sua. E sobre a pessoa , que lá fallou o que V. M. sabe , o melhor he encommendá-lo a Deos , achando razão até a quem a naõ tem , para mortificá-

ficar o noslo Entendimento, e aquietar a vontade, que sempre busca por onde se vingue, até nos que trataõ da perfeição. Todos os que nos affligem, nos provaõ, e os maiores amigos, que temos, saõ os que tomaõ por sua conta crucificar-nos: e assim os devemos estimar, como instrumento de Deos para nosso bem, aindaque nos pareçaõ mal. Propõnho encommendar a Deos a pessoa, em que V. M. me falla. Deos a livre de tudo o que for sua offensa. Sobre a Oraçaõ de V. M. me parece bem trazer presente a Jesu crucificado, ou do modo, que V. M. tiver mais devoçaõ. E em quanto naõ puder ser continua esta memoria, hum Passo de sua Paixão seja a meditaçaõ de V. M. ou para se compungir, ou para o imitar, ou para se admirar, ou para se resolver, ou para descançar nella, e nelle. Este he o melhor espelho do proprio conhecimento, e o melhor despertador de nossos descuidos, naõ fazendo mais penitencia, que seguir, e acudir á Communidade, em quanto puder.

Darei os parabens ao Profeso, que nos deo grande contentamento, e edificaçaõ. V. M. me encommende cada vez mais a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e pedrei toda a vida. Varatojo.

De V. M. Servo inutil, e mais obrigado.

Tr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa pessoa Religiosa, alguns mezes antes de sua morte, mas andando já muy trabalhado de Jeus acbaques, e havendo aberto as fontes. Diz, que aindaque muitas pessoas lhe diziaõ que as fechasse, que elle naõ abria chagas para fechá-las; fallava debaixo dos limites da razaõ, e da obediencia, e naõ do appetite. Porque pouco depois cerrou huma destas fontes, porque assim lho mandou o Médico, a quem obedecia sem juizo proprio. E se diz, que chagas, que chegou a abrir, naõ era para as fechar; he quando se naõ segue mais danno que a pensaõ, ou molestia do sentimen-

to. Porque sabia, que abertas saõ grande remedio contra a inflexibilidade de paixõens rebeldes.

Diz, que seus appetites se tem feito fastio. Nem debalde até certos termos fizeraõ tanta estimaçao dos achaques os Santos. Diz, que o seu escrupulo estava na larguezza, com que o tratavaõ ; mas que como todos o persuadiaõ, naõ queria contradizer, por naõ ser singular. Assim mostrava o Servo de Deos, como nem nas enfermidades se ha de permitir todo o regalo ao appetite. Porque pelo achaque do corpo naõ chegue o contagio ao espirito; mas regulando-se pela obediencia, e pela vontade alheya se segurava da propria.

Diz, que achamos razaõ até a quem a naõ tem, para mortificar nosso entendimento. Este exercicio naõ he impossivel, aindaque seja difficultoso. Porque de ordinario naõ achamos razaõ a quem nos mortifica, mais pela repugnancia da natureza, que pela evidencia de nosso juizo. E por esta causa prosegue a quietar a vontade, que sempre busca por onde se vingue.

Diz, que todos os que nos affligem, nos provaõ. Esta huma virtude taõ justificada, que todos temos esta experiençia. Os fracos descobrem a fragilidade do barro, os ruins a dureza do ferro; mas os virtuosos os altos quilates do ouro.

CARTA XLV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Adre Soror N., e Senhora minha. Agora a toda a pressa pego na penna, para dizer a V. M. o que sinto nos seus particulares. E seja o primeiro, que será muito ociosa cousa o retiro, se se naõ desatar de todo o pensamento, que naõ for Deos. E costumar-se a isto com a Oraçao de aspiraçoes, que he trazer sempre o coraçao elevado á memoria de Deos, sem usar para isto mais que de huma, ou duas palavras, como agora: *Meu Deos, Amor eterno meu, nada mais que vós.* E defender-se de todas

Tomo I.

K

as

as mais memorias , como de qualquer ruim pensamento. E em quanto naõ fizer isto com tanta força , e violencia , que lance tudo o mais fóra , naõ terá paz na sua Alma , nem virá suave , e mansamente Deos a ella , nem poderá haver-se bem em meditações. E nenhuma lhe saõ agora taõ bôas , como a simplez memoria de Deos , e querer por seu amor mortificar as mais memorias , juizos , conceitos , raivas , desconfianças , dezejos , e impaciencias , que saõ a lenhá do sacrificio , que Deos espera , se para elle a vontade se torna. Continûe V. M. esta simplicidade. Entregue-lhe todas as suas tristezas , affagos , e melancolias , sem buscar consolaçao , nem allivio nas creaturas : e em pouco tempo tornará a ser valida de Deos. E se durar a seccura , e a tempestade , ainda que perca o allivio , naõ se perca o animo. Porque ninguem pôde perder o amor de Deos , senão quem quizer. E o amor de Deos verdadeiro he querer amá-lo , e desejá-lo contentá-lo , e fazer o possivel por mortificar as paixões , até que todas fiquem em espiritual silencio. O tempo , que puder ter para se divertir , lea , e lea Vidas de Santos , ou o Combate Espiritual , ou o Amor de Deos de S. Francisco de Sales , ou o Padre Puente. E tome os seus exercicios por exercicio , que saõ excellentes , na forma que aconselha o Prologo. Assente V. M. consigo ter duas horas de Oraçao , e medite em qualquer Passo da Paixaõ de Christo primeiro. E se se lhe escorregar a memoria , e naõ puder meditar ; vá-se logo ao amor , e gaste o tempo nessa ociosidade , pedindo , offerecendo , e dando graças a Deos. E o mais do tempo amando-o , aindaque seja sem sabor , froxa , secca , e friamente , mortifique cada dia hum sentido , excepto o do Tacto. Porque naõ está ainda para cilicios , disciplinas , e asperezas. Use do retiro. Trate com poucas pessoas de dentro , e menos de fóra , mais que o preciso , e necessario. Traga nas maõs as Contas por memoria de que Deos a está vendendo : e vá nisto perseverando. O exercicio de assistir ás Missas , e recolher ás Ermidas he muito bom. O que importa mais que tudo , he aquelle ponto de naõ buscar consolações nas creaturas , por maior que seja a tristeza , e melancolia. E anciará em aspirações de Deos , vazando a memoria de todas

as imagens, figuras, lembranças, &c. E quando lhe parecer que não tem feito nada, então saiba que a sua Oração foi boa. Particularmente cada dia pelas Contas dirá trinta e tres vezes até dia da Natividade de Nossa Senhora: *Meu Deus, e meu amor, tende misericordia dt mim. Sua Divina Magestade guarde a V. M. quanto lhe peço por muitos annos. Varatojo.*

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, filha espiritual sua. E conforme se collige da mesma Carta, parece lhe havia dado conta de alguma esterilidade de Oração, e affeços, que sentia, e que desejava retirar-se; isto era a certas Ermíndas, que tinhaõ na Cerca, ou Clauistro, onde faziaõ seus exercícios.

Diz-lhe, que ociosa causa seria o retiro, se se não descarasse de todo o pensamento, que não fosse Deus. Porque importa pouco que separemos a presença da communicaçā das criaturas, se as não separamos da noſſa memoria: e antes em certo modo serve de maior impedimento à liberdade da imaginaçā para o espirito, que he mais facil este trato á fantasia, que o trato mesmo de pefsoa a pefsoa.

Diz, que uſe na Oração de aspiraçōens, e com poucas palavras. A razão he. Porque no tempo, em que a Alma sente estas securas, as grandes fabricas, levadas á força, servem mais de embaraçar o discurso com pouco proveito, que de algum alívio. E por iſſo lhe diz, que nenhunas meditaçōens lhe saõ tão boas como as simplez memorias de Deus; isto he, huma vista recta tirada desde o coraçāo áquelle Bondade infinita, sem derramar por discursos a intenção dos affeços: que aindaque neste eſtado se levantab tambem, como á força, sem alguma suavidade, não saõ menos agradaveis a Deus, que prova a fidelidade das Almas por estas mesmas securas. E este levantar a Deus o espirito por este eſtyle (não como a passos, senão como a voos,

sem mais arrimo que a Fé) naõ só be mais seguro, e mais meritório, mas be o melhor remedio nas esterilidades do espirito.

Porém diz o Servo de Deos, que sacrificique todas as suas paixões. Porque esta resolução be mais necessaria, e principalmente neste estado, para este exercicio. E a razão be. Porque como este modo de levantar-se a Alma a Deos naõ be por passos, senão por voos (como acima dissemos) quem anda, (isto be, quem medita) a cada passo pode facudir hum impedimento; mas quem voa, e se levanta sem aquelles meyos, be necessario desfatar-se primeiro dos embraços todos. E em tudo diz, que procure meditar em algum Passo da Paixão de Christo Senhor Nosso; porque além de ser elle a luz, e o caminho para perfeitos, e imperfeitos, esta ha de ser sempre a base firmíssima, sobre que o amor se ha de levantar. E por isto diz, que quando naõ puder meditar, recorra logo ao amor, e que gaste o tempo nessa Santa ociosidade. A qual de dous modos se entende: ou quando Deos sem meyos proximos faz que a Alma se levante sobre si mesma, e desfazida da imaginação, fixo o affecto naquelle Bem soberano, como a Aguia o faz com a vista no Sol: e assim quando parece que está ociosa, be altamente occupada.

Ou quando Deos para provar a fidelidade nos tira a luz, e a consolação, e ainda deixa em escuridade, e como impedidos os meyos naturaes, e mais ordinarios, (onde be necessario usar só da Fé) e com perseverança exercitar fielmente a humildade, a conformidade, e a paciencia, para que o Senhor ache a fortaleza, que em nós procura.

Diz, que o exercicio de assistir ás Missas, e habitar as Ermidas, be muy conveniente; mas o que mais importa, be naõ buscar a consolação nas creaturas. Arazaão be. Porque habitar os lugares solitarios, e assistir aos Sacrificios, no tempo em que Deos parece que se retira de huma Alma, be como huma demonstração do sentimento, e como quem anda batendo á porta ao Senhor, e pedindo-lhe esmola, sem querer de outra parte o alívio de sua pena. Esta be a razão, porque se naõ ha de buscar a consolação nas creaturas, principalmente no tempo da esterilidade.

C A R T A X L V I .

O Amor de Deos arda no vosso coração.



Inha Irmaá, e Senhora. Muito me alegro com vos-
sas novas, e assim será sempre que mas concedais
taó boas, como eu desejo.

Com grande gosto fico do que vós tendes doi-
vosso estado: e se já vos agrada, quando cavais na mina, e
thesouro, que será quando o achares? Perguntais-me, co-
mo tereis Oração? Cuidei eu que já vós sabieis como se el-
la tinha. Ter Oração, Irmaá, não he outra cousa, que ter
muito amor de Deos, ou desejar muito ter-lho. E o princi-
pal, em que consiste este amor, he no exercício de todas as
virtudes: isto he, ser casta em palavras, obras, ou pensa-
mentos, ser humilde, e mansa, mortificando todas as van-
glórias com desprezo de vós mesma; ser muito soffrida, le-
vando com paciencia, e silencio tudo o que por palavra, ou
obra de outrem vos molestar: ser muito amiga de estar só,
para cuidar só em Deos: e finalmente fazer concerto com el-
le de terdes vos cuidado delle, para que elle tenha cuidado
de vós.

Este cuidado, que haveis de ter de Deos, he cuidar nas
suas perfeições, na sua bondade, na sua formosura, na pro-
videncia, com que fez tudo, e com que acode a tudo, e so-
bre tudo no seu amor; pois este por amor de vós o trouxe
do Céo á terra, da terra á Cruz, da Cruz á sepultura, e ul-
timamente da terra ao Céo, para vos ensinar com sua vida o
que haveis de fazer por elle; pois a vossa Alma do Céo
veyo, quando Deos a creou, e de Deos sahio para a terra
de vosso corpo, da terra de vosso corpo convém que vá pela
rua deste mundo, que he a Rua da Amargura, até o Monte
Calvario, onde he necessario pôr-vos na Cruz da mortifica-
ção; se Deos vo-la dér no trato das creaturas, não queirais

outra ; se vo-la naõ dér , necessario he que a tomeis vós. Porque sem Cruz naõ podeis ir ao Ceo. Nesta Cruz haveis de morrer , para estar morta neste Convento , que he a sepultura ; e nessa sepultura haveis de resuscitar o dia, que morres , para dahi subir aos Ceos nos braços de Christo , e nos Córros dos Anjos.

Cuidai pois nisto , quanto puderes. Porque se tiveres este cuidado , e naõ cuidados do mundo , Deos o terá de vós , quando menos o cuidares. Fazei muito cão delle , fiando-vos delle naquillo , em que desconfiais de vós. Porque isto naõ se faz com as nossas forças , senão com as que nos dá o Espírito Santo ; e para no+las dar , he necessario que façamos da nossa parte alguma cousa ; isto he , fazendo alguma força aos nossos appetites , e inclinações , que tanto se apartaõ da vontade de Deos , quanto mais andaõ á nossa vontade. Para o exercicio do amor de Deos , fazei muito por metter na cabeça esse pâpellinho , que lá vos deixei , e naõ digais a Deos mais nada. Porque isto vos basta para vos accender. E naõ vos desgosteis , se logo naõ ardeis. Porque a lenha , que está moliada , naõ lhe pêga o fogo deprésla ; he necessario que primeiro pouco a pouco se vá enxugando , seccando , e dispendo para arder. Guardai esta Carta , e vede bem o que aqui vos digo , fazendo conta que o Espírito Santo vo-lo manda dizer ; porque deseja que o chegueis a obrar. Entretanto encommendai-me a Deos , e perdoai-me por seu amor todo o escandalo , que tereis de mim. A Madre Soror N. minhas lembrâncias.

Irmaõ , que mais vos quer em Deos.

Fr. Antonio das Chagas:

N O T. A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Irmaã sua, Religiosa , e que pouco tempo antes tinha tomado o Habito. E parecêlhe havia escrito a consolação , que sentia no novo estado. Diz-lhe , que considere qual será a alegria de achar o thesouro , quando só de cavar na mina he tanto o contentamento. E faltá com

com muita propriedade por esta metáfora. Porque entendesse que era terra, onde cavava, e que isto be trabalhar na penitencia, para haver o ouro, que pertendia: que assim se entende pela caridade, Chama-lhe mina, não só pela riqueza, mas porque para se chegar ao tesouro, que tem nas entradas, be necessario romper a rocha da natureza, e depois purificar o metal na fornalha da mortificação, e finalmente aperfeiçoá-lo com o pincel das virtudes.

Diz, que ter Oração não hé outra cousa, mais que ter a Deos muito amor. E fallava absolutamente do fim. Porque logo vay discorrendo em que consiste este amor, e caridade; que são os exercícios virtuosos, e a consideração das perfeições, e benefícios Divinos. Porque não entendesse que a Oração consistia unicamente em muito discorrer, e meditar cousas de muita suavidade, com que a natureza mais se deleita, do que reforma; senão que era necessario muito mortificar-se, muito trabalhar por adquirir as virtudes, combater vícios, e desfazer mabs hábitos.

Diz, que confie muito de Deos, naquelle em que desconfiar de si mesma. E isto, porque Deos não falta a quem se humilha, e tambem se retira de quem em su põem a confiança. Diz, que não se há de desgostar, se logo não arder. Porque a lenha, que está molhada não arde de pressa. A razão be. Porque para se desfazerem os mabs hábitos, que forão feitos em huma Alma por muitos actos, sem milagre não pôde ser de repente, be necessario longo tempo de exercícios contrarios aos mesmos vícios: isto se entende com a graça ordinaria, perseverando com fidelidade, e paciencia.

Fr. Antonio das Chagas. 151
 Este é o terceiro de um tratado de moral que o Fr. Antonio das Chagas, da Ordem de São Francisco, escreveu para o seu discípulo Francisco de Souza, que era seu pupilo, e que o nomeava seu sucessor. O tratado é intitulado "Tratado de Moral", e é dividido em quatro partes: "Parte I: Deos", "Parte II: Oração", "Parte III: Exercícios", e "Parte IV: Vícios". O tratado é escrito em português, e é dividido em capítulos e seções. O Fr. Antonio das Chagas é um sacerdote franciscano, e é considerado um dos maiores teólogos da sua época. O tratado é uma obra de grande valor moral e espiritual, e é considerado uma das melhores obras de moral escritas em português.

C A R T A X L V I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Enhora Soror N. Notavel consolaçao tive com estas regras de V. M. , que na verdade as estimo , quanto posso , senao chega a ser quanto devo. Já eu tinha noticia de tudo o que V. M. me avisa , e encomenda , como me he possivel , a Deos a alma de sua māy , que Deos terá em Gloriā. Grande alegria tive tambem com a resoluçao do Senhor Irmao de V. M. , que Deos leve a diante , como espero , e peço a Sua Divina Magestade. V. M. na sua com a Senhora sua Prima continuem , que na Bondade Divina confio ha de fazer grandes servas suas , e dar-lhe ainda nesta vida muitas felicidades d'Alma , que concede aos que por seu amor deixão a vaidade , e engano deste mentiroso mundo , que tudo he dislabores , e perigos. E só no serviço de Deos , e desengano da vida se achão os verdadeiros postos dos predestinados , a vida passa , e he breve , o mundo vaõ , o tempo escasso , a morte certa , o juizo terrivel , o quando duvidoso , a Gloriā eterna , a Eternidade tão larga , e só se pôde suspirar por esta eterna vida , por aquella Celeste Patria , pela infinita Gloriā , em cuja comparaçao toda a do mundo he nada , pois naõ tem mais que humas felicidades caducas , e huma agradavel mentira , que em tormento acaba.

Encommendo muito a V. M. a santa Oraçao , e a memoria de Deos , para que sempre traga presente o amor da infinita formosura de Deos , e de sua Bondade immensa , e que neste amor affogue todas as memorias , amores , e pensamentos , que lhe passarem pela imaginaçao , fazendo celas de sua Alma as cinco Chagas de Christo , onde se metta , e recolha , sempre que possa , pedindo a Sua Divina Magestade a faça , e ensine a morar em seu coraçao santissimo.

Ame muito o ser desprezada, e que ninguem já do mundo
lhe saiba o nome. Seja muito humilde para todos, muito
obediente assim a sua Mestra, como a Preladas, e Prelados.
Tenha muita charidade com as enfermas, muito amor ao
Côro, ao silencio, ás virtudes, e ao desengano de tudo, es-
pecialmente á Virgem Senhora nosta. Faça por commungar
com grande pureza, e devoçao. Seja amiga de todas, parti-
cular de nenhuma, que as particularidades geraõ desafioce-
go, e outras muitas paixões, e males. Recommend-e-me
muito á Madre Soror N. sua Mestra, e a sua Prima. E sobre
tudo me recommende a Deos, até que Sua Divina Magesta-
de se sirva de que eu chegue a este Convento, que ferá cedo,
se elle me dér vida. E eu, tal qual sou, posso affirmar a
V. M., que, com quanto extremo posso, me não esqueço
de rogar a noslo Senhor faça a V. M. tão grande Serva sua,
como eu desejo ser de Sua Divina Magestadé, que guarde a
V. M. por muitos, e felices annos. Ao Padre Fr. Quintino
darei as lembrâncias de V. M. E sei que ha de estimá-las
muito. Agoas Bellas.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

C A R T A
M I X I V

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa. E
depois de lhe dizer que havia encommendado a Deos a Al-
ma de sua Mäy, e que se alegrava com a resoluçao de hum Ir-
maõ seu, que parece elegera mais perfeita vida; vay discorren-
do pelas razoens, que temos neste mundo, para abraçarmos o
desengano. E be de advertir, que sabendo tão bem o Servo de
Deos as regras da polícia, não interpõem algum termo, ou dis-
curso entre o fallar na morte da Mäy, e a melhora do Irmaõ
desla Religiosa (sendo couças tão diversas.) Pode ser, porque
na sua opimaõ não fazia grande distinçao, ou diferença entre a
morte, e a vida: ou para que entendesse, que depois que tomou
aquele Religioso estado, se devia considerar no numero tambem
dos mortos, para lhe não serem estranhos aquelles sucessos.

Diz,

Diz, que lhe encommenda muito a Santa Oraçaõ, e a memoria de Deos. Araçaõ be. Porque sem esta Divina presença naõ ha Oraçaõ muitõ proveitosa. Porque o fogo divino be similiante ao fogo ordinario em quanto á materia, em que se accende, que se naõ se sopra, naõ arde. Porque aindaque prenda alguma hora, como a lenha be verde, por qualquer descuido se apaga, naõ pega no tronco, só queima as ramas, e naõ faz braças, ainda que faz levareda. E o effeito da hõa Oraçaõ be deixar no entendimento a luz, e no coraçaõ o calor, e pelo decurso do dia a lembrança da Divina presença, com a qual se faz a Oraçaõ successiva.

Diz, que ame as virtudes, e especialmente a Virgem Senhora Nossa. O que de via dizer, por lhe estimular mais o fervor. Porque na verdade naõ sei de que possa picar-se hum Christão, e particularmente huma pessoa Religiosa, salvo de parecer que be necessario exhortá-la a que recorra ao amor, e provecção de Maria Sacratissima, naõ tendo nôs outro bem, outro amparo, outra consolaçao, alívio, e remedio, senão este, em que Deos quer depositar por sua Bondade infinita suas immensas graças, e suas incomprehensiveis misericordias.

CARTA XLVIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Correyo passado naõ escreví a V. M. por me faltar tempo. Estimo as melhoras de V. M. quanto devo. Nosso Senhor leve a diante a saude corporal, e aumente a espiritual, para honra, e gloria sua; e dê a V. M. muy felices Annos no espirito, que no tempo pouco importa que sejaõ mais, ou menos. Eu tambem cá tive meus desconcertos de cabeça, e de corpo: mas quando tive eu nella, e nelle concerto? Foi isto mais sensitivo, por isto pareceo mais extraordinario. Tudo parou em vestir tunica, e comer gallinhas: e com isto vou continuando; porque

que o trabalho da Misão ainda não vai diminuindo ; mas há mais de dez dias , que não prego , nem estou para isto. Não tenha V. M. dó de mim , porque não se pôde dizer o grande , que de mim tem o Padre Guardião , os Medicos , e toda a terra. Bem para o corpo nos tem ido em Coimbra ; ao espírito quizera eu que lhe fora bem.

Bem entendo V. M. o que seria de mim na falta de N. E certo que me lastimou muito do pezo , que ficou naquella casa. E he lastima o que me escrevem. Porem Deos he maior que á nossa miseria , e a tudo acudirá sua infinita Misericórdia. Eis-aqui huma das severias dos longes : outra he para as divisões , que não podem ter remedio. E não há para que nesses pertos eu sirva de retablo. Deixe V. M. dizer de mim , que bem diz quem diz mal. E o que mais me serve , he , que assim se falle de mim. Eu não faço conta de intrincheirar-me como quem se põem em defensa , aindaque lá se me façam tantos reparos. E só me fará mal , que isto me não faça abalho , ou para sentir minhas culpas , ou para ter alguma mortificação , que offerecer a Deos. Em fim sou Alma de pedra , onde não faz mossa a tempestade , aindaque seja rija. Peça V. M. a Nosso Senhor me dé hum coração brando , para que não viva tão duro. Também me deo vontade de rir , de se dizer que fui fóra da Província sem obediencia. Acho muita graça nisto. Porque tem mil galantarias esta moralidade da minha vida. No que toca aos gastos do officio , tirar a vaidade , competência , extravagancia , e o mais que modestamente se faz. Eu o tenho por caridade , e ao menos consolação Religiosa. E não tenha V. M. escrupulo na esmôa , que lhe dá seu Irmão , quando he necessário ; assim como o pôde ter , quando for superflua.

Se V. M. não escreveo á parenta , escreva-lhe por consolação poucas regras. E se repetir as Cartas , furte-se á frequencia dellas ; salvo em materia de importancia. Cure as suas chagas , que Deos se serve de que não as tenha , para melhor o servir. E quando os remedios não valhaõ , então será bom o sofrer. Cure-se , sempre que for necessário , pois nesse Convento o trabalhar he preciso. Impaciencias , que não cegaõ , e aborrecimento mais do modo , que da pessoa , ou

ou virtudes, saõ tempestades, para que nos havemos de prevenir; mas naõ ruinas, com que nos hajamos de inquietar, ou turbar, Agora o representar faltas alheyas sempre he desprezo com complacencia do erro alheyo: e nisto he bom vigiar, que o diabo he subtil. Em todas as mais mortificaões de lidar, escrever, soffrer impaciencias, e descuidos, andar álerata por naõ perder o merecimento, que este estima Deos mais que a Oraçao, que em outra hora por vontade propria se faz.

A Vilieu naõ irei, senao pela Quareima: a Aveiro passarei daqui, e a outras terrinhas Beira mar. De lá para a Primavera passarei ao Porto, donde me chamou o Senhor Bispo. E estarei tambem de vagar, se Deos for servido. A Lamego irei, que de lá me chamaõ: como tambem me chamaõ de Braga, e Guarda: e a tençao era naõ vir sem ir a todos, dando-me Deos vida. Dos acertos, e acçoës do Senhor Bispo me alegro. As ignorancias do Bispo saõ como sombras, em chegando a luz desapparecem. Em elle chegando, e visitando a sua Diecõi, como he obrigaõ, tudo isto se acaba; mas he necessario costureiros desta tarefa. Porque mais aproveitaõ nisto as Missoes em huma semana, que as visitas dos Bispos em hum anno. Da Madre Soror N. me lembrei, como pude. Recomende-me V. M. a todas essas Senhoras, especialmente ás enfermas. Nas minhas Communhoes tem V. M. o quinhaõ, que lá saberá no outro mundo. O que V. M. me dá, estimo, quanto naõ sei declarar. O Anjo por si se faz estimar, e naõ era necessario este memorial; pois já cá estava outro de V. M. Mas muitos taõ necessarios a quem anda em tantos perigos: e por isto naõ sahe do meu Breviario, menos a minha Santa Theresa, que com as feridas daquelle dardo envergonha as poucas, que teaho por esta via. O Senhor S. Francisco de Sales naõ faltou, como amigo, nesta occasiao: naõ falte V. M. tambem em continuar, como sempre, a merce, que me faz, que lhe desejo merecer, aindaque nada meu tenha valia. Encommendo-lhe muito a paciencia, simplicidade, sujeiçao, mortificaõ de juizo, e o ardente amor de Deos, que guarde a V. M. como lhe peço. Coimbra, 10 de Junho de 1710. De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa. E depois de lhe dizer que estima as suas melhoras de saude, e que lhe deseja os augmentos da caridade, diz que tambem elle trouxera desconcertada a cabeça, e o corpo; porém que a sua nunca tivera concerto. E porque o achaque agora foi mais sensitivo, pareceo mais extraordinario: para nos dizer, que sentindo tanto qualquer dór (sendo hum accidente) não reparamos em que temos por natureza a enfermidade, podendo estar o maior achaque em nos não sabermos doer da saude.

E diz, que deixe dizer delle, porque diz bem quem delle differ mal, e que não faz conta de intrincheirar-se: isto he, esculhar-se, ou defender-se. Não era a tençao do Servo de Deos querer adquirir merecimento á custa do defeito do proximo; mas sabia que raras vezes nos escusamos, sem que direita, ou indireitamente arguamos, quando nos defendemos. De que nasce fazer com bom pretexto, e por amor proprio crescer o danno, que a Caridade atalhara pelo sofrimento. E como isto erao discursos, que faziaõ alguns Religiosos da sua Provincia, com quem ainda estava encorporado, não podia fazer juizo da tençao alheya, sem que ao menos se inferisse a semrazaõ, com que o arguiaõ: e por isso sem dizer outra cousa, respondeo: Da-me vontade de rir, dizer que fui fóra da Provincia sem obediencia: E tem mil galantarias esta moralidade da minha vida. Porque onde he ridicula a censura, consequentemente ha de molestar a defesa. E nestes termos, Je do silencio se não segue algum danno, mostra o Servo de Deos que o meyo mais proveitojo he fazer da calumnia galantaria; mas de tal modo, que não pareça desprezo: que ás vezes pode ter este risco, e por huma paciencia artificiosa cabir em huma soberba occulta.

Diz, que no que toca aos gastos do officio, que tire a vaidade, a competencia, e extravagancia. Porque parece que esta Religiosa tinha occupaõ na Casa. E prosegue, que nestes termos o que modestamente se gasta, o tem por caridade, ou consolaõ Religiosa. A razão he. Porque acudindo ao officio com medida, e modestia, a largueza regulada he o fim para que os

Pre-

Prelados põem em alguns cargos certos sujeitos. Demais, que aindaque devemos mortificar a nós mesmos, naõ devemos mortificar aos outros; isto se entende, do modo que diz o Veneravel Padre: e assim accrescenta, que naõ faça escrupulo da esmola, que lhe dá seu Irmaõ, sendo-lhe necessaria; como o deve fazer sendo superflua.

Diz, que o recommende muito a todas as Religiosas, e particularmente ás enfermas. Porque sabia o muito que val diante de Deos o padecer nesta vida; que he o unico preço, com que se compra a eterna, e o chrysol onde o ouro pela paciencia, e enfermidade se purifica.

C A R T A . X L I X .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Enhora minha. Este Padre bem se pôde levar, mas este Senhor naõ se pôde soffrer. Nunca mais me falle em Senhor. Porque os monturos naõ servem mais que para o cílico. Tudo o que naõ he isto, naõ diz bem nelles. Eu sou hum miseravel monturo, em que assentaõ muito bem os desprezos, muito mal esses tiples das estimações. Vamos a outra coufa, que nem nisto se pôde fallar. Longes, e pertos assim he que o mesmo saõ para nós. Porque o lugar, que V. M. tem na minha memoria diante de Deos, nem os pertos o fazem mais chegado, nem as distancias lhe tiraõ os bons longes. Se eu tenho bençaõ, que dar, já V. M. naõ tem que pedir. E eu de novo só tenho que lhe offerecer o parabem dessa Roda, que a Fortuna pudera invejar, se nas que estaõ fóra do mundo tivera que fazer. O que aqui he para admirar, que sendo ella taõ viva, seja a linguagem taõ morta: com tudo me pareceo bem, que falando-me V. M. por papel, se valesse do caminho, naõ dos rodeyos. E se aqui se deitaõ a rodar os allivios com resignaçõ, as esperanças com silencio, e as fadigas com paciencia, naõ he pouco o que temos feito. Hum a simplez memoria de Deos,

Deos, que V. M. conserve nestas occupaçõés, desejando conformar-se, e dar gosto á Divina Magestade, basta para que V. M. aproveite neste exercicio, onde sem escrupulo podem parar todos os mais exercicios da mortificaçao, a quem prefeere a obediencia, quando com ella se encontra. A pureza da intenção em tudo, a renovaçao dos propositos encomendando a V. M. muito a miudo. Porque agora está em prova, que he mais que em muda. Os exames á noite desta pureza, e como lhe vai na obra, saõ necessarios. O acerto, e dita, consiste em fazer bem o que Deos nos mette nas mães; que isto he cingirmos outro sinal de caminhar a perfeitos. Que em quanto nos cingimos, e nos governamos pelas nossas inclinações, (aindaque sejaõ santas) saõ exercicios de novatos. Agora naõ temos Confissionario, para que appellar. Porque se interpõs hum impossível, que se naõ deixa vencer. E creya V. M., que está isto muito longe de ser medo de Bispados, nem susto de já lembrar para isto. Porque ha muitos dias que estou desaffogado neste particular. Com tudo o meu parecer era, e he, naõ aparecer em públicos, nem na Corte, até isto naõ estar provido. Mas já disle a V. M., que obedecer até aos despropositos, he o meu destino, como naõ seja aceitar Mitras, nem Anneis de ouro, ou coufa contra a minha consciencia. Naõ acho desculpa na réplica, ou na tardança, por isso vim logo, aindaque me foi custoso. No que tóca aos votos de huma Religiosa, quem os negar com malicia, ou com desprezo, pecca contra justiça, se ella he capaz; e contra a charidade, aindaque o naõ seja, pelo desprezo, e malicia. Mas naõ peccará, nem levemente, quem consultando o seu entendimento votar lisamente conforme a sua consciencia: que fazendo isto, naõ peccamos, aindaque erremos em materias de votos. Do Hospicio de Alfeite naõ quero nada, mais que fazer o que me mandaõ. Se me mandarem, irei para elle; se naõ, nada farei. Porque nesta vida o meu negocio he o nada. Queira Deos que seja tudo para maior honra, e gloria de Sua Divina Magestade, que guarda a V. M. como lhe peço, que a ninguem desejo mais todos os bens de Deos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NO-

N O T A.

Esta Carta escreve o Veneravel Padre a certa Religiosa, dizendo que o nome de Padre bem se pôde levar, mas que o de Senhor se naõ pôde soffrer: isto era tocante ao estylo, com que se tratava, confessando de si, que era bum monturo, onde só está com propriedade o cisco.

Diz, que nelle só os desprezos affentaõ bem, e que deixe aquelles tiples das estimaçõens. E com razaõ chama tiples ás vaidades. Porque, ainda as que mais suavizaõ, saõ vozes, que sempre se teme que mudem.

Diz, que os longes, e pertos saõ a mesma coufa. Porque a memoria na presençā Divina faz das ausencias presenças: para que entendeſſe, que todo o outro desejo de estar mais perto, ou mais longe, (naõ sendo preciso para algum negocio justo) mais he appetite do affecto, que verdadeira concordia do espirito. Diz, que lhe dá o parabem da Roda, aonde por officio affilia, e que a Fortuna tivera que invejar, se nas que estao fóra do mundo tivera que fazer. Isto dizia, para que tivesſe entendido, que havia de estar naquelle officio, como se estivesſe fóra do mundo.

Prosegue, que lhe pareceo bem, fallando-lhe por papel, se valesſe do caminho, e naõ dos rodeyos. Porque ha peſsoas taõ mysteriosas, que se naõ he cara a cara, (e ainda com mil ceremonias) naõ acabaõ jámais de se declarar, e talvez no que naõ vai nada. E de ordinario nasce, ou de pouca humildade, ou de pouca liberdade de espirito.

Diz, que a pureza da intençao, e renovaçao dos proposições lhe encommenda muito, porque está em prova: e que a dita be fazer bem o que Deos nos mette nas maõs. Quer isto dizer, que a perfeiçao naõ consiste em mais altos, ou mais extraordiñarios exercícios. Consiste em dar bõa conta do que nos encarrega a Providencia Divina. E nessa parte se enganaõ algumas vezes peſsoas de muita caridade. Porque como naõ se empregaõ em grandes couſas, cuidaõ que naõ fazem nada. E tem razaõ, se neſtas menores naõ obraõ com tanta exacçao, e cuidado, como nas grandes.

C A R T A L.

O Amor de Deos more na Alma de V. Reverencia.

 Eu Padre Guardiaõ. Sempre as novas de V. Reverencia saõ para mim de grande gosto; por isto sempre as desejo procurar com igual affecto. Dê Nosso Senhor a V. R. muito alegres Festas, e a todos estes Religiosos, a quem me recommendo, e peço a bençaõ.

Bem sei o zelo, e amor, com que V. R. deseja os meus augmentos. Mas como Nosso Senhor me deo luz, e conhecimento, de que naõ presto para nada, naõ convém que eu tome carga sobre meus hombros, naõ sendo elles para tamanho pezo. As arvores muito carregadas quebraõ, e cahem: as náos com demaziado pezo, aindaque seja de ouro, vaõ-se ao fundo. Eu arvore miseravel, com fructos desiguales ao que sou, que poderei esperar, senão a minha ruina? E sendo barquinha tão rota, e fraca, que esperarei de mim, senão naufragio? Melhor me acho com os meus piolhos, mais seguro estou com os meus remendos, e quero mais hum cantinho de huma pobre cella, em que siga a meu Padre S. Francisco, que os maiores Titulos, e Senhorios do mundo. *Elegi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare &c.* V. R. me encommende muito a Deos. E porque o possa fazer com mais causa, lhe mando por memorial esta Veronica. Espero que nos vejamos, se para outra parte nos naõ mandar a Obediencia, a quem naõ faço conta de faltar, excepto de me fazerem Abade. Porque naõ está desta cõr a minha consciencia. Entretanto encommende-me V. R. a Deos, que guarde a V. R. como lhe peço. O Novigo, a quem V. R. tirou as informaões, he o poitador desta: vai dar as graças; porque o Padre Provincial as houve por boas.

De V. R. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos em resposta a hum Guardião de certa Casa, que parece lhe fallava em alguma Dignidade: que como consideravaõ em sua pessoa tanta prudencia, todos com boa tençao, e zelo desejavaõ ve-lo empregado em tudo. Mas o Veneravel Padre, a quem Deos havia dado luz, como elle mesmo diz, e tambem graça para saber conhescê-la, e fortaleza para observá-la, qualquer Dignidade recusava; que todos estes movimentos saõ necessarios para chegarem a effeito os Divinos auxiliios. Porque muitas pessoas vemos tocadas da inspiraçao, e por não escutarem com attençao, e desejo de entender ser beneplacito divino, a deixaõ passar como luz de relampago, sem que a Alma receba perfeita noticia. E outros, que recebendo a luz clara, porque se não fazem bastante força, e vencem a repugnancia tibia da natureza, não tireão mais proveito que hum conhecimento da verdade clara, mas esteril para o aproveitamento. Porém como o Servo de Deos não tinha outro cuidado mais que o de ouvir, observar, obedecer a vontade Divina, e tivesse entendido que só pelo exercicio de Missionario Deos o chamava, estava tão firme em seguir a Divina Vontade, que com nenhum pretexto mudaria de propósito: e assim responde nesti Carta com santo desengano, que Nosso Senhor lhe deu luz para ver que não prestava para nada, e que não convinha tomar sobre seus fracos homens tão grande peza. E traz o exemplo das Náos, e das Arvores. Porque ordinariamente humas quebraõ, e outras se voltaõ com o grande vento. E o mesmo effeito faz nos imprudentes o vento da vaidade: e por isto diz, que quer mais hum cantinho, que os maiores Senhorios do mundo. E acaba, dizendo: Não está desta cor a minha consciencia. Porque ha consciencias, que se vestem de cores, e querem que vista as mesmas a caridade, não havendo outras para a Alma, mais que a branca, ou negra; isto he de graça, ou de culpa.

C A R T A L I.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Enhora minha. Já estimára que V. M. tivera inteira saude , para que de mais perito lhe desse o parabem, e lhe dissesse outras couzas necessarias. V. M. fez bem no que disse a N. , e em naõ responder a esse Padre , a quem eu responderei em o vendo. Tençaõ tenho de fazer aquella advertencia , em quem V. M. me toca , sobre N. Nostro Senhor a leve a diante em seus bons intentos.

Eu creyo que V. M. conhece lhe fallo verdade , e com a mesma lhe digo , que de nenhuma pessoa do mundo faço maior confiança , que de V. M. E presupposto isto , vamos ao que importa.

Cada vez me move mais Nostro Senhor a que inteiramente de todo este mundo naõ queira nada , mais que a sua gloria , honra , e bem das Almas. E qualquer destas duas couzas peza mais que todos os outros bens do mundo. E o demonio , que intenta destruir esta (a meu vêr) obra de Deos , em traje de razaõ , e caridade , faz por introduzir aquellas conveniencias , que saõ desdouro da palavra divina , e interdicto para o bem das Almas. E como conheço isto , digo a V. M. com toda a verdade , que tenho grande receio , que , ou por via dos Companheiros , (a quem tenho ordenado com todo o aperto naõ tratem dos meus particulares mais que eu) ou de outra alguma pessoa se teça alguma tea do demonio , em que se enxovalhe , ou perca esta opniaõ-zinha , que se tem do zelo de Deos : fundado neste , digo que eu estou resoluto a naõ impedir o bem de meus parentes , pois impedindo o de qualquer proximo pecco gravemente. Mas estou muito mais resoluto a naõ procurá-lo por nenhuma via : que isto fora hypocrisia fina , e cavilaçao azé-lo secretamente ; antes se se me dér conta , pôde ter

perigo a troco de que a palavra de Deos tenha credito. Nisto quero dizer, que se V. M. entender (segundo sua consciencia) que faz bem em favorecer a meus Irmaos em alguma causa, siga a inspiraçao de Deos, mas nao mo diga. Porque se mo differ, podera ser que o impida. Porque assim me parece que convem. E saiba tambem, que lhe nao hei de agradecer este beneficio. O primeiro: porque V. M. com isso, e com todo o mundo, me nao paga o desejo, que tenho de vela na perfeicao. O segundo: porque quero que entenda, que nesse negocio, se fizer alguma causa, nada faz por mim. Tenho-me explicado. Entretanto vá-se V. M. com a obediencia aos remedios, com paciencia para si, com caridade para o proximo, e com a possivel conformidade, e presencia para Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo de V. M.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos, a huma Religiosa, de quem fazia grande confiança. Diz no segundo paragrafo, que cre que conhece a verdade, com que lhe falla, e que com a mesma lhe assegura, que de nenhuma pessoa faz no mundo mais confiança. E continua, o que presuposto, vamos ao que importa. Era o Veneravel Padre prudente, e sabia bem, que para afirmar bum acto da vontade propria, era necessario segurar primeiro a confiança alheia.

Diz, que cada vez o move mais Nosso Senhor a que inteiramente nao queira nesta vida mais que sua gloria, e honra, e o bem da salvaçao das Almas: e que teme que o demônio, que deseja destruir esta obra, faça por introduzir em traje de Caridade certas conveniencias, que sao desdouro da palavra Divina: isto era, que desejando muito o Principe ajudar aos parentes do Veneravel Padre, e persuadindo-o todos, que elle se nao podia oppor, nem fazer diligencia em contrario sem escrupo, e prejuizo de terceiro: e por outra parte considerava, que

se se entendesse, que qualquer graça era feita por diligencia sua, (não porque fizesse caso de estimação propria, mas porque se alguem cuidasse que elle attendia a alguma conveniencia de seus parentes) podia prejudicar á palavra de Deus aquelle credito, que por huma grande exacção para o proveito das Almas tinha adquirido. E nestes termos, entre escrupulo, e entre a caridade (como entre duas talas) segue o meyo da indifferença. E por isso prosegue, que elle não impede o bem de seus parentes, mas que esta resoluta a não procurá-lo de nenhuma sorte. Porque fora hyprocisia, aindaque o fizesse secretamente. Porque entendessemos que, sem esta verdadeira sinceridade, tudo o mais são pretextos para cobonistar com alguns cajos certa ambição do amor proprio.

Diz, que se entender que faz bem em favorecer a seus Irmãos, que o faça, mas que lho não diga: e que tambem entenda, que lhe não ha de agradecer esse beneficio. Porque o bem, que lhe deseja, lhe não paga com todo o mundo, nem o faz por elle, pela razão que a cima insinua. E dizer que lhe não paga com todo o mundo, be porque de todo o mundo não fazia nenhum caso, pois só em Deus punha o seu affecto: e que tambem entenda, que se naquelle negocio fizer alguma cousa, nada faz por elle; quer dizer, que não esperasse que lho agradecesse. De tudo isto se segue a estimação, que devemos fazer de qualquer acto de caridade, e o pouco cuidado, que devemos pôr nas conveniencias das cousas do mundo, para quem deve estar morto, não só aquelle, a quem Deus elege para pregar a sua divina palavra; mas todo o que faz voto de seguir a Christo, como fizeram tantos Varoens Santos, e os mesmos Apostolos: estes pregando nas Praças, e nos Pulpitos, e aquelles, orando nos Claustrados, e nos Desertos.

De A. M. Setevo n.º 11.

Tomo I.

L3

C A R-

C A R T A LII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito Reverenda Madre, e Senhora minha Sotor N. Chegou o Donato a tempo, que eu estava de purga, e me succedeo taõ bem, que fico com conhecida melhoria. Seja D. os bendito por tudo. E o feja tambem, se a melhoria naõ perseverar, e o mal outra vez vier. Porque se recebemos os bens das maõs de Deos, os mailes porque os naõ receberemos? Naõ temos outro bem verdadeiro nesta vida, mais que padecer, e amar, e unit-nos com a Divina Vontade: e assim nunca estarei peyor que quando me faltar este bem. Louve V. M. a Deos por tudo o que lhe deve, e por tudo o que lhe succeder tem culpa. Porque nunca se navega tanto como com a tempestade, se se naõ perde o rumo: e todo o mar he caminho.

A^o Madre Soror N. d^e V. M. da minha parte o parabem da morte de sua Sobrinha: que para bem he naquelles annos a morte. E senti-la, sendo expressa vontade de Deos, he falta de Religiao, e de Santidade. Porque como diz a Escritura: Ao justo nada o entristece: *Non contristabit justum quidquid acciderit ei, &c.* Seja esta regra para a Portaria; pois ás vezes podem por ella entrar, e sahir cousas, que nos podem entristecer. E serve isto tambem nas Cruzes, e nas enfermidades. Graças, e mais graças a Deos, que he a melhor linguagem de suas presenças. E esta encommendo muito a V. M. Tambem lhe encommendo a Madre Soror N., e todas as mais, que se valem dos dictames de V. M. E lhe peço me naõ falte V. M. com suas Oraçõeſ, quanto o desejo merecer a V. M., a quem Deos guarde. Varatojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.
NO-

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa. E de-
pois de lhe dizer como havia passado com melhoria, pela
qual dá graças a Deos; com tanta diferença, que diz, que en-
tao estará verdadeiramente enfermo, quando não estiver ver-
dadeiramente resignado. E acrescenta, que nunca se navega tanto
como com a tempestade, quando se experimenta sem culpa: isto
he, que nas mortificações se purifica o espirito, e adquire o
merecimento, se a pezar da natureza repugnante se levaõ com
resignação, e humildade. E por isto prosegue: Todo o mar be-
minho, se se não perde o rumo: isto he, o sofrimento, e o fim,
que he o divino beneplacito.

Diz que de a certa Religiosa o parabem da morte de huma
Sobrinha de poucos annos de idade. Porque senti-la, sendo de
Deos vontade expressa, onde não havia suspeita de não estar a
graça, he falta de Religião, e de Santidade. A razaõ he. Por-
que o Religioso, ou quem deseja viver pelos dictames do espi-
rito, não só está obrigado a não dar lugar ao menor acto de cul-
pa, mas nem ainda aos movimentos da natureza: isto he, fa-
zendo-lhe sempre a guerra, que só por conta de Deos corre a
vittoria. E prosegue, que esta seja a regra, que siga em todas
as coisas, em que acabar repugnancia: para que entenda, que
até à morte em tudo ha de andar com este cuidado, quem se re-
solver a viver menos para o corpo, que para o espirito; que os
progressos da guerra entre a natureza, e a graça, não podem par-
ar. Senão nos termos da vida.

CARTA LIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Muito Reverendo Padre. Amigo, e Senhor meu. Colhe-me esta Carta de V. M. a tempo, em que apenas posso fazer-lhe estas regras, por causa de sahir á manhaã a começar a Misaõ deste Povo, e fazer dous Sermoës no mesmo dia, e nenhum delles está feito: com outras muitas cousas, que sempre se me apparelhaõ para a ultima hora. Mas se nesta podia ter algum allivio, era ver-me com boas novas de V. M., e assim ferá, sempre que ellas sejaõ como desejo. Todos estes acontecimentos, que a V. M. lhe fizeraõ horror, e medo, se me fazem a mim mysterio, e assombro; pois ainda nesses casos veinos o fructo, que se tiron, e o conceito, que se fez de V. M., como a mim já me haviaõ dito tudo. E parece que o demonio quer apagar as luzes de sua Igreja, feccando-se V. M. para pregar, ou vestindo-se, e levando-se desses medos. Se visitando mais ao modo do seculo, fez V. M. tanto aballo nos Povos, tanta edificaõ nos seculares, que fora vendo a V. M. com hum Habito de S. Francisco, deixando isso que tem do mundo! Além de que, o que a V. M. lhe succedeõ nos pulpitos, he cousa, que, pouco mais ou menos, a todos nos tem succedido, especialmente em quanto naõ se faz habitu de fallar sem estudo. E eu me perdia a cada passo. Mas fazendo habitu disto, nenhuma cousa custa. E este se poderá fazer primeiro em muitos Povos pequenos. E depois de repetidas as materias, que bastaõ poucas bem sabidas, se faz tudo com facilidade.

Em fim, isto tem segredos, que se naõ podem digerir de taõ longe. Eu naõ tenho revelaões de Deos, nem nestes casos appello para tanto. Porque me basta a razaõ do estando mais perfeito, e menos perigoso, quando mais naõ fora, e estar

estar vendo que Deos costuma sumamente mostrar-se agradecido a qualquer sujeito, que nesses exercícios anda. Eu já naõ vou a Gouvea. Porque me pede o Senhor Bispo da Guarda que vá lá em direitura, porque até dez de Setembro se partirá para as Caldas: e antes disto queria ver-se comigo. Por cuja causa parto para lá mais cedo. He preciso gastar ainda este anno por estas partes, e tornar aqui em Abril, ou Mayo, se Deos me der vida: se acaso algum superior sucesso, ou obediencia me naõ arrebatarem para outra parre. Muito sentirei que em tanto tempo naõ seja possivel ver-me com V. M. ao menos. E tambem farei muito porque o recolher-me seja por Coimbra. A N. naõ mostrei perplexidade, como elle diz: antes lhe disse a causa, porque o castigava Deos, que era naõ tirar-se de Freiras. No seu negocio, em que elle, e sua mulher sabem a verdade, ahí naõ teria eu que dizer: o mais, he certo que nem ainda homens mundanos lho podiaõ aconselhar. He cegueira miseravel, que de hum erro se caya em outros, até despenhar no Inferno! Mas tarde passarei por lá. Entretanto encomende-me V. M. muito a Deos, e a estes Companheiros, que se offerecem a V. M. com grandes saudades suas. Vaõ as Cartas, e venhaõ-me sempre novas de V. M. E naõ se desanime, porque toda a nossa confiança naõ se funda em nossa sufficiencia, senhaõ na Bondade Divina: *Sed sufficientia nostra ex Deo est.* E naõ posso ser mais largo. A Deos, que guarde a V. M. Viseu.

Amigo, e Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma pessoa Ecclesiastica, a quem desejava trazer para o Seminario (como succedeo com effeito.) E depois de lhe dizer a razaõ, porque lhe naõ escreve mais largo, continua: Todos estes acontecimentos, que a V. M. lhe fizeraõ horror, e medo, se me fazem a mim mysterio. Esta he a razaõ, porque raras vezes podemos fazer juizo

juizo seguro nos negocios proprios, e particularme nos que to-
caõ ao espirito, onde os interesses, ou os enganos saõ mais de-
licados. E prosegue: Pois nesses casos vemos ainda o fructo, que
tirou, e o conceito, que se fez de V. M. Isto he, segundo se
colhe, que esta pessoa se devia perturbar em algum Sermaõ, de
que se lhe seguiu confundir-se, e ao auditorio admirar-se. Por-
que pela estimacaõ da pessoa fariaõ juizo que naõ fora sem my-
sterio. E se fizessemos esta consideraçao em muitos casos, naõ ti-
vera a noſſa consideraçao mal mortificada a injuria por danno,
que nos concede a graça para remedio de tantos defeitos occultos,
em que Deos nos quizer a humilhados.

Diz, que estas coſas tem segredos, que se naõ pôdem
digerir de taõ longe, e que naõ tem revelaçõens, que lhe ba-
ſtava a razão de estado mais perfeito. Parece queria insinuar-lhe
o Veneravel Padre, que entendia que aquelle enfado, ou des-
gosto do amor proprio, fora querer Deos humilhá-lo, e em fim
dispô-lo, como quem lhe dava mais hum golpe: com o qual por
meio da ſanta humildade ſe lembrafse do pensamento, que tra-
zia de tomar o Habito da Religiao Serafica. E por naõ entender-
mos, ou naõ querermos entender que esta he a linguagem, por
onde Deos nos falla ordinariamente, deixamos paſſar tantas
inspiraçõens, e auxilios, ſem mais efeito, que haver de dar
conta delles no Tribunal supremo.

Diz, que a certa pessoa naõ moſtrará perplexidade, e que
antes lhe diſſera, que o castigava Deos por naõ tirar-se de ami-
zações de Freiras. Esta clausula he taõ conforme á razão Catho-
lica, que ſem os lamentaveis exemplos, que em tantos casos
Deos tem permittido para castigo de escandalosos erros, Je naõ
devem attribuir a outra coſa os dannoſ, que experimenta, do
corpo, da vida, da fazenda, e da Alma, quem ſe arroja,
ainda que levemente, a taõ escandalofas culpas.

N O T

C A R T A L I V.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

E



Adre Soror N. Em se abrindo ao Espírito Santo a porta, logo entra: e se não entra de todo, he porque ainda não removemos todos os obstáculos. Continúe V. M. neste andar, que como for tempo de correr, eu terei cuidado. Assim escura, secca, e miserável, como se achar, se ponha aos pés de Deos como souber, dizendo-lhe as suas misérias, e suspirando pelas Divinas misericordias. E depois de formar, ou crer as presenças, gaste o seu quarto de hora, ou o tempo, que tiver, na Oração, quanto puder em actos de amor de Deos, de contrição, de admiração da Divina Bondade, e em desejos ao menos de seu amor, e enxotar maus pensamentos, e divertimentos, ter guarda quanto puder nos sentidos, fazer por trazer em paz a Alma nas Divinas memórias, prender quanto puder a língua, fazer guerra ao corpo, amar a obediência, e ao desprezo de si mesma. Mostre-se amorosa a todas, mas buscar a solidão em quanto puder.

Estimo esta notícia. Esperanças tenho de que esta primeira vitória nos assegure muitas, em que Nosso Senhor dê por prémio de humas dobrar as forças para outras. Agora ir a diante. Continúe, como puder, e souber melhor, a Oração, e exercícios, e a mortificação desta paixão mais vehementemente, até que Deos seja servido de nos trazer, para que de mais perto possamos ver o que falta. E se entretanto houver cousa, que a V. M. lhe faça escrúpulo, dê-me conta. E em commende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O

N O T A.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a certa Religiosa. Começa dizendo, que em se abrindo ao Espírito Santo a porta, que logo entra: e que se não entra de todo, be porque ainda não removemos todos os obstáculos. A razão desta doutrina he: porque o querer (o que se entende abrir) he mais facil; mas o remover he muy difficult. Todos queremos receber o Amor Divino, que consiste em huma simplez vontade, muitos lhe abrem as portas, (que se entende o exercicio de algumas virtudes) mas remover obstáculos, que he arrancar raizes, aballar os fundamentos dos edificios, que levantou o gosto, isto he de raros. E por isso prosegue: Continue nesse andar, que como for tempo de correr, eu terei cuidado. Sabia o Veneravel Padre que era necessario dispor os humores, para que quando fosse tempo pudesse purgá-los. E por isso diz, que escura, secca, e miseravel, e como souber, se ponha aos pés do Senhor, a quem, invocando suas misericordias, repita suas misérias. Porque nessa perseverança se cozem, e dispoem os maus humores da Alma, para que queira lançá-los fóra a Graça Divina.

Diz que estima a primeira victoria, isto he, algum acto de virtude, com que Deos tinha ajudado esta Religiosa, e que espera que esta acção lhe assegure muitas. A razão he. Porque como estes primeiros movimentos saõ puramente graciosos, porque estando cabidos, não podemos levantar-nos de nós mesmos; quiz dizer-lhe por este estylo, que se se humilhasse com perseverança, quem lhe deo esta, lhe daria muitas outras victorias.

Sexto instante

No

CAR.

CARTA LV.

O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. M.



E será Deos servido de dar poder ao diabo para metter na cabeça a V. M. que se perde pelo caminho do Ceo, depois de lhe fingir que se podia salvar pelo caminho do Inferno!

Irmaã, e Senhora. Tome por exercicio naõ sahir da Paixaõ de meu Senhor Jesu Christo, ainda que lhe seja muito custoso cuidar, e socegar nella. Aqui achará hum espeílho, onde em cada chaga ache suas culpas. Porque o que em nós saõ culpas, em Christo saõ chagas. Mas de tal modo signaes, que fez a nossa offensa, que saõ juantamente remedio, e cura das nossas Almas. Por estas portas ande, por portas essa pobre Almazinha pedindo esmôla á Divina Misericordia; bata com o coraçao, que he a melhor aldrava, bata com os affeçtos, com os suspiros, e até com as sequidoës, e miseriñas. Bata, e diga a este Senhor: Esmôla pelo amor de Deos para huma Alma peccadora: Esmôla, meu Senhor Jesu Christo, para esta taõ pobre Alma: Esmôla, meu Deos, e Amor do meu coraçao: Esmôla de misericordia para esta vosla taõ vil, taõ ingrata, e taõ ruim creatura. Tome isto por exercicio destes oito dias, sujeitando-se simplezmente pelo amor de Deos a este taõ breve modo de Oraçaõ, ainda que de presente haja cahido em grandes faltas. E se a metterem de portas a dentro, abrace a quem a metter, e deixe-se ficar, sem fazer mais que amar, e receber o que lhe dér este Senhor. E zombe das carrancas, que lhe fazem seus escrúculos, e pensamentos: que tudo isto saõ gigantes de palha, e machinas armadas no ar, que nos assombraõ com apparenças; porém tomadas ás maõs, saõ nada na realidade. E entenda, que nenhuma cousa já agora lhe faz ser taõ boa, como haver fido taõ má.

Os Reys da terra naõ gostaõ da caça mansa , as feras *sylvestres* , indomitas , e mais ferozes , e bravas , estas saõ o seu regálo , e o seu deleite . E que cuidava V. M. ? Que fazia Deos o maior caço dessas Santinhas , que la estaõ em companhia de V. M. ? Naõ he assim . O Rey dos Ceos folga de aster ; mas o que estima caçar he ella Alma , fera taõ embrenhada em vaidades , taõ iylvestre por mettida no bosque deste mundo , dos enredos , e embaraços da Alma . Ande pelo amor de Deos . Ande dessa delconfiança para diante . Tenha hum coraçao tamанho como a sua antiga vaidade . Naõ se assombre com as carantonhas , que faz o amor proprio , quando vai morrendo , em finaes de que saõ termos , com que vai acabando . Oh se soubera , (Irmãa da minha Alma) oh se soubera o que suspeito que lhe quer Deos ! Endoudeça de amor por esta immensa Bondade . Ah meu Deos , mostrai-lho vós , pois aindaque agora chora , naõ me acaba de crer amim ! Gaste o tempo , que essas confusoës lhe furtão , em hum disparate espiritual , com que tempre esteja dizendo na Alma aquella suava doudice : *Meu Deos do meu coraçao , meu chagado Jefu Christo , meu Amor crucificado , tende dô , e misericordia de mim . Tende dô , e compaixaõ desta pobre Alma .* Também naõ faça caço de que lhe faltaõ forças para a batalha . Porque isto he soberba , e naõ humildade . Quem lhe dér o auxilio , lhe dará tambem as armas para a victoria . Deite-se nos braços de Deos , e aperte os punhos da resoluçao de nunca o deixar : que elle fará o mais que falta por fazer .

Bem aviado estivera Deos , se as minhas forças , ou as de V. M. havaião de ser as que só vencessem ! Coitados de nós , se elle nos naõ armasse , e defendesse ! Continuamente , ainda que mil vezes caya em a hora em miserias , como filha de Adam , torne logo a Deos , que como a causa he sua , quem soffre o a V. M. descuidada , como a naõ favorecerá rendida ? A sua mesma maldade he a maior Carta de favor , e recomendaçao para Deos . Diga-lhe : *Mil vezes , Senhor , se mil vezes como fraca cabir , mil vezes me tornára para vós , para essa condiçao de Pay , Para esse amor de Espoço , e para essa Bondade de Anigo . Porém , meu Deos , antes morrer ,*

morrer, que peccar. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa de vir-tude, que governava espiritualmente, e que padecia (segundo se collige) trabalhos inferiores, com que Deos costuma provar aquelles, que quer favorecer. Começa dizendo: Se será Deos servido de dar poder ao diabo para metter a V. M. em ca-beça, que se perde pelo caminho do Ceo, depois de lhe fingir que se podia salvar pelo caminho do Inferno! É supposto que em rigor o caminho do Inferno he só o peccado mortal: com tudo ha encruzilhadas de appetites, e sendas de vaidades, humas vezes apagadas, outras torcidas, que sem as percebermos, nem fazer-mos juizo para onde vamos, se nos naõ levaõ direitamente ao Inferno, lá nos vaõ metter no caminho: como pelo contrario o demônio pelos escrupulos, as apprebensoens, temor servil, e o amor proprio faz ás vezes que huma Alma páre no caminho do Ceo, ou entre em suspeita de que vay errada, para que assim deixe a estrada segura. Estes saõ os termos, em que o Servo de Deos falla. Porque pela culpa grave ninguem ignora para onde caminha. E por esta causa lhe diz, que medite na Paixão de Christo Senhor Nosso. Porque para os espiritos especulativos, quando se sentem inquietos, o remedio melhor saõ os exercícios praticos: quero dizer, os Mysterios da Paixão, e da Vida de Christo: onde pela imitação se anima a emprender as virtudes a Alma, e pelas finezas dos mesmos Mysterios se consola, e alenta o espirito. E diz, que cindaque lhe seja muito custoso cuidar, e socegar-se, que persevere. A razão he. Porque as Almas, que estao habituadas aos exercícios puramente intellectuaes sem usar de imagens, ou figuras, acbaõ dificuldade para tornar áquelles principios, os quaes (conforme o estado, em que se achava esta Religiosa) lhes eraõ necessarios para segurar aquella inquietu-
e por

*Cartas do Veneravel Padre
e por isso lhe diz, que recorra áquelles sagrados Mysterios, ro-
gando, e pedindo.*

*Mostra-lhe, como as tentaçoens, e afflicçoens, naõ só
vencidas, mas batalhadas, saõ signaes da Graça. Porque na
noſſa maõ naõ está o vencer, mas muita parte do resistir. E se
ha resistencia, fazemos o que Deos nos manda, e o que lhe agra-
da; e por consequencia, naõ ser tentado naõ he merecimento
proprio; mas padecer, e pelejar, e perseverar, este he o sig-
nal verdadeiro do amor, e agrado Divino.*

*Diz, que a ſua meſma maldade he a maior Carta de re-
comendaçao para Deos; iſto he, que a noſſa miseria he o ob-
jecto de ſua misericordia, e que aindaque fejamos tentados, e
alguma vez feridos, ſe nos levantamos, e recorremos a Deos,
gemoendo, e ſuſpirando por ſeu amparo, entaõ aquelle coraçao
amoroso ſe moſtra mais abraçado, e mais compassivo, quanto
eftamos mais humildes, e neceſſitados. E por iſſo dizia Job: Pe-
quei, Senhor, que quereis que vos faça? Como ſe diſſera:
Já voſſo amor tem por onde dilatar voſſa misericordia. Como pe-
la meſma razao chamava Santo Agostinho feliz a culpa.*

C A R T A LVI.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



*Uma Reverenda Madre Sotor N., e Senhora mi-
lha. Duas de V. M. me chegoão a dar-me as boas
Festas, que antes de chegar a Lagos naõ tive
este allivio. E ſaõ tantas as occupaçoens, e o tem-
po taõ pouco, que aindaque me recolhi aos Pa-
dres Capuchos, para que hontem de tarde, e esta manhaã
pudesse responder; a todas ferá impossivel. E agora começo
a entender com V. M., paraque naõ ſeja a que n eu falte.*

*As vezes faz Deos espeſhio dos males do noſſo corpo,
paraque conheçamos os males da Alma. Dita he ter vista pa-
ra o conhacer, e a Deos ſe ha de pedir a resoluçao, que fal-
ta*

ta para curar, e aproveitar. Bem de graça tem a Madre So-
ror N. no que me manda dizer do ouro por fóra, e azougue
por dentro. O azougue serve para deitar fóra ás escorias ;
bem será, que os dentros se purifiquem desorte, que naõ
deixe o azougue do amor de Deos nenhuma escoria da val-
dade. O ouro por fóra tambem ensina, que aquillo, que o
mundo mais estima, deve de estar já fóra de quem entrou
na Religiao. E se para curar o corpo, foi necessario este re-
medio, para curar o espirito bom será o azougar o cuidado,
e dourar o sentimento : que ás vezes se desdoura este com a
impaciencia, e perde as vivezas aquelle com o descuido da
Alma. Naõ considero eu nella estas fezes. Mas bom será que
este retabolo se retoque, para que se avive mais a pintura,
e a similhança de Christo. Diga-lhe V. M. tambem, que
estimei muito a felicidade de naõ darem aquelles baixeiás á
costa, porque lhes temia naufragio. E sendo tanta a tormenta,
bonança parece, se escapalle só com feridas ! Quererá
Nosso Senhor, já que naõ vemos na praya os mortos, que
todos os que tenhaõ risco cheguem a porto seguro, e se con-
servem na resignaçao dos vivos.

Já eu tomára que chegasse o tempo promettido : mas
será preciso deter-me. Porque he muy dilatado este Reyno,
e cheyo de Póvos, e esta jornada no es burla para dós vezes.
E Sua Divina Magestade dé a V. M. muy alegres Festas. E
se forem tristes com as Chagas, as conformidades dos cora-
çoës humanos saõ alegrias ao Divino. E tudo isto ha de ter
termo, ou nesta, ou na outra vida. O mundo he breve, se-
ja o sofrimento dilatado, e o amor de Deos comprido, que
naõ há outro remedio no padecer, mais que fazê-lo amor, e
amar quanto puder ser. E ao som da diaposição faça V. M.
seus exercicios : que em quanto a saude falta, naõ pôde ha-
ver regra certa ; mais que amar, e conformar com Deos o
possivel. Perdoe-me, que naõ ha tempo para mais, que fa-
ço esta a toda a presia. Encommende-me, quanto lhe mere-
ço, a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto
lhe peço, e lhe pedirei toda a vida. Lagos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

M

NO-

Tomo I.

aquelle simplicidade de ter a Deos presente, (salvo se elle a dér por outra maneira) que entao tambem naõ fará mal. E se o fizer, bendito seja Deos.

Naõ ahei cá o papelinho da Madre Soror N., a quem tenho por grande Religiola. E peço a V. Reverencia me encommende muito a ella, para que me encommende a Deos. A mulher da Beira he mais simplez que V. M. E se todos tiveramos simplicidade, quasi natureza fora andar na presençā de Deos. Mas os nossos bicos revoltos, e presumpçōes de Aguias, paraõ em condiçāo de Morcegos.

Muito me alegro com o que me dizem do Padre Fr. Luiz Pinheiro. Só me peza que o naõ ouçaõ Fidalgos. Mas Deos fabe os seus segredos: e elles tambem devem saber o que para salvar-se lhes he necessario.

Os banhos provavelmente me poriaõ na cova, segundo cá me dizem os Medicos. O leite, que V. M. mammou estes dias, como se converte em substancia, nos promette bōa cabeça. Quando V. M. naõ tire dahi grande entendimento, tire huma bōa vontade de se naõ apartar da disposiçāo do Altissimo, que guarde a V. M. quanto lhe peço. V. ratojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Veneravel Padre a certa Religiosa. Começa louvando a Bondade Divina, por lhe dar a ella o que mais lhe importa, que era luz do que lhe agradava. Porque sem esta luz particular ás vezes cuidamos que he de Deos agrado, o que he tudo amor proprio. E por esta razao diz abaixo, que peça a Deos fortaleza: isto he, para se naõ deixar persuadir das lisonjas, com que nosso mesmo affecto nos engana, quando naõ he clara a luz Divina.

Diz, que toda a alegria do espirito he divida. Porque esta alegria he huma piedade compassiva, com que Deos vay alentando nossa fraquezas. E assim prosegue, que se pedirímos com

humil-

humildade, nos dará Graça, com que se vençaõ os impossíveis. Diz, que ás vezes he tão poderosa a resignação, que faz que a execução se suspenda: quer dizer, de alguma molestia, que nos ameaça. E da a razão. Porque Deos se contenta com o animal. E isto parece tão certo, que creio, que se aquella infinita Bondade algumas vezes não suspende o açoite, he de pura misericordia, por ver se nossa maldade se emenda, ou nojo coraçao se resigna.

Diz, que no estado, em que se achava esta Religiosa, lhe convinha mais resignação, que Oração, mais alegria, que tristeza. Porque no tempo da esterilidade, e seccura, ou outra qualquer interior molestia, melhor ora quem se renuncia: e Deos então quer de nós mais os actos praticos, que os especulativos. E a alegria he o signal mais seguro da resignação verdadeira. Mas prossegue, que a Oração, que tiver, seja sem impeto, e com jocego. Porque neste estado até se haõ de moderar certos movimentos do espirito. Porque aindaque de si sejaõ bons, saõ mais para o tempo da bontança, em que a Alma não padece a tormenta, onde Jó se ha de procurar por huma attenção humilde huma paz amorosa; isto se entende da parte da creatura: que por isso prosegue: Salvo se elle a desse por outra maneira; quer dizer, por algum movimento sobrenatural.

Diz, que certa mulher virtuosa da Beira, em que lhe fallava, era mais simples que ella; e que se todos tivessemos simplicidade, que quasi todos andaramos na presença Divina. Do que se segue, que as demasiadas especulações, com que buscamos a Deos, como fundados em nossa diligencia, he hum dos maiores embaraços deste alto exercicio. E a razão he. Porque como o fundamento mais sólido desta Divina presença ha de ser a Fé, quem mais se arrima ao discurso, mais se aparta deste fundamento. E por esta razão diz, que nossas presumpções de Aguias páraõ em condição de Morcegos: quer dizer, que de querer examinar os rayos do Sol, nos succede cegar-nos na luz, que nos havia de allumiar.

CARTA LVIII.

O Amor de Deos arda, e férva na Alma de V. M.



Om grande gosto li este papel de V. M. E entre os allivios, que tive nesta jornada, foi este hum dos maiores. Seja bendita eternamente aquella Magestade immensa, e aquella Bondade infinita, que deo o principio, e porá o fin a esta obra, toda sua, e de V. M., para que onde tem que chorar, e sentir a natureza, tenha muito mais de que triunfar a Graça.

Naõ temos nesta peregrinaçāo da vida outro mais certo sinal do bem, que caminhamos, que fazer o que naõ queremos. Isto houvera de ser se npre, para que sempre se achasse em nós a vontade de Deos, que só se acha onde se naõ acha a nossa. Ella he quem lhe parece que tem fios mui agudos para ferir a folha, com que o papel he todo para curar. Mas ou em V. M. seja vaidade, ou naõ seja essa resoluçāo, naõ cuide no que he. Ponha os pontos, em que o faz por amor de Deos. E a olhos fechados, ou abertos, vamos para diante, sem gastar o espirito nos temores, pois nos he necessario para os extre nos. E aínta que os Santos faziaçāo por renunciar, o que V. M. naõ quiz, quando V. M. o for, lhe aconselharei o mesmo. Mas agora trabalhe, e ande, que temos hum Deos, que gosta muito de nos naõ ver parar em o co neçado querer. O que importa he, que V. M., pois começou isto, mediante a Graça de Deos, acabe comigo, mediante a Divina Graça, naõ cuidar já se no passado fazia bem, ou mal: e só com hum santo descuido de si mesma se ponha ingreme em Deos, ou nas suas Chagas, fazendo por naõ ter outro cuidado. Que se os que estão ao lado dos Príncipes da terra, o fazem assim, que n he do lado do Príncipe do Ceo, e esti tan cerca de la Persona, porque o naõ fará?

Irmaã, e Senhora, (deixe-me chamar-lhe assim) agora sim,

sim , agora creio que V. M. he freira. E saiba que suspeito , se continuar esta resoluçao , (como espero em Deos) que entendo que será desse Convento a melhor. Porque até agora era a peior delle. Mas Deos naõ sei que tem com os ruins , se choraõ quatro lagrimas , que a hum suspiro se víra , a huma lagrima se entrega , a hum soluço se abranda , a hum eis-me aqui meu Deos se chega , a hum meu Deos da minha alma dito com a ponta do espirito se nos mette no coraçao ; a hum Deos dos meus olhos , da minha alma , da minha vida , das minhas entranhas , amor eterno meu , desejo eterno meu , suspiro eterno meu , saudade eterna minha. Bendito sejais , eternamente vos louvem todas as criaturas , pois até os afectos , com que vos buscamos , saõ geitos , que vós nos dais , para que vos achemos. Cá vos metteis , e vos encobris : já estais no coraçao , e parece que desappareceis : alli estais tendo maõ na alma , que parece que naõ estais.

Irmaã da minha alma , naõ estou agora para lhe responder. Perdoe-me , que outro dia será peior. Mas saiba , que em quanto a vida durar , tal qual sou , naõ hei de deixar de servir a V. M. , e pedir a Sua Divina Magestade , com quanta força tenho , ou fraqueza , a leve muito adiante na sua vocaçao. E naõ faço muito nisto , pois vejo huma criatura tão má , e ingrata como V. M. ser tão querida de Deos , e tão favorecida. Bendito seja Deos , que naõ se lembra já de nada do passado em qualquer arrependimento presente. E peça muito a Nosso Senhor me tenha da sua maõ , que o es-corregar cada vez he mais , aindaque a Graça de Deos naõ he cada vez menos. A Deos. E o CEO , os Anjos , e a MÃY de Deos , e o meu Senhor Jesu Christo a guarde , e encha de sua Graça , até dar-lhe a sua Gloria. Amen.

De V. M. Servo máo , e sem proveito.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta, que o Servo de Deos escreve a certa Religiosa, começa mostrando a estimação, que fez de ter novas suas. E fecha este parágrafo dizendo, que onde tem mais que sentir a natureza, tem muito de que triunfar a Graça. E esta he em realidade a estrada real, por onde devemos caminhar á virtude. De que se segue, que naturalmente, onde não ha grande mortificação, não pôde haver santidade. E por esta razão continua, que não temos nesta vida outro mais certo signal do bem, a que caminhamos, que fazer o que não queremos. E a isto chama fazer a vontade de Deos. Porque como a nossa vontade tem huma tão grande propensão ao vicio, em nenhuma causa podemos unir-nos tanto á Divina Vontade, como em contradizer nossa mesmo appetite: que não só nos arrasta o affecto, mas nos persuade o discurso.

Diz, que ou seja, ou não seja certa resolução vaidade, não cuide no que he. Porque ordinariamente destas reflexoens voluntarias nascem as presumpções, e vanglorias. E por isso prosegue: Ponha os pontos em que obra por amor de Deos a olhos cerrados, ou abertos: quer dizer, ou sejamos, ou não sejamos tentados. Porque a tentação não faz danno, faz danno o consentimento. E diz, que vá a diante sem gastar o espirito em temores. A razão he. Porque estes temores ordinariamente sao pusilanimidade, que com humildes pretextos não fazem mais que perturbar, e impedir o espirito. Porque a humildade verdadeira não tira, antes anima a confiança.

Diz, que aindaque os Santos faziaõ por renunciar, o que ella não quiz fazer, que quando for Santa lhe aconselhará o mesmo. Porque entendamos, que os exercícios mais proprios, não saõ os mais altos, senão os mais conformes ao tempo, e ao estado, em que se acha o espirito. E diz, que não cuide no passado, se fazia mal, ou bem, que cuide em Deos, e se descuide de si. Porque aquellas vistas reflexas fóra do tempo nascem só do amor proprio.

Diz, que se perseverar, que suspeita que será a melhor Freira daquelle Convento. E a razão, que dá, he haver sido a peior

peior delle. E naõ pareça isto encarecimento, senaõ huma alta filosofia do espirito. Porque álem de grandes exemplos; e que parece que com os maiores peccadores se empenha mais a Divina Bondade, as mesmas forças, que resistiraõ a Christo, (se obedecem á Graça) mais formidaveis serão ao demonio. Prosegue com huma exclamação da Bondade Divina, com que o Veneravel Padre affervorado se inflamava no mesmo, que persuadia: que se entende melhor, ou se sente na sua Carta.

C A R T A LIX.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Uito Reverenda Madre Abbadessa, e Senhora minha. As arvores, quando estaõ mais cheias de fructos, estaõ mais carregadas; os rios, quando acabão no mar, enchem-se de mais amarguras; o Sol, quanto se põem no Occidente, carrega-se de mais sombras. E aindaque V. M. naõ seja arvore mui fructifera, nem rio do Paraíso, nem Planeta do Ceo, pôde, faltando-lhe as perfeições destas creaturas, ter os defeitos neste cabo desle officio, que para V. M. he Outono, aindaque seja Estio, he mar, aindaque pareça regato, he Occidente, aindaque seja Meyo dia. Ora animar, que Deos se serve desses trabalhos, e até desses amoroſo desfacego, com que ou por obediencia, ou por charidade, ou por outra qualquer razaõ de espirito sente muito esses descuidos. O que importa he, que a tensão seja cada vez mais pura, e deiforme á humildade mais ſimplez, e á charidade mais forte.

Respondo a efflas Filhas de V. M. E folgára que V. M. lera a Carta de Soror N., pedindo-lhe que lha mostrasse. Queira Nossa Senhor que tudo seja seu. V. M. fez bem em pelejar com ella, aindaque tivesse maiores raptos. Se melhorar, sou de voto que V. M. a ponha na Communidade, e que na Enfermaria, se pudér, metta a Soror N., que se naõ

naõ perde nada na prova. E aindaque tenha appetite, poderá ser que a occupaçao lhe aproveite. E se a ha de ter algum dia, porque naõ agora? Se V. M. ficar livre nessa eleição, neceſſario será que tomemos novo caminho, e que haja Estrella nova. Naõ creio que se resolva em Roma o tirarem todas as Freiras da Fraderia: sendo que eu o tenho por conveniencia de huns, e de outros. Mas seja o que quer que for, sempre estou ás ordens desse Convento. Parecia-me bem, ter prevenidos os Estafetas, que podem chegar de França, depois de V. M. naõ Prelada, e vir parar aquella ordem ás maõs de quem naõ pertence, e pôr o demonio nisto algum estorvo: por isto faço este aviso, para que V. M. estude como ha de ser a cautela.

Estimo que chegassem os Senhores Condes com saude. Das tentaçõés do Louriçal se despeça V. M. de todo. E naõ lhe passe mais isto pelo pensamento. A occupaçao he tanta, que eu naõ posso nem ler as de V. M. para responder a todas. O Padre Fr. N. he o portador, e dará largas novas de nós. E a Deos, que entretanto guarde a V. M. quanto lhe peço, e pedirei. Varatojo.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Veneravel Padre a huma Religiosa Abbadeſſa de certo Convento, que parece havia aproveitado nos exercícios do espirito. Começa mostrando-lhe com grande elegancia por exemplos, que os beneficios, e as luzes, que de Deos recebemos, assim como saõ bens de inestimavel preço, saõ muito para nos pôr em grande cuidado, pela negligencia com que delles usamos, devendo crescer os serviços conforme o Senhor repartio os Talentos. E juntamente como esta Religiosa estava para acabar aquelle officio, advertia-lhe por este modo, como devia examinar, e purificar-se dos defeitos, em que podia haver cabido naquelle tempo de Prelada. Onde, quanto a independencia he mais ampla, há de ser a conta mais estreita. E se quando se pertençam

dem as occupaçõens , se fizesse bem esta conta , pôde ser que não forão as superioridades tão desejadas. O que se não entendia neste Convento , onde se se pudesse arguir a diligencia , era só na pertençaõ de exclusiva.

Prosegue animando-a com a Divina Bondade , para que a confiança purificasse o temor , que lhe podia causar a advertencia : que esta be a regra , ou a medida , com que se devem regular os afféctos da Alma.

Mostra-lhe como se purificaõ as obras exteriores com tençaõ recta , humildade , e simplicidade. A razão he. Porque a pureza da tençaõ faz que Deos seja o fim , e o principio ; a humildade exclue o amor ; e a simplicidade he quem em todas as obras com o proximo justifica qualquer inadvertencia , que sem alguma maldade não pôde ser culpa.

Diz , que fez bem em pelejar com certa Religiosa , ainda que tivesse maiores raptos: (seria por ventura algum movimento do espirito , que sabio ao exterior.) E supposto que algumas vezes se não possaõ reprimir , sempre a reprehensaõ da Prelada serve de cautela , por evitar alguma tentaçao de vangloria. Porque o demonio , como não pôde entibiar estes fervores , procura que , como a panella que ferve com muito fogo , se derramem de forte , que se se não sopraõ , se perdem.

Diz , que se ficasse fóra da eleiçao , que se havia de fazer das Officiaes da Caja , que era necessário tomar novo caminho , e Estrella nova ; isto era , mais recolhimento , e mais efficazes exercícios. E falla por caminho , e Estrella : para que entendamos que a luz ha de vir de cima , mas que a diligencia ha de ser nossa. Porque muitas Estrellas , que saõ as santas inspiraçõens , recebemos sem fruto ; porque não andamos caminho novo. Cada inspiraçao , que nos vem do Céo , he huma nova Estrella , e cada passo , que damos na virtude , he hum novo caminho. Mas nada importará que nos dé a luz nos olhos , se nós no caminho da perfeiçao não dermos os passos.

C A R T A L X.

O Amor de Deos more na Alma de V. Reverencia.



Ste papel de V. R. me busca na Serra da Arrabida, e me acha pouco menos que nos Campos de Troia; naõ aquella, a quem o incendio desfez em cinzas, mas outra, a quem o mar tem submergido em areas.

Tanta ruina padecemos ás vezes por accendidos, como por areados; tantas pelo fogo, que nos abraza, como por hum mar, que nos cerca. Porque se naquelle ardor he o maior perigo, neste a frieza naõ vem a ser menor damno. Chegado, ou mal escapado de Troia, onde me ví areado com minhas culpas; porque lá me devia mais advertir-me este dia, que a Arrabida: apenas me deraõ o papel de V. R., (que estimo quanto devo) e ao mesmo passo, em que sinto, que V. R. naõ esteja, como eu cuidava, pobre de elpirito, pois tem proprio para mandar, naõ querendo nada para ter.

Deixemos isto, e va'nos aos medos, com que V. R. me escreve. E bem faz, que as couças más naõ se podem tentar sem medo; mas já este pudera estar perdido, pois sabe que neste mundo naõ sirvo mais que de espantalho. Aqui cheguei a Setuval, para ver se podia dar principio a hum Recolhimento, que desejo para certas mulheres. Brevemente entendo que deixarei este povo. Porque em taõ pouco tempo naõ se pôde fazer muito. E he necessario recolher-me algum tempo. Se antes disto passar a Lisbôa, (como suspeito) que será em breves dias, lá nos veremos, e fatisfaremos a tudo com o favor de Deos. Naõ fallo no que devo a V. R., e a essa Communidade toda, senaõ em responder ao menos, que para o mais naõ tenho que satisfazer, se Deos naõ dér o cabedal.

V. M. ainda se me disculpa. E aindaque seja com a verdade, sempre isto cheira ao que he; que he hum amor proprio

prio muito bem parecido, e por isso muito bem agazalhado. Bem se vê isto em não poder cuidar no Inferno. Se eu a governára, neste lugar a havia de metter algum tempo. E pudera ser, que abaixo de Lucifer achasse o seu lugar. Bem pudera folgar de se considerar aqui; pois S. Francisco de Borja (que foi mais Santo que V. M.) lhe não pesava, com toda a sua santidade, de considerar-se neste lugar aos pés de Judas. Mas V. M. tem hum natural muito mimoso, e terno. Não se atreve? Oh que má palavra para huma Alma, que tem amor de Deos, não se atreve! Isto ha de dizer? Atreva-se por amor de Deos a andar pelo meio destes condenados, dizendo: Bendito, e louvado seja Deos, onde vir seu Santo nome mais blasfemado. Aprenda a investir com o demônio. E não seja tanto de manteiga, e de açucar, que se derrera com huns sumosinhos do Inferno.

Bem apparelliado está Deos, se sempre com as pappinhas doces do seu amor, e favores, deixar engatinhar a V. M. Traça he isto de querer sempre andar ao collo das Divinas misericordias. Ande, corra, que já he tempo. E dê alguma gloria á Divina Justiça. E quem he V. M. para querer estar ociosa em Deos, comendo apar dos Serafins, como se houvera trabalhado muito? Porque, quer já deitar-se a dormir sobre o peito de Christo, tendo tanto de que se acordar na froxidaõ presente, ou no amor proprio passado? Em fim, falta-me agora tempo. Lá chegará a hora, e entaõ muita novidade teremos. Queira Deos que entretanto não venha alguma praga sobre as novidades. Humildade, humildade, que disto falta-lhe muito. Ahí vai esta Carta para huma Religiosa, que não sei quem he. Ha muito que devia ter feito esta resposta. A outra pessoa, que se foi, ou vai para o Deserto, responderei hoje, se puder; senão, cedo, sendo Deos servido, o farei.

Ao Senhor Conde N. respondo. A Carta do Senhor N. me consolou muito. Seja Deos bendito, que faz estas maravilhas, para que nellas soletremos suas misericordias, e sua Bondade imensa. A todas essas Senhoras me recommende V. R. E peça que continuem suas Orações, que eu, tal qual sou, não falto. E como para nada presto, espero na Bondade

de Divina , que tome a paga por sua conta , e guarde a V. M. com todas as felicidades da Alma , e da vida , que lhe desejo. Tudo o que da sua maõ lhe vier , tenha pelo mais conveniente , naõ só á salvaçāo , mas á perfeiçāo. O naõ sobrefaltar de nada , he sinal de amar a Deos , que me guarde a V. M.

De V. R. Servo inutil,

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A

Esta Carta escreveo o Servo de Deos , havendo estado algum tempo no sacro retiro da Serra da Arrabida. E achando-se nessa occasião em Setuval , que havia sido em outros annos Theatro público , onde representara por sua vida licenciosa as escandalosas tragédias de sua Alma : por cuja causa diz , que a Carta desta Religiosa , a quem respondia , o achava pouco menos que nos Campos de Troya : e tambem porque deste nome ha hum sítio vizinho áquella famosa Villa , diz , que naõ daquella Troya , a que o incendio desfez em cinzas , mas outra , a quem o mar tem submergido em áreas , alludindo este efeito pela mesma metáfora ás suas culpas. E por isso diz , que tanto padecemos ás vezes por accendidos , como por aréados. E usa desta frase , porque por ella nos costumamos acusar de confusos. Mas quam dificultoso sera de julgar a diferença de efeitos , que fariaõ em seu espírito aquelles dous sítios , ou o da Arrabida , onde entre os silencios daquella soledade mysteriosa se remontaria sua Alma á contemplaçāo das grandezas Divinas ; ou no mesmo lugar de seus dannoſ entre a confusão de seus erros , onde pelo estímulo de agudos remorsos se ubateria sua Alma á contrição amarga de seus delictos. Mas creyo , que nem a mesma experiençāo pôde medir bem estes efeitos , que fo a si deixou a Sabedoria Divina reservados.

E depois de dizer como determinava fazer brevemente jornada , diz que ainda se desculpa , e supposto que seja com verdade , que cheira a amor proprio. A razão he. Porque todas as vezes , que a satisfaçāo naõ faz outro nenhum efeito , mais que

que justificar-nos, (como he verdadeira, pôde ser licita) mas não conduz à perfeição a Alma, que só se fortifica entre a calunia. E estas desculpas sem outro fim saõ melindres, com que se consola nossa natureza.

Diz, que este amor proprio he bem parecido, e por isso bem agazalhado. E este mal tem os bons pretextos, que como saõ especiosos, fazem que sigamos com apparencia de virtude, o que he puramente nossa vontade.

Reprende-a de se achar com dificuldade de meditar no Inferno. E supposto que ba sujeitos, a que a frequencia destas figuras asperas, e desabridas, pôde fazer mais dano, do que proveito; com tudo ordinariamente causaõ fastio, por que não daõ gosto, e he necessario procurar desfazer este mal. Porque tambem parece melindre, que atrevendo-nos a merecer o Inferno por huma Eternidade, nos não atrevamos por hum instante a cuidar nelle.

Chania má palavra, a dizer que se não atreve. E com muita razaõ. Porque quando huma pessoa, que se tem por espiritual, dissera que se não atrevia por humildade á contemplação das grandezas Divinas, alguma escusa tivera; mas á consideração daquellas, que merece por suas culpas, parece injusta, se não he soberba.

Sobre esta materia lhe vay fazendo huma correção com muita suavidade, e galantaria, mais exacta, e verdadeira. Porque as consolações, se Deos as der, devemos receber-las com humildade, mas não pertendê-las, ou deseja-las, e principalmente quem aspira á perfeição pela caridade.

E acaba de tratar esta materia repetindo-lhe duas vezes, humildade, humildade. Oh se fossemos verdadeiros humildes, como sem tantos meyos se veria nosso espirito levado desde o mais baixo do pó, e da terra, á alteza da Glória, e desde os pés do demonio aos braços de Christo! que não menos que com estas consolações, e favores trata o Senhor aos corações humildes.

C A R T A L X I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Eu Amo, e Senhor. Estimo este papel de V. M. quanto devo, e agradeço-lho muito. Porque sempre me faz proveito a conversaçao de V. M. ou por presença, ou por escrito. Bendito seja Deos, a quem se deve tudo.

O Sepulchro fica melhorado, e eu não sei se peior á vista do sepulchro. A minha cabeça serve de espelho á minha Alma, e me prega cada dia, que o que peccáraõ os desvanecimentos, se paga em vagados. Seja louvado o Altissimo, que tanto me tem soffrido.

Aindaque tive conselho para cerrar as fontes, tenho por mais seguro obedecer aos Medicos, como aos Prelados. Só temo ser mais discípulo de Galeno, que de Christo. Mas já não hei de cerrar estas bocas, que me dizem por chagas o que sou em misérias.

Bom he conhecer os inimigos. E diz a Escritura, que maiores saõ os domésticos. O seu conselho, como he mais de estado, que de espirito, enfina o que havemos de fugir, e a luz do Ceo, que nos dá a conhecer este engano, quaõ agradecidos devemos de ser a Nosso Senhor. Quem he Milhano, tráz os olhos nas cousas pequeninas da terra: quem he, ou o dispõem Deos para Aguia, fita os olhos no melhor do Ceo. Nosso Senhor dê a V. M. sua verdadeira luz, para que veja os laços, de que todo o mundo he rede, e toda a vida enredo. Se no meyo desses labyrinthos perdemos o fio, não pizamos os erros, os enganos, e as vaidades do mundo, de que Deos livre a V. M., pois por seu amor anda mettido nela, e com poucas esperanças minhas de tirar fructo de algumas dessas companhias; porque os filhos de Babylonia não gostão das conversações de Jerusalem, e mais se lhes vaõ

os olhos no mesmo , que conhecem que he erro , que no que sabem que he importancia , verdade , e desengano. Só duas coisas acho , que ha bôas nesta vida , amar a Deos , e padecer por Deos. Mas esta linguagem naõ soa bem entre cabelleiras. Noso Senhor por sua misericordia allumie tantas Almas , que amaõ a cegueira , e adoraõ a malicia , e cuidaõ que fazem muita mercê a Deos na hora da morte , em querer a misericordia de Deos , e que a este Senhor lhe he muito necessario naõ ter para elles justiça. Grande mysterio tem , que nos venhaõ em Romance as Missas de Grecia , quando ouvimos taõ tristes endechas de França. Livre Sua Divina Magestade a Portugal das pestes , que tememos : que estas se pegaõ mais facilmente , que a saude d'Alma. Estes Companheiros se recommendaõ a V. M. E eu peço me encomende muito a Sua Divina Magestade , que guarde a V. M. por muitos annos para o servir.

Servo inutil , e Amigo.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a hum amigo , de quem estando no seculo em algumas occasioens militares havia sido companheiro; mas que o naõ soube acompanhar a elle na guerra do espirito.

Diz , que sempre a sua conversaõ por presençā , ou por escrito lhe fazia proveito , e que bendito seja Deos , a quem se deve tudo. E com esta ultima clausula fortalecia a humildade propria , e atalhava a vaidade alheia. Porque ás vezes nos pequenos descuidos faz o amor proprio os maiores roubos.

Diz , que o Sepulchro fica melhorado , (isto era certo Religioso desse nome , que estava enfermo , e que naõ sabe se elle está peior á vista do sepulchro. Porque andava muito maltratado de humas vertigens : e por isso diz que paga em vagados seus desvanecimentos , e que a sua cabeça serve de espelho á sua Alma. Escrevia a huma pessoa , que andava na Corte. E supposto

que com alguma advertencia, onde o vento da vaidade remoinha, naõ pôde haver (sôra da grande cautela) abrigada segura. E para se conservar sem poeiras o espirito, he necessario naõ saber de si mesmo.

Sobre cerrar, ou naõ humas fontes, que tinha, diz qae teme mais ser discípulo de Galeno, que de Christo. Porque he tão lisonjeiro este amor da vida, que com bons pretextos faz ás vezes que ponhamos tanta atençao na saude do corpo, que deixamos cabir em maiores enfermidades o espirito. E como por huma imperceptivel idolatria da noſſa fraqueza naõ tomamos mais cuidado, que do miseravel idolo feito de pó, e de lodo, e por esta causa diz, que naõ quer cerrar aquellas bocas, que lhe dizem por chagas o que he em miserias. E observa que lhe dizem por chagas: paraque entendamos, que naõ ha verdade mais segura, que aquella, que segundo a natureza mais nos amarga.

Diz, que bom he conhecer os inimigos, e que a Escriptura nos ensina, que os maiores saõ os domesticos, e que o seu conselho, como he mais de estado, que de espirito, nos mostra o que devemos fugir, e a luz do Ceo no lo dá a conhecer.

Isto era. Porque parece lhe haviaõ proposto a esta pessoa alguns amigos certas occupaçoes politicas, uteis, e especioſas, de que se excusára com reſoluçao desenganadu. E prosegue, que quem he Milhano, traz os olhos nas cousas pequenas da terra; mas que no melhor do Ceo fita os olhos, quem Deos creou para Agua: mostrando-lhe por este modo quem sempre fora: e que depois de ter a luz dos auxilios, naõ só devemos apartar as vaidades do cuidado, mas até do pensamento, fixando-o no Sol Divino. E por iſſo prosegue. Noſſo Senhor dê a V. M. a verdadeira luz, paraque veja os laços, de que o mundo he rede, e toda a vida enredo; desorte que em noſſa mesma vida nos arma o mundo os miseraveis laços, em que cabimos prezos.

Diz, que tem poucas esperanças de que tire algum fructo de algumas daquellas companhias; iſſo era, de outras pessoas do mesmo estado, com quem tratava. E dá a razao. Porque os filhos de Babylonia naõ goſtaõ das conversaçoes de Jerusalém. E naõ diz, que naõ se aproveitaõ, senaõ que naõ goſtaõ. Arazaõ he. Porque nos espiritos fracos quando lhes falta o goſto, nenhuma força tem a razao, ou o entendimento. Esta he a arte,

por

por onde o demonio , relaxando os appetites , procura ganhar as vontades.

Diz , que nesta vida naõ ha mais bem que amar a Deos , e padecer por Deos ; mas que esta linguagem naõ soa bem entre cabelleiras : quer dizer , entre vaidades , presumpçoens , e van- glorias. Porque se naõ pôdem ajustar mortificaõens , e deleites , amor do tempo , e da Eternidade. E prosegue : Cuidão que fa- zem muita mercé a Deos na hora da morte , em quererem a Mi- sericordia , e que ao Senhor lhe he necessario naõ ter para elles justiça. Fallava de certa confiança teneraria sem caridade , ou penitencia , em que por cega ignorancia toma a morte na culpa a muitos , que naõ quizeraõ apartar-se della na vida.

C A R T A L XII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Uito Reverenda Madre Soror N. , e Senhora minha: Para bem seja o novo officio taõ suspirado , e dese- jado de V. M. Eis-ahi a vontade de Deos. Queira elle que conheça V. M. já que o direito daquella he o aveslo da nossa. E se a de V. M. estava taõ avessa deste officio , he certo que o queria Deos. E como V. M. deseja (sem saber como) fazer a Divina Vontade ; sendo esta, (co- mo tenho dito) he certo que V. M. desejava , e suspirava por esse officio , quando mais fugia delle. Oh segredos da Bon- dade Divina ! Esse he o deserto , em que Deos procura ficar o espirito deserto , e solitario sem a consolaçao dos allivios da Natureza , ou dos que dicta o proprio Entendimento. Oh que consolaçoes lhe espero ! E aposto eu que já tem algumas , tendo padecido algumas tempestades. Esteja certa que V. M. naõ terá o que suspira até de todo naõ estar naquella nega- çao , em que totalmente se naõ quer allivio de nenhuma crea- tura : e depois assenta bem sobre esta negaçao a indifferença de venha o que vier : e sobre esta indifferença a paz interior

de iaya o que sahir , diga-se o que se differ: e a paz será gloria , e chegará a ser uniaõ , se naõ fazendo caso de coufa alguma no meyo de tudo , ou bom , ou máo , ou áspero , ou rigoroso , pondo-se no seu nada , louvar a Deos , e dizer: Nada sou , nada quero , nada desejo , mais que a meu Senhor Jesu Christo , e esse crucificado. E junto de hum Deos crucificado por mim , como convém que eu esteja sem padecer por seu amor ! E se padecer , e amar , tendo-se por indigno disto , viva sempre na Alma , e na boca , o *Louvado seja Deos*. Creio que pôde V. M. estar sem sobrefaltos de ver-me nessa terra , antes daquelle occasião. Porque ha muitos tempos , que se estudou esse ponto. E ainda indo a essa terra , será por pouco tempo : que a agoa apodrece , se naõ tem exercicio ; e nos campos faz fructos , nas Cidades lamas ; assim a Doutrina Evangelica. Aconselhe-me V. M. sempre o que entender he necessario , e util. Porque com isto me paga o desejo , que tenho de seu aproveitamento. E naõ serei eu quem desperdice os avisos de V. M. E sempre vem mais quatro olhos que dous , se os quatro naõ saõ cegos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa , que temia ser eleita em certo officio , em que depois foi occupada. Começa dizendo , que o desejava , pela mesma razão que o temia. Porque como a causa era naõ desagradar á Divina Vontade , e o effeito mostrava que aquella era a vontade Divina , implicitamente pertendia o que repugnava. E porque entendesse , que ainda quando parecia mais justificada , havia de ter a sua escolha por suspeitosa. Porque escondida nos melhores pretextos , como Aspid , se dissi nula noſſa natureza. E por iſſo prosegue : Oh segredos da Bondade Divina ! querendo mostrar por este modo quam cega be noſſa ignorancia , e quam piedosa aquella alta Providencia , que nos favorece com o que nos nega , e quando nos empenha , nos assegura. E a este estado chama Deserto ; quer dizer ,

zer, sem aquelles arrimos sensiveis, que saõ mais de allivio para o amor proprio, que para o espirito.

Diz, que esteja certa, que naõ terá o porque suspira, até de todo naõ estar naquelle negaçao de si mesma, em que totalmente se naõ quer o allivio de nenhuma creatura: sobre a qual negaçao assenta bem a indifferença, e venha o que vier, a que se segue a paz interior, e faya o que sabir; isto he, ficando em hum acto de renunciaçao perseverante, fundado sobre a Santa humildade. E por isso acrejcenta, pondo-se no seu nada.

Esta doutrina he de alta perfeiçao. Porque naõ só exclue certos arrimos, com que o espirito se ajuda da Natureza, mas ainda a alguns interiores, que aprovitaõ a certas Almas. Porque o Servo Deos naõ falla nestes termos em creaturas pelas consolaçoes baixas, e grosseiras, senaõ de movimentos, que por meyo da imaginaçao ajudaõ, e affervoraõ o affecção, e de que necessitaõ os espiritos fracos. E Deos naõ costuma comunicar-se intimamente, senaõ áquelle, que prova pela seccura, e esterilidade. E por isso diz, esteja certa que naõ terá o porque suspira; que era a umão de Deos com a Alma, em quanto naõ tiver aquella fortaleza fundada sobre a Fé escura, mas fructuosa.

Diz, que se vier á Corte, será por pouco tempo. Porque a Doutrina Evangelica he como a agoa, que apodrece sem exercicio. Para que entendamos, que aquelles, que Deos elege para este ministerio, se naõ correm, naõ regaõ, e naõ lavaõ, e em vez de alimentar peixes como rios, criaõ raás como charcos. E por isso diz, que nos campos faz fructo, e nas Cidades lama. E porque tambem ordinariamente anda debaixo dos pés nas Córtes. E naõ he assim nos campos, que inunda as hervinhas, symbolo dos humildes.

C A R T A L X I I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Uito Reverenda Madre Abbadeſſa , e Senhora mi-
nha. Venho do Sermaõ. E depois do exercicio , e
diciplina , o descânço , que tomo , he pegar na pen-
na , para dar a V. M. as graças destas regras suas ,
que faõ hum dos grandes allivios , que tenho nesta vida.
Deos pague a V. M. o cuidado , que tem de me fazer mercê.
Tambem eu , aindaque máo pagador , desejo ser agradeci-
do , quanto posso , pois o que devo naõ he possivel.

Arraste V. M. a sua Cruz , aindaque a naõ possa levar ,
mas naõ a deite de si ; porque se perde nos arrojamentos ,
quanto se tem medrado no espirito. Bom foi dizer algumas
cousas daquellas que se respondérao ; mas com impaciencia
naõ seria bom : quanto he mais rigoroso o Inverno , tanto
melhor parece nelle a serenidade ; a do Veraõ naõ he taõ
aprazivel : assim naõ he taõ bom conservar-nos sem pertur-
baçao no tempo sereno , como quanto as contrariedades nos
embrulhaõ o tempo. Tudo tem sua hora , e como esta che-
gar , já V. M. sabe o que deve fazer. E pôr nas maõs de Deos
he o melhor acerto ; pois seguir os proprios dictames , nos
mette em casa ás vezes o precipicio. V. M. está agora , como
arvore do Inverno , sem huma folha verde de alegria , ou
consolaçao , despida de todo o exterior allivio , mas agora
se recolhe a virtude ao interior , para que com crecidas for-
ças se renove o espirito nas Primaveras da Alma , em que tu-
do espero em Deos que floreça. Naõ desmaye V. M. , que
essas mesmas inundaçaoẽs , que para a paciencia parecem la-
go , para os merecimentos faõ rios , que os criaõ.

Muy bem me parecera que o Padre Fr. Jacintho acei-
tára esta alliviaçao. Porque a suavidade do seu natural tem
para os allivios do espirito grande geito. E razaõ he , que
desafio-

desaffoguem os animos , especialmente quando saõ para a perfeiçaõ os allivios. E he tal a sua virtude , que entendo que servirá de grande augmento a todas as que o communicaem : como o mar , quando se communica com os rios , naõ he tanto para sumi-los , como para augmentá-los , e por isto sempre crescem na maré cheia. Se V. M. lá o vir , peça-lhe me encommende a Deos , que hoje o hey mister mais que nunca. Porque tambem a tarefa cresce. E no mais naõ faça caso de espantalhos do merecimento , que pôde ter paz por tudo. E acabe de beber o trago. Porque os rios quando se unem com o mar , maiores amarguras tem. Agora he o tempo da prova , e sem estes golpes , e martelladas naõ se faz a joya de Deos. E quando a natureza anda affligida , naõ se deve affligir mais com mortificaões; appellar para a Oraçao , isto sim. E ainda que toda seja feis , lembrar que isto teve Christo Senhor Nosso , quando teve a mais alta Oraçao na Cruz. Dar por tudo graças a Deos : que se V. M. estivera muito consolada , naõ houvera quem a desapegára das creaturas. E Deos lhe ensina , que só nelle se haõ de buscar as consolaões. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a huma Religiosa , Abbadessa de certo Convento. Começa dizendo-lhe , que depois dos exercicios espirituales , que fazia aos Povos , tomava o de escrever por descanso : mostrando , que quem trata da perfeiçaõ do espirito , ha de ter hum exercicio por allivio de outro. Diz , que arraste a sua Cruz , aindaque a naõ possa levar ; mas que a naõ deite de si , porque se perde nos arrojamentos , quanto se tem medrado no espirito. He a razao. Porque o demonio quando naõ pôde relaxar a vontade , procura destruir a confiança , com que perdiõ o animo , ganhe pela fraquezza , o que naõ pôde pela malicia.

Diz, que bom foi dizer algumas cousas daquellas, que se responderaõ; mas que com impaciencia naõ seria bom. Supõem-se, como esta Religiosa era Prelada, que fora alguma correção mais severa: e como a natureza se se naõ regula, ordinariamente involve a paixão na justiça; por esta causa diz, que naõ seria bom com impaciencia.

Prosegue, que quanto he mais rigoroso o Inverno, tanto parece melhor nelle a serenidade: quer dizer, que o merecimento naõ está em conservar a paz, quando nos naõ daõ motivo para alterar o animo; porque isto he natureza, ou commodidade; mas em ter o coraçao igual entre as contrariedades he que consiste a virtude. Diz, que tudo tem sua hora, e que pôr na mão de Deos, he o melhor acerto. Porque o seguir os próprios dictames nos mette ás vezes em casa o precipicio.

Esta hora parece que era alguma grande perturbação interior, que sentia esta Religiosa; e quando estas naõ ordinarias, o melhor meyo he humilhar, e ter paciencia. Porque assim se obriga a Bondade Divina, se fazem os habitos, e se tira o merecimento: como sucede o contrario, se se dá lugar ao tumulto, que levanta no espirito o amor proprio. Diz, que esta agora como arvore do Inverno, sem huma folha verde de alegria, ou consolação. E seguindo a mesma metáfora, continua, que espera que na Primavera da Alma se renove com crescidas forças.

Ob doutrina verdadeiramente Celeste! Entre os homens ao padecer se segue o cahir. Naõ he assim na ordem soberana da Providencia Divina. As esterilidades, as lagrimas, as seccuras, as perseguiçõens, e affrontas saõ os melhores annuncios, e os mais certos fidadores da paz, da alegria, do gosto, e da tranquilidade. E por esta razão, dos trabalhos, que esta Religiosa padecia, tirava o Servo de Deos esta consequencia.

Falla logo no muy Reverendo Padre Fr. Jacinto, cujas virtudes forão tão veneradas, e conhecidas em todo este Reyno, que me naõ atrevo a dizer dellas em tão pouco campo, quanto me instava a razão, e persuadia o affeçao. Diz finalmente, que nam faça caso de espantalhos do merecimento, que pôde ser, que passe por tudo, e acabe de beber o trago: isto he, que resolvendo-nos a dar-nos de todo a Deos, naõ acabamos de nos dar a Deos de todo; porque o amor proprio sempre anda buscando pretextos,

textos, huma vez o exemplo, outra o escandalo, já abem do proximo. E ainda mal, porque tantas vezes tomamos por motivo a vontade de Deos para fazermos a noffa vontade. E tudo isto succede, porque a noffa resoluçao, ou be condicional, ou só especulativa, e naõ chega inteiramente á practica, por causa de noffa fraqueza, que por hum certo fastio, e relaxação da vontade naõ se atreve tanto a rumiar virtudes, como a engolir appetites.

CARTA LXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Uitas respostas devo a V. M. Iráo em podendo. Esta serve só de dizer, que recebi todas as de V. M., que estimei suas bôas novas, que fico com saude, e melhor atégora do que se cuidava de Viseu. E assim vejo, que os Bizouros se tornáraõ Borboletas, pois lhe mando a V. M. estas bôas novas. Até agora temos por aqui muitas pazes naõ esperadas, em materias graves, muitas Confissõeſ, que he o melhor, muita Oraçaõ, e disciplina todos os dias, que tem sua graça, e eu saõ, e bem disposto. Louvado seja Deos. Mas naõ se alegre muito com isto, que pôde ser que em outro Correio lhe levem novas de que sou morto. Mas o que V. M. pôde ter de consolaçao, he saber de certo, que ainda naõ sou Profeta, nem tenho esperança de o ser. Faça-se a vontade de Deos, que he o que importa. V. M., aindaque seja Quaresma, durma seis horas nas vinte e quatro, coma o que lhe dér a Communidade, e o mais que for necessario, e tome por agora, e sempre, os conselhos do Padre Fr. Jacintho, que tem grande prudencia, especialmente em tempos tão rigorosos para esse Convento. E naõ he necessario accrescentar as Cruzes, quando sobre nós aparece a maõ de Deos. E lá virá tempo, em que nos vejamos. Perca os sustos das minhas fortidas fóra do Reyno, que eu sou



Sou hum dos convertidos de V. M. Encommende-me muito a Deos. Acuda a seu officio, aindaque naõ tenha tanta Oraçaõ. O que importa, he fazer tudo bem. Muita paciencia, caridade, silencio, e espreita das malicias, e raivas da natureza, e muita graça para todas estas santas Irmãas, brandura no exterior, nunca ira, sempre resignaçao, e cada vez mais de amor de Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e de fejo. Viseu, 12. de Março de 1677.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Nesta Carta (depois que o Veneravel Padre dá a esta Religiosa, a quem escreve, as noticias dos effeitos, que faziaõ as Missoens por aquellas partes, e de que elle passava de saude) lhe diz, que por esta ultima nova se naõ alegre, porque em outro Correio lhe podia ir a de que era morto. Para lhe ensinar com esta doutrina, naõ só o pouco fundamento, que devemos fazer na bõa saude, e na mesma vida; mas porque aprendesse a apartar o affeçao do mesmo que podia ter mais consolaçao, e allivio. E diz-lhe, que se pode consolar, de saber de certo que ainda naõ era Profeta. E isto dizia o Veneravel Padre, porque costumava dizer muitas vezes, que entendia naõ seria ja a sua vida muy dilatada. E se pôde crer, que o diria inflado do desejo, em que se inflamava de ir louvar a Deos na Bem-aventurança. Porém taõ conforme com a Vontade Divina, que logo diz que ella se faça, que he só o que importa. Diz-lhe, que, ainla que seja Quaresma, durma seis horas. De que se co-lhe, que ha tempos, em que se devem coarclar as commodidades á natureza, e só se devem permittir com alguma necessidade, como succedia a esta Religiosa. E por esta razao lhe diz, que siga os conselhos do Veneravel Padre Fr. Jacinto, cuja santidade, e prudencia forao exemplares de altissimas virtudes.

C A R T A L X V .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Om dous papeis de V. M. me acho ao mesmo tempo. E necessario era que fosse o allivio dobrado , para quem naõ tem assim o espirito. Pague Nosso Senhor a V. M. a consolaçao , que me deo , já que naõ pago , aindaque me parece que devendo tanto a V. M. he a pessoa , a quem menos devo. E como he isto , cedo se saberá. Porque cedo chegára o dia do Juizo. E ha mais de mil e seiscentos annos que dizia Christo Senhor Noso , que havia de ser cedo. Com tudo naõ foraõ estes allivios tão dou-rados , que se naõ descobrissem pirolas , sabendo que a V.M. lhe foi mal : que assim se enfarinhaõ os humanos bens , a casca de cor alegre , e o cascabulho amargoso. Mas se Sua Di-vina Magestade assim o quer , eu folgo tambem de que seja assim. E lhe dou graças pela doença , como agora pela me-lhoria , cuja noticia li primeiro. O que importa agora mui-to , he tratar da saude , e naõ fazer nenhuma penitencia do corpo absolutamente , senão aquella , para que a Madre Ab-badessa der licença. Ha Veraõ , e ha Inverno , huns tempos de huma cor , e outros de outra. Eu me ponho agora da parte , com que V. M. folga. Se lá chegar algum dia , pôr-nos-hemos entaõ da parte , com que V. M. se molesta.

Naõ houve perda nos exercicios , aindaque se naõ aju-stassem ao tempo. Porque aindaque seja o melhor ajustar ao costume da Igreja , menos valeria em V. M. o feitio da von-tade propria , que o desfeito pela obediencia. Que se fizesse a festa , como eu desejava , estimo. Porque aindaque seja tudo , como lá dizem , mette-se-me em cabeça , que lhe naõ está mal , que seja como eu desejo. Estas couisas , em que V. M. me falla , naõ entendo. E muito mais , vendo que V.M. me trata como homem grande , podendo crer de mim , que

tenho

tenho consolaçao, de que em toda a parte a gente humilde me chame o Fradinho. Os velhos folgamos que nos chamem moços. Naõ lhe escorregue a V. M. mais fallar-me nestas grandezas. Porque os que saõ já grandes, desconfiaõ de que zombem delles: e eu como grande peccador, só nisto quizera soffrer a zombaria, e consentir a grandeza. Emen-de-se V. M., e tome o conselho da Madre Abadesla. Veja que he hum sopro, e que á luz hum sopro a mata, o fumo fica, arrefece a cera. Tambem he tençaõ minha, que tudo o que for da boa razaõ, em quanto eu estou longe, o faça V. M. nos teus exercicios, e me dé por addivinado nas dísposições dos allivios, naõ no multiplicar dos excessos. A morte da Madre Soror Fabiana, que Deos terá na Gloria, me parece que naõ senti muito, venerando-a tanto. Em Béja soube disto. Fiz o que pude pela sua Alma. Creio que seria pouco necessario. Seja Deos bendito. Aprenda V. M. de suas virtudes, e veja-mo-la em V. M. ou resuscitada, ou repetida.

Sobre o que V. M. me diz daquelle visita, que eu fiz a pessoa grande, foi preciso ir áquelle lugar por hum negocio de consciencia. E depois de estar lá, pareceo bem naõ me vir sem despedir-me da pessoa principal. O que com ella passei, bem sei que o sabem já muitos. E sei tambem por onde se romperia. Porque naõ foi coufa, que só se comunicasse a mim. Naõ se sobresalte V. M., aindaque eu entaõ me sobre-saltei. Socegue, que eu tambem estou socegado. E já me naõ vou taõ longe, coiso alguma hora cuidei. Eraõ espirros, tirou-me Deos o catarro, e tenho nesta parte o coraçaõ quieto. Porque estou taõ resoluto, que a pé quedo naõ temo já todo o mundo. Seja Deos bendito! que nelle he tudo o que posso, aindaque seja cada vez mais fraco commigo. Fradinho me quer, e aindaque seja naõ da maõ furada, pareço-me com elle nisto. Bendito seja Deos. Agora será preciso ir a essa Corte mais tarde. Porque acho que entre estas brenhas ha para Deos mais caça, quanto ha para Deos mais feras. E entre estes montes achamos minas de Almas, com que naõ he necessario ir á India. Lá virá algum dia, se Deos quizer, em que o relampago appareça, e desappareça.

^{sup} Peço a V. M. que se naõ descuide de mim: sendo que
odas
até

até agora creio, que foi assaz o cuidado. Porque as minhas memorias me affirmavaõ isto. Agradeço a V. M. muito esta Lamina. Porque esta veyo de molde para me lembrar de mim, assim como outra que trago, para me naõ esquecer de V. M. Só huma differença tenho deste ultimo retrato de minhas culpas: e he, que com aquellas teas de aranha, em que está de aslento, naõ curo minhas feridas: que como saõ tão grandes, naõ se curaõ com coufa aerea: que isto saõ as maiores cadeiras do seculo. Mais depressa se curaráõ com a consideraõ do fogo daquelle poço, em que por meus peccados estarei mettido. Ajude-me V. M. a sahir de mim, e a meter-me todo com Deos por via destas criaturas, que saõ via para mim. E esteja certa, que a ninguem desejo ser mais agradecido diante de Deos. Porque tambem conheço, que a ninguem sou mais obrigado. E a Deos, que he huma multidão de Cartas, a que escrevo, e tenho hoje que acabar nessa terra a Missaõ. E alguma cousa se furt a somno, por se satisfazer a tudo. A Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo, e lhe dê muito boas Festas, e Annos. Moura,
12. de Janeiro de 1676.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

Torno a dizer a V. M., que lhe naõ dê pena o que em mim se falla. Porque he esta a materia, em que nem peço, nem me he necessario conselho para o naõ: e fora necessario naõ só o poder do Mundo, mas o poder do Ceo, para o sim. Salvo se Deos me desamparar: o que naõ espero de sua infinita misericordia.

N O T A.

Nesta Carta, que o Veneravel Padre escreve a certa Religiosa, a quem devia affeçõs de muita caridade, começa agradecendo-lhe a lembrança, que tinha delle. E affirma-lhe, que he a pessoa, a quem deve menos: querendo dizer-lhe por este modo, que a nenhuma encommendava a Deos com mais efficacia.

E por-

E porque assim mais lhe pagava, era ella, a quem menos devia. Diz, que o que importava, era tratar da saude, (porque havia estado muito doente) e que nao fizesse nenhuma penitencia corporal, senao aquellas, para que lhe desse licençā a sua Abbadessa. Porque considerava, que sem muita prudencia lhas nao daria.

Diz, que ha Veraõ, e ha Inverno, e huns tempos de huma cor, e outros de outra, e dā cor ao tempo. Porque o considera conforme veste as plantas, e a terra. Para que pela parte que nos be mais propria, nos nao esqueçamos de nossa fragilidade, e inconstancia. E diz, que se põem da parte, que ella deseja, Porque era esta Religiosa muito debil, e costumava dizer com santa humildade, que folgava quando lhe nao mandavaõ fazer penitencia. Diz, que certas coisas, em que lhe falla, nao as entende. Porque devia dizer-lhe alguns louvóres, e nao se satisfaz com detestá-los; mas accrescenta que lhe nao falle mais nelles. Para ensinar que a verdadeira humildade nao só se contenta de os nao querer, mas ainda de os nao ouvir.

Diz-lhe, que veja que he hum sopro, (assim lhe chamaõ por sua debilidade a esta as outras Religiosas) e que á luz hum sopro a mata, o fumo fica, e arrefece a cera. Em lhe chamar sopro, a argue da lisonja, com que o tratava. E por esse effeito, que poderia matar a luz, que Deos lhe déra, entrar-lhe o fumo da escuridade, e a cera da devoçā esfriar-se, e endurecer-se, que nao dizia nenhuma palavra sem tençāo alguma. Continua sobre certos particulares pertencentes á Missāo, em que andava. E diz, que se nao sobre salte: isto era, pelo cuidado que dava a algumas pessoas certo pensamento, que teve o Servo de Deos, de ir fóra do Reyno, entendendo, que entre a Gentalidade faria ao Senhor mais serviço.

Diz logo, que seria preciso voltar á Corte mais tarde; porque naquellas brenhas achava para Deos mais caça. Naõ diz só que ha mais, senao para Deos. Bem sabia por experiençā, que nao faltaõ na Corte aquellas feras, de que falla, e ainda mais bravas; mais faltavaõ á emenda: e por isso diz, que acha minas de Almas faceis de lavorar, aindaque brutas, e tanto melhores, quanto vay da ignorancia sincera á dureza miliçiosa. Diz, que estima certa Lamina, que era hum Emblema de hum pecca-

peccador assentado sobre huma cadeira de teas de aranha , e que pendia sobre hum poço de fogo : e diz , que assim saõ todas us cadeiras do seculo. Saõ teas de aranha , que prendem as misera-veis moscas , que se assentão nellas. E diz , que naõ curaõ estas teas suas feridas : dizendo por esse modo , que para grandes pec-ados saõ necessarios remedios fortes , e mais violentos. Porque depois de taõ graves culpas nos naõ enganemos com a penitencia ligeira.

C A R T A L X V I .

O Amor de Deos more nas vossas Almas.



Rmaás , e Senhoras. Ha muito tempo que nem te-
nho novas vossas , nem vos escrevo. Porque o tra-
balho de minhas Misioés naõ dá lugar a outra cou-
sa. Mas em toda a parte me lembro de vós , e vos
desejo boas , e vós encommendo a Deos. E assim cuidando
muitas vezes em vós , me tem parecido avizar-vos , que vos
naõ mettais em cousa nenhuma , nem de governos , nem de
zelos , mais que tratar simplezmente de vossas Almas. E se
alguem vos perseguir , ponde-vos da sua parte. E se differem
mal de vós , louvai-o , e dizei que diz pouco. O que vos
importa em taõ miseraveis tempos , he preparar-vos para a
conta , que cada hora vos pôde Deos pedir; pois podeis mor-
rer cada hora. Desentendei de officios , em que naõ podem
ter remedio , antes crescem os perigos. E com o zelo do ser-
viço de Deos fazei por apartar de vossos olhos , e pensamen-
tos as vidas alheias , ou sejaõ más , ou boas , fazendo conta
de naõ metter-vos em nenhuma , pois naõ quereis cahir nos
mesmos erros. Tudo mais a experienzia mostra , que naõ ser-
ve para cura , senaõ para renovar a chaga. E naõ deve ter
chegado o tempo de acabar-se a ira de Deos. Antes o que eu
temo , que está para vir muito cedo huma grande ira de
Deos sobre todo o mundo. E folgára que todos estiveramos

appa-

apparelhados , e guardando a Ley de Deos , que he amar a Deos , e aos nossos proximos , ou sejaõ bons , ou máos , pedindo a Nosso Senhor por todos , e totalmente affastando do noslo juizo os procedimentos , e culpas alheias ; e que só nos fique o bom na memoria.

Guardai a vossa Regra , a Ley de Deos , segui as Comunidades , fallai a todas , naõ offendais a nenhuma , nem vos offendais de ninguem : á gente de portas a dentro seja aonde se estenda mais a vossa jurisdiçao. Aos mais prégai com o exemplo , naõ com as vozes , nem conselhos , senão vo los pedirem. E encommendaí-me muito a Deos , que vos guarde , quanto lhe peçõ , e desejo. Ahi vos envio esllas Veronicas , e Régistos ; encommendaí a Deos quem vo los deo. Declaro , que tudo o que aqui digo , tambem digo á Madre Soror Francisca , que como Irmaã a trato. O Padre Fr. Manoel se vos recommenda a todas. Eu parto para a Beira. E cuido que andarei largo tempo por lá. Em Leiria , Coimbra , Viseu , Guarda , e mais Bispados vizinhos , até que Deos queira que venhemos. A meu Cunhado , Irmaã , e Sobrinhos , minhas lembranças. A Deos , que vos guarde muitos annos. Lisboa , quinze de Outubro.

Vosso Irmaõ , que muito vos ama em Deos.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Veneravel Padre a suas Irmaãs , em quem por suas virtudes tinha notavel confiança. E he para advertir , que para lhes dar hum conselho taõ santo , e seguro , diz primeiro , que cuidou muito , sendo elle hum Padre de espirito taõ experimentado : para que considerem aquelles , que saõ directores , a facilidade , com que resolvem materias taõ importantes , e profundas , que naõ vay nellas menos que a salvaçao das Almas.

Diz logo , que se alguem as perseguir , se ponhaõ da sua parte : e se dellas differem mal , correspondaõ com louvor. Parague

raque entendamos, que este he o unico modo de merecer, e de convencer, e que tudo o mais, para quem trata de espirito, jaõ pretextos para contentar o amor proprio, por huma satisfaçao de certa soberba occulta, que com capa de justiça se agazalha na Alma. E a razao, que dá, he: que o que lhes importa, he preparar-se para a conta. Como se differe, que particularmente as pessoas Religiosas naõ só haõ de dar conta de culpas, mas que nelas he culpa naõ trabalharem muito por serem perfeitas.

Diz, que desentendaõ de officios, em que naõ pôde haver remedio, e antes crescem os perigos com o zelo do servizo de Deos. A razao he. Porque no tempo, em que Deos permite as desordens para castigo, ás vezes he necessario naõ fazer mais que chorar, e abaiixar os hombros. Mas ha muitas pessoas, que com o pretexto de reformadores, e remediar difficultades, naõ fazem mais que cevar a ambiçao propria, accrescentar os dannos, e dar mais occasião aos castigos.

Diz, que amemos os proximos, sejaõ bons, ou sejaõ maõs, affastando de nosso juizo as culpas alheias. A razao he. Porque muitas vezes tomamos por pretexto o delicto, para aborrecer o sujeito. E por isso diz, que affastemos seus procedimentos do juizo, que he quem faz as especulaçoes, e discursos, e que só o bem nos fique na memoria, como huma imagem simplez, e sincera, sem esquadrinhar na tençao alheia o que talvez naõ fazemos na propria. E pareceo advertir de caminho, que reparemos em que aconselhando-nos os Padres, que andemos sempre na presença de hum dos Mysterios da Vida de Christo Senhor nosso: respondemos ás vezes, (e pôde ser que cuidando que por aproveitados) que naõ podemos formar, ou fazer persistir na imaginaçao figuras, sendo-nos tão facil formá-las, e tê-las dos defeitos alheios, e com tantas circunstancias, naõ só huma hora, mas toda a vida.

C A R T A L X V I I .

O Amor de Deos more, e arda no coraçao de V. M.



Uito Reverenda Madre Abbadeſſa, e Senhora mi-
nha. Agora se lhe naõ aperte a V. M. o coraçao
com taõ pouco, porque ainda agora começa. Em
Nosſo Senhor Jefu Christo espero, que lhe ponha
a Ordenaçao ás costas, que iſto he a ſua Cruz, pelas muitas
vezes, que facudio o ſeu jugo, ou que naõ quiz aquietar
nelle. Costumeſe a comer viboras, faça o eſtomago a co-
bras, e lagartos, como S. Pedro; que para iſto lhe entre-
gou Deos o lançol da Religiao. E ninguem fe purga com
manjar real, nem com marmelada de çumos. Tenha hum
pouco de animo. E fe o quer ter, traga ſempre aquelle meu
Amor crucificado, que para lá lhe mandei. E olhando para
elle, de quando em quando, coteje as ſuas amarguras com
as do meu Senhor Jefu Christo: e verá o pouco que ſoffre, á
vista de quem ſoffre tanto por amor de V. M. O mereci-
mento está em sentir muito, em padecer muito, como ſeja á
boca fechada, e naõ rompa a impaciencia; como ſe confor-
me a Alma, aindaque ſe esteja conſumindo a vida. Raivas,
e comichões por dentro, fe naõ faõ queixume, ou detabri-
mento por fóra, faõ grandes merecimentos. Quem mais quie-
ta vive, naõ he quem merece mais, ſenão quem tendo mais
couſas, que a desinquietem, em todas ſe conforma. Hora
iſto muito bem ſe diz, e muito mal ſe faz, me dirá V. M.
De tudo podemos tirar bem. Se ſe faz bem, louvar a Deos,
que he misericordia ſua: ſe mal, humilhar-nos diante de
Deos, tirando por fructo o conhecimento da miseria noſta.
Eu farei o que V. M. me manda, no particular de encommen-
dar a Deos eſtas creaturas; mas receio, que ſe Deos uaõ pu-
zer á minha Oraçao os defensivos de ſua clemencia, venha
algum garrotilho de novo pelo mundo, que nos ponha em
maior

maior angustia. De todas livre Deos a V. M. , e guarde por muitos annos , como lhe peço , e desejo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa , Abbadeffa de certo Convento , que parece lhe dava conta de afflicçõens , e molestias , que sentia. Diz-lhe , que ainda agora começa , e com galantaria , para animá-la : que espera que nosso Senhor Jesu Christo lhe ponha a Ordenaçao ás costas , a qual he a sua Cruz. E com muita propriedade : para que entendamos que esta he a regra Nivel , e a harmonia , com que se deve governar a Alma Catholica. Diz-lhe , que se costume a comer viboras , e faça o estomago a lagartos , e cobras. Porque assim se representaõ as difficuldades á Natureza , em quanto se naõ costuma a soffrer desenganada. E diz , que se costume. Como se differa , que poderia ser que lhe fosse necessaria a paciencia toda a vida. A razao he. Porque quem se naõ resolve sem clausula , e sem condiçao , ou Deos lhe naõ levanta a vara , ou a resoluçao he suspeitoa. Traz-lhe o exemplo da visaõ de S. Pedro , em que Deos lhe mostrou em hum lançol todos aquelles bichos. E pode ser , que como o lançol he mortalha , e as savandijas nossas miserias , que com este documento lhe disesse o Veneravel Padre , que quem quizer servir a Deos , ha de resolverse a trazar penalidades até á morte.

Diz-lhe , que tenha animo , e se o quer ter , que traga sempre os olhos em Christo crucificado. E diz , sempre. Porque de nós trazermos tão pouco firmes os olhos naquelle amoroçissimo objecto , e os voltarmos a cada passo aos Idolos de nosso gosto , nascem tantas miserias , como padece o coração humano. Diz , que o merecimento está em sentir , e padecer muito , como se cale a boca , e naõ rompa a impaciencia , se conforme a Alma , ainda que se consuma a vida. Porque muitas pessoas ha , que soffrem , mas naõ merecem. Porque ás vezes fazem mais

damno com o que murmurão , ou respondem , do que tiraõ de proveito com o que soffrem : e fazendo que beba o caliz a vida , derramaõ toda a amargura por impaciencia dentro de sua Alma.

C A R T A L X V I I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Muy Reverenda Madre , e Senhora Soror N. Já naõ finto os males de V.M. , porque como saõ de pena , em que a Alma se purifica, e o espirito se melhora , fendo , a pesar dos remedios , taõ continuados , creio que saõ vontades de Deos , e que quer Sua Divina Magestade levar a V. M. pela estrada da paciencia á Patria da Bemaventurança ; ou ao menos ao fino do amor de Deos. Ou quer purgar nessa fornalha as fezes , e escoria , que ainda tem esse ouro de V. M. E bem se vê que os tem , pois ainda naõ focega na determinaçao Divina , que na frequencia dos achaques se mostra. Faça V.M. naõ sómente cella , mas Côro da Enfermaria. Porque deitada o pôde louvar ; prostrada na enfermidade , e na cama , o pôde servir : que naõ se agrada tanto Deos da disposiçao do corpo , como da resignaçao do espirito. Obedeça V. M. aos Medicos. E se Deos quer que V. M. coma gallinha , agradeça a Deos tê-la taõ mimosa. Naõ se agaste contra o mesmo mimo : que naõ he bôa paga a carranca , e a caramunha , e o desfacocego continuo do regalo , ou próva continua , com que Deos visita a V. M. Se as presenças de Deos forão os cuidados de V. M. , facilmente com estas memorias conhecera aquellas visitas , e abraçara V. M. com mais amoroso agazalho o que quer affastar de si , como violento martyrio. Cedo espero , se Deos me dê vida , ao menos lá para o fim do anno , estar perto desse Convento : e para entaõ se guardaõ os desaffogos , que os longes fazem mal a muitos allivios. Encommende-me V. M. a todas

das estas Senhoras. E Sua Divina Magestade guarde a V. M.
como lhe peço. Viteu, 6 de Agosto.

De V. M. Servo inutil.

XIXI A T R A

Fr. Antonio das Chagas.

M. V. de 1800. N. O. T. A. 1. sh. 100

E Sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa achacosa, cuja enfermidade parece que persistia. E diz, que já naõ sente seus males. Porque como entende serem dados por Deos, aindaque saõ de pena, jaõ de proveito para sua Alma. E a razão, que dá, para entender que saõ providencia particular, he vé-los continuados, a pezar de remedios. Esta advertencia he taõ necessaria, que por fazermos taõ pouca reflexão nella, cabimos em tantas impaciencias, e temos taõ pouca conformidade, como se naõ crerámos a Providencia Divina. E por esta causa continua: Bem se vê que esse ouro de V. M. (isto he a virtude) ainda tem fezes. Porque naõ acabava de crer, e por consequencia, de se conformar. Porque ha pessoas, que jámais se desenganaõ de cobrar a saude, e aindaque seja irremediavel o achaque, multiplicando remedios, diminuem a vida, e inquietaõ a Alma; e Deos, que attende mais ao purgar o espirito, que ao alongar a vida, faz que a dor persevere, até que obedeça a conformidade.

Diz, que faça naõ só cella, mas Côro da Enfermaria. Porque succede a pessoas virtuosas ter huma inquietação com bons pretextos, sendo amor proprio, que lhe faz perder nos achaques o merecimento, que naõ tiravaõ de outros exercicios, e affigindo-se, porque naõ assistem á Missa, á disciplina, e ás horas: como se soffrer febres, e padecer dores com paciencia por eleição de Deos, naõ foraõ mortificaõens, e oraçõens mais altas, que as que elegemos por nossa vontade, consolação, e saude. Diz, que se as presenças de Deos foraõ seus cuidados, que por essas memorias conhecera que eraõ suas aquelles visitas. A razão he. Porque de naõ termos sempre a Deos presente, nos nasce toda a escuridade, e da escuridade o escrupulo, e do escrupulo o desassossego.

C A R T A L X I X.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Muito Reverenda Madre, e Senhora minha. Estando para pegar na penna, e escrever a V. M. estas breves regras, chega o Correio. Estimo suas novas, e me alegro, aindaque naõ fare a correr, que convalesça a respirar, e que as indifferenças comecem, por onde as enfermidades acabaõ. Seja o espirito robusto nas resoluções do animo, que naõ importa nada ser fraco o corpo nas penitencias, e exercícios. A fonte do merecimento está na Alma, e assim a vontade nos basta, aindaque a saude se perca, e o corpo nenhuma cousa obre. Dê-me V. M. essa vontade fóra, que eu me obrigarei a que seja santa, aindaque coma gallinha pela Quaresma. E será muito má Christaã se a naõ comer, se a necessidade continuar. Porque falta á virtude da justiça, que dá o seu a seu dono, e deve dar ao corpo o que he necessário ao corpo; assim como a Alma a Deos o que lhe deve a Alma. Tenho para mim que he vontade de Nosso Senhor que V. M. tenha por penitencia naõ fazer nenhuma, e conhecer que naõ presta para nada, e que Nosso Senhor naõ quer nada do que V. M. quer fazer, senaõ do que elle pelo successo mostra que he sua vontade. Coma durma, e naõ faça extremos, que sempre saõ perigosos. E ter rendido o entendimento a Deos, e a qualquer pessoa por elle, naõ he menos que ser a vontade rendida. Tempo virá, em que possa ser mais largo. Os olhos vejaõ, e naõ vejaõ; os ouvidos ouçaõ, e naõ ouçaõ. O que importa, he pôrmo-nos na maõ de Deos, e deixá-lo obrar. Faça-se livro. O livro, se o dobraõ, dobra-se; se o víraõ, víra-se; se o fechaõ, fecha-se; se o põem a hum canto, se o abrem pelo meio, deixa fazer o que quer quem o tem na sua maõ; e assim devem ser as Almas obedientes. E lá virá tempo, em que Deos nos mostre

mostre quanto isto val. A Deos , que guarde a V. M. Viseu ,
13 de Março.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

XXI N O T A A C

E Sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa , que havendo estado enferma , parece convalecia com dificuldade ; porém que procurava vencer as repugnancias da natureza , por conformar-se com a vontade Divina. E por isso lhe diz , que se alegra de que aindaque naõ fare a correr , convaleçça a respi rar , e que as indifferenças começem , por onde as enfermidades acabem. Isto he , que se com fortaleza se renunciar , logo fará pouco caso da dor. E diz , que sendo o espirito robusto , que pouco importa que seja fraco o corpo para as penitencias , e exer cicios. Porque como o Demônio conbece tão bem o preço da resig nação , principalmente nos achaques , e dores , procura inquietar o animo com o desejo de exercicios mais altos ; para que perdendo a conformidade pela tristeza , e naõ podendo obrar outra confusa pela enfermidade , por este apparente cuidado perca hum , e outro merecimento. E por esta razão lhe diz o Veneravel Pa dre , que lhe tomára ver aquella vontade fora , e que logo fora Santa , aindaque comeasse gallinha , e que faria muito mal , se a necessidade continuasse , e a naõ comeasse. Porque faltaria à vir tude da justiça.

Estes são os termos , em que a humia Alma faz muito dan no a falta da liberdade do espirito , difficultosa de entender , e muito mais de praticar. A razão he . Porque como o amor proprio he quem propõem , sempre ao discurso he necessario huma grande cautela para naõ cahir no extremo. Porque humas vezes nos alargamos , parecendo-nos a necessidade justificada , e he liberdade naõ de espirito , mas da natureza ; e outras nos restringimos contra a necessidade precisa , porque a execaão nos lisongea , e naõ he espirito , he prizaão de escrupulo. O melhor meyo para fugir destes doirs extremos , he seguir com confiança a resolução alheia ; mas se naõ ha modo de seguir esta regra , diga-se a razão

zaõ recta a si mesma o que diffira outra pessoa, se no mesmo caso a consultára. E desta sorte tambem se rende o entendimento proprio, como seguindo atheio exemplo.

C A R T A LXX.

O Amor de Deos more na Almas de V. M:



Adre Soror N. Sinto saber que os males naõ fizeraõ o que eu queria ; mas naõ podemos deixar de consentir no que Deos quizer. Seja este Senhor muito louvado ; mas faça-se o que elle for mais servido. Ainda assim , em quanto naõ temos certeza que lhe desagrada , podemos com toda a instancia pedir para o proximo a faude , e a vida. Tenha-a V. M. como eu peço a Deos. Se dos meus desejos se fizeraõ vidas , saudes , e perfeições , santidadades , e uniao de Deos , tudo isto V. M. tivera. Mas sempre será melhor o que este taõ bom Senhor lhe dér. Leve-o V. M. bem ; isto he , abraçar o que vier com a vontade interior ; que das maõs de hum Deos taõ bom nos naõ pôde vir mal. Sua Divina Magestade agradeça a V. M. o que eu lhe naõ posso pagar : e nos dê luz a todos , para naõ viver ás escuras diante do Sol. Este tem V. M. presente. E para aqui servem as Latinidades : *Cum ipso sum in tribulatione.*

Se lá correr a maré do Espírito Santo , e ventar algum suspiro para a Celeste Patria : diga-lhe V. M. que levante da face da terra este pó , com tanto que me naõ fique no ar. Se por cá passar , o que posso fazer , he offerecer tudo o que posso por V.M. a Sua Divina Magestade, que guarde a V.M. como lhe peço. Amen.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

Nova

Nova sint omnia, corda, voces, & opera. Naõ ha melhor exercicio para a saude, e ainda na enfermidade, que entender V. M. que Deos a está espreitando, e dizendo: Quero ver se esta me ama, ou me naõ ama: Se me soffre, ou me naõ soffre: Se se esquece, ou naõ se esquece de mim. Senhora, he impossivel naõ estarmos na presença de Deos, porque he impossivel ir, ou virar para parte alguma, onde naõ estejamos dentro de sua immensa Divindade. Os olhos, com que vemos a Deos nesta vida, he noite escura, e tudo saõ sombras, ou andar ás apalpadellas: saõ as memorias, que temos de Deos, lembranças, com que nelle estamos. Signal de pouco amor he ter huma pessoa presente, e naõ pôr os olhos nella. Signal de pouco amor de Deos, tê-lo presente em toda a parte, e naõ levantar para elle os olhos da memoria. Esta memoria he a vara, com que se mede o amor. Se o amor he muito, a memoria ha de ser muita. Deixe-se estar olhando para elle, em quanto puder, com simplicidade de espirito, sem se aballar. E Sua Divina Magestade fará da sua creatura o que lhe parecer. E naõ falte em dar as graças a Deos.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa, que parece lhe havia escrito lhe continuavaõ alguns achaques. E depois de lhe dizer que os sente, diz, que em quanto naõ sabemos que o Senhor se desagrada, podemos com toda a instancia pedir para o proximo a saude, e a vida: para que entenda, que sem esta condiçao expressa, naõ ha petiçao, que naõ sej i defeituosa. E supposto que tacitamente se deve suppôr esta clausula, he necessaria, e convém á perfeiçao expressá-la.

Diz, que com tudo abrace o que lhe vier da maõ de Deos, com vontade interior. Porque muitas pessoas, como vem a natureza rebelde, parece-lhes que perdem a conformidade; sendopelo contrario. Porque, se nas tentaçoes, e achaques da Alma sentir, naõ he consentir; e mais merece quem mais resiste: Se nos males do corpo se conforma a vontade pelo entendimento, então os actos da conformidade naõ saõ menos puros.

Diz, que para este tempo serviaõ as Latinidades. Porque coſtu-

costumava algumas vezes esta Religiosa repetir-lhe alguns lugares da Escriptura. E por este modo lhe ensinava, não só que he mais facil dar documentos, que executá-los; mas como que a punha por sua propria doutrina em obrigaçao de ter paciencia. Diz, que se por la correr a maré do Espírito Santo, (isto he devoçao, e fervor) peça a Deos que o levante a elle da terra de suas miserias, com tanto que se não fique no ar. Não diz, que o não deixe, mas que não fique. A razão he. Porque ainda que para nos levantar, quando estamos cabidos, só o faz de si mesmo o divino impulso; se depois movidos nos não levantamos, he só nossa a culpa; nós he que ficamos. Porque Deos não nos deixa. E por esta razão não diz o Veneravel Padre, que me não deixe, senão que eu não fique. Diz, que o melhor exercicio, que ha para a saude, e para a enfermidade, he entender que Deos tem em nós continuamente os olhos; isto he, que nos está provando. A razão he. Porque esta consideração faz, que usemos bem da saude, abracemos a molestia, conservemos a graça, e choremos a culpa. Porque se em todos estes casos nos lembarmos com fé daquella Divina presença, que nos assiste, como inquirindo a menor acção nossa, he quasi impossivel que não viva composta nossa Alma, e ajustada nossa consciencia.

C A R T A LXXI.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.



Inha Senhora. Chegámos com saude a esta terra, chegárao os Livros, e chegou tudo. E tudo estimo eu menos que este papel de V.S. E por tudo lhe beijo as mãos. Tal sou, e assim he, que os meus escritos não sómente saõ como arvore sem fructo, mas como folhas sem proveito; que servem só para o vento da vaidade. Mas já era tempo que esta não fizesse mal a V. S., pois V. S. mesma confessia, que está já em tal estado de perfeição, que as reprehensões lhe servem de con-

conserva , e os titulos be amargura. Ter o amargo por dor-
ce , e o doce por amargoſo , e iſto por amor de Deos , he-
grande perfeiçao. E por iſto o deo Nossa Senhor por regra
a Santa Catharina de Sena , dizendo-lhe quaſi as mesmas
palavras affima ditas. E por iſto poderá fer em mim destreza
nao dar a V. S. doutrinas , para que affim lhe receitasſe los-
nas : mas nao foi eſſa a minha advertencia ; preſſa foi tudo.
Agora me diga V. S. , olhando para o fundo da Alma , se
esta ja no estado de Santa Catharina de Sena : que poderá
fer tenhamos algumas confiſſoēs novas para purgar as fezes
d'Alma , que nella quaſi inviſiveis ficao. Contentara-me eu
com que V. S. com toda a ſimplicidade conſiderará no que
a miudo communga , e que trouxera na ſua memoria aquil-
lo de meu Padre S. Francisco: *Senhor, quem fois vós, e quem sou eu?* Grande eſpelho acha a miseria de noſſas Almas na con-
ſideraçao da Bondade , e Pureza Divina , quando V. S. fe-
nao poſſa aborrecer , quanto deve , caminhando a Deos pela
diſplicencia propria.

Caminhe á uniaõ de Sua Divina Mageſtade pela com-
placencia , e recreaçao da Gloria , amor , e formosura de
Deos , e do infinito gosto , e amor , com que ſempre fe-
staõ amando , e gozando aquellas Divinas Peſtoas. Re-
cree-se nisto , e nos incomprehensiveis dons , que este Se-
nhor deo á Humanidade de meu Senhor Jesu Christo , á Vir-
gem Nossa Senhora , e aos mais Anjos , e Santos. E ſempre
que poſſa , deixaſe ficar , ſumir , perder , ſobrelevar , ſub-
mergir totalmente , absorver naquelle Pego , Oceano ,
Abyſmo da immensa , eterna , infinita , e incomprehensivei-
ſoſtrea infinita , além de immensa , e muito mais que incom-
prehensivei- , e incomparavel gloria , Bondade , formosura ,
inexplicavel infinitade de infinitades , de amor , e de
amabilidades immensas. Bendito ſeja Deos , e infinitas ve-
zes bendito. Nao poſſo agora mais que agradecer a V. S. ,
quanto poſſo , a mercê , que fez ao Padre Fr. N. no nego-
cio de ſeu Sobrinho. Elle escreve a V. S. Estes Companhei-
ros lhe beijaõ a maõ. E eu , como taõ obrigado , farei em
todo o tempo por nao viver esquecido diante de Sua Divina
Mageſtade do muito que devo , e espero dever a V. S. ,
a quem

Eez V. M. o que devia em desaffogar a consciencia , e em naõ perder a occasiaõ de se mortificar no que lhe podia doer. Se quer ser perfeita , lembre-se do que sempre , ou muitas vezes, lhe tenho dito. E he , que com resoluçao faça aquillo que naõ quizera fazer. As nossas repugnancias saõ a vontade de Deos. E assim , para que esta se obedeça , naõ ha coufa como fazer o que á nossa repugna , e para o que vier, estar armada de resoluçao. Porque amar a Deos a medo , he ter espirito de espantalho. E naõ convem essas cobardias para quem ha de vencer o Inferno. Só aos meninos espantaõ cocos. Os que já saõ grandes , folgaõ muito de comê-los. Coma V. M. naõ só tormentos , mas infernos , e diabos , que digeridos , e postos no seu lugar fazem muy grande proveito. E he necessario mostrar ao Inferno , que delle naõ fazemos caso. E isto he o Ruybarbo , com que se curaõ os máos humores do animo , que tem cahido por fraqueza. V. M. tem hum espirito triste , que sempre anda com os embrulhamentos de estomago. Seja mulher , que já he tempo. Olhe para muitas meninas , que lhe forao adiante. Encomende-se a elles : a huma Santa Ignes , e outras desta estofa , que val mais que a seda de V. M. Naõ ponha o juizo em esquadrinhar , se melhora , ou peiora. Feche os olhos , e diga a tudo : Ou bem , ou mal , nós havemos de ir a diante. Por conta de Deos corre o sucesso , pela de V. M. o deseo : e naõ enjeitar a occasiaõ , em que o pôde pôr por obra. Raro he o Soldado , que ganhou victoria , sem lhe custar algum sangue a batalha. Os valentes levaõ na cabeça. E assim calamocados , ou feridos dizem : Ou ir a diante , ou morrer na empreza. E a Deos , que guarde a V. M. na sua cozinha , e nesses tiçoës se atice o amor de Deos , e ja santa humildade , taõ necessaria á soberba de V. M.

Servo inutil de V. M.

Fr. Antonio das Chagas.

NOTA.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que parece que por obediencia tomara alguma occupaçao dos Oficios da Caja, e estava com cuidado de deixar o maior recolhimento de seus exercicios. Diz, que quem deixa o Deserto, ordinariamente torna ao Mundo; mas que naõ succede assim a quem ama a Christo Senhor nosso. Arazaõ he. Porque quem o ama, naõ vay voluntario, e quem vay pelo servir, naõ deixa o Deserto. O ponto estã, em que havendo de entrar no mundo por amor de Christo, naõ nos sirva o Senhor de pretesto para entrar no mundo. E por isso prosegue, que espreite a sua vontade, para que examine a tençaõ, e esquadrinhe o appetite. E que se o achar com Deos, aindaque seja ás seccas, e ás escuras, que lhe de muitas graças. Arazaõ he. Porque huma Alma, que sahe do retiro, costumada á paz, e luz, e ao silencio, estranha muito a occupaçao, ou trato com o negocio: e aindaque seja de Deos, Parece-lhe que tudo vay perdido.

Diz, que fez o que devia em desaffogar a consciencia, e em naõ perder a occasiao de se mortificar no que lhe podia doer. Arazaõ he. Porque muitas pessoas desaffogaõ o espirito com mais allivio, que merecimento. Porque em sentindo qualquer escrupulo, ou outro cuidado, mais buscaõ a communicaçao, por naõ poder soffre-lo, que por mortifica-lo. E finalmente busquemos quantos meyos pudermos, sigamos estes, ou aquelles caminhos, naõ havemos de achar fiador seguro para os movimentos de nossa Alma, senaõ a mortificaçao prudente, mas exacta, e perseverante.

Diz, que amar a Deos a medo (isto he tibiamente) he ter espirito de espantalho: que como naõ tem resoluçao propria, naõ faz causa alguma, e sempre se derruba para onde o vento o inclina: parece huma causa, e he outra. Diz, que coma Infernos, e Diabos. Porque bem digeridos, e em seu lugar, fazem grande proveito. Isto he, que naõ havemos de ter hum espirito affeminado, e molle, e apprehensivo, senaõ forte, determinado, e robusto. Porque demais de havermos de estar apparelhados para soffrer as seccuras, e sterilidades, falta de devoçao, ten-

tentaçãoens , e todos os trabalhos interiores , e exteriores , vivendo unidos a Deos pela caridade : ha Almas tão crianças , e pessoas tão melindrosas , que humas dizem , que não se atrevem a meditar na morte , outras no Inferno , ou de considerar no diabo , e outras invençãoens , que são mininices do espirito. E se se não desprezaão estas moluras , e fraquezas , oh como será amargo ouvir a hum Confessor , ou a hum Medico , dizer que he chegada a hora , ou ver naquelle conflito hum , e muitos diabos. O que Deos ás vezes permitte por seus justos juízos.

Diz , que tem hum espirito triste , que sempre anda em embrulhamentos de estomago ; isto he , segundo o mesmo pensamento , pouco costumado a desagradaveis objectos , da morte , do Inferno , do conhecimento proprio , e em fim das asperezas , que soffrem em paz os espiritos robustos , que costumados , como os fortes estomagos , a todos os mantimentos , como tem muito calor para digerir , da peior iguaria tiraõ bõa substancia.

C A R T A LXXIII.

Irmaã Soror N.

 Fogo do Divino Amor se accenda nas vossas entradas , e dellas se erga aquelle fumo celestial da divina penitencia , que dando-nos nos olhos d'Alma , nos faça chorar amargosa , mas docemente as vaidades , e os enganos desta miseravel vida. Irmaã , e Senhora , louvado seja Deos , que neste gosto , que vos mette no coraçao , mostra que vos vay desfazendo as nevoas de vossa ignorancia cega , como dizendo-vos , que pouco a pouco ha de ir allumiando-vos , até que sahindo das trévas escuras do que não sabeis , deis com elle de repente crucificado , e vos abraceis com elle ardentissimamente , chorando muito todo aquelle tempo , que o não vistes no vosso coraçao , onde o tendes crucificado. Mas ainda tem alampada de fogo eterno : e por isto ainda ás escuras aslopais. Pois ,

Irmaã ,

Irmaã, com entranhaveis, e ardentes mos desejes, soprai
essas faisquinhos breves, que tendes na Alma. Porque assim
como o fogo natural se accende a sopros, assim o sobrenatu-
ral se accende a suspiros. E em qualquer devareda, que te le-
vante nas vossas entranhas, com a luz, que este fogo tem,
descobrirete o thesouro escondido, que estã dentro de nós.
Porque o tem como enterrado dentro de si, quem com al-
gum equecimento vive sem cuidar nelle: &c.

VIXXI AT Voslo Irmaō.

Vosso Irmaõ.

Fr. Antonio das Chagas.

comes from the N O M T V A. system in A

зарегистрированы в органах внутренних дел по месту жительства.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a sua Irmã Religiosa, parece que no principio, em que tomára aquelle estando. E dando-lhe ella conta da luz, que Deos lhe dava: que sem estes resplandores naõ se pôde conhecer bem a verdade: lhe diz, que o Fogo do Divina Amor se accenda em suas entrambas, para que o fumo da penitencia lhe faça derramar verdadeiras lagrimas. E usa de sta metáfora do fogo, e fumo, cum grande acerto, para similitudne de huma Alma, que começa a detestar suas culpas. Porque assim como no madeiro verde, quando se principia a introduzir o fogo, saõ menos as chamas, que o fumo; e quando arde por huma ponta, lança certo humor pela outra: Assim no coraçao, onde começa a arder o Divino Amor, como repugna pelos maos habitos aos soberanos auxilios, se levantaõ fumaças da culpa, e da natureza; até que o calor da Graça se introduz nelle desforte, que todo se abraza no fogo da caridade. Mas diz, que sobre aquellas breves faiscas, que Deos lhe pôs na Alma; isto he, com grandes suspiros, e ardentes desejos do Amor Divino. Porque andaque estes primeiros movimentos saõ dados puramente pela soberana liberalidade, he necessario que logo que somos prevenidos da Graça, concorra efficacia a noſſa diligencia. Porque muitas vezes por omisſao noſſa, e noſſo descuido, se malograo estes santos auxilios, e Deos os retira, como queixoso de noſſa ingratidao, e torpeza, servindo-nos ſó de maior

confusaõ para a culpa, e condenaõ para a pena; ficando mais enterrado o thesouro, de que falla o Veneravel Padre, que com a Graça Divina, e noſſa diligencia ſe descobre ardendo, e cavando; cavando no conhecimento proprio, e ardendo no Amor Divino.

C A R T A LXXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

GA eu merecia a V. M. conhescer do meu animo quanto agradeço, aindaque naõ pago, o muito que a V. M. lhe devo; pois he certo que o meu descuido perigára em maior mar, se V. M. me naõ tirára do pégo, e me naõ enſinára com seus avisos a fonder o fundo deste golfo, em que por hum ponto fazem ás vezes naufragio todos os acertos. E posso affirmar a V. M., que só no dia do Juizo ſerá poſſivel ſaber a eſtimação, que faço deste favor, e luz, com que V. M. me encaminha; e a grande obrigaçao, em que vivo á ſua Charidade.

Muito eſtimo as notícias, que V. M. me dá. Porque com ellas detenho, ou apreſſo os paſſos. Quizera ter grandes alviçaras, que dar a V. M. da boa nova, que me deo na ſua penultima, de tres que recebí de V. M. Vem a ser, da respoſta do Padre Geral. Porque della colho, que ſe naõ ha de dobrar ao contrario, e que lhe naõ parece mal, que ande agora ao longe neste exercicio: e assim faço de conta de ir andando deſorte, que lá chegue, quando os eſtrondos ſe acabem, e ſe tenha feito tudo o tocante á noſſa Provincia. E ſe naõ fora neceſſario fallar-lhe para algumas couſas, que convem aos Companheiros, e ás Miſſoēs, naõ fora no ſeu tempo á Corte. Parece-me tambem conveniente naõ eſcrever-lhe em materia alguma. Porque a do Convento, lá eſtá o Padre Provincial, que moſtra que niſſo ſe empenha. E já lhe eſcrevi muitas vezes. E agora o repeti de novo, que ſe naõ

naõ fizer como convém, naõ se falle nelle. E eu naõ terei nenhum pesar em ir continuando as Missoés ao largo, em quanto puder, e for necessario. E assim me parece o mais acertado naõ chegar aos pertos, senaõ já tarde.

Agradeço muito a V. M., que assim me aconselhe os longes. Porque tudo o mais seria pouco amor aos acertos. E mal servirá para os alheios, quem errar nos proprios. Tempo virá, em que eu tenha a ferventia, que a Madre de Deos pôde querer de mim para os seus allívios. Os agora são inuteis, e sem algum proveito. As razões do Padre Provincial são mais pareceres de quem me ama, que de quem me conhece. E como o amor tem suas cegueiras, pouca luz basta para ver as nevoas, e as faltas de vista. Naõ cesse V. M., sempre que seja necessario, neste meu particular de levar a dian-
te o que lhe parece que me toca, que assim convém ao serviço de Deos: e assim se acabará de desfazer, e desvanecer alguns nublados, que são mais poeiras, que nos ce-
gaõ com a terra, que sombras, ou coulhas do Céo; ao que eu entendo. As cautelas muitos dias ha que as julgo necessá-
rias, fendo ao meu natural muy violentas. Porque aindaque a malicia he crespa, o meu fallar naturalmente he lizo. E por isto, como naõ cuido que me espreitaõ, naõ fallo com resguardo. Se se fez mysterios de eu dizer, que já naõ que-
ria Hospícios; porque entendia que se viviria com mais ob-
servancia nos Conventos: e nos que eu aconselhava, assim he; nos outros, Deos o sabe. Se eu quizera outra vez Hos-
pícios, depois de ter razão para naõ querê-los, tambem me chamariaõ vario. Naõ he máo que me ponhaõ tão poucas notas, como estas. E se he variedade mudar de conselho, al-
guns lhe chamaõ prudencia: e aindaque eu a naõ tenha ni-
sto, para Deos a tençao me basta.

Para os Sermoés Deos faz a obra, por mais que eu erre. Em quanto Deos quizer fazer fructo, o peior femeador basta. Mas tambem ténho por bem naõ perder culpavel-
mente a opinião, que serve a Deos. Aindaque no interior haja batallias, em todas fixar a vontade em Deos, que o ap-
petite naõ pecca, senaõ a vontade, nem o que faz a natu-
reza, senaõ a malicia, ou a culpavel negligencia. Continuē

o Combate , e o Eschio , que eu nem hum , nem outro posso lér , nem observar em Echio sómente por aquelle exercicio , que Deos sabe , e me he mais facil para alguma preteça de Deos , accomodando aos tempos o espirito , e os exercicios , e tudo muito mal. A consellio a V. M. que , sempre que possa , conserve o rodeio das figuras : que V. M. naõ he taõ santa , que tenha Oraçao continua. E a Fé , e amor de Deos , aindaquê he mellior , como saõ meramente espirituas , facilmente passaõ , e esquecem , e deixaõ vazia a Alma , que se enche entaõ de varias cousas , que naõ saõ Deos , nem espirito. E se achaõ o encalho da figura de Christo crucificado , naõ fazem tanto damno. Demais , que essa Fé , e amor , nos que naõ saõ perfeitos , gera huma invisivel vaidade , de que já saõ Santas Catharinas. E vejo que Santa Theresa , S. Bernardo , e S. Boaventura , nunca deixáraõ a Imagem de Christo ; excepto quando o mesmo Senhor dentro de si os levava por essa Fé , e caridade , e depois ficavaõ naquelle memoria , na verdade imaginada , como cada hum a tinha. E eu sei pessoa , que até com os olhos abertos , anda , como que se vira este Senhor crucificado , ou chagado. E nessa lenha material se conserva o fogo do amor. E para saber se V. M. tem grão mais alto , naõ posso de taõ longe fazer algumas perguntas , donde o conheça. Naõ duvido que possa haver quem seja mais perfeita sem isto : mas de V. M. naõ o cuido ainda agora.

Agradeço a Medida , e offereço todos os annos de minha vida , que estiver fóra do Convento , a Missa do Anjo Custodio , por tençaõ de V. M. E naõ lhê digo o mais , que offereço ; porque naõ ha paraque. Basta dizer , que tudo he divida , a quem offerece tanto por mim. V. M. respondeo bem na materia das Cartas de favor para os Bispados. Cousa ridicula he essa. E muy doudo , ou nescio seria eu , se fizesse tal : nem em tal se me fallou. Deos nosso Senhor os dê a quem for servido , e naõ a quem os deseja : que na verdade deseja a sua ruina , e olha-os como honra , e naõ como carga. Em mudanças de Mosteiros já se me tocou. E já respondi , que eu me naõ mettia em alguma cousa dessas. Lá se aveňhaõ , que em quanto eu naõ sei de certo que posso averter

veitar com os meus conselhos, naõ me metto mais que no que me toca a mim. Isto he em materia, que V. M. naõ sabe. Em outra, que suspeito, se entender que he serviço de Deos, direi o que entender; pois vejo que o que lhe disse se cumprio. E poderá ser que seja vontade de Deos. Mas em quanto naõ estou certo, uso do mais seguro, que he remetê-los a outros.

Eu vim de Viseu a Linhares, daqui a Mello, dahi a Conto, dahi a Gouvea, dahi a Vinhó, dahi a Santa Mariinha, dahi a Cea, dahi á Boa Vista, dahi á Oliveirinha, desta a S. Martinho, daqui a Louraó, daqui ao Espinhal, dahi a Agoas Bellas. E em todos estes Póvos, e Conventos préguei todos os dias. E tivemos muito trabalho, por serem os ajuntamentos muitos, e as Confissões, e exercicio contínuo; mas chegámos, aindaque cansados, com saude a esta terra. Foraõ as legoas cincuenta e seis, pelo pé da Serra da Estrella. Daqui irei a Abrantes, Sardoal, Punhete, Tancos, onde espero Cartas de V. M. Se vier pelo primeiro Correio, depois deste, aindaque sejaõ duas regras, escreva-me o que lá vai, que importe. Continúe V. M. as cozinhas com mais humildade, que diſcrição. Porque o demaziado entendimento facilmente cahe em tudo. E no fogo naõ quizera eu que V. M. cahira, como despropositada, senaõ como advertida. Tudo porém se pôde offerecer a Deos, que até dos nossos despropositos podemos fazer sacrificios, se os sabemos fazer merecimentos, convertendo-os em graça. A Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Addivinhe, como costuma, que eu naõ me atrevo a ler esta pela presla. Agoas Bellas 28 de Outubro de 1678.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que sendo filha espiritual sua, lhe fazia algumas advertencias, como elle lhe encommendava, ou obrigado de sua mes-

ma humildade, ou porque sabia verdadeiramente, que em todo o estado saõ uteis estes despertadores. E por isso diz, que se ella o naõ ensinára com seus avisos, que pôde ser houvera feito naufrágio. Para que entendamos que naõ ha palavra dita em ordem ao bem de nossa consciencia, que naõ seja hum auxilio do Ceo, de que Deos nos ha de pedir e streita conta. Prosegue sobre eousas tocantes á sua Provincia, a que ainda estava indo: mostrando juntamente que naquelle tempo entendia naõ convinha andar persto da Corte, aonde naõ vinha, senão de necessidade, naõ propria; porque as suas consistiaõ Jô no remedio das Almas. E porque parece que reparavaõ algumas pessoas em elle mudar de opinião sobre a eleiçao de certos Hospícios, diz, que aindaque conhece que neste mundo ás vezes he necessario fallar com cautela, que além de que procurava que fossem suas palavras sinceras, que ao menos lhe bastava que fosse a tençao recta, e verdadeira. Arazaõ he. Porque Deos Nosso Senhor, que móve seus instrumentos, sem dizer a causa de seus juizos, naõ quer que hum Religioso de conta de quantos movimentos tem seu espirito. E talvez nem lhe dá essa luz a elle mesino: como vimos em muitos Santos, e particularmente a Santa Theresa, obedecer a olhos cerrados contra seu mesino discurso.

Diz-lhe os exercícios, que ha de continuar, e que trabalhe por conservar a presença de Deos, particularmente por figuras; isto he, dos Mysterios da vida, e morte de Christo Senhor nosso imaginariamente. Porque naõ he taõ perfeita, que sem ajudas de figuras possa perseverar recolhida. E demais de que o Veneravel Padre procurava sempre humilhar aquellas Almas, que governava, dava esta doutrina a pessoa, que entendia como havia de usar della, e que sabia passar da materia á forma. Por exemplo: Se andasse na presença do Senhor atado á Columna, que naõ havia de ficar naquelle pateo entretida no material do sucesso por huma vista esteril, e quasi infructuosa: mas tendo outras vezes especulado na Oraçao o mysterio, passaria hora da memoria ao affecto, hora do affecto á memoria, a causa, o progresso, e a pessoa. Porque algumas vezes entre os maiores concursos se sentem deste exercicio altissimos movimentos. E naõ diz nisto o Veneravel Padre, que a presença de Deus por fé, e effencia naõ seja a mais pura, e elevada, quanto he menos composta:

sta : antes isto ensina , quando diz a esta Religiosa , que naõ be
ainda taõ perfeita. E neste mesmo termo mostra , que a queria
bumilhada , ensinando-lhe por este modo , que sem descer pri-
meiro em si muito , naõ era capaz de subir a exercicio taõ alto.
Demais de que esta presença , de que falla , era para o discurso
do dia , no qual , e no mesmo recolhimento , (como diz logo com
os exemplos dos Santos) que este ha de ser sempre o primeiro ob-
jecto , em quanto Deos naõ move a outros puramente intelle-
ctuaes o espirito. Cuja materia toca o Veneravel Padre em ou-
tras Cartas mais particularmente , como se verá a diante.

C A R T A LXXV.

Meu Irmaõ , e Senhor.

OS vossos males , e tristezas sinto , como quem vos
deseja a melhor saude , e vos quizera ver com mui-
tos gostos. Naõ vos escreví atégora , porque a fal-
ta de portadores , que ha nesta terra para essa , he
mais facil de sentir que de crer : até que por esta via , que
me apontais , me resolví a naõ vos ter queixoso , quando me
deixaís obrigado. E sempre que por esta , ou qualquer via
me seja posivel solicitar vossas novas , farei , naõ só dili-
gencia para alcançá-las , mas pertençao de merecê-las.

Agora , meu Irmaõ , moralizemos esses males , e con-
sideremos essas penas. Porque se a causa , de que nascem ,
saõ de couisas , que faz o tempo , ou se experimentaõ cá no
mundo , haveis de considerar que estas saõ as glorias daquel-
les que a Deos se resolvêraõ a seguir. E ainda assim , naõ
chegaõ a ter merecimento do premio , que se ha de alcan-
çar. Assim o diz o Apostolo : *Non sunt condigne passiones hu-
jus temporis ad futuram gloriam , quæ revelabitur in nobis.* Se
saõ afflicções do espirito , porque vos entregais com excesso
a algum religioso exercicio , sabei que tambem nelle ha
contradições. Porque nem sempre Deos se deixa achar de

quem melhor o seguir. Assim o clamava a Esposa dos Cantares, por quem se entende huma Alma Santa: *Quæsivi illum, & non inveni.* E nem sempre Deos nos quer ouvir. Assim o lamentava David: *Clamabo per diem, & non exaudiens.* Se isto pois succede aos Justos, que esperavaõ os peccadores? Necessario he, como diz S. Paulo, servir a Deos com humildade, com lagrimas, e até com tentaçõẽs: *Serviens Dominum cum omni humilitate, & lacrymis, & temptationibus.* E estes saõ os que Deos escolhe para Morgados do seu Reyno. Estes saõ os melhores Soldados, com que Deos nas batalhas do mundo busca os triunfos da Igreja.

A flor, que nasce melindrosa, e vive taõ delicada, que hum Sol com a luz a secca, e hum ar com o bafo a derruba, sustenta-se com os mimos do rego; porém o tronco, que robusto se oppõem no monte ás tempestades, com a aspereza se exercita, e com os rigores se próva. Esta vida, que hon tem foi, e á manhaã naõ poderá ser, e que já hoje vay passando: Que he mais, que huma flor, que se murcha? Que be mais, que huma luz, que se apaga? E que he mais, que huma sombra, que foge? *Præterit figura hujus mundi.* Como Náo, que naõ sente o curso do caminho, que vay fazendo. Como Setta, que em hum instante traspassa os pontos, a que tira. Como Ave, que em hum momento penetra os ares, a que voa.

Se pois, Irmaõ, e Senhor meu, coufa do mundo vos molesta, naõ vos admireis, Porque no mundo naõ se achaõ Bemaventuranças. Nesta vida de peregrinos, onde somos só passageiros, naõ se vive como na Patria, que he centro dos Bemaventurados. Lede as Bemaventuranças, e vereis as ancias, e penas, em que Deos pôs a sua Gloria. Veyo Deos ao mundo a ser exemplo: *Ego sum via, veritas, & vita.* E considerai, como o quiz fer: Naõceo pobre, vivo perseguido, e morreo crucificado. Sirvaõ-vos estas tres razoẽs de perpetuo memorial, para que com este despertador naõ queiramos da presente vida, mais que o que dizia Santa Theresa: *Domine, aut pati, aut mori.* Murmure-nos embora o mundo, que a Christo chamou feiticeiro. Faltem-vos embora os bens do seculo, que saõ mentira dos huma nos.

ños. Naõ nos falte aquella paciencia, com que os que sofrerem, se coroaõ. Porque, se o que foi, já naõ he: se o que ha de ser, ainda naõ chegou: e o que está fendo, vay passando: Por hum momento, que se passa, por hum instante, que se vive, porque se ha de perder hum bem, que por eterno nunca falta? Porque se ha de buscar hum mal, que por eterno sempre dura?

Se pois dizia aquelle Apostolo: *Gloriamur in tribulacione: gloriai-vos vós nessas penas.* Porque nos nossos coraçoẽs devem andar sempre repetidas estas palavras de S. Paulo: *Mibi autem ab sit gloriari, nisi in Cruce Domini nostri Jesu Christi: per quem mibi mundus crucifixus est, & ego mundo.* Mais vos fora dizendo a pena, se houvera tempo para mais: e se vós o naõ houvereis mister ménos. Ah! vos vay o meu Paraiso, onde achareis quanto quizeres. Mettei-vos nelle com o espirito, que todo he azas para Deos. E logo vos achareis igual, assim nos bens, como nos males. Porque isto com o amor de Deos he huma das maiores perfeições. Fugí muito do que for vangloria, porque naõ perçais de Deos o que buscareis nos homens. E muito mais de parecer triste. Porque isto he signal de hypocrita: *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine, &c.*

Se vires que alguem obra mal, de nenhum modo o murmureis; mas antes logo para com Deos usai daquellas palavras: *Ab occultis meis munda me, & ab alienis pace servo tuo.* Sede amigo do silencio. Namorai-vos da solidão, que esta achareis na vossa cella. Conversai com Deos na Oraçaõ. Cuidai no ser do vosso estado. E poupando com moderação a vida, achareis que na paz do espirito, e só neste socego da Alma viveis já Bemaventurado. Agora encommendai-me a Deos, que eu faço o mesmo por vós. Aos amigos mil recommendações, até que eu possa visitá-los. E mandai a minha Mây procuraçao, ou a Bento Rodrigues, para tomar posse da Capella de vosso Irmaõ, como antes do tempo, que professa: pois naõ he razaõ, que quando a naõ queirais vós, a naõ queirais para vossas Irmaãs, de quem todos devemos desejar o remedio; pois naõ tem outro abaixo de Deos, mais que o que de Deos podem esperar. E a Deos,

Deos, que naõ posso mais. Vidigueira ultima Oitava de 1663.

Vosso Irmaõ, que mais vos quer.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a seu Irmaõ, haviendo pouco tempo que havia tomado o Habito. E depois de lhe dar a razao, porque lhe naõ escrevera: que até entre os bons Irmaõs sao ás vezes as satisfaçoens necessarias; diz, que examine as causas das molestias, de que parece se lhe queixava. A razao he. Porque, ou estas sejaõ puramente do animo, cu do espirito, se se lhe naõ procura arrancar a raiz, importa pouco curar o effeito: antes succede algumas vezes, como á planta, que podada arrebenta com maior força. Porem os appetites, e as vontades, sao como filhos do coraçao, que se criaraõ ao peito, e querendo tirar o danno, naõ nos atrevemos a tocar no motivo.

Prosegue, mostrando com lugares da Escritura, que se as mortificaçoens sao dadas por cousas humanas, que he necessario soffre-las. Porque este he o caminho mais seguro, que Christo Senhor nosso abrio por entre çarças, e espinhos, á satisfaçao, e ao merecimento. E ainda diz, que naõ he totalmente digno do premio; isto he, se o sun naõ he dirigido a fazer puramente a Divina Vontade. Diz, que se estas causas sao afflicçaoens do espirito, nascidas de algum excesso mais fervoroso, que entenda, que nem sempre Deos se deixa achar de quem o procura seguir: isto he, querer aquella devoçao, e labor, que ou nos principios aos fracos concede por sua brandura a piedade, ou por seus ocultos juizos; e para outros fins communica aos fortes, e aprovitados.

E diz, que he necessario servir a Deos com humildade, com lagrimas, e com tentaçoens. A razao he. Porque pela humildade, se padece sem queixas; pelas lagrimas, se satisfazem as culpas, e pelas tentaçoens resistidas, se fazem das virtudes os habitos, e se adquirem os merecimentos. Continua esta doutrina com grande verdade, e discriçao, com exemplos, e com

doutos lugares. Porque ás Almas temras importa dar-lhes o pão molhado no mel , e no leite. Diz , que fuja muito do que for vangloria , e de parecer triste , e que naõ murture. Porque com estas tres cautelas se conserva , e compõem o homem , que comeca a servir a Deos. Porque como estes tres vicios , hum descarrega no coraçao , que he a vangloria ; outro no rosto , que he a tristeza ; e a murmuraçao na boca , e na lingua : compondo a lingua , coraçao , e rosto , estã apparelhado , e disposto para entrar aos exercicios do espirito. Porque este he o tempo , em que saõ mais necessarias a paz , a alegria , e o silencio.

C A R T A LXXVI.

O Amor de Deos more nas nossas Almas.



Eu Padre Fr. Jorge. Estimo as novas de V. R. quanto naõ digo. Espero que Deos me dê algum tempo , em que mostre mais ao perto quanto as festejo : e assim ferá sempre , que eu saiba de V. R. corresponde á sua vocaçao , que foi de ser Santo ; e ainda naõ he qual deve ser. E se estas humildades por eserito naõ sahem de todo o coraçao , hypocrisias saõ finas , que se vestem da libre dos Santos , para beber a estimacaõ das virtudes. Naõ creio eu de V. R. isto. Mas se o faz de todo o coraçao , até esse conhecimento o refira a Deos , de quem vem tudo o que he bom , e chore o mal , que lhe agradece seus divinos beneficios : e até se naõ ter por peior que todos , tenha-se por soberbo.

A Regra de meu Padre S. Francisco , primeiro que tudo , se fundou nesta ianta humildade ; e a outra columnna na fantissima pobreza , que consiste naõ no exterior , senaõ no interior de naõ desejlar nada , aborrecendo toda a affeição , ainda áquelle pobre uso , que nos he necessario. Por isto veja este interior , e corresponda no exterior ao menos. Porque naõ o fazer assim , he ser hypocrita. E aindaque em outras

vir-

virtudes devemos ser recatados , na santa pobreza devemos ser publicos. Porque he fundamento da nossa Regra. E quem disto naõ for muy observador , aindaque o vira fazer milagres , naõ créra que era filho de meu Padre S. Francisco : que nem para esmolas quiz tocar o dinheiro , que achou na estrada. Bem supponho , que em V. R. haverá esta , e muito maior observancia , e mais tendo por seu Mestre ao meu Padre Fr. Jacintho , a quem V. R. me recomende muito , que estimo sua melhoria. E se Deos for servido , alguma hora me irei aproveitar de sua presençā. A' manhaā parto para Serpa. A Carta do Padre Fr. Balthazar para V.R. remetti ha dias , por via do Padre Fr. Joaõ dos Prazeres ; se me naõ engano. E tinha eu para mim , que já estava entregue. Farei diligencia , por saber se se remetteo. E fatei tudo quanto posso , aindaque seja nada tudo , por servir sempre a V. R. A quem peço muito me encommende a Sua Divina Magestade , e me recomende aos amigos. E a Deos , que guarde a V.R. como lhe peço , e desejo. Béja de Novembro 4 de 1673.

Irmaõ , e Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

Naõ tenho tempo de mandar o Regimento , que está por trasladar , mas em podendo , o farei. Fr. Diogo , e Fr. Domingos , que foi seu Mestre , se recomendaõ a V. R.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certo Religioso , sujeito de letras , e virtude : e que havendo exercitado a occupaçāo de Deputado do Santo Officio , tomou o Habito da Religiao Serafica na sua mesma Provincia. Diz-lhe , que se alegra muito com as suas novas , e que assim será sempre que saiba que corresponde á sua vocaçāo , que foi de ser Santo , e ainda naõ he o que deve ser. E por este modo ensina que os homens , que entraõ na Religiao por inspiraçōens , e auxilios , e que por esta luz mostrao desprezar o mundo , naõ só estao obrigados a dar hum mediano

diano exemplo, (que esta obrigaçāo he de todos os Catholicos em qualquer estado) mas a caminhar ao cume da perfeiçāo pelo mais aspero das virtudes. E esta he a de que falla o Veneravel Padre.

Diz-lhe, que ainda naõ he o que deve ser. Porque suposto que assim somos todos, em quanto vivemos neste mundo, onde até a ultima hora temos que trabalhar no edificio da nossa Alma: Com tudo diz-lhe a elle particularmente, para que se acatellasse de alguma satisfaçāo dissimulada, com que o demônio procura fazer as bōas resoluçōes menos meritorias. Diz-lhe, que se aquellas humildades por escrito naõ eraõ de todo o coraçāo, que eraõ finas hypocrisias. Porque em outro Religioso, que se criasse na Religiao de menino, poderia ser modo, ou habito, em que se cabe sem fazer discurso; mas em hum sujeito, a quem chamara a verdade, e o desengano, naõ ha aquelle descuido. E se naõ he sinceridade, leva artificio.

Diz, que até se naõ ter por peior que todos, se tenha por soberbo. Esta doutrina me parece naõ era só para este R. P., mas para todos igualmente. A razāo he. Porque nós bem podemos de nós mesmos fazer juizo, e do proximo só a Deos he reservado: desorte, que sabendo de certo os nossos peccados, naõ sabemos a gravidade dos alheios. Mas com huma diferença: que comumente bastu que tenhamos para nós esta verdade, sem ser necessário puxar por ella. Porém áquelle Religioso convinha meditá-la com grande cuidado, até a assentar em seu coraçāo, e em seu discurso. Prosegue, mostrando a obrigaçāo da Regra, que professará, e a diferença, com que se devem praticar estas, ou aquellas virtudes. Porque de se naõ fazer esta distinçāo, se seguem imperfeiçōes grandes. Porque ha virtudes, que naõ só em hum Religioso, mas em todos os Christãos devem ser publicas, como saõ as tocantes á Regra, ás Constituiçōes, e aos Votos, e no secular os preceitos geraes pela Igreja postos, e os Mandamentos. E se havendo occasião estas naõ forem publicas, será dar escandalo. E pelo contrario as particulares se devem obrar com recato; menos em algum caso de exemplo, que tambem he obrigaçāo nos Catholicos.

C A R T A LXXVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Madre N. A Graça de Deos quando vem a algumas Almas, e Ihes manda primeiro suas inspirações, he como os Senhores, que vaõ pelas estradas, e mandaõ seus criados prevenir o aposento. Chega o criado á estalajem, e diz: Ha aqui aposento, onde se agazalhe hum Fidalgo esta noite? Ha pouzada conveniente para descançar aqui? Se a Estalajedeira he vil, e pouco cortez, e tem a caia cheia de Caldeireiros; pelos naõ desinquietar, e deitar fóra, responde: Naõ ha pouzada. Vay-ie o criado, e busca outro aposento. E se o dono he entendido, tudo despeja, varre, affeita, e orna, para agazalhar o Senhor. Deita fóra tola a canalha, que lhe embaraça a casa. Chega o Senhor, e enriquece-o. Assim a Graça de Deos, quando manda seus criados, isto he, suas inspirações, e auxílios a Almas mundanas, que tem a casa da vontade cheia de Caldeireiros do Inferno, naõ acha agazalho nellas. Porque os peccadores se daõ por bem achados com a canalha dos vicios. E tudo nasce, de que naõ saõ dos Cortezaõs do Ceo. Mas os que saõ do Ceo, despejaõ a Alma de cuidados, e naõ só para Deos trataõ de ter o aposento desembaraçado; mas também para todas as inspirações a casa muito livre. Desgraçados daquelles cegos, que deitaõ de si a Graça de Deos, que os vem a vér, aonde as vocações Divinas naõ achaõ, nem tem entrada. Naõ faça escrupulo de fallar com Deos, e achar-se com elle, quando se vir nua, e despida das virtudes, que deseja. Porque esse pejo, que a Alma sente, entaõ lhe serve de gála, que o Senhor se enamora, com tanto que dalli a diante faça por andar melhor vestida.

Entenda pois V. M., que essas inspirações saõ huns recados mudos, e despertadores vivos, que chamaõ á presen-

ça de Deos seus affeçtos , e que já he tempo , em que a froxidaõ se naõ vista de desculpas , e a ingratidaõ de offensas. Veja o que fora querido , e melhor tratado hum Deos , que naõ deixa a V. M. quando se pudera ausentar esquecido. Faça o que elle lhe ensina, pondo-se em qualquer lugar em sua presença. Ame ; quando naõ , chore. Chore ; e doa-se, quando naõ ama. E faça por lembrar-se sempre dos divinos benefícios ; fazendo de todas as criaturas memorias de Deos , para que todas a espertem , todas a acordem. Muitos ha , que trataõ a Deos , como a fonte : ella com o ruido os chama , com suas doces agoas os deleita , bebem , recreaõ-se nella , e logo lhe daõ as costas. Naõ seja V. M. assim. Chegue-se á fonte , pois com seu espiritual estrondo a convida , beha , regale-se nella , mas naõ lhe perca a lembrança. Saõ as costas da Alma os descuidos. Olhe para ella , veja , e veja-se , que saõ os olhos da Alma as memorias. Oh que sou má , imperfeita , e naõ mortificada , me diz V. M. Assim a quer Deos , para que no profundo valle de suas misérias faça throno de suas misericordias. Além disto , se V. M. miseravel deixar de amar a Deos , como , sendo peior , no descuido espera ser boa ? Boa se ha de V. M. fazer pouco a pouco pelos conhecimentos de má ; e quanto por mais ruim se tiver , tanto a Deos parecerá melhor.

Deos he espelho , põem-se-lhe diante. Grande signal de estar alli Deos , ter-se V. M. por taõ feya. Porque he signal , que nesse espelhio se vê. Quando se tem em melhor conta , nasce de que o espelho lhe falta. Use V. M. os Exercícios , que lá mandei , quando puder : que de costas sim-plez se fazem as purgas melhores. E se quer aproveitar , aproveite-se da Obediencia. A inveja dos Servos de Deos he Santa. Inveje-as a todas , festejando seus augmentos. Imita-as no que he possivel , e será como ellas. Naõ he o Tórno o que faz o mal , a curiosidade sim. Mortifique a curiosidade , e tome tudo o que ouvir por motivo de lembrar-se de Deos. E fique-se nelle. Nos mais exercícios continúe V. M. , que a carreira naõ se vê se foi boa , quando começa , senaõ quando acaba. E entenda que de tudo o que fizer por Deos , naõ lhe ha de vir mal , senaõ pelo que naõ fizet. Amor , e

mais

mais amor de Deos , ou morrer , ou amar e fazer tudo por seu amor , e por dar-lhe algum contentamento : que o seu maior amor em nós , he querê-lo , e nada mais que fazer sua Divina vontade. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como eu lhe peço , e peça-lhe que a mim me guarde.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Veneravel Padre a certa Religiosa , exhortando-a ao exercicio das virtudes , por hum exemplo , aindaque commum , e ordinario , muito natural , e muito proprio para o intento. E estes saõ os que mais facilmente persuadem ao animo , porque correm sem artificio. E depois que continua mostrando com tanta clareza , como recebemos , ou naõ admittimos a Graça , diz , que os que saõ Cortezaõs do Ceo , isto he , que attendem a fazer a vontade Divina , despejaõ a Alma de cuidados , naõ só para Deos , mas tambem para todas as inspirações. Porque muitas pessoas procuraõ guardar os Mandamentos , e fazer das virtudes hum exercicio ordinario ; e com tudo naõ crescem na perfeiçao do espirito ; porque naõ abrem , ou despejaõ o aposento ás inspirações , e auxilios , com que Deos lhes bate á porta , chamando-os á vida mais alta , e mais perfeita. Estes naõ se adiantaõ , como puderaõ , e tambem tem seu perigo , mas naõ saõ desgraçados , como aquelles , que lançaõ de si a Graça , a quem o Servo de Deos chama cégos.

Diz , que naõ faça escrupulo de fallar com Deos , quando se vir despida das virtudes , que deseja. Porque aquelle pejo , que sente , lhe serve de galla , de que o Senhor se enamora. A razaõ he. Porque este pejo he humildade , e confusão nascida do conhecimento de nossa miseria , e he a primeira disposição , que Deos busca nas Almas. Mas porque este conhecimento pode ser só nascido de hum abatimento de espirito esteril , e infructuoso , continua dizendo , que com tanto que dalli em diante faça por andar melhor vestida ; isto he , o proposito de trabalhar nas virtudes , com que adorne sua Alma.

Diz ,

Diz, que entenda que estas inspiraçōens saõ buns recados mudos, e buns despertadores vivos, que chamaõ á presença de Deos seus effitos. Chama-lhe recados mudos; porque fallaõ no coraçāo, e naõ se ouvem, se naõ se escutaõ em silencio, apartando ao menos o affecto do tumulto, e do arruido dos cuidados vaõs, e estrondosos. E diz despertadores vivos; isto ke, para quem os ouvē naquelle silencio: que para quem assim os naõ admittē, nem saõ vivos, nem despertadores. Diz, que faça o que Deos lhe ensina, pondo-se em sua presença, para que entendamos que, sem estarmos attentos, mal poderemos ser ensinados.

Diz, que muitos trataõ a Deos como a fonte, que bebem, e se recreaõ nella, e logo lhe daõ as costas. Falla o Veneravel Padre de pessoas espirituaes, a quem Deos dá alguns sentimentos, por ver se lhe prende os cuidados; mas como naõ buscaõ mais que a consolaçāo do amor proprio, só perseveraõ em quanto dura o allivio. Diz, que quanto mais por ruim se tiver, tanto a Deos parecerá melhor, e que Deos he o espelho, em que vê seus defeitos: isto he, que vejamos em Deos o que lhe devemos. e conheceremos em nós o mal que pagamos: e confessando sua misericordia, e nossa miseria, entaõ lhe seremos agradaveis, quando formos humildes. Diz, que a inveja dos Servos de Deos he santa: mas prosegue logo, que festejando seus augmentos. Porque esta inveja sem aquella alegria he suspeitosa, e naõ tem outro final de ser santa, senaõ he o contentamento, que tem juntamente do bem, que se inveja no proximo. Diz, que naõ he o Torno o que faz mal, senaõ a curiosidade. Parece que esta Religiosa se affligia de assistir na Roda. Porque ordinariamente attribuimos a outras cousas os effitos, de que nós temos a culpa; principalmente quando a occupaçāo he dada pela obediencia.

C A R T A LXXVIII.

O Amor de Deos more, e arda em nossas Almas.



Rmaãs muito amadas em meu Senhor Jesu Christo. Hontem o ultimo de Settembro recebi seis massos juntos de Cartas vossas, que estavaõ retardadas nesta Corte, por senaõ saber onde eu estava. Tive grande consolaçao com as novas, que me dais: e assim como o soube, dei muitas graças a Deos; porque me corriaõ por cá diferentes novas. He necessario entender, que a vida de huma Religiosa, he huma vida crucificada, em quem Nosso Senhor Jesu Christo vay estampando, e esculpindo a sua Morte, e Paixaõ; sendo as tintas as virtudes, com que huma hora a paciencia, outra a mortificaçao, a caridade, o sofrimento, o zelo, e todas as mais virtudes se haõ de ver em quem em Christo crucificado se transformar. E para isto vies-tes á Religiao. E para poder gloriar-vos nisto, e ter fortaleza nas penas, e serem estas as nossas maiores glorias, he necessario que tragais na memoria a Imagem de meu chagado Jesu, e que de quando em quando pondo os olhos nelle, e nas suas penas, vejais quanta diferença vay dellas ás vossas, e daqui tomeis animo para entender, que he este o verdadeiro caminho, e quanto for mais, mais pressa vos daõ para vos chegar á uniao de Deos, e ao cume de santidade. E por isto os Santos amavaõ muito a seus inimigos, conhecendo claramente que esses saõ os instrumentos de sua perfeição; assim como as limas, que roem; martellos, que golpeaõ; fornalhas, que abrazaõ; saõ instrumentos do ouro para chegar a ser joya.

A vida he breve, a Eternidade comprida, as perseguiçoes acabaõ-se, o premio eternamente dura. E se a santidade de meu Senhor Jesu Christo naõ subio ao Ceo, senaõ padecendo; eu, e vós, como poderemos subir sem fazer es-
cada

cada de padecer? Esta he a Cruz, que nos manda levar. Dian-
te vay elle com a sua Cruz, para nos dar animo com seu
exemplo. Até morrer tratai de naõ desmayar: que será gran-
de deigraça perder em hum ponto, o que em tantos annos se
mereceo. Esta he a verdadeira Oraçaõ. Porque os outros des-
canços com meditações, e oraçoẽs gostoſas muito á noſſa
vontade, ſão chimeras da vaidade, mais que Oraçoẽs. Vede
o que diz o Senhor, que nos naõ dá tentaçãõ ſobre noſſas
forças, e que a paciencia nos chega á perfeiçaõ, e nos faz
tomar poſſe das noſſas Almas. E por iſto o meſmo Senhor
diz: Bemaventurados os que padecem pela justiça: iſto he,
por ſerem justos, e por defender o que he justo; porque del-
les he o Reyno do Ceo. E em outra parte: Entaõ ſois bem-
aventurados, quando de todos ſois perſeguidos, e vos cha-
maõ malditos, mentindo quem vo lo chama. Naõ diz: En-
taõ ſois bemaventurados, quando eſtais em descanços, exta-
ſis, e conſolações. O caminho já o achastes. O que impor-
ta, he ir por elle. Aspero parece: porém maisaspero ſerá
o Inferno por huma Eternidade. Ay daquellas, que por aqui
forem! Que eſtas ſão filhas da maldiçaõ de Deos. Mas ainda
aſſim, oſſerecei voſſas oraçoẽs, e ſacrificios pelas que vos pa-
recem peiores. Porque em quanto eſtamos neſta vida, ca-
pa-zes eſtamos, ainda que com a misericordia de Deos, em ha-
vendo verdadeira emenda, fejamos Santos. Por iſto em cada
peſloa os vicios aborrecei-os, mas as creaturas de Deos amay.

Ponde os olhos em mim, e vereis a mais má Alma, que
tem o Mundo. E ainda aſſim me naõ engeita Deos: antes me
anda dando tempo de penitencia, para me ſalvar. Voſſo Ir-
maõ foi para o Algarve: até o Capitulo ha de eſtar lá. Mas
he pouco tempo. Naõ appelleis para elle, ſenaõ para Chri-
ſto. A elle recorrei, com elle vos aconselhai, pondo-lhe na
oraçaõ diante o desamparo, que tendes de quem no mundo
vos guie. Lembrai-vos de voſſo Pay, meu Padre S. Domingos, e voſſo Anjo da Guarda, e Noſſa Senhora. E antes mor-
rer, que fazer couſa mal feita. Das infamias, e affrontas,
que vos fizeraõ, vos faz Deos a voſſa corôa. Breve he o tem-
po. Cedo vos pezará de naõ ter padecido mais. A paciencia
ſabei a naõ perdeis, por ſentir muitas ondas de ira; ſenaõ

por consentir em algum desejo de vingança. Nem vos alegreis no mal , que pôde vir a quem vos naõ quer bem : antes fenti suas miserias espirituaes, muito mais que todos os males corporaes. Vede , que conta Blosio , que em tres para quattro mezes chegou á perfeiçao huma Religiosa , por offerecer a Deos todas suas obras por quem a perseguió.

Santa Isabel de Ungria , sendo filha de Rey , e sendo lançada do Reino por seus vassallos com tanta infamia , e desamparo , que ninguem a quiz agazalhar , passando a noite em huma casa , onde se recolhiaõ porcos , e offerecendo em Oraçaõ á Deos suas bôas obras por seus perseguidores , appareceo-lhe Christo , e disle-lhe : Nunca tanto me agradarão todas tuas Oraçõeſ , como esta , que fizeste agora. E alli lhe fez grandes favores. Continuar, e calar, e esperar da Bondade de Deos , que naõ desampára aos seus , pois naõ desampára as viboras , as cobras , e as serpentes ; antes de todos trata , e a todos ampara. Eu vim para esta Corte a convalescer de humas febres cezoẽs , e sangrias , que tive em Setuval desde os principios de Setembro : e por isto naõ tenho começado a prégaçaõ de Lisboa : que com o favor de Deos começará no fim deste mez. Já estou melhor. A' manhaã me recolho , e me sumo huns vinte dias para o estudo. Pedí a Deos me tenha de sua maõ. E se elle me levar a parte , donde vos possa ajudar com alguma couſa , naõ me esquecerei. Entretanto encommendai-me a Deos , que vos guarde , como lhe peço , e desejo. Hoje o primeiro de Outubro de 1674.

Irmaõ inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a suas Irmaãs Religiosas. E depois de lhes dizer que tinha muita consolaçaõ com suas notícias , lhes diz que o que lhes he necessario , he entender que a vida de huma Religiosa verdadeira ha de ser huma vida crucificada. E diz logo , que considerem , como amavaõ os Santos

tos a seus inimigos: mostrando por este modo, que a perfeição da Cruz propria está em ser dada pela mão alheia. Porque, supondo que muitas vezes he necessario que a nossa eleição faça a nossa Cruz: com tudo não sei que tem a nossa escolha, que sempre a faz mais suave, por peizada que seja. E pode ser que por esta razão nos não manda Christo eleger-la, senão tomá-la. E porque nos não fique dúvida, diz primeiro que se ha de negar quem o houver de seguir. Porque parece não o imita, quem só toma a Cruz, e segue o caminho, se antes se não nega a si mesmo. Diz mais abaixo, que a vida he breve, e que as perseguições se acabão. E não entendo que dizia isto o Veneravel Padre tanto pelas consolar, quanto pelas instruir. Como se lhes diffira: que se dessem preffa, porque se não sabiaõ aproveitar-se, passaria o tempo de padecer, e morrer.

Diz que esta he a verdadeira Oração. Porque certas meditações á nossa vontade, aonde se não mortifica, antes se consola a natureza, são chimeras, e enganos, com que nos lizongea o amor proprio. Arazaõ he clara. Porque se o Reino do Céo padecer força, de necessidade nos havemos de fazer violencia. E esta sempre he mais esforçada, quando menos se arrima á eleição própria. E por esta razão prosegue logo com os que Christo chama Bemaventurados: e estes se fazem nas enfermidades, nas perdas, nos desgostos, e prova dos inimigos, se tudo levamos com paciencia, e sofrimento. Traz logo aquelle exemplo de Santa Isabel de Ungria, e diz, continuar, e calar. Arazaõ he. Porque parece que quem não cala, não continua. Porque ha pessoas, que podendo sofrer a outras, se não sabem sofrer a si mesmas, e lhes he mais facil de receber no coração huma ferida, que dilatar huma palavra na boca: por onde, desaggravando a queixa, se faz a mortificação pouco meritoria.

C A R T A LXXXIX.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.


 Uito Reverenda Madre Soror N., e Senhora minha. V. M. buscou no retiro consolaçao, e desafogo, e por isso naõ achou o que buscava no retiro. Se buscára Cruz, que he onde Deos se acha, achára naõ só a Cruz, mas a Deos, que he fonte de toda a noſſa consolaçao. O remedio, que iſto já agora tem, he dar graças a Deos por tudo; pois sempre se colhe ahi algum próprio conhecimento de noſſa propria miseria. E naõ he pequeno fructo. Deos quer que V. M. vá pela estrada dos escolhidos, e dos valentes: muita cutilada, e golpes de desconsolações ſão todas para noſſo bem. Porque nellas, ſe perſiſtirmos, bem moſtramos a Deos, que naõ buſcamos allivio, ſenão ſua Divina vontade. E esta, quanto mais ás feccas o ſervimos, mais merecimentos nos concede. Cuidava V. M. que nelliſte reſcolhimento logo ſe havia de pôr na Efféncia Divina, e ahi dar lá pelos attributos de Deos, fugindo da Paixaõ de Christo. E Noſſo Senhor naõ quer iſto: ſenão que amemos muito a Christo crucificado, que o tragamos naſ noſſas Almas impreſto. E o modo, com que ſe faz iſto, he andar crucificado tudo: crucificado o coraçao ſem allivio, crucificada a vontade ſem consolaçao, crucificada a memoria, os olhos, os maiores ſentidos, ſem ter algum refugio. E eis-aqui como ſe anda em Christo crucificado. Assim andava S. Paulo. Mas he necessario que haja valor, para que no meyo deſte Deserto, em que tudo he ſecco, tudo ſerpentes, tudo ſoledades, ſe naõ ſuſprie pelas cebolas do Egypto; iſto he, qualquer allivio, ou consolaçao de creatures, e que ingremente em Deos conſtituamos todo o noſſo ultimo fim, e buſquemos nelle o ſummo Bem. A'lem disto, o que Deos mais quer de nós, he que examinemos o que ſomos, e o como estamos. Como agora fallar

fallar V. M. com a sua Alma, e dizer-lhe: Alma, estais já fanta? Memoria, Entendimento, Vontade, estais já purgados de vossos vicios? Olhos, ouvidos, estais já santificados? E se o naõ estaõ, ainda ha vaidades no fundo da Alma com alguma satisfaçao de si mesma, e gosto occulto de parecer humildade, desenganada, virtuosa.

Estas saõ as nuyens, que se oppõem ao Sol. Estas as paredes, que se interpõem entrâ a Alma, e o Esposo. Estas as espinhas, e hervas ruins, que naõ deixaõ nascer o trigo. Mas aindaque ache muito disto, naõ te desconsole: que naõ ha Ouro sem fezes, Sol sem eclypses, Tela sem manchas: quer Deos, que assim se purguem tantas vaidades, e soberbinhas, como V. M. tinha nesse corpo, e dentro dessa Alma. Por isto com duas azas ha de voar agora: a primeira he penitencia, e a segunda graças a Deos: tendo-se por indigna de padecer, e parecendo-lhe pouco o que padece por Deos. E ainda que o fazer isto lhe pareça violento, faça-o como puder, que Deos o accepta, e as Almas saõ como as arvores, que no Inverno estaõ como mortas, mas lá vem o tempo, em que daõ seu fructo. E o quando, he quando convem. V. M. o ha de dar, mas ha de ser quando tiver mais humildade do que tem agora. E tambem espero que a tenha; porque tudo dará Deos, que he bom Senhor, que assim paga, aindaque o sirvamos mal.

Naõ se cance V. M. muito nos retiros. Siga as Communidades. Visite as enfermas. Assente-se no Côro, e elqueça-se nelle o que puder. Naõ falle, nem escreva a ninguem, como se morrera para todos: é assim lho mando; porque assim convém. Naõ se queixe de nada, nem se desculpe. E se chorar, e sentir, rebente diante de Deos. Naõ ande V. M. com essas mortes ás costas; traga a de Christo diante dos olhos. E faça muito, por me naõ querer Profeta. Porque, se fizer estes reparos, no que lhe digo singelamente, naõ lhe escreverei, nem fallarei. Porque Deos naõ me tem dado este dom. V. M., e eu, e todos, podemos morrer cada hora. E para bem devemos com esta certeza andar apparelhados para todo o tempo, e desta sorte obrar muito, vendo que he pouco o espaço, que temos, ou para a satisfaçao, ou

para o merecimento, ou para a caridade. Lea por esses Livros, que saõ bons. E o Directorio he cousa excellente: muitos tempos o trouxe commigo. As repugnancias he o melhor, que V. M. tem. Porque se as naõ tivera, tivera pouco merecimento. Vencê-las he triunfo: deixar vencer dellas, froxidão, e desmazelamento. Se eu lá estivera, fora peior. Lá está Deos. Chame-o, falle-lhe, e trate-o como Pay, e Amigo, que á cabeceira, e ao lado, e a diante, e atráz, e ao redor, e em toda a parte anda em continua espreita, e presençā de V. M. Aproveitar dos thesouros he o que importa. Pouco serve ter a botica em casa, se nos naõ valemos della. Quando lá for, fallaremos nos mortos. Agora o que importa, he crucificar os vivos, e tapar a boca ao diabo, que naõ tenha que nos dizer no dia do Juizo. E quando V. M. deixe todo esse mundo, naõ só achará Fr. Antonio para a ajudar a V. M. na jornada do Ceo; ao mesmo Deos achará. Elle guarde a V. M., e lhe dé todas as felicidades da Alma, que lhe desejo. Deserto de S. Jeronymo 7. de Agosto.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T . A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa. Começa dizendo, que pois buscou no retiro consolação, e desafogo, por isso naõ achou o que buscava no retiro. Porque parece se havia algum tempo apartado para se applicar á contemplação, e ao recolhimento. E por praticarem mal esta doutrina, saõ tão raras as Almas, q̄ naõ só naõ chegaõ ao estado da perfeição, mas nem a conseguir a virtude da indifferença, tão necessaria para a união com a Vontade Divina. Muitas pessoas buscaõ o retiro, e cuidando que buscaõ a Deos, se buscaõ mais a si mesmos. Porque já se consideraõ em paz, em silencio, gostando da luz soberana por meditações muy puras, e altas, com huma devoção, e lagrimas muy saborosas, e ainda com grande consolação das mesmas penitencias. Em fin, com huma consciencia tão pacifica,

fica, e huma consolaçao tão gostosa, que menos que o Céo, não ba suavidade mais para appetecida. Isto não he buscar a Deos; porque não he seguir a Christo: he seguir o amor proprio, e buscar o descanço. Este modo de Cruz não he da que o Senhor fala no Evangelho: Se primeiro nos não negarmos a nós proprios.

Diz, que o remedio, que tem, he dar graças a Deos; isto he, humilhar-se, para que voltando sobre si mesma faça a Cruz de sua imperfeição propria: que esta he a destreza, com que sabem pelejar contra os Demonios a confusão, e a humildade, com que pelos auxilios da graça tem havido tantas quedas ditosas. Diz, que com tudo he necessário não suspirar pelas cebolas do Egypto. A razaõ he. Porque bum coraçao mal habituado entrando em bum exercicio aspero, e secco, se não se fechar com fortaleza bem as portas aos pensamentos vaos, e perigosos, que são como colas das lagartixas, que ainda se não vem depois de cortadas; entre o rebolico daquelles cuidados, nem se torna a compor o espirito, que Deos busca em silencio: isto he, apartado dos afectos, não só vistosos, mas escusados.

Diz, que se não cance em retiros, que siga as Communidades, mas que não escreva, nem falle a ninguem: que não se queixe, nem desculpe, como se morrera para aquellas causas. O Veneravel Padre era grande Piloto da navegação do mar do espirito. Diz que em retiros se não cance, e logo manda-lhe usar do retiro mais exação, e mais forte. Porque como entendia que lhe era necessário, mudou-lhe o modo, e não a substancia; para que a apprehensão não concebesse algum tédio. De que nasce ás vezes certa desconfiança tão perigosa, que tem feito cahir muitas Almas. E alguma vez pôde ser culpa de quem a governa. Diz, que as repugnancias, com que se achava, eraõ a melhor causa, que tinha. Porque sabia que esta Religiosa estava resoluta, ou a sopportá-las, ou a soffre-las. Porque assim como nos fracos, e principiantes são perigosas, nos aproveitados são de grande merecimento. E o exercicio, com que insensivelmente se fazem os bons habitos, não ha outro caminho, sem ser milagroso, para conseguir as virtudes, senão he o rigor das dificuldades.

C A R T A LXXX.

O Amor de Deos more, e arda na Alma de V. M.

Cada vez me acho mais obrigado á memoria, e cuidado, que V. M. tem de mim. Deve de ser, porque Sua Divina Magestade sabe que hey mister todos estes soccorros para a batalha, em que ando, e todos estes apistos para a fraqueza, em que vivo. Pague Deos a V. M., que eu já não acho outro caminho para desempenhar-me, mais que o impossivel de fazê-lo sem appellar para Deos. No que toca ás palavras da Escritura, se se dizem com sentidos máos, e profanos, tem hum Breve contra si, que os prohibe. Se acafo se dizem, não he peccado; não o fendo aquillo sobre que se dizem. Salvo, quando a vaidade de as dizer, as faz repetir. E ainda entao não passa de venial. Se he com bon intento, e sem vangloria, podem-se ás vezes usar. Os Latins he vicio, de que V. M. não deve usar.

Para esta Ascensão todo o amor he pouco, e nenhuma saudade he muita. Folgára, que das presenças deste Mysterio tirára V. M. todos estes dias huma grande saudade, e com ella na Alma, nos sentidos, e pensamentos andasse até pastrar este dia, dizendo: *Meu Deos, e minha saudade, quando será possível que esta saudade acabe na vossa vista? Quando, quando, meu Deos?* E o mais, que dér o Espírito Santo. Não faça penitencias do corpo; salvo as que dér a Obediencia, se as houver: na Alma todas as mortificações, que a divertirem disto. Nos olhos, nos ouvidos, no fallar, faça as mortificações, que puder. Entendo que os silencios, e os retiros saõ a conversaçõ, e o lugar, onde se acha, e se trata com Deos. Por isto elle dizia á Alma, que á solidão a levaria. Esta he a solidão, onde V. M., quando lhe falte a presença, lhe não faltará a saudade, que até nas presenças mo-

ra : que sente as ausencias até nas vistas : que como saõ nestá vida imaginarias , ou só certezas da Fé , ausencias saõ mais que vistas. Consiste esta solidão em viver V. M. em hum Deserto , que se chama memoria de Deos , tão só , tão deserta de tudo o mais , que nada mais passa pela memoria. E o amor faz com que esta se despeje , e fique totalmente solitaria de lembranças de criaturas com humas palavras muitas vezes repetidas : *Deos, e nada mais.*

Para o Espírito Santo use V. M. antes Quarta , e Sexta de cilicio , quanto ao corpo ; retiro , quanto á Alma : crendo por Fé , que aquelle Fogo Divino em faiscas abrasadas lhe cahio no coração , e que cada huma levanta huma chama no espírito , a que diz : *Meu Deos, e meu amor, amor eterno meu, desejo eterno meu.* E ande interior , e exteriormente , quanto puder , com esta abrasada notícia si crendo que huma faísca espiritual he a Formosura Divina ; outra a Omnipotencia , outra a Bondade , outra a Sabedoria , outra a Misericordia , e assim os mais Attributos de Deos. Mas quando cerre a memoria na Eſcencia Divina , estendendo a Alma , deixe ir o espírito nesse fogo , nesse abrasado desejo de se unir , ou entrar em com Deos , aindaque se suma , se absorva , se transfundia , se anniquire , e desappareça , sem deixar nada de si : e sobre tudo accommodando-se passiva , ou activamente á obra do Espírito Santo.

Depois de passar este tempo , se não adoecer , tome huma disciplina cada semana , de mais a mais das que houver na Comunidade ; e faça por andar , hora no quarto , hora no quinto exercicio do Eſchio ; até que nos vejamos , ou V. M. saiba donde lhe posso escrever , ou ter novas de mim. Daquella pessoa , que acaſo me visitou , porque hia fazer huma diligencia , não tive mais novas , nem mandado , nem a sua visita pedia isto. Com que he chimerico , quanto neste particular se sonha , e cuida. No que V. M. pôde estar certa he , que com a Bondade Divina não me quebranta nada do que nisto disserem de mim de mal. Defenda-me Deos do que disserem de mim de bem : que como de Deos espero o que tenho que esperar , deste mundo não quero nada ; e por isso desejo desprezar igualmente o seu bem , e o seu mal.

Peça

Peça V. M. a Deos , que ieja sempre assim ; se assim he maior gloria , e honra de Deos.

Todo o mais que V. M. me recommenda , tal qual sou, o farei , desejando os prestimos , que naõ tenho , para satisfazer ás obrigações , com que fico. Os Livros , em que V. M. me falla , se se acharem , peça-os , e ponha-os na Livraria. O Directorio de S. Francisco de Sales , traga-o comigo sempre: o Eschio para os exercicios. E quando tomar horas para algum divertimento , lea por aquelles , que tenhaõ as matérias , em que V. M. se exercita. Lea tambem pelo Andrade , que os exemplos saõ ás vezes esporas do espirito. Quererá Sua Divina Magestade , que se renovem por muitas vezes os annos , e o espirito , com que V. M. começou em dia de tão grande Santo. E pois em esse trouxe Deos a V. M. á Religiao , faça , em memoria sua , porque seja a Fé , huma das principaes virtudes , muito amiga sua.

Naõ he pequena haver-me soffrido até agora ; maior será daqui adiante. Offereça V. M. algumia por mim a Deos , que naõ me contento com os suspiros : naõ porque elles sejaõ cousa de ar , senaõ porque esse , e muito mais fogo de Deos hey mister para accender as minhas friezas , e froxidões. Onde quer que estiver , hey de escrever a V. M. em podendo. Se faltar , soffra-me desprimoroso , pois me naõ engeitou maldito. E tome por sua empreza fazer-me dos abençoados de Deos , ao menos quanto em si he , e por suas Orações. A Madre N. agradeço as lembranças , e offereço minhas recommendações. E por ella , e por V. M. , quanto posso , offereço minhas miseraveis Oraçõens , e desejos , que tenho de vêra V. M. no mais alto estado da perfeiçao , a que espero leve Deos a V. M. , e a guarde por muitos annos em sua Graça , como lhe peço , e desejo. Sacavem , dia de S. Bernardino.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O-

N O T A.

Esta Carta começa o Servo de Deos , dizendo a esta Religiosa , a quem escreve , o muito que lhe está obrigado , e que Deos sabia quanto necessitava daquelles socorros , que consistião em Oraçõens , e avisos : ensinando por este modo , que os benefícios , que recebemos das criaturas , os devemos attribuir à liberalidade Divina. Assim tambem recorre ao Senhor , para a satisfação , e a paga. Diz logo , como pôde , ou deve trazer os lugares da Escritura , e que os Latins he vicio , de que não deve usar. Não impede , que algumas vezes os possa repetir , e por isso desfusar. Porque huma Religiosa não he hum Cathedratico de Medicina , para andar continuamente com textos , e vocabulos Latinos na boca. E estes saõ os termos , a que o Veneravel Padre chama vicio a esta frequencia.

Diz , que para aquella Festa da Ascensão , que dalli a poucos dias se celebrava , que todo o amor era pouco , e nenhuma saudade era muita. E falla por estes dous termos de amor , e saudade. Porque ha pessoas , que se tem por espirituales , e exercitam as virtudes , e celebraõ muito os sagrados Mysterios ; mas tão pouco saudosas , que desejaõ viver ainda nessa vida alguns annos. E por isso dizia o Grande Gregorio Lopes , que era vergonha , que huma pessoa , que se dava ao espirito , desejasse viver neste mundo.

Prosegue com huma Direcção interior , cuja disposição he o retiro , e o silencio. E este retiro , e silencio verdadeiramente consistem na memoria , e na vontade. Porque a vontade se põem o silencio , lançando della o desejo do trato das criaturas , e na memoria se acha o retiro , affastando as imagens vaãs , e escusadas , que occupaõ a fantasia. E purgadas com fortaleza estas duas potencias , ficaõ lugares dispostos para tratar a Alma com Deos por meyo da Graça. E he este o modo de sentir as inspirações , receber as luzes , e entender a soberana vontade.

Respondendo sobre certa cousa , de que parece o arguiaõ , e em materia , que lhe não vinha à memoria , diz , que esteja certa , que o não quebranta dizerem delle mal ; que o defende Deos do que differem de bem. A razão he: Porque dizerem mal , que

que naõ obrava , era merecimento , que conseguia : e este merecimento deve de ser de nós muito estimado ; porque he sem alguma diligencia adquirido. E porque he sem diligencia nossa , parece dado pela liberalidade Divina. E diz , que Deos o defende do bem , que differem delle. Porque sabia o Veneravel Padre , que na guerra do espirito , menos penetrantes saõ os golpes do ferro , que os tiros do agrado : e como o espirito nesta Républica he o soberano , o seu maior perigo se dissimula na lisonja , e no valimento.

C A R T A LXXXI.

O Amor de Deos arda , e ferva na Alma de V. M.

HE chegada a hora , em que Deos he servido que me parta. Bem quizera eu nella dar satisfaçao a muitas obrigaçoes , que tenho a V. M. Mas em taõ estreito tempo apertada ha de ser a hora. Madre Soror N. , aindaque eu fora para muy longe , o papel , e a tinta faz das ausencias pertos. E onde quer que eu esteja , naõ estou apartado , se estamos em Deos unidos , como linhas no Centro , ou rayos no Sol ; distantes sim. Mas para essas distancias , que naõ saõ de mar em fóra , tambem ha remedio. E assim quando a V. M. lhe seja possivel , ou necessario dar-me novas suas , naõ se esqueça : que em toda a parte se haõ de fazer taõ bom lugar , como sempre tiveraõ. O nosso fallar ordinariamente he por papel , e tinta ; por isso ao perito , e ao longe tudo he o mesmo : e como em Deos he tudo , nada he o longe. Somos como os rios , que pela terra com grande distancia correm divididos , mas no mar estaõ juntos. O que importa , he que vivamor de tal maneira sem culpa diante da presença Divina , que nada nos aparte della. Porque estando nesta vida em Graça , e vivendo nas divinas memorias , seguramos agora as presenças , e na Eternidade as vistas.

Isto

Isto basta nesta materia. E aindaque o ausentar doa , da dor se ha de fazer pouco caso ; da conformidade com Deos , muito , respeitando , e venerando seus decretos , a que de sejo obedecer : paraque naõ só aqui , alli , acolá , e em toda a parte façamos nosso officio , como o Sol , que naõ amanhece para huns , senaõ para todos , igualmente se communica aos montes celestes , e aos valles da terra mais profundos , e fumidos ; necessario he , que eu o faça com as Pregaçõés , V. M. com as Oraçõés : lá poslo eu achar a V. M. nas ajudas , que me ha de dar , encommendando-me a Deos , e aquellas Almas , que necessitaõ mais do esforço de suas Oraçõés , para me naõ esquecer (se isto se pôde dar .)

Levo este Memorial sagrado , que com tantas espinhas reprehende , que eu queria a vida de flores ; salvo se for flor desta , que se pôs nos valles do mundo , para nos levar ao Ceo. E se para elle , que he Sol de gloria , o mundo foi valle de lagrimas , naõ convém que a nós , peregrinos , e ausentes da Celeste Patria , a vida seja campo de alegrias , ou prado de contentamentos ; especialmente a mim peccador , que tanto offendi a Deos. E assim asseguro a V. M. que como coufa sua , e naõ minha , guardarei esta cópia de meu Senhor Jesu Christo , para o naõ dar a ninguem. E com o retrato de meu Senhor Jesu Christo naõ só espero me naõ permitta esquecido , mas confio em sua Bondade immensa me traga tão registado , como de sua misericordia espero. E como faço o mesmo officio por V. M. , o que peço para hum , para outro peço ; desejando sempre que em sua graça estejamos todos em hum.

No entretanto as generalidades , que V. M. ha de guardar , saõ muita paz , e caridade com o proximo , muita mortificaçao interior , e exterior , e muito desprezo de si : comigo muita oraçao , amor , memoria , e reverencia com Deos. Esta presençā , e lembrança Divina lhe encommendo mais que tu.lo. Porque esta nos faz outros. O fogo no ferro se continua , veste-o de sua librē , dá-lhe as suas condicōes : era frio , e ja queima : era negro , e ja lustra : era feio , e ja he formoso : era duro , e já se acha brando. E se isto faz o fogo no ferro , que fará Deos em huma Alma , que , aindaque seja como

como ferro , Deos he mais que fogo. *Deus noster ignis consu-
mens est*:diz a Escritura. Use daquella simplicidade: *Meu Deos,
e nada mais*. Isto dito em qualquer parte , ou occupaçao , faz huma suave , gostosa , e summaiente doce presençā de Deos.

Nas mortificaçōes a minha tençāo he , que V. M. continue as que lhe dei , com a cautela , e prudencia , que convém , se houver doença , ou achaque , ou grave occupaçāo. Nos exercicios de Etchio o que já tenho dito de quinze dias cada hum , excepto o ultimo , em que V. M. se ha de ficar toda a vida. O que imporra , he a pureza da intençāo , que faça tudo por gloria , e honra de Deos. Porque elle o merece , e a quer assim , e como quer , e quanto quer. O desprezo de si mesma , que he virtude rara , mais a exercite V. M. nos soffrimentos , e em não dar desculpas , e escusas , que em mortificaçōes exteriores , e extraordinarias , e não encomendadas , ou mandadas por pay espiritual. Buscar as coufas de humildade , isto sim , e com alegria , e bom animo. Tambem no mais seguir as Communidades , as obediencias , e fóra de seus actos , retiro , silencio : muita caridade com as enfermas , e compaixāo com os affligidos; esquecer-se quanto puder do mundo. E se lhe ouvir os eccos , e as miserias , rogar a Deos pelos peccadores , dando graças a Deos por todos os bens , e males da pena , que sucederem , e orando porque se acabem males de culpa , que saõ offensa da Bondade Divina.

Naõ se cance V. M. com os meus achaques ; porque como naõ cessaõ algumas vezes , em quem naõ cessaõ os pecados , sendo os meus cada vez mais , razaõ he que , para despertadores meus , naõ sejaõ cada vez menos. Troque V. M. esta petiçāo em rogar a Nosso Senhor , que se multipliquem , se assim he Sua Divina Vontade , e que em todas as mais coufas , que puderem provar-me , cresçaõ as afflictōes : com tanto que por misericordia sua a paciencia , e conformidade cresça. Naõ ha tempo pare mais. Espero que para isto ser á vontade , seja eternidade o tempo. Entretanto a Deos , que guarde , e conserve a V. M. em Sua Divina Graça , como lhe peço , e desejo , e pedirei , e desejarrei sempre. A Deos. Em dia de Santa Catharina. Servo miseravel , e inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NO-

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos estando de partida para a Missaõ, despedindo-se de certa Religiosa, de quem era Director de espirito. E depois que lhe asegura se naõ descuidaria sem embargo da distancia, diz, que os que estao em Deos unidos por graça, estao como linhas no Centro, e como rayos no Sol: para nos dizer o como em Deos havemos de estar. Porque as linhas, que se tiraõ do Circulo ao Centro, todas saõ rectas: e assim he necessario que caminhemos para estar naquelle Centro divino. Porque importa pouco que sejamos da circumferencia com bons desejos, se naõ continuamos ao fim por caminho recto, e direito. Assim havemos de ir de nós para Deos, se queremos sahir como os rayos do Sol; isto he, de Deos para as creatureas, puras, e luzidas em todas as obras. Se subirmos como linhas rectas, sabiremos como luzes resplandecentes.

Diz, que aindaque a ausencia doa, que só se ha de fazer caso da conformidade. Porque nessa fragoa da dor se purifica esta virtude. Donde se segue, que nos naõ devemos perturbar das repugnancias, que achamos na natureza, como succede a pessoas escrupulosas. As virtudes saõ plantas plantadas no cume dos montes, tem as raizes nas pedras, e os ramos se conservao ás tempestades; e por isso saõ poucas as que perseveraõ firmes. No valle se criaõ as flores, e o orvalho os alimenta, mas bum Sol as murcha. E por esta razao diz mais abajo o Veneravel Padre, que leva aquelle Memorial sagrado, que era huma Imagem de Christo Senhor nosso, que com tantas espinhas reprehende, que elle queira vida de flores. E supposto que logo prosegue: Salvo se for aquella Flor dos valles do mundo: he pela mesma razao, que assim lhe chama a Escritura. Porque desceo do seyo do Pay a soffrer as tempestades de nossas miserias.

Continua, dizendo-lhe genericamente como ha de governar-se no uso das mais ordinarias virtudes, e que sobre isto lhe encommenda a presençā divina. Porque parece impossivel errar, e perseverar, andando na divina presençā, como conservar sem ella a pureza da Alma. Porque este he o sello, que o Senhor mandon que tragamos no peito, e por escudo no braço. Diz,

que esta memoria obra em noſſa Alma, como o fogo no ferro, para dizer que ha de fer continua. Porque ſe o ferro ſe aparta do fogo, naõ ſó torna a fer frio, e duro, mas perde a graça, e fortaleza: como ſuccede á noſſa Alma ſem a divina preſença.

C A R T A LXXXII.

O Amor de Deos more, e arda na Alma de V. S.



Euhora. Muitas vezes deſejei responder a V. S., mas parece fatalidade, que cresçaõ os eſtorvos, quando crescem os deſejos. Poderá fer que ſeja deſtino, o que parece acaſo; para que V. S. tenha que offerecer a Deos huma paciencia mais, ſempre que em mim ha hum agradecimento menos. Bendito ſeja Deos. E louvemo-lo em tudo: e tambem neſſas mortes, e enfermidades, que neſſa Corte começaõ a prégar por obra; porque naõ ha quem queira entender por palavra. Notavel tentaçaõ tive (póde fer que foſſe inspiraçaõ, e que eu a entenda mal tambem) de apparecer neſſa Corte com hum Christo, e com huma Ca-veira na maõ: mas o tempo, a rouquidaõ, e outros reparos, me aconselhaõ ainda agora os retiros: que, como já naõ póde fer do modo que eu deſejava, ferão tambem em outra parte, onde eu queria. Naõ póde fer em S. Bernardino; porque me naõ fica á maõ para a costura, que poderei ter neste povo em hum Recolhimento de mulhieres, que ſe intenta, e em hum Oratorio, que em Almada ſe facilita. Dentro de breves dias, antes da Congregaçaõ, irei buscar a V. S. E entaõ ſatisfarei por junto, o que agora naõ poſſo, a tantos benefícios de V. S., a quem beijo a maõ pelas Veronicas, que forão excellentes. Nas minhas Ave Marias continuo. Naõ ſe eſqueça V. S. nas suas. Naõ ſeja cauſa de faltar-me com suas Oraçoẽs, considerar o poeço, que valem as minhas, e o nada, que eu valho, e ſou: antes por iſſo me deve V. S. encommendar mais a Sua Divina Mageſtade, que guarde a

V. S.

V. S. como lhe peço, e desejo. Setuval 25. de Junho de
1674.

De V. S. Servo, e Capellaõ inutil.

III. XXXI. Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a huma Senhora. E comeca sobre naõ haver podido responder-lhe a algumas Cartas, dizendo, que os impedimentos, parecendo acasos, podiaõ ser destino, para que tivesse mais que soffrer em seu descuido. E de naõ fazermos juizo particular, de que se naõ move couja alguma Jem ser ordenada pela Providencia Divina, succede muitas vezes perder o merecimento de muitas virtudes, humas da pa- ciencia, outras da cautela, e as mais da conformidade. Diz, que Deos seja louvado por tudo, e tambem em algumas mortes, e enfermidades, que naquelle occasião havia na Corte. Porque com çavaõ a pregar por obra, o que se naõ queria entender por palavra. Porque entendeffemos, que ordinariamente atraç das inspiraõens, e dos auxílios, quando naõ se admitem, manda Deos o açoute. Diz, que teve tentaõ, e que pôde ser fosse ins- piraõ, de apparecer com hum Christo, e huma Caveira, isto era, pregar a verdade na mesma Corte, mas que alguns repa- ros lhe aconselhavaõ ainda os retiros. De que se segue, que nem todos os movimentos do espirito se haõ de abraçar logo: e que a eleiçaõ mais segura he da razão recta pela doutrina ordinaria. Isto se entende, quando as circunstancias, o conselho, ou a effi- cacia dos auxílios naõ movem a mesma razão a seguir em fe, e como a olhos cerrados, o Divino impulso.

C A R T A LXXXIII.

O Amor de Deos ferva, e arda na Alma de V. M.

 Everenda Madre Abbadeffa, e Senhora minha. Folgo que V. M. me dê as ultim as novas suas, que saõ mais desassombradas; aindaque mais invejo as da quella Freira, de que lá foi hum retalho, ou para reliquia da inveja, ou para cura da hypocrisia. Que me diz daquellas coufas? Que lhe parece aquillo? tendo seu dono para si, que lie a peior Alma do mundo. Já quantas Abbadessas ha no mundo naõ fazem nada: he caldo de graõs doces a sua mortificaçao maior. E podendo fazer dos venenos triaga, fazem dos remedios peçonha. Senhora, entenda que neste mundo naõ tenho achado que haja coufa bõa, mais que amar a Deos, e mortificar-nos a nós, ficando humildes sem presumpçao do que temos feito. Eu conhieço muitas Almas desejosas da perfeiçao, e muito bõas. Saõ como gallinha cheia de varejas: a gallinha por si he bõa, mas com aquelle recheyo, naõ ha quem possa prová-la, aindaque goste muito della quando lhe falta este adubo.

Destas he V. M. huma. Hum peito excellente, de que Deos muito gosta; mas as varejas das vaidades, dos juizos, das diabrumas, dos brios, y trecientas cosas más, saõ causa (será engano meu) de que o Senhor tenha algum fastio. Agora varejas fóra, e mortificaçoes para dentro. Naõ quero muitas penitencias nas Religiosas dessa vida. Naõ deseo que façaõ muitas coufas. Desejo que desfaçaõ. Devemos ser caramellos, paraque Deos nos goste, quando dá gosto o caramello, quando se desfaz todo. Na mesma agoa da frieza, com que V. M. se acha, se pôde pela paciencia, e conformidade desfazer a malicia, mortificar a natureza para os sabores da Graça, e vencer as paixões da tristeza, raiva, e melan-

melancolia, que nascem das sequidoes, fastios, lidas, que em qualquer estado, ou oraçao se virem, ficando quieta de puro mortificada, ou no que temos por mal, ou no que em Deos nos parece bem. Tambem convém naõ querer avinhar sobre as nossas melhoras, nem cuidar se crescemos, ou se minguamos. O que importa, he trazer os olhos no que temos por desfazer, com resoluçao de acabar, ajudada da Divina Graça. Ora seja Deos louvado, que nem no barco as Confissões cessaõ. Sua Divina Magestade guarde a V. M.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa, Abbadessa de certo Convento, a qual parece batalhava na guerra do espirito. Porque aonde apertava mais os cordeis o Veneravel Padre, era o signal de estar alli a virtude. Diz-lhe, que estima suas novas mais desassombradas, aindaque invejoja de certa Freira, de que parece lhe havia mandado algumas noticias de sua perfeiçao, tendo juntamente outras grandes virtudes sobre muita humildade. E por isso diz, tendo para si seu dono, que he a peior Alma do mundo. E a ninguem pareça que ha nisto engano, ou artificio, senao realmente: como Deos dá mais luz aquellas Almas, conhecem com toda a clareza a miseria propria, e que os bens saõ puramente liberalidade da Divina Graça, e que com elles pudera crescer mais qualquer outra creatura. E esta tão delgada vista naõ alcançaõ Almas muy imperfeitas. E he a razao. Porque se naõ tem em tão ruim conta.

Diz com galantaria, que a mortificaçao de quantas Abbadessas ha no mundo he caldo de graõs doces: para dizer-lhe, que era necessario humilhar-se. Porque a mortificaçao ha de ser como a Estofoquia, que he mais efficaz a que mais amarga. E por isso diz, que podendo fazer dos venenos triaga, isto he, dos tra-

balhos merecimentos, faz dos remedios peçonha. Porque parece se queixava de alguma esterilidade, ou outras molestias exteriores. Diz, que entende, que no mundo não tem achado outra causa bôa, mais que amar a Deos, e mortificar-nos a nós, e ficar sem presumpção disto mesmo. E em estes tres pontos consistem todas as fabricas, todos os methodos, e finalmente quantos exercícios ha, e pode haver para o espirito. A razão he. Porque o fim de todos ha de ser Deos. O modo he mortificar-nos. Porque como o maior obstáculo, he o amor proprio, a mortificação he mais como negativo, que nos leva ao fim tirando o impedimento. A humildade he a conservação, e sal, que preserva da corrupção as virtudes.

Diz, que conhece muitas Almas desejosas da perfeição, mas que saõ como gallinhas cheias de varejas, que sendo bom este mantimento, este recheio o faz ascooso. Assim sucede a alguns corações, que ainda que amão a Deos, passados aquelles fervores, daõ tambem lugar ás moscas da vaidade, com que perdem o gosto, e labor, que Deos lhes podia achar. Diz, que não quer grandes penitencias nas Religiosas daquella vida, isto he das que caminhaõ por exercícios interiores, e não que façaõ grandes cousas, senão que se desfaçaõ como caramello na agua: quer dizer, que a frieza, e melancolia, e outras molestias se resolvem em mortificação interior, humildade, e conformidade. Porque desta sorte os mesmos appetites saõ meios de adquirir as virtudes. Diz, que tambem não convém querer addivinhar sobre as nossas melhorias. Porque ha Almas por amor proprio tão apprehensivas, que sempre estão fazendo juizo de seu aproveitamento. E isto não he buscar a Deos, he buscar-se a si mesmas. Porque aonde vai o cuidado, alli está o afecto.

C A R T A LXXXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Rmaã, e Senhora. E ha quem faça caso de Fr. Antonio? Bendito seja hum Deos taõ bom, que assim deixa enganar a gehte com a peior Alma, com a mais má creatura, que tem o mundo! Bendito, e louvado seja este taõ bom Senhor! Que fizera este Senhor por quem o amára muito, se estes favores faz a quem o agrava tanto! Ah meu Deos! Mas naõ digo bem em chamar-vos meu: Que fendo vós taõ bom, como vos pôde ter por cousa sua, huma Alma taõ ruim, como a minha! Mas que hey de dizer, meu Deos do meu coraçaõ, da minha Alma, da minha vida? Meu vos hei de chamar. Meu offendido, meu aggravado, e sempre maltratado de mim. Mas sempre meu remedio, sempre meu bem todo, sempre minha esperança, e sempre gloria minha. Ah meu Deos, e com que pouca dor do meu coraçaõ digo meus pecados! Quem duvida, que se eu tivera dor, já naõ tivera vida!

Ora seja Deos bendito. Passou a levareda. Vamos ao que importa. Duas Cartas de V. M. tenho a que responder. E a cada letra quizera eu ter muito com que pagar: mas tudo falta, excepto o desejo de servir a V. M., e que logre muito boa saude, para servir a Deos. Mas se esta faltar, naõ falte disso: que nas enfermidades se acha mais depressa a perfeiçaõ, que na saude. Porque he maior cousa acompanhar a Deos na Cruz, que meditar nella. E a cama serve de Cruz, onde a paciencia dá azas, a conformidade voos, ainda que naõ haja outra alguma oraçaõ, mais que huma entrega resignada na vontade de Deos. Seja elle bendito, que por todos os caminhos nos deixou modos, e nos facilitou meyos para nos unir consigo, tendo os seus deleites maiores em vi-

viver comnosco , principalmente nas afflicioēs , que saõ o leito , onde dorme , e as flores , em que descança. Com tudo , se Deos foi servido que os achaques já passassem , naõ se esqueça V. M. de seus propositos , e exercicios. E me parece , que especialmente deve V. M. tomar hum pouco de tempo , em que totalmente se esqueça de toda a vida passada , quanto ás culpas , e que ponha todo o seu cuidado em cuidar na immensa bondade , e misericordia de Deos , no muito que soffre a peccadores amancebados , blasfemos , sacrificios , ladroēs , e mal acostumados , e a bondade com que Ihes espera penitencia , Ihes dá vida , saude , fazenda , honra , e no cabo se contenta com hum pequei do coraçaõ. E por este caminho salvou hum Ladrão com huma lagrima , com hum suspiro , com hum pucaro de agoa , como fez á Samaritana , e a outros peccadores. Naõ só cuide isto , mas aquella condiçao benigna , que está dando de comer , e beber ás cobras , e lagartos , aos sapos , e ás favandijas da terra , aos peixes do mar , que naõ lavraõ , aos animaes da terra , que naõ semeao , e ás aves do Ceo , que naõ trabalhaõ , ás flores do campo , que naõ fiaõ : e todos vestem , comem , vivem , e se alegraõ na providencia , e cuidado deste Senhor , que o tem de todas , como se fora todo para cada huma. E desta bondade , com que trata de creaturas , que naõ saõ imagens suas , argúa o que fará a huma Alma , que para elle víra , e que de todo o coraçaõ torna para elle ; aindaque naõ seja mais que com hum suspiro froxo , com hum desejo surdo , com hum pranto frio. E por fim de contas , erga essa Alma a Deos , e abrace-a com este Senhor , fazendo passadiço de suas Chagas para o coraçaõ , que deixou portas abertas a quem quizer entrar por ellas ; até o seu coraçaõ , que a ninguem engeita , a todos quer , a todos chama , e põem seus olhos em todos ; pois elle disse que era como Sol , que nasce para máos , e bons ; como chuva , que cahe sobre flores , e espinhos , e chove sobre justos , e injustos. E nesta memoria , nem para bem , nem para mal se lembre de seus pecados , como cousa que naõ fora. Porque na verdade , aindaque fossem os maiores do mundo , nada saõ , e nada , e menos que nada a respeito daquellas misericordias , onde se fo-

mem ,

mem , e se absorbem , como faisca breve , que cahio no mar , como argueiro leve , que arrebatou o vento , ou como palha vaã , que consumio o fogo. E assim se fique amando , ar- dendo , pasmando-se , adormecendo-se , sumindo-se , e ab- sorvendo-se nesta Bondade infinita. E nem faça outra cousa , até que nos vejamos : que será cedo. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço. Setuval , 27. de Junho.

De V. M. Irmaõ , e Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta , que escreve a huma Religiosa , começa o Veneravel Padre admirando em sua miseria a Bondade Divina. E continua com hum amoroço colloquio entre estes dous extremos , deixando bem claramente ver-se , que o enternecer-se se lhe seguiu de humilhar-se. Porque naõ ha disposiçao mais adequada para receber a soberana Graça , que o verdadeiro conhecimento da propria miseria.

Diz , que nas enfermidades se chama mais depressa a perfeiçao , do que na saude. Porque he maior cousa acompanhar a Christo na Cruz , que meditar nella. Isto he , porque a meditaçao he meio para a imitaçao. E quem naõ imita a Christo , naõ pôde ser perfeito. E daqui se colbe a causa. Porque muitas pessoas , que meditando toda a vida nos sagrados Mysterios , andaõ taõ pouco no caminho do espirito , que como naõ querem chegar ao fim , sempre estaõ nos meios. Assim o ensinou o Senhor , que pregando , ensinando , e orando , só na Cruz achou que estava consummado aquelle altissimo negocio de noſſa Redempçao , e remedio.

Diz , que seja Deos bendito , que por todos os caminhos nos deixou modos de nos unir comigo : isto he , que , se quizeremos , naõ ha nesta vida nenhum eſtado , em que naõ poffamos ser perfeitos. Que por iſſo disse o Senhor , fallando de todos : Que quem quizesſebir apoz elle , que tomaſſe a ſua Cruz , e o seguifſe. Porque entendemos que , se queremos tomá-la , todos a ti- nhamos.

nhamos. Diz, que se os achaques passarem, que torne aos seus exercícios, ocupando algum tempo na consideração da Divina Bondade, e que nos soffre. Para que entedesse, que para conhecer de alguma sorte alguma Divina Misericordia, he necessario ponderá-la a vista de nossa maldade, e miseria. Porque a este espehlo vejamos a horribilidade de nossos delictos. E descrevendo como a Divina Providencia acode ás creaturas insensiveis, diz que argua o que fará por huma Alma feita á sua similitud, que se converte, que o chama, e o busca. Para que pela obrigaçao conhecesse qual era a divida, e pela divida a ingratidão, e descuido do coraçao humano.

Diz, que levante sua Alma a Deos, e que unindo o coração proprio com aquelle coraçao amorofo, nessa união se naõ lembre de seus peccados. Araçaõ he. Porque neste exercicio de amor, e de confiança, a que ás vezes nos chama a moçaõ divina, e a consideração das culpas, saõ como vapores, que se levantaõ da terra, e como nuvens de trovoada intempestiva, que naõ só priva da luz do Sol, mas faz confusão, e estrondo; e alguma vez destrõe os fructos, que o Sol soberano quer sazonar no espirito.

C A R T A LXXXV.

O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. S.



Inha Senhora. Cheguei a este Povo antehontem, e nelle me achei com esta Imagem de meu Senhor Jesu Christo. Bem digo, que entaõ me achei. Porque cousa taõ perdida, só quando se vê com Deos, ou com huma sombra sua, se pôde dar por achado. Achei este Senhor, e logo me perdi por elle. Taõ bem me pareceo, que se esta Imagem sua se fizera dos meus desejos, ou da minha Idéa, menos bem me parecera. Entendi certo na perfeição da escultura, e no primor dos pinceis, que se fizera das imaginações de V. S., ou da sua devoçao. E se eu tivera cores

cores taõ vivas nesta tinta de morta cõr , para retratar o meu gosto , como elle tem para reprehender o meu espirito , e a minha froxidaõ , naõ foraõ com taõ pouca alma estas regras , como eu tenho em todas as minhas coufas. Por tudo , huma , e muitas vezes , beijo o chapim a V. S. naõ menos pela Cruz , que naõ he grande , para a que costumo mostrar ; sendo taõ pouca a que me atrevo a sentir. Todas as mais Cruzes , como tem mil graças , que lhes pôde faltar de estimação em mim , nem de similhança com as letras de V. S. ! Deste modo soffro eu que V. S. aos seus papeis chame carga de Cruzes. E tambem o estimarei , com que V. S. conheça a minha fraqueza : que até huma Cruz de tinta , e papel , apenas pôde aturar. Ora , minha Senhora , escreva-me V. S. , e soffra-me que taõ poucas vezes lhe escreva. Porque entre os desconcertos da minha vida , e as faltas , que faço ás minhas obrigaçõés , he esta a menor falta. Vamos agora ao que V. S. me diz , dizendo tanto mal de sua vida , que fora se V. S. soubera a minha ! Diz V. S. que he huma descuidada , huma tal , e qual. Creio que sentirá V. S. por dentro , o mesmo que diz por fóra. Porque naõ sendo isto assim , grande perigo corremos. Porque naõ ha vaidade mais fina , que aquella , que se veste da mesma cõr da humildade. Perigoso extremo he este. Se confessamos o que somos , bem , e verdadeiramente : até os Santos se acharão miseraveis. E estes saõ os que melhor se conhecem. Porque saõ como a agoa clara , onde se vem os argueiros , as arestas , e as palhinhias , que tem por dentro. Os ruins , como saõ agoa turva , naõ mostraõ , nem vem os troncos , as pedras , e os atoleiros , de que estãõ cheios. Porém se dizemos o que sentimos de nós , com gosto de que se saiba que o sabemos nós sentir , e gosto de que isto se cuide ; aindaque o naõ sintamos , já por aqui anda o que quer que he desta negra vaidade , que tudo tisna , e nos escurece tudo. A'lém disto , humas coufas se dizem , porque se sabem dizer , sem se chegar a sentir ; outras , porque de senti-las nasce o dizê-las. Creio eu que pois V. S. sente a sua insensibilidade , naõ está taõ morta nas froxidoés , que seja a tibiaça culpa , mais que natureza. Porque quem dá acordo de si , já naõ parece que dorme. E quem tanto entra em si para fe

se conhecer , já lhe passou o desmayo , em que se viu cahir.

Minha Senhora , o que a V. S. lhe importa , he huma paz consigo mesma no meyo desses conhecimentos de sua miseria , aquietar até o sentimento de naõ ser melhor , folgando de naõ ser mais. Porque Deos assim o quer. Porque esta quietação nasce de conhecermos , que quanto podemos medrar , de Deos nos ha de vir. E o bom servo come a reçaõ , que lhe daõ ; ou seja grande , ou pequena , se ha de contentar. E naõ querendo ser mais Santos que o que Deos quer que sejamos , havemos exercitar-nos em todas as virtudes , como se na nossa diligencia estivera o consegui-las. E com esta quietação de espirito naõ estranhar as faltas , que temos nellas ; antes dar graças a Deos nas faltas : pois dellas nos fez espelhos , em que vejamos quem fomos , e memórias da Bondade Divina , que nos naõ engeita faltando ao que devemos ser.

Este socego d'Alma tambem he hum grande dom de Deos ; mas ajuda-se muito da nossa parte andando , deitando fóra tudo o que nos desinquieta ; porque he demonio , e abraçando tudo o que nos aqueta espiritualmente , que he Deos , he hum genero de Bemaventurança , que nesta vida nos dá a gostar humas sombras da outra ; principalmente se neste exercício se emprega o nosso cuidado em humas faudades do Ceo , em hums suspiros da outra vida , em humas lagrimas deste de terro , em hum disflabor das glorias do mundo , que nos veste de fel todas as suas vaidades , cobrindo-nos de hum espiritual açucar todas suas amarguras. Isto pôde V. S. ter no meio do seculo , fazendo tudo o que faz por amor de Deos , soffrendo-se a si propria , como soffre a outros ; pois he miseravel , como elles , e mais que muitos. E gastando em actos de amor de Deos , ou sejaõ vivos , ou mortos , ou froxos , ou intensos , todos os espaços de só , e ainda de acompanhada , furtando-se para Deos. Naõ largue V. S. a santa Oração , que com as boas obras da caridade , e mortificaçao , (aindaque a de V. S. naõ seja muita) costuma vestir de azas até os espiritos de chumbo , e coraçoës de bronze. Nem se esqueça V. S. desta miseravel Alma , taõ miseravel , que até

em

em dizer isto cahirá em vaidade , se Deos a naõ livrar , e tiver de sua maõ. E eu , tal qual sou , torno a assegurar a V. S. , que , aindaque naõ pago , naõ faltarei no que posso , em encomendar sempre a V. S. a Sua Divina Magestade , que guarde a V. S. como lhe peço , e desejo. Alcacere , dia de S. Gregorio de 1673.

De V. S. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N. O T. A.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a huma Senhora. E como sabia por experientia , que , para o fim de ganhar Almas , convinha fazer ainda no estylo distinçao de pessoas ; por esta causa se achaõ algumas Cartas escritas com grande politica , como introduz esta. E prosegue , dizendo , que se achára com huma Imagem de Christo nosso Senhor , que parece lhe havia mandado , e que só se achava , quando se achava com Deos. Para que entedesse que todas as outras grandezas de estado , lugar , ou sanguine , eraõ vaidades. Continua , que lhe parecerá aquella cõpia tão primorosa , que a julgára feita da devoçao , e imaginaçõens de sua Senhoria. Porque reparasse a attenção , veneração e respeito , com que devia meditar os Mysterios Divinos.

Diz , que crê que sentiria o mesmo , que lhe escreve , que eraõ cõfissõens humildes de sua fragilidade. Porque naõ sentindo por dentro o que mostrava por fora , grande risco corria : que a vaidade mais fina he a que veste os coraçõens da humildade. A razão he. Porque quando o vicio , como he veneno , toma o degado ar da virtude , naõ só communica o contagio com mais facilidade , mas , dissimulando o danno , mata com o mesmo remedio. Chama agoa clara aos virtuosos , onde se vem os melhores argueiros. Porque nelles naõ ha artificio , correm igualmente como agoa viva da fonte , e ou por entre flores , ou por espinhos , mostra o que tem nas entranhas. E diz , que os maliciosos saõ agoa turva , onde se naõ vem troncos , jaõ como alagoas , parecem na superficie prateados , mas como saõ agoas mortas , e turvas , naõ tem mais que lodo , raíis , e cobras.

Diz ,

Diz, que se differmos o que sentimos com gosto de que se saiba, aindaque sintamos o que differmos, que ja anda por alli a vaidade, supposto que a nao conhecamos. Isto he certa ligereza de espirito, pouco fundado no conhecimento proprio, que, nao podendo conter-se no crescimento de qualquer virtude, se deixa exhalar logo que comeca a ferver, desorte, que por causa da fraquez e propria occasiona o vazio da Alma. Diz, que muitas coujas se dizem, porque se sabem dizer, sem se chegarem a sentir. Isto succede tambem algumas vezes sem malicia so por ligereza, principalmente a espiritos leves, que costumao dizer quanto se lhes antoja. Saõ como canos de repuxo, que correm com artificio, que aindaque paraõ as rodas, sempre fica a agoa nas mesmas vias, que depois corre com o primeiro impulso. Assim estes espiritos costumados a fallar tudo, parece que sempre lhes fica que fallar na boca: desorte que por costume dizem, o que muitas vezes nao sentem.

Diz, que o que importa, he ter paz consigo mesma no meyo dos conhecimentos de sua miseria, e aquietar o sentimento de nao ser melbor. A razao he, porque aquella inquietacao nao nasce de caridade, senao de amor proprio. Nao sentimos o que nao trabalhamos, senao o que nao recebemos. Porque se nos affigisse o noijo descuido, trabalharamos por emendar o defeito. E se nao podemos, de que nos affligimos? Desorte, que a conclusao deste ponto consiste em que devemos exercitar as virtudes, quanto e siver em nossas forcas, mas contentar-nos em paz com a graça, que nos dispensar a Providencia Divina. Diz, que nao largue a Oraçao, que ajudada da mortificaçao, aindaque nao seja muita, obra maravilhas. E supposto diz, que aindaque a mortificaçao nao seja muita, aqui falla da corporal. E bem se colhe. Porque acim lhe aconselha que desfaça vaidades, que se soffra a si, e aos outros, e juntamente que suspire, que chore. E porque tambem a mortificaçao exterior, nas pessoas, que forao criadas com mais regalo, aindaque seja menos forte, por causa do sujeito que a recebe, sempre he mais sensivel.

C A R T A LXXXVI.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Adre N. Acho-me com muitas dividas, e começo pela derradeira. Nas Laminas para aquelle fim, e em todo o mais assyeo devoto, naõ ha para que haver escrupulo. Deslas Cruzes, que lá estaõ, lhe peço a V. M. que, para consolaçao, dé huma da minha parte a N. E as mais de Caravaca, que achar, se lhe parecer, dé em meu nome ás outras pessoas; pois com taõ pouco se consolaõ, e se espiritaõ. Bem me parece que V. M. ande nessa obediencia, e naõ falte a ella, e que naõ olhe se a gabaõ, ou vituperaõ. Porque só nos olhos de Deos convém parecer fôrmosa; e em todos os mais naõ he taõ seguro o applauso, como a calûnia, com tanto que a paciencia se naõ converta em tristeza, ou raiva, que he signal de que o fim naõ he de Deos.

A sequidaõ natural naõ he culpa, a voluntaria sim. Vigiar sobre natureza, que se deixa ás vezes arrastar das paixoës, e dos appetites. Em quanto V. M. está no officio, me parece que basta huma hora de Oraçaõ pela manhaã cedo; ou menos, se a occupaõ for muita; á noite huma hora. Lea V. M. todos os dias ao menos outra hora, se a occupaõ dê lugar. E seja a liçaõ, Vidas de Santos, Obras de S. Francisco de Sales, do Padre Puente, Alonso Rodrigues, Eusebio, e qualquer Espiritual, naõ variando muito, antes levando ao cabo algumas. Examine no cabo da semana em meya hora, o que declinou, ou cresceo em toda ella. Renove tambem nos principios das se nanas os propositos, e desejos da perfeiçaõ. Naõ mude de Oraçaõ, se Deos a naõ levar acima. Faça muito porque as suas meditaçaoës, e amores fejaõ ua Paixaõ de Christo: que se perdem milhares de Almas dadas á oraçaõ, por dizerem, já naõ posso meditar na

Pai-

Paixeō. E saõ raras as que nella tem amor de Deos. E a causa he , por naõ emendarem imperfeiçoēs , e vaidades, E as castiga Deos nestas seccuras. E outras vezes ; porque precisamente nella se achaō Escribas , Fariseos , e Algozes , que mettem medo a quem naõ ama como a Magdalena. E isto saõ as tentaçoēs , obscuridades , e mais distrahimentos , que succedem na Oraçaō. Estes saõ os Phariseos , a que se ha de perder o medo : e por isso naõ vaõ a diante muitas creaturas , que querem Oraçoēs de sobrado , e eirado , onde tomem ar , e vento : e tudo se lhes vay em paflatempo de espirito , e de espiritos fracos. Envetgonhe-se do pouco que padece , e do menos que ama o padecer. Encarcerar os sentidos , e degolar as paixoēs. Ainda assim naõ durma menos de cinco horas ; e faça porque naõ sejaō mais de seis. Nas conversaçoēs , que naõ forem de Deos , ou de algum bem espiritual , ou pertencente ao estado , ou ao officio , ou calar , ou retirar. Nas visitas dos parentes , metter sempre Morte , Juizo , Inferno , Ceo , conta , vaidade do mundo , e desprezo da vida , amor de Deos , e do proximo. E nisto mesmo ande V. M. viva , e para o mais morta. Exercite-se nestas , ou naquellas virtudes mais necessarias ao tempo presente , á saude mais conformes , e ao espirito mais importantes. E encomende-me a Deos. Cilicio tres horas cada semana , quando quizer , huma Estaçaō em cruz , disciplina de hum Misere-re outra vez , hum jejum com alguma mortificaçaō , naõ a paõ , e agoa. Isto tudo , se naõ estiver achacada , ou enferma. E declaro , que em nada he minha tençaō obrigar a pecado , aindaque sempre seja imperfeiçoō.

Agradeço a V. M. muito as Communhoēs. E tambem lhe pagarei como posso. Mas naõ quero que se desfaça tanto , que se empobreça de todo por mim. Acerca do que V. M. me diz , naõ tenho que responder nos meus particulares ; mais que louvado seja Deos. E no que toca á jornada de Lamego , naõ he cousa taõ certa , que naõ tenha muitas dúvidas. E quando Deos queira que lá cheguemos , infallivel he , que primeiro , ou terá chegado , ou passado o Veraõ. Porque está diante Leiria , Coimbra , e Viseu , por onde precisamente me hey de deter. Se Deos nos dér vida , tambem chegaremos

mos lá. E estimarei eu muito, que seja estando já em sua casa o Senhor Bispo, de quem el pero as instruções, e direções. E entaõ he certo, que tambem primeiro havemos de pedir licença: como faço em todo o Bispado, aonde os Prelados me naõ chamaõ. E por isso agora escrevi ao de Coimbra. O que plantamos, e dispomos, como instrumentos misericordieis, saõ coisas commúas. Porque a minha pregação ordinaria, he começar lembrando o fim, para que fomos criados, e os fins, a que a malicia humana se tem constituido: persuadir logo á Penitencia, Confissão, Satisfação, para que se vaõ fazendo desde o principio; depois mostrar como está offendida a Ley de Deos, a fealdade do peccado, castigos, se naõ ha emenda, e remedios para quem os quer ter: Morte, Inferno, Juizo, Ceo, patrocínio da Virgem, e devoção do Terço, ou Córoa, Paixaõ de Christo, Vias Sacras. A todas estas coisas precede, nos Poyos pequenos principalmente, a Doutrina Christã, e a noticia necessaria dos Mysterios de nosla Fé. Planta-se Oração Mental, frequencia de Sacramentos, paz, e observancia da Ley de Deos; penitencias, devoção de Nossa Senhora, e Chagas de Christo. Fazemos por dissipar todos os peccados; mas especialmente os odios, lascivias, occasioes, cobiças, soberbas, dissensões, ou discordias.

Se lá formos, e o Senhor Bispo estiver lá, elle será o Norte, que nos guie, e nos advirta o que melhor lhe parecer. Naõ se doa V. M. das Neves, e Sões, que se haõ de passar. Porque as Missoes tiverão pouco prestimo para os Missionarios, se lhe naõ déraõ que padecer. E Deos he tão bom, que tudo isto faz já leve, e aprazivel, menos de meu máo trato. Porque todo o meu escrupulo (fállo como quem está diante de Deos) he o bom trato, que dou a este miseravel corpo, devendo, ou pôr-lhe o fogo, e tormentos do Inferno neste mundo, castigo assaz pequeno de meus horrendos peccados; mas desculpo-me commigo mesmo, buscando no serviço de Deos razões contra este odio, que me devo ter. Bendito seja Deos, que tanto me soffre.

Nunca disse, que trazer as Contas em a Corda era pecado venial, excepto o trazê-las por enfeite: mas he certo

que disse que o tinha por cousa muito indecente, e que naõ era alli o seu lugar, senaõ, ou nas maõs, ou no pescoço, ou na manga. Fóra daqui, confesslo que me parecem mal, e que tenho por indecoroso o modo. V. M. as traga ao pescoço hum mez, salvo se lhas mandarem tirar; ou na manga, ou nas maõs: ou as tenha, como intenta. Sobre o que diráõ de que approvo, de longe, ou perto, isto, ou aquillo, naõ vay nada. Porque o dizerem naõ posso eu impedir. O terem fundamento, he o que me pôde estar mal, ou bem. Absolutamente tenho já mostrado, que me naõ hei de metter em nada de governos. Se vier o Padre Geral, poderá ser que venha tomar-lhe a bençãõ. Vay a Carta dessa Senhora. E o que me parece que V. M. lhe diga, se he ainda tempo, que se aconselhe com seus pays espirituaes, e que naõ tome para as suas resoluções motivos do Mundo, senaõ de Deos:

Naõ tenho de presente tristeza, mais que de meus pecados; e de muitos, que nesta Corte vejo sem remedio, e com muitos fundamentos temo o castigo: peçamos todos a Deos a misericordia; porque de sua ira temos bastantes s ignaes. Naõ he isto para papel: por isto me naõ alargo. Eu agora naõ prego em Lisbôa, sendo assaz necessario, mas talvez feria para dobrada condenaçao dos ouvintes. V. M. siga o Roteiro, que lhe dei. E em tendo qualquer achaque, ou molestia do corpo, naõ faça coulhas penas. E pague, se puder, com mais hum quarto de Oraçao. Naõ folguei com estes cumprimentos. Tenho já huma memoria, que me basta, e naõ quero que commigo ás cousas de V. M. percaõ a opinião de singulares. Encommende-me a Nosso Senhor. Viva para o amar, e padecer muito por Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. como lhe peço por muitos annos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa. E comeca dizendo: Em laminas, e todo affeyo devoto naõ ba-

para que ter escrupulo. Porque, se naõ levaõ outro fim, mais que o culto Divino, só no mesmo escrupulo pode haver erro. Diz, que ande em certa obediencia com exacção, sem olhar se a gavaõ, ou se a vituperaõ. Porque esta vista reflexa, ainda que seja appetecendo o desprezo, tambem pôde levar consigo muito amor proprio: que ás vezes perde por carta de mais, como por carta de menos, se naõ he de cautela bem bruxuleado. E com ter vista recta no que se obra, se escusa este perigo.

Diz, que a sequidaõ natural naõ he culpa, mas he culpa a sequidaõ voluntaria: isto he por certa torpeza de espirito, que por naõ soprar com a meditação o discurso, e ferir com a ponderação o affeçao, naõ se accende no coraçaõ o Divino Fogo. Diz, que medite na Paixaõ de Christo Senhor nosso: e que pelo naõ fazerem, muitas Almas se perdem. Isto he, deixão os exercicios, por naõ acharem a consolação, e sabor, que buscavaõ nelles. E prosegue dando a razão. Porque naõ emendaõ imperfeiçõens, e defeitos: e assim as castiga Deos com securas, e esterilidades. Toda esta doutrina vem a parar em hum ponto de fundamento mais sólido da conservação do espirito, que he a mortificação. E por isto diz que se enfatiaõ de achar na Paixaõ Fariseus, e Algozes: quer dizer, pouca suavidade. E na Cruz só pôde achá-la, quem se crucifica. Araçaõ he. Porque a mortificação he como o Cato, com que se curaõ as chagas da boca, que em quanto se naõ desfaz, amarga; mas desfeito, deixa gosto, bom sabor, e bom cheiro. Assim a mortificação, em quanto dura, he aspera, e forte, mas cura as chagas da culpa, e depois deixa consolação, e suavidade.

Diz, que muitas pessoas querem Oragaõ de sobrado, e eirado, onde temem o vento: isto he, certas meditaçõens a seu gosto, com que a natureza, ou a curiosidade recreaõ o appetite. De que procede hum engano, principalmente a quem naõ tiver bom Mestre de espirito. Porque estas consolaçõens sensíveis parece que jaõ alguma coufa, e de ordinario jaõ passatempos, cujos effeitos se alcanção na prova da paciencia, e principalmente da humildade. O ponto, como diz o Servo de Deos, consiste em degolar paixõens. E falla pelo termo de degolar. Porque, se pudessemos, devíamos fazé-lo desorte, que naõ pudessem tornar a reviver. E por isto diz, que só para isto ande viva, e para tu-

do o mais morta. Continua descrevendo o modo, com que fazem as Missoens por aquellas Comarcas. E diz, que se naõ doa delle. Porque fallando diante de Deos, todo o seu escrupulo está no bom trato, que dá a seu corpo. E pelo serviço de Deos se desculpa consigo mesmo. Oh quem pudera sentir, e fazer sentir a muitas Almas, que cuidaõ que fazem alguma cousta! Esta confessão taõ sem artificio deste Varaõ Apostolico, que fazendo huma vida asperissima, e nestes nossos tempos ae hum raro exemplo de penitencia, diz que tem escrupulo das commodidaes, con que se trata. O certo he, que elle punha os olhos na culpa, que o confundia: e alguns de nós ponho-los na vaidade, que nos lisongea. E reparo em que se escusa consigo com aquelle mesmo trabalho: para que vejamos naõ tomemos o serviço de Deos por pretexto para usar do que nos persuade o amor proprio.

C A R T A LXXXVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Adre Soror N. , e Senhora minha. Doo-me de V. M. até quando de mim me naõ doo. Porque vejo que V. M. me paga em tomar por sua conta as minhas penas. As corporaes tem muita melhoria. Seja Deos bendito. As da Alma naõ sei já quando a teráõ. V. M. faça o que pôde em offerecer a Deos a sua Cruz. E aindaque o corpo a arraste com repugnancia, se a vontade com a ponta da Alma a abraça, naõ se chama a afflicçao resistencia Deos naõ quer dos enfermos o mesmo que dos saõs. Os enfermos com huma pouca de pacienza, aindaque pareça forçada, daõ muitos passos no seu adiantamento. O mar, aindaque esteja bravo, e com tempestade desfeita, sempre tem caminho. O negocio he, saber usar das vélas, e dos remos. E em quanto nos naõ affligamos, he signal que nos naõ perdemos. As mesmas miserias offerecidas a Deos, e es-

fas faltas de Oraçāo, e mortificaçāo, como mostraõ a necessidade d'Alma, saõ petiçōes de misericordia. Ponha V. M. diante de Deos as suas misérias, aindaque seja com breve meditaçāo, deitada, ou encostada, como puder. E naõ se lhe dê dos gastos da Communidade, e da afflīçāo das Freiras; que essa he a obrigaçāo de todas. E o que a V. M. lhe importa, he alegrar-se de naõ prestar para nada, e no conhecimento de sua grande miseria, para que nella, como em espelho claro, veja à Bondade Divina, que a soffre, e o amor de Deos, que ainda assim a quer, e estima muito que V. M. com hum suspiro lhe dê hum breve, mas amorofo, e humilde agradecimento. Sua Divina Magestade guarda a V. M.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa de certo Convento. E depois de a introduzir com a cortezia, que consumava, diz: V. M. faça o que puder em offerecer a Deos a sua Cruz; isto he, que tivesse conformidade nas molestias, que padecia. Porque naõ ha mais agradavel sacrificio a Deos, que o da paciencia. E por isso prosegue: que aindaque o corpo arraste a Cruz com repugnancia, se a vontade com a ponta da Alma abraça a afflīçāo, naõ se chama resistencia. Porque cuidaõ muitas pessoas, que como naõ tem consolaçāo sensivel nos trabalhos, que naõ tem nelles merecimento. Sendo pelo contrario, pois sem sentir pouco, se pôde merecer. E por isso diz o Servo de Deos, que naõ he resistencia, se a vontade com a ponta da Alma abraça a molestia. Esta ponta da Alma he hum querer independente de toda a sensibilidade, que está entre as afflīçōens, como ás tempestades o tronco secco no cume do monte. Que pôde ser, se naõ se conservára tão firme no valle, estivesse cheio de ramas, folhas, e flores.

E em verdade, que naõ sei entender huma cousa, que anda introduzida em algumas pessoas espirituales, e que me parece

hum pernicioso abuso dissimulado, a que chamaõ consolaçao. Porque, que se recebaõ as que Deos dêr, com muita humildade, e confusaõ propria, crendo que as dá, porque tem ellas noſſo afeto naõ perseverará, ou para outros fins, que vio ſua alta Sabidoria, muito juſto fora, e ainda Je deve uſar deſteſ allivios com regularidade, e medida. Mas huma pefsoa, que ſe oferece a Deos cada hora, e que tem por luz, verdade, e caminho a Christo crucificado, e a Fé por base, e fundamento de ſeus exercícios, com que razão lhe pôde paſſar o deſejo de conſolaçōens pelo pensamento? Eu naõ ſei que esta conſolaçao ſeja outra couſa, mais que appetite, amor proprio, e natureza, ou certa sensualidade do eſpirito, que muitas vezes com capa de devoçao conſerva com grande subtileza huma gula de appetite eſpiritual, com que muitas Almas ſe enganaõ. Porque da parte da creatura a verdadeira conſolaçō confiſte na Cruz, na fidelidade, e na perſeverança, naõ fallando em aquellas, que Deos concede. Porque elle ſabe os fins para que as re parte. E finalmente, ou nos allivios, ou nos trabalhos, como diz o Servo de Deos, o que importa, he ſaber uſar das vélas, e remos. Porque ſe foſſemos ſabios Pilotos, conduziriamos noſſo eſpirito no mar deſte mundo para as conſolaçōens, pegados aos remos, e largando as vélas para os trabalhos.

Diz, que ſe alegre quando vir que naõ preſta para nada. Oh ſe foſſemos verdadeiros humildes, como entenderiamos bem esta doutrina! Porem certa ſombra, com que nos eſcurece noſſa natureza, faz que vejamos esta verdade conſufa. Porque ſe eſti-veſſemos reduzidos áquelle nada de eſtimaçao propria, e viſſe-moſſos como he agradavel a Deos eſte nada, nenhuma couſa (como naõ houveſſe peccado) nos conſolára mais que noſſa miseria, ven-do como tira a ſi meſma a Divina Miſericordia.

C A R T A LXXXVIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

Nuito Reverenda Madre Soror N., e Senhora minha. Naõ tornaõ para V. M. os seus papeis; porque ainda naõ he tempo. Eu desejo ser o portador: e já havia causa para o ter, se a disposiçao Divina, e esta cabeça ruim naõ foraõ causa do vagar. Deos naõ quer a V. M. á sua vontade; por trabalhos a quer: que até agora muito boa vida se levou, e mui bons bocadinhos do Ceo coméo. Tenha amor a Deos. Naõ nomee este Senhor daqui por diante, senaõ pelo Altissimo, com huma profunda reverencia da Alma, e conhecimento breve de sua propria vileza. Seja agradecida aos Divinos beneficios: que por ingrata os naõ temi recebido maiores. Já he tempo de naõ ser menina, senaõ mulher forte. Afastemos o animo das espirituas delicias. Suspiremos pelas Cruzes mais sevéras. Huma tem V. M. que padecer, maior que as que até agora. Vista-se de alentos. Peça a Deos auxilios. Arme-se de esforços: que abraçada esta com suave, alegre, quieta, amorosa, e humilde resignaçao, ficará claro o que atégora esteve escuro. Na Roda convém alegria, charidade, paciencia, ira nunca. Louvado seja o Altissimo sempre. Queixa, e caramunha, de nenhum modo. Contenda, em nenhum caso. E em fim, graças, e mais graças a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta começa o Servo de Deos, dizendo a esta Religiosa, a quem escrevia, que naõ tornavaõ os seus papeis; por que

que ainda naõ era tempo : isto era tocante a seu espirito. E se nos negocios politicos , na Medicina , e na Guerra , be taõ necessario o saber quando be tempo , que será no governo das Almas , que com tanta facilidade tomaõ muitos á sua conta , sem luz , ou experienzia , querendo huma vez levá-las do estado de principiantes aos exercicios de perfeitas , e outras detendo-as de modo , que já mais chegaõ a este estado !

Diz , que elle havia de ser o portador , senaõ forao a causa do impedimento a enfermidade de sua cabeça , e a disposição Divina. E adverte juntamente a disposição Divina , e a sua cabeça. Porque ha pessoas com tanta presumpção de resignados , que quasi sempre esperaõ milagres . sem attender ás causas segundas : e outras , que parece fiaõ taõ pouco da Providencia Divina , que tudo pertendem conseguir pela diligencia propria.

Diz , que a naõ quer Deos á sua vontade , que por trabalhos a quer. Esta doutrina parece geral. Porque como nos trabalhos consiste o merecimento , este he hum dos maiores signaes dos predestinados. Porém particularmente escolhe Deos a algumas Almas para o estado da perfeição nesta vida , e ajudadas da Graça as traz em continua guerra ; e aindaque estas recebaõ grandes luzes , e grandes incendios da caridade. Naõ debalde compára a Escritura o amor ao Inferno , e á Morte. He verdade que , segundo as demonstraçõens dos que padecem estes deliquios amoroços , naõ trocaraõ estes amaveis tormentos pelos maiores gozos do mundo. Arazaõ deve ser : Porque como a natureza he objecto taõ desproporcionado á Graça ; da abundancia , com que naõ pôde a natureza , goza mais amplamente a Alma : e como entaõ a sensibilidade naõ be meyo da recreação do espirito , por isso se naõ trocara por outro qualquer gozo este tormento. Mas o certo he , que estas Metafisicas soberanas mal as poderão explicar , ainda os que as chegaõ a sentir. O mais desta Carta continua o Servo de Deos , exhortando esta Religiosa a abraçar a Cruz , resignada para soffré-la , e resoluta para levá-la.

CARTA LXXXIX.

O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. S.



Inha Senhora. Recebi este, e o passado, Carta de V. S., de que faço a estimação, que posso, se naõ basto para igualar a que devo. Por ambas beijo o chapim a V. S. E quizera estar mais perto, para responder a tudo. Porque a esta sorte de letras melhor se satisfaz á vista, que a responder.

Senhora. Havendo de fallar verdade, mui bem me parece a inclinação de V. S., bem os seus exercícios, as suas obras bem. Mas naõ acho no uso delles, que V. S. se faça toda aquella violencia, com que fidalgamente se serve a Deos. Toda a perfeição das obras consiste naõ só no bom fim, a que as dirigimos, senão tambem no excellente modo, com que as obramos. O modo he huma liberdade de espirito muito senhor de si, com quem a mesma vontade tem seu martyrio, e o entendimento encontro. V. S. nem se martyrisa ainda, nem se encontra muito por dentro, aindaque peleja por fora. Ha isto mister huns temperos, de que só he bôa cozinheira à mortificaçao. Eu naõ tinha muito prestímo para isto; porque carrego sempre a maõ de hum sal, que mui pouca graça tem; só commigo naõ. Por isto quero agora tratar a V. S. como me trato a mim. E assim, minha Senhora, façamos alguma cousa por melhorar: e feja embora pouco. Entenda V. S. com o seu entendimento hum pouco de tempo, e desentenda de tudo, e quebre-lhe os brios, e vezes, sequer huma vez no dia. Ponha hum porteiro ás palavras, que naõ fayaõ, cada vez que querem, pela porta fóra. E ponha hum fiscal na razaõ, para que tema mais o que a razaõ lhe agiganta para o mostrar, que tudo o mais que nega para o naõ dizer. Nenhuma cousa deita a perder os silencios, como ter o juizo por madrinha sua a razaõ. Exercite-se

te-se V.S. em torcer esta potencia, endireitando-se com ella. E perdoe-me a mim os atrevimentos, que vaõ em traje de avisos, pois o naõ podem ter tendo conselhos meus, e dados a V. S. Bendito seja Deos.

Também beijo o chapim a V. S. por estas Cruzes, que muito estimo, e pelo Christo, que estimarei mais. Folgára que esse Senhor viesse muito ensanguentado, e que viesse. Eu me vou encontrar até principios de Novembro com o Padre Provincial em Alcacere. Se forá possivel que viera, estimára-o muito. Folgára tambem que as Cruzes forão de humas canas muito leves; que me parece que vem da India. Porque eu naõ sou homem de muito pezo, aindaque V. S. me tenha em tanta conta. A presta, com que estou, e com que agora me inquietaõ, me naõ deixa ser mais largo. Deos quererá que mui brevemente, ou ao menos naõ muito tarde, possa ver de mais perto a V. S., a quem peço muito encommende a Deos esta pobre Alma. E Sua Divina Magestade guarde, e conserve a V. S. em sua Divina graça, como eu lhe pego, e desejo.

De V. S. Servo, e Capellaõ inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Senhora de muita qualidade, e espirito. E depois de a tratar com aquelle obsequio, que se deve a similhante pessoas, diz, que a sua inclinaõ, seus exercicios, e suas obras tudo lhe parece bem; mas que naõ acha que faz a si mesma a violencia, de que necessita. Porque a perfeiçaõ naõ consiste só no fim do que queremos fazer, senão tambem no modo, com que o devemos obrar. Porque para serem perfeitas as nossas obras, devemos fazê-las, como se fossem as ultimas, e as ultimas, como se fossem as mais importantes de todas. Porque algumas vezes, como aquelle, que se dirige a hum sitio, e por se recrear, deixando o caminho, faz varios giros, e varios passeios, desorte que aindaque vay ao lugar destinado, he como esquecido do fim, e divertido a seu gosto: assim algumas

algumas pessoas dirigindo a Deos seus exercicios, saõ feitos tanto á sua vontade, e por estylo, que perdem a maior parte do merecimento. E por esta razão prosegue o Servo de Deos, que com o verdadeiro modo de obrar tem a vontade o seu martyrio, que padecer. E diz, que aindaque se naõ martyrizá, nem se encontra por dentro, bem que peleje por fora: quer dizer, que suposto que quer fazer a vontade de Deus geralmente, he sempre á satisfação de sua vontade, onde ha hum engano grande do amor proprio, o qual he a mesma razão, com que lhe dá o pretexto. E por isso continua, que mortifique o juízo. Porque como a vontade se governa pelo entendimento, se nos naõ negarmos a nosso discurso (sendo sempre inclinado ao nosso appetite) imperceptivelmente faremos a nossa vontade.

E daqui vem a intelectoza do fallar, a liberdade de eleger, e a promptidão de seguir. De maneira, que ou devemos mortificar o dictame proprio, ou seguir o alheio. E suposto que ha muitos casos, em que de necessidade nos devemos governar a nós mesmos: a regra geral he, no que for duvidoso, escolher sempre o mais amargo. Mas como naõ he muito facil a prática deste exercicio, continua o Servo de Deus que faça alguma cosa por melhorar, aindaque seja pouco, e que entenda com o seu Entendimento, e de tudo o mais desentenda. E esta he toda a dificuldade desta prática. Porque os juízos orgulhosos, e prompts, em pessoas principalmente que forão criadas com presunção, e liberdade, saõ tão difíceis de reduzir, como reduzidos saõ meyo para aproveitar. E por isso continua, que ponha hum porteiro ás palavras, e hum fiscal á razão: dando a entender, que de ordinario os maiores enganos saõ aquelles, que sabem justificados pelo proprio entendimento.

C A R T A C X.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

DE Nosso Senhor a V. M. muito alegres Paschoas, e toda aquella graça, e consolaçāo, que em minhas pobres Oraçōes lhe peço. Anime-se V. M., e dê muitas graças a Deos, por sentir as suas tentaçōes. Porque o senti-las he bom, e só o consenti-las he máo. E se não passou de levareda, com que ardeo a natureza, não se perdeo a Graça. Porque para isto requere consentimento do espírito, e deliberação do animo. E se V. M. o não teve de folgar com a vontade interior do que passava na parte exterior, nada lhe fez mal; antes lhe deixou o bem do temor de Deos. O fogo, que arde nos arrabaldes, não queima a Cidade, que está murada, aindaque esteja perto della. Cidade he a Alma, muró he a Graça, arrabalde he o Corpo. Mas bom he vigiar sobre onde se accende o fogo, e donde nasce; se da falta da mortificaçāo, ou dos sentidos, ou das potencias da Alma; e segundo forem os erpes, assim sejaão os defensivos. E não se esqueça em suas Oraçōes de mim. Porque aindaque em Mayo nos vejamos, cedo poderá ser que nos veremos. Entretanto encomende-me muito a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa pessoa, que parece lhe comunicava sua consciencia. E depois de lhe dar as bōas Festas, diz que se anime, e dê muitas graças a Deos por sentir tentaçōens. Porque senti-las he bom: como seria máo

con-

consenti-las, pois fora peccado; e senti-las sem consenti-las he merecimento. De tal sorte, que hum dos mais evidentes signaes da Graça, he a tentaçao resistida. A razão he clara. Porque como o homem de si naõ pôde fazer cousa bôa; Hum acto tão excellente, como he o da resistência a huma inclinaçao tão natural, e maliciosa, como pôde deixar de ser hum grande favor da Bondade Divina!

E prosegue: Se naõ passou de levareda, com que ardeo a natureza, naõ se perdeo a Graça. Porque este arder da natureza sómente, com que naõ concorre a vontade, he hum combate, por onde merecendo se fazem os melhores habitos: Como se passasssemos huma ave, depois de depennada, pelas chamas para acabar de consumir aquelle pello, que a maõ naõ pode arrancar, com que naõ só fica limpa, mas mais livre da corrupçao, e mais enxuta. Assim a nossa Alma pelos combates das tentaçoes mais fortes se fortifica, e dispõem para maiores batalhas. E continua o Servo de Deos, que em quanto o fogo anda pelos arrabaldes, naõ queima a Cidade, que he o nosso Espírito, o arrabalde o Corpo, e a Graça o muro. Esta regra, de que só o consentir he delicto, e sentir só he merecimento, he infallivel, e approvada pelos maiores Mestres. Mas naõ está a meu ver aqui a dificuldade. Porque se soubessemos no calor das tentaçoes distinguir o sentir do consentir, naõ fora muito difícil de conservar a paz interior. Porém a tribulaçao, e os assaltos saõ ás vezes entre tanto fogo estrondos, e fumo, que apenas pôde huma pobre Alma tomar as armas, nem sabe como sustentar-se a si mesma. E daí nascem o escrupulo, e dúvida. E para estas fora bom acabar alguma regra.

E se me he permittido, direi o que entendo. E he, que passado o rigor do conflito, o que differe a outra pessoa, se me pedira conselho, achando-se no mesmo estado, isto me differe a mim mesmo. Também he de advertir, que o sabermos se consentimos, ou naõ consentimos, naõ faz menor, ou maior o peccado. De que se segue, que este de sejo naõ he charidade, he amor proprio. Porque se fosse amor de Deos verdadeiro, sem nos atristarmos, fariamos o exame, que moralmente pudessemos. Confessariamos o que julgassemos. Acceitariamos com humildade a penitencia. E ficariamos em Deos com grande confiança.

C A R T A XCI.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Aõ serve de nada vir a esta Casa , e naõ escrever , nem fallar. Só serve para dar graças a Deos , que até dos allivios faz prova. Naõ se estremeça V. M. com os sonhos. Chore mais os desacordos de meus peccados ; pois , tendo tantos , os choro tão pouco. O ir para fóra do Reino , he causa sem fundamento , o para fóra misterioso.

Agradeço a V. M. as Communhoës , e mais offertas , que faz a Deos por mim. E poderá ser que essas me tenhaõ maõ. E astáz me saõ necessarias. Se eu posso pagar , quanto faço he pouco. Mas tudo isto he de V. M. do modo que lho posso applicar : e do que me tem dado , com ninguem quero repartir.

Naõ sei que possa fazer por V. M. , que seja mais que o que o faço. Mas se em mim pôde haver este mais , assim o farei. E conserve-se V. M. , como diz , sem voz antes , nem depois , e sem coraçõ de susto , pondo a Alma em o possivel focego. E se Deos occupar a V. M. em outro exercicio , elle dará forças : que naõ faz Deos nada de meyas , nem imperfeito.

Do que se disse dos tres predestinados ; naõ ha tal. O que digo he , que sei de certo , que no auditorio esta huma Alma em grande perigo de perder-se , que se reze por ella huma Ave Maria. Calo quem he , que sou eu. E ha muitos effeitos bons. A clareza , com que fallo , aindaque parece mal , eu , e os Confessores sabemos quanto bem faz , e quanto enfada ao demonio. E os do seculo , que naõ sabem disto , bom he que naõ gavem tudo , e que se embaracem neste pouco , para que menos reparem no muito.

Siga os seus exercicios , como lhe tenho dito , ou como
Nosso

Nosso Senhor melhor lhe inspirar, até que eu possa com mais vagar fallar a V. M., que agora naõ tenho tempo: e tudo á pressa naõ tem efficacia. A Deos, até que possa.

Era, p. **IX** A T **S**ervo inútil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa, cuja consciencia governava. Começa, que nem serve de nada vir áquella Casa, e naõ escrever, nem fallar: e que só serve para dar graças a Deos, que até dos allivios faz prova. Porque da doutrina, que costumava, e como o mais era só consolaçao sem trabalho, por isso diz, que Deos até dos allivios faz prova: para que entendamos o uso, que dos allivios fazemos.

Diz, que se naõ estremeça com os sonhos, e que chore mais seus peccados. Parece que esta Religiosa tenia, ou havia ouvido que o Servo de Deos queria ir para fóra do Reyno, por esta razão diz, que aindaque naõ tem fundamento, fora o sonho misterioso. Porque estas cousas espiritualizadas sem superstição, mais sinceramente servem ás vezes de estímulo para as virtudes.

Diz, que se conserve sem voz antes, nem depois, e sem coraçao de susto. Porque calar antes, naõ be tanto, porque be só reprimir hum impulso, mas perseverar calando, be saffrer hum martyrio. E por isso diz sem susto, pondo a Alma em o possivel Jocego.

Diz, que a clareza, com que fallava, fazia muitos effeitos bons, aindaque parecesse mal. Isto era a certas pessoas do mundo, taõ ridiculamente exactas, que se naõ escandilizaraõ de ver commetter na praça hum peccado escandaloso, e repararaõ em que sinceramente mostre do Pulpito hum Prégador Apostolico aos ignorantes as culpas, em que cabem: e muitas vezes, porque naõ as conhecem. Cujos bons effeitos sabia o Servo de Deos, pela experientia, que fazia dos que ouviaõ a sua doutrina, mais para se reformarem, que para o arguirem.

C A R T A C X I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Endito seja Deos , que assim foi servido ! Levou para si hum Anjo , e tirou a V. M. hum Idolo ; porque desapegada de tudo , do que no mundo amava , ficasse mais capaz de amar a quem no Céo quer a V. M. Dê-lhe muitas graças : que este he o dote melhor com que essa filha pôde ir para a Glória. E os bens deste mundo falso , e enganoso , dita he naõ chegá-los a possuir , mais que para os desprezar. Em sua Már de V. M. , e em seu Filho peço ao Senhor se faça a sua Divina vontade : e que se para consolaçao de V.M. saõ necessarios , lhos empreste mais algum tempo.

No que tóca á sepultura , he vaidade que V. M. lhe queira dar outra a sua Filha , mais que essa Igreja da Piedade. E ao tempo , em que vemos na Corte os Marquezes , e Condes na morte pedirem huma vil sepultura fóra da Igreja , como tendo-se por indignos della; (isto fez o Conde velho d'Atouguia) naõ he razaõ que V. M. pobre , e espiritual deseje pompas , nem memorias , nem particularidades. A terra assim como toda he casa comum para a vida , assim he aposento commum para a morte : qualquer basta. E naõ deve V. M. estar taõ melindrosa de espirito , que a recee sepultar á vista. Lá fora eu , e alguns Frades a sepultá-la ; se as occupaçoes gravissimas do Capitulo nos naõ trouxeraõ a todos embaraçados. Mande V. M. os Clerigos da terra , que façaõ o enterro. E fie-se de Deos , que ha de acudir , quando importar. Entretanto encommende-me a Nosso Senhor , que guarde a V. M. como lhe peço , e desejo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O.

N O T A.

Esta Carta, que o Veneravel Padre escreve a certa Senhora, parece que em occasião, que lhe morrera huma filha, começa: Bendito seja Deos, que assim foi servido! Levou para si hum Anjo, e tirou a V. M. hum Idolos. E de certo, que não ha Idolos mais perigosos, que aquelles, que amamos com mais justificados pretextos. Amar os filhos, não pode ser injusto, pois Deos nos manda amar os proximos; o danno esta no pegamento, com que amamos. E como até em os filhos o excesso he erro de vontade com cor de virtude, como se não sente o remorjo, não procura a razão regular o cuidado. E por isso prosegue o Servo de Deos: para que desapegada (isto he, daquelle affecto que a trazia prezada) ficasse mais capaz de amar a quem no Céo quer que lhe de muitas graças.

Diz, que os bens deste mundo, dita he não chegar a possuí-los, mais que para desprezá-los. E este chamar-lhe dita, he como se differa, huma particular graça. Porque para dar de mão aos bens deste mundo em seu principio, e desprezar os alvoroços, com que nos lisongea a novidade de hum contentamento, não experimentar o amargo do desengano: esta valentia de espirito não cabe em nossa miseria sem hum grande auxilio da Graça Divina.

No que toca á sepultura, prosegue, he vaidade, que lhe queira dar outra, mais que em certa Igreja, que parece era a mais vizinha, ou a sua Parochia. E verdadeiramente, que he estupenda a fragilidade humana, que á vista de alguns sepulcros, tão cegamente erigidos, considero, não só vaidade, mas hum certo medo nascido de huma indigna fraqueza, cujo horror parece que se lisongea daquellas cinzas douradas, para lhe não serem na consideração tão molestas. Porque não sei outro efeito destas extravagancias e escandalosas, mais que serem huma cortina para impedirem a verdade do desengano aos vivos, e hum grave pezo, que alguns deixárao fabricado para cair sobre si mesmos depois de mortos. E por esta razão acaba o Servo de Deos, que não seja tão melindroso de espirito, que recee sepultar á vista aquelle objecto. Como se differa, que aquelle não culto era

C A R T A X C I I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Pressa naõ dá tempo para mais , que dizer a V. M. o muito que estimo este seu papel , e que só estimei mais a puzera de seu espirito. Ainda isto de sahir como hum rayo aos propositos , saõ huns fumoszinhos do mundo. Eu tenho a culpa , que pondo a madeira taõ verde ao fogo , que ainda naõ está puro , fiz que donde podiaõ sahir levaredas , sahiflem fumaças. Os effeitos , que V. M. sente nas minhas palavras , obras saõ de Deos , que com o lodo dá vista. Seja elle muito bendito ; e dê a V. M. saude corporal , e espiritual , como lhe peço. Porque elle pôde fazer que seja para seu servyço huma , e outra saude. Quando naõ queira , faça-se a sua vontade. Louve-o V. M. nella. Que feitas as diligencias da Medicina , devemos louvar a Deos na enfermidade , ou achaque , como pajem de Deos. E aindaque seja feio , e aspero , veni para seu servyço a dar o seu recado ; e he , que tenhamos santa paciencia , e que vejamos quem somos. Porque entaõ muitas soberbinhas , e impaciencias , que estavaõ solapadas por dentro , sahem para fóra na raiva , na afflicçao , e na tristeza do espirito ; cuja perfeiçao consiste no aveslo do que queremos. Continue V. M. o favor , que me faz de encommendar-me a Deos , que para si faz. Mais agradaveis saõ a Deos as Oraçoes pelo proximo , que por nós mesmos. Estas cheiraõ a amor proprio , e aquellas a amor de Deos. Este Senhor he quem paga por mim. E assim naõ fará V. M. tanto , que naõ seja mais o que por isto receba. Esta tambem foi bõa fumareda. Louvado seja Deos.

A cerca do que me ficou no tinteiro , digo , que me parece

rece melhor, que V. M. se contente com os pés de Christo Senhor Nosso; porque melhor he para V. M. que Christo lhe dê com os pés no coraçāo, e naõ que tenha o coraçāo de Christo a Ieus pés. Assim ha de ficar, se lá te metter, sem elle a chamar. Faça elle o que for servido.

Essoutra mortificaçāo, se he huma, que eu suspeito, naõ lhe dē a V. M. cuidado. Porque naõ tem fundamento. Se he outra, offereça-a a Deos, que lhe dá hum proveito mais em cada consolaçāo de menos. No nome de V. M. naõ fallo. Porque ainda V. M. está mais verde que a Madre Sorror N. Lá iremos: entaõ fallaremos. No mundo era isto de obrar os nomes, signal de grandeza: por onde alguns tomáraõ tres nomes, como Marco Tullio Cicero. E os escravos, e gente vil tinhaõ hum só nome. Naõ se soffria mais. E como V. M. quando deixou o mundo, deixou o fastoso dos nomes, e sobrenomes, e escolheo o vil dos desprezos: quanto desprezar mais da grandeza, com que naíceo, mais serventia terá na pequenhez a humildade, a que se dedicou.

Faça V. M. por naõ adoecer de todo. E sobre tudo faça por agazalhar com amor a vontade de Deos, que se mostra no succeso. E peça a todos, que me encommendem a Sua Divina Magestad, e que lhe lembrem muitas vezes este Pecador: que, tal qual he, quanto pôde offerece por V. M. a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo: &c.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta, que o Veneravel Padre escrevia a certa Religiosa, começa dizendo, que estimava muito aquelle seu papel, e que só estimara mais a pureza de seu espirito: para que examinasse, se o papel dizia o mesmo que sentia o affecto. E porque sabia quam facilmente mudaõ de natureza as palavras, em taõ pouca distancia como vai do coraçāo á boca.

Diz, que ainda isto de Sabir como hum rayo aos propositos, saõ

Jaõ huns fumoszinhos do mundo. A razaõ be. Porque supposto que a execuão dos effeitos se deve seguir á deliberação dos propositos, sempre o acceleramento jupõem coraçaõ alterado: de que se infere menos resignação, que amor proprio. E por isso lhe chama fumoszinhos do mundo. Diz, que elle tem a culpa. Porque pôs a madeira verde ao fogo, e fez, que donde podiaõ Sabir levaredas, Sabissim fumaças, isto era para unirbá-la: querendo dizer-lhe, que naõ estava ainda em estido para muitos elevados exercicios, que, conforme as suas disposiçõens, de outros menores tirára mais proveito; porque eraõ mais proporcionados á seu espirito. Diz, que os effeitos, que sente de suas palavras, jaõ de Deos. E este tempo, que nos pudéra parecer confiança, he humildade. Porque achava, que de si mesmo em suas palavras naõ podia haver causa bôa.

Diz, que se Deos lhe naõ dér saude, que o louve na enfermidade. Porque, feitas as diligencias da Medicina, devemos ter o achaque por favor da Providencia. E isto be taõ certo, que se nos naõ escusára a nossa fraqueza, e ignorancia, nestes termos qualquer queixa pudéra ser culpa. Porque Deos naõ nos ha de mandar dizer sua vontade por Anjos, senão por effeitos. Porque fazendo da nossa parte o que somos obrigados, naõ ha caso, em que se naõ mestre a vontade de Deos nos successos.

Diz, que melhor be que Christo Senhor Nossa lhe dé com os pés no coraçaõ, do que ter o coraçaõ de Christo a seus pés: isto era a respeito de certas Meditaçõens muy elevadas, sem entrar nellas a imaginação, nem formar figuras, que aindaque sejaõ as mais perfeitas, com tudo nem saõ para todo o estido de espirito, nem para todos os tempos. E por isso prosegue: Se lá se meter, sem elle a chamar, ha de ficar de fóra. A razaõ be. Porque se huma Alma quer subir de si mesma áquella contemplação quasi passiva, que era a de que o Servo de Deos fallava, ordinariamente fica de fóra, isto be, sem o fructo de hum, e outro exercicio: de hum, por querer entrar, onde naõ era chamada; e de outro, por naõ seguir o que mais lhe convinha.

C A R T A X C I V .

O Amor de Deos more nas vossas Almas.



Inhas Irmaãs, e Senhoiras. Nosso Senhor entendo que vos quer fazer Santas. Naõ percais a occasião, que tiverdes. Porque aindaque a tençao seja grande, o auxilio ha de ser igual. Aindaque vos affrontem, vos injuriem, vos espanquem, soffrei por amor de Deos: que tempo virá que folgueis de ter padecido. Mas se o levares com paciencia, mais soffreio por vós vosso Esposo Jesu Christo. Naõ está mal á Esposa vestir-se da librê de seu Esposo. E isto, aindaque custa muito á natureza, naõ se perde a Graça, se com humildade se leva, e se diz de coraçao: Seja Deos em tudo louvado. Elle abrirá caminho, para que tudo se ponha em bem. Peço-vos muito vos naõ esqueçais do fim, com que entrastes nesse Convento, tratando da Santa Oracaõ, Charidade, Mortificaõ, e principalmente do Amor de Deos, e da Virgem Nossa Senhora. Nosso Irmaõ Fr. Joaõ se partio Sabbado desta terra com saude. Vai com desejos de ver-vos, em podendo. Aqui lhe fizeraõ grandes honras os melhores de Portugal. Pedi muito a Nosso Senhor lhe dê verdadeira humildade, conhecimento de sua miseria, agradecimento das misericordias de Deos. Eu, se elle me dér vida, parto para o Algarve esta semana. Rogai a Nosso Senhor feja para gloria sua. Elle vos guarde.

Irmaõ, e Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A .

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a suas Irmaãs. Começa dizendo, que entende que Deos as quer fazer Santas, e que naõ percaõ a occasião. E supposto que Deos quer fazer Santos a Tomo I. T 3 todos,

todos , e para todos está com os braços abertos ; a razão , porque naõ somos todos Santos , he porque deixamos passar a occasião sem effeito . E quantos houverão de ser Santos , se naõ deixáraõ perder tantas inspirações , e tantos auxilios . E pôde ser que fossem os ultimos aquelles , que naõ abraçámos : e que naõ abraçá-los , seja a causa de serem os ultimos . E como esta profunda materia das dispensações da Graça a reservou Jó para si a Sabedoria Divina , he necessario naõ deixar perder occasião alguma , sob pena de poder ser qualquer delas a derradeira .

Diz , que soffraõ pelo amor de Deos tudo , e que tempo virá , que folguem de haver padecido . Huma das maiores causas de nossas tibiezas , he a pouca Fé , com que padecemos nesta vida alguma molestia . E por isso diz o Servo de Deos , que tempo virá , em que estime pela vista clara da experiença , a que agora refusamos , aindaque verdadeira , pela Fé escura .

Diz , que lhes pede muito , que se naõ esqueçaõ do fim , para que entráraõ naquelle Convento . E daqui se segue a razão , porque tantas pessoas aproveitaõ tão pouco em todos os estados . Porque aindaque tem boa tençaõ , e bons desejos , como se esquecem do fim , supposto que tenhaõ alguns exercícios , nunca passão dos meios .

Diz , que a seu Irmaõ , que parece havia estado na Corte , lhe fez grandes honras o melhor da Nobreza . E prosegue : Pedi muito a Deos lhe dé verdadeira humildade . Porque fabia quam venenosa he qualquer gloria deste mundo apparente , sem o verdadeiro correclivo da Santa Humildade .

C A R T A XCV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito Reverenda Madre , e Senhora minha . Já lá vai o Inverno , e chegou a Primavera . Dispa-se V. M. das tristezas , e encha-se de espirituales alegrias ; pois as presenças de Lucifer se trocrão em presença de Deos , e as Endoenças do animo em Alleluias do Espí-

Espirito. Resuscite o gosto, respire o desmayo, e revivaõ os allivios. E no meyo das Cruzes tornaõ-se as Espinhas rosas, e os Cravos boninas; pois servem ao merecimento para coroa, aindaque para o corpo sejaõ martyrio. Lembre-se V. M. que se Nosso Senhor lhe dá que padecer; isto he o que nesta vida tomou para si. E as Esposas comem da igualria de seus Esposos. E naõ fora bom que V. M. estivesse no Tabór, quando o medita no Calvario; elle padecendo, e V. M. rindo. Indaque nos naõ possamos alegrar, quanto ao corpo, seja ao menos quanto ao animo, ou ao desejo: que isto he possivel. As Almas amigas de Deos, saõ como a Açucena entre espinhas, que servindo-lhe de lancetas verdes, a cada sopro do Ceo a atravessaõ, e lastimaõ. Mas aquelle mesmo rigor, que para a Açucena he ferida, para o Ceo he fragrancia: e servem como de bocas, aindaque mudas, para encarecer paciencias, e atrahir misericordias: que saõ os brincos de sangria, que nos dá a Bondade Divina. Offereça V. M. as suas penas, sem mais fadiga dos cuidados, e pensamentos, que dizer: *Deos me está vendo: Deos me está espreitando: e eu naõ sei se o amo.* Diga isto com mais ternura do espirito, que sentimento. Porque mais se ha de curar com o amor, que com a dor; menos com as queixas de si mesma, que com as branduras. Com Deos use deste cordial, mansa, e suavemente, ao geito do estado da natureza. E espere que naõ ha de faltar a Divina Graça: que se tarda, he por nosso proveito. Como V. M. até mais naõ querer, até depois da doença passar. Naõ faço nenhum escrupulo do regalo. Porque maior peccado he em V. M. a penitencia, em quanto naõ tem inteira faude: que eu sem febre, nem frio comi agora douis dias gallinha: e naõ me confessei, nem tive escrupulo disso. E he impertinencia reparar em couzas de comer, quem naõ pôde jejuar, nem sarar. Trate V.M. de sua faude: que Deos quer que trate della. Durma sempre que possa. E naõ tenha mais Oraçao, que essa simplez memoria de Deos, e a conformidade, e alegria d'Alma possivel com sua Divina Vontade. E lembre-se de mim diante de Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta, que o Servo de Deos escreveo a certa Religiosa, comprehende com muita erudiçao grande doutrina. E por que parece havia estado enferma, e consequentemente attribulada, começa dizendo-lhe, que após as tempestades do animo (isto he, o que havia padecido de molestias, esterilidades, seccuras, escrupulos, tibiezas, e outras afflicioens, que costumaõ padecer aquelles, que Deos quer provar) o mesmo Senhor dá as boanças do espirito, que he a paz, a tranquilidade, a consolaçao, a liberdade, e finalmente outras luzes suaves, com que recrea as Almas devotas; assim como as plantas, que depois do rigor aspero, e frio do Inverno, lograõ na Primavera entre fragrancia, e alegria, quanto padeceraõ pela aspereza. Assim entre favores, e combates leva Deos os espiritos, que elege para as cousas maiores; humas vezes levantando-os pela confiança; e outras, abatendo-os pela humildade.

Diz, que aindaque se naõ possa alegrar, quanto ao corpo, que ao menos o faça quanto ao animo, e desejo. Bem sabia o Veneravel Padre, supposto que diz, ao menos, que o mais que pôde fazer huma Alma nas afflicioens do espirito, com a Graça ordinaria, he ter firme o desejo, e o animo. Porque a alegria sensivel nos mesmos trabalhos, ainda depois de grandes provas, a naõ concede Deos a muitos. Mas desta sorte aconselhando-lhe o que lhe convinha, a deixava sempre nos termos da Humildade santa.

Diz, que offereça a Deos suas penas, sem mais fadiga, que dizer: Deos me está vendo: Deos me está espreitando. Isto he, que considere naõ só que Deos a ve com aquella vista universal, com que vé todas as cousas, mas com a tençao piedosa, com que examina aquelles, que ama. Porque de naõ penetrarmos bem esta verdade, ou naõ desarmos que nos penetre, se segue a repugnancia, com que padecemos, e a pouca alegria, com que nos conformamos.

Diz, que melhor se ha de curar com o amor, que com a dor: isto he, com fazer actos de Amor de Deos, e naõ com certa amargura, que com bons pretextos nasce de amor proprio. E

suppo-

supposto que prosegue , que vá ao geito da natureza , naõ quer isto dizer segui-la , senão encaminhá-la. Porque muitas pessoas , que directamente se procuraõ oppôr a seu natural sem prudencia , vem a destrui-lo desorte , que se naõ podem servir delle para a Caridade. O que naõ sucede a quem com cautela sabe usar de sua suave , e segura doutrina.

C A R T A X C V I .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

 Adre Soror N. , e Senhora minha. He tempo , de que V. M. se lembre do muito que deve a Deos , e te aproveite de seus auxilios. Deos da parte do Ceo chôve as misericordias sobre os montes , e sobre os valles. Os valles aproveitaõ-se , porque recebem , e entranhaõ em si o que do Ceo lhes vem ; os montes ficaõ amaldiçoados , estereis , e infecundos. Porque por mais que o Ceo lhes chova , tudo sacodem de si , e se ficaõ , como antes , soberbos , asperos , e seccos Deos quer a V. M. Queira V. M. a Deos. Naõ lhe manda fazer penitencias. Quer o coração , o amor , o cuidado , o commercio , e desvelo : e que por agradá-lo soffra V. M. os males , as penas , e as borrafcas , que lhe vierem. Agora que deixo de escrever a muitas pessoas , creyo que me vejo de Deos o impulso , para dizer a V. M. isto , a quem peço me encommende ao Senhor , e se naõ envergonhe de nada , mais que de naõ resolver-se a servi-lo , e passar inutilmente o tempo. Sua Divina Magestade guarde a V. M. De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A .

Esta Carta escreveo o Servo de Deos a certa Religiosa. E mega dizendo: que he tempo , de que se lembre do muito que deve a Deos. E naõ diz isto , porque naõ seja sempre obrigaçao este

este cuidado , mas porque quando Deos nos chama , entraõ se deve affervorar mais o affecto. E por iſſo prosegue , que se aproveite de Seus auxilios. A razaõ he. Porque muitos se contentaõ com sentir as inspiraçoens , mas porque se naõ aproveitaõ dellas , recebem em vaõ a graça , que lhes bate ás portas. E assim continua com o exemplo da chuva , que cabe nos montes , e valles , mas pelas disposiçoens differentes , huns , e outros a recebem , com diferente sorte.

Diz , que queira a Deos , pois Deos a quer. Clausula he esta para grande confusaõ nossa. Que nos queria Deos sem o persuadirmos , e que seja necessario persuadir-nos que queiramos a Deos ! E praza ao mesmo Senhor , que ainda assim o busquemos. E diz , que lhe naõ manda fazer penitencias : mas o que lhe pede , he o coração , o cuidado , o commercio. E he necessario entender , que naõ ha de ter o commercio , quem lhe naõ der o coração , e naõ lhe ha de dar o coração , que naõ tiver o commercio. Este commercio he a Oração , e este coração he o amor. E sem amor mal se pôde orar : como sem orar mal se pôde querer : que nas conciliaçoens do espirito , naõ pôde haver muito trato sem muito affecto , nem muito affecto sem muito trato.

C A R T A XCVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito Reverenda Madre Abbadesa, e Senhora minha. Cheguei a S. Bernardino , pôrto onde venho a reparar-me dos meus naufragios. E como nelles sempre se fazem votos, e promessias, naõ posso deixar de satisfazer á Madre de Deos , as que lhe tenho feito. Lá vai este Quadro de papel , naõ como taboa de milagres, salvo se for como algum da Penha de França, que de cobras, e lagartos consta; mas como memoria das minhas obrigações , que naõ podem desconhecer-se as que devo a V. M. Vai tambem a buscar-me novas de V. M. , que sempre terão

no

no estimadas, o que lhes faltar no merecidas. Diga-me V. M. como lhe vai, e como passaõ essas Religiosas, que de todas estimarei as novas, as oraçõeſ, e as lembranças. Eu por aqui me passo, sem saber ainda como vivo; pois naõ aprendo dos troncos, e dos penedos, o que pelos olhos me ensinaõ. Olho para esta soledade, e assim no Ceo, como na terra, no ar, e nas mais criaturas sobejaõ os motivos para espiritar-me, e crescem cada vez mais as razoẽs de entristecer-me, pois me aproveito taõ mal do que pudéra fazer-me bem. Seja Deos louvado, que ainda assim me naõ nega os allivios, ainda quando lhe esperdiço os remedios. Olho para estes penedos, a quem o mar açouta, e os vejo com paciencia firmes, com constancia immoveis: e parece que reprehendem a minha fraqueza, e a minha levidão taõ grande, pois falta a huma Alma a virtude, que lhe sobeja a hum penedo. Olho para o mar, aindaque inchado, ruidoso, soberbo, e embravecido: vejo ás vezes, que fazendo-se do Ceo espelho, se faz do Ceo retrato. Porque aindaque se lhe vá huma onda, e se lhe venha outra onda; em fim lá tem suas horas, em que se lhe imprimem grandemente as couſas do Ceo, e se mostra da sua cor. Eu miserável, por mais quieto que me veja, por mais em remance que viva, naõ sou assim, pois ainda me naõ vejo escultura daquelles celestes bens; e aindaque deſeo o debuxo, naõ sei fazer-me retrato. Olho para o Ceo, e alegro-me de ver hum lugar, em que Deos naõ he offendido; antes summamente louvado. Oh se assim fora o mundo todo, se todos forramos assim, que gloria, que bemaventurança houvera nas nossas Almas, sendo para Deos luns Ceos, onde sempre fora louvado, e nunca offendido! Mas ay de mim, que tenho que chorar o aveſſo, e naõ sei o que será de mim! Olho para os troncos, e vejo que com ancia sobem para o seu Creador, e a pezar da folha, e verdura, com que a terra os veste, eorna; da verdura fazem alma para crescer, e das folhas azas para subir. E eu peccador miseravel, mais que os troncos duro, mais que os madeiros feccos, só para cepo firvo, só presto para o fogo. Vejo as hervinhas bailando a cada sopro do Ceo, e que abaixando as cabeças, estaõ sempre em *Gloria Patri*. E eu nascido das hervas, mais peço-

peço hum que todas, não dou a Deos a gloria, que lhe pudera dar, só presto para iettas, que ao Ceo podem ferir. Olho as flores, que com cheiroas fragrancias estaõ perfumando o Ceo, quando naturalmente espiraõ. E eu, sem ter hum suspiro, com que a Deos agrade, não espiro, nem respiro nas fragrancias da Oraçaõ. Olho para as fontes, que arrojadas, e anciosas se despenhaõ sem reparo para chegar a seu centro. E eu parado como lagôa, e gelado como o mar do Norte, nem corro, nem me derreto, não me arrojo áquelle summo Bem, que he suave Centro nosso. Olho para os peixes deste tanque, que admiravelmente domesticos vem comer á maõ de todos por hum pequeno beneficio, ou leve engodo, que tem. E eu, cheio de tantos beneficios, cada vez menos domesticos, menos domado, menos agradecido a Deos. Em fim, ponhamos silencio ao que se pudera dizer, e não nos arrendamos do que está dito. Porque servirá de motivo para V. M. louvar a Bondade de Deos immensa, que assim me soffre. E tome muito por sua conta encommendar-me mais a Deos, para que me perdoe, e espere entretanto. O que convém he aturar este trabalho sem queixa. Porque se perde o merecimento, onde a paciencia resvalla, e o sentimento murmura. A Oraçaõ sem desconfiança: porque nella himos buscar a gloria de Deos, não a nossa. Elle guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa, Abadessa, e pessoa de muito espirito. Começa dando-lhe conta de como havia chegado ao Convento de S. Bernardino, onde diz: *Vay a reparar-se de seus naufragios. Para que entendessemos, que por mais exactas que fossem as occupações da vida activa, (como o eraõ as do Veneravel Padre no exercicio de Missionario) sempre a tempos convém o retiro, para compor em silencio os ruidos, que occiona o tumulto.*

Diz,

Diz, que manda aquelle papel, naõ como taboa de milugres, mas como memoria de suas obrigaçōens. E diz milagres, naõ só porque havia fallado em votos, e em naufragios, e se dirigia áquelle Santo Convento, mas como o seu intento naõ era só accusar a negligencia propria, mas ainda estimular a albeia, e aquellas taboas servem mais de votos, que de documentos, por isso diz, que he como memoria, que vay buscar Oraçōens, e lembranças.

Diz, que passa sem saber ainda como vive, pois naõ aprende o que lhe ensinaõ pelas olhos os troncos, e os penedos. Para que se lembraſſe, vendo como vive noſſa Alma confusa com noſſa natureza, que tendo aquellas creaturas só huma Alma vegetativa, e ſendo taõ obedientes ao Creador em ſeu genero, vivemos noſſas ás vezes com menos fidelidade que hum penedo, e que hum tronco, que naõ tem movimento, ou proprio exercicio.

Diz, que olhando para as creaturas, lhe crescem razoens para maior tristeza: pois ſe aproveita taõ mal do que podia fazer bem. Arazaõ he. Porque assim como para as obrigaçōens fazem humas creaturas a outras tanta diferença, tambem ſucceſde o mesmo com os talentos de eſtado a eſtado, e de eſtatuto a eſtatuto.

Diz, que olha para os penedos firmes, a quem o mar açouta. E he de advertir, que quando os açouta, os gaſta. Porque mortificaõ, que naõ gaſta, conſequenteſte naõ emenda.

Diz, que o mar, aindaque ás vezes eſtá inchado, e ruinoso, lá tem ſua hora, em que ſe faz do Ceo eſpelho, e por conſequencia retrato. E aſſim he em verdade: que para poder ſer retrato, he neceſſario ſer primeiro eſpelho. Porque ſe ſe naõ vir o Ceo em noſſa Alma pela natureza, naõ poderá noſſo eſpirito ſer copia pela ſimilhança.

Diz, que olha para o Ceo, e ſe alegra de vér hum lugar, onde Deos naõ he offendido, mas antes louvado. Porque entendaõ os mais perfeitos, que aſſim como neſte mundo naõ ha lugar ſem offensa, tambem naõ ha neſta vida Alma ſem culpa.

Diz, que as plantas, da verdura fazem alma para crescer, e das folhas azas para ſubir. Porque entendamos, que quanto crescer noſſo eſpirito em virtudes, tanto ſubirá a contemplação pela caridade.

Diz,



Diz, que as hervinhas a cada sopro do Ceo abaixaõ a cabeça, como dando a Deos gloria. Porque nos confundamos, e consideremos, a quantas inspiraõens, e auxilios nem reverencia fazem nossos descuidos.

Pelas flores fragrantes, e pelas fontes claras mostra como deve ser huma Alma Religiosa. A flor quanto mais ferida, mais fragrancia respira: e entaõ ha de mostrar-se huma Alma mais fiel, mais fina, quando estiver mais mortificada.

As fontes o seu principio he o seu cuidado, porque o seu cuidado he o seu centro: e em quanto naõ chegaõ, naõ páraõ: e como nunca páraõ, nunca descançaõ: como deve huma Alma fazer nesta vida, que tem a Deos por origem, e Patria.

C A R T A X C V I I I .

O Amor de Deos more na Alma de V. S.

 Inha Senhora. Que condiçao taõ certa he esta de toda a felicidade humana, naõ ter gosto, que se possa estimar, sem o pezado dissabor, que juntamente ha de vir. Eis-me aqui, que com grande alvoroço pego neste papel de V. S., estimando a ventura de té-lo, sem o merecer. Mas que companhia traz este bem? O pesar, e a pena, de que V. S. haja passado mal. Ora seja Deos bendito. Muitas graças lhe dou por isto. Alguns secretos destinos pôde ser que façaõ dita destes sentimentos. Deos he como os Lavradores. A terra, de que quer colher fructo, primeiro a fere, a queima, a abre pelo meio. Se a terra tivera entendimento, e sentimento tambem: Que havia de dizer? Senhor: Que mal vos fiz, que taõ mal me tratais? Eu que vos soffro, vos aturo, taõ ferida, taõ pisada, taõ magoada? Sim, lhe responderá elle. Tudo isto he necessario, para que sejas boa, e para que dés algum fructo. Terra he V. S., ou terra mais mimosa, ou aspera, ou terra de monte, ou terra de valle, ou mais

mais fecunda, ou mais esteril. Disto naõ faço juizo. Mas ou assim, ou assim, huma pouca de terra. Deos he Lavrador. Tire-se V. S. a consequencia. Mas ainda assim, tal qual eu sou, naõ deixarei, quanto posso, pois naõ pôde ser quanto devo, de pedir a Sua Divina Magestade dê a V. S. a saude, que eu lhe desejo, e tantos havemos mister para o serviço deste Senhor.

Tambem peço perdaõ a V. S. sobre tantas sangrias dar-lhe a purga passada. Mas todo o Martyr teve seu Diocleciano: que muito que para maior merito tenha V. S. em mim hum taõ vil verdugo. Grande felicidade he o conhecimento de nossas misérias. Ah quem me déra, que este fora mais cafeeiro dos meus descuidos, erros, e desatinos, assim como neste papel vejo que tem entrado por casa de V. S. Queira Deos que naõ seja por alguma impaciencia, antes se acompanhe de todas aquellas virtudes, que ha de ter quem trata de aproveitar. Seus pesares de V. S. misterios saõ de Deos, naõ saõ castigos, ao que eu entendo. O pezo, que se põem sobre huma columna direita, deixa-a mais firme: e se se põem sobre huma columna torcida, logo se arruina, e cahe. Naõ se torça V. S. para as couzas da terra, todo o inclinar he torcer, e o torcer vespera de cahir. O negocio he que para as couzas do Ceo estejamos sempre direitos com intenção recta, e com animo elevado, e alto. Isto he o menos que faz quem perfeitamente lá pertende subir.

O Senhor F. como naõ he S. Miguel, que muito he que aquelle diabo, que havia de metter debaixo dos pés, o traga, e ponha sobre a sua cabeça. Isto faz, quem anda em peccado mortal. Naõ deixe V. S. de lho advertir. O que eu posso fazer, he encommendar, e pedir muito ás pessoas devotas, o encommendem muito a Deos. Este Senhor, que nos dá os Invernos, tambem nos concede as Primaveras. Queira elle por sua misericordia, assim como tem dado a V. S. estas tempestades, dar-lhe novidades mais felizes. Beijo o chapim a V. S. pela diligencia, que fez nesta penitencia. Aqui verá V. S. o que Deos lhe quer, qué até por meio de Almas condenadas quer que V. S. metta muitas

tas Almas no Ceo. Peça-lhe V. S. tambem por este Peccador miseravel, taõ froxo, é taõ pouco para si. Ora naõ se queixará V. S. de que a naõ fartei de mortificações, e fiz este serviço, para que V. S. offereça alguns por mim a Deos, que guarde a V. S.

De V. S. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Senhora de caridade, espirito, e bom entendimento. E depois de lhe dizer quanto sentia haver passado com alguma molestia, diz, que por isso mesmo dá a Deos graças, porque alguns secretos Divinos pôdem occultar aquelles sentimentos. Para que entendessemos, que as afflicioens são os meios mais proprios, com que Deos costuma dispôr aquelles, que quer favorecer. E por esta causa traz o exemplo do Lavrador, que para tirar fructo, primeiro rompe a terra com o arado. E accrescenta, que se a terra tivera sentimento, e entendimento, que tambem se queixará. E he para reparar, que bastando para se queixar o sentir, diz juntamente, entender. Porque soube que he taõ apaixonado o amor proprio, que sempre acha razoens para a queixa, ainda quando as naõ busque para o allivio a mágoa.

Diz, que era terra, ou má, ou bõa, e que naõ fazia juizo que terra era. Porque deixando-lhe este exame a si mesma, facilmente acharia mais razoens para se confundir, que para se queixar. E por isso diz, que grande felicidade he o conhecimento das miserias proprias. Porque a dita naõ está em sentir-las, se naõ em conhecê-las.

Diz, que o pezo, que se põem sobre huma columna direita, que a faz mais firme. Para que entendamos que naõ basta que sigamos o caminho direito, mas he necessario que levemos o pezo da mortificaçao, para ser seguro: como o Navio, a que importa pouco o leme, se com grande vento naõ leva o pezo

do

do lastro. E falla pelo exemplo da columna. Porque tendo dous extremos, em hum recebe a carga de cima, e com outro se funda na terra: ensinando, que nas afflicçõens ha de haver humildade, e conformidade: conformidade para aceitar a vontade Divina; e humildade, para confessar que nós somos a causa, e temos a culpa.

Agradece-lhe certa pintura, que tomava na maõ algumas vezes, quando prégava. E era huma Alma, que ardia no fogo do Inferno. E por isso diz, que até por meio de Almas condenadas quer Deos que ella metta Almas no Ceo. E para que vejamos que Deos tambem nos ha de pedir conta de seus castigos: que se permitte ás vezes, que sejaõ publicos, he para que nos aproveitemos dos mesmos exemplos.

C A R T A X C I X .

O Amor de Deos more na Alma de V. M.

BEndito seja Deos, que cuidando eu que moo a V. M. com minhas durezas, ainda assim se naõ dá por sentida de tantas cousas duras, como saõ todas as minhas. Naõ está V. M. longe de fazer milagres. Porque quem destas misturas faz bõa farinha, facilmente fará paõ de pedras. Naõ seja com tudo endiabrado o milagre. Porque neste papel de V. M. que quer parecer deserto do natural antigo, ainda acho, como no meu, cousas, que, naõ sendo más na figura, naõ sei o que na realidade saõ. Mas se Deos das espinhas tira rosas, destille-as V. M. para Deos, que lhe dá o fogo. E pegue-o como incendio Divino, a quem se naõ quer desapegar das pêstes humanas, que impedem o caminho do bem, e bemquistaõ as perdições do mal. Que eu tambem receyo a falta de perseverança, em que V. M. teme a falta de permanencia.

Se o desejo fizera a jornada, já lá estivera. Mas como as occupações naõ daõ lugar, senaõ pelo successivo, falta-

me a prerogativa de immediato. Entaõ poderá V. M: prevenir essa Senhora , quando eu fizer aviso a V. M. ou por escrito , ou por presençā. E se o quizer já , de dezoito por dian- te , se Deos for servido , ha de ser. Queira Deos que lhe sirva o entendimento , para que entregue a vontade a quem lha deo para isso , e com esta liga se ponha da banda de V. M. Onde com menos rendas pôde ficar em melhor foro , e todas ie vinculem áquellas Chagas de meu Senhor Jesu Christo : que para entrar saõ portas , para o sahir feridas.

V. M. naõ quer , e eu son muito peior. Porque se naõ enxergue em V. M. hum descuido , dou cincos , e caio em muitos. Bem diz V. M. que ainda naõ está capaz daquellas Ordens Sacras. Porque ainda lhe naõ vejo grande tonsúra nas mortificaçōes do espirito. Naõ me espanto ; porque podendo ser Mestra de avisos , ainda aprende de mim os erros. Necessario será que se metta mais Capucho este negro juizo , e entaõ parecerá mais observante dos desenganos. V.M. debalde , e eu em vaõ , pondo mais , do que tirando , ambos imos ao poço. Ajudemo-nos , e poslamos ambos tirar esta agoa da Divina Graça , que nos faz suar sangue do coraçāo , quando nos converte em fontes de lagrimas. E se houve pa- ra o descuido agoas mortas , haja para a razaõ fontes vivas : que estas correntes nos olhos , entaõ os põem mais sezudos , quando os vem mais perennes. A companhia de S. Joaõ de Deos , podia ser dita deixá-la ; a minha , como era de Es- posas de Deos , será desgraça perdê-la. Mas de tudo daremos graças a Deos , que se elle cala , sendo o mais aggra- vado , que farei , que em nada sou offendido. Com tudo apertemos com a Bondade Divina , pedindo-lhe que faça por gloria sua , mais universal , e commūa esta dita nossa , que queiramos todos serví-lo ; aindaque só por nós quebra isto de querê-lo.

A^r Senhora Dona N. antes a quero boa , que saã. Por- que má , e saã , fructa foi de que se servio o diabo , até no Paraíso : naõ o espero eu della assim : senaõ que vá de bem em melhor , e que em lugar de esfriar com a febre , arda com o frio. Deraõ duas horas , ponto determinado ao Con- fissionario. Digo minha culpa , e absolva-me o defeituoso.

Sirva,

Sirva-me de penitencia, o que naõ continúo. E naõ me falte V. M. com o que lhe peço de graça. A Divina conserva a V. M. em seu santo serviço, e guarde a V. M. como lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta do Veneravel Padre escrita por estylo plausivel, e metaforico, segundo se collige, era para sujeito, a quem melhor se poderia persuadir por este estylo. Porque supposto que o Servo de Deos fosse tão exacto por seu espirito, por seu estado, e officio de Pregador Apostolico, parece que em algumas occasioens se lembrava do que dizia S. Paulo, que por seus irmãoes naõ reparara, de que o tivessem por anathema. E por esta razão se achaõ algumas Cartas do Servo de Deos escritas com muita ordem, arte, e polícia. O que naõ duvidava, quando podia de sta sorte persuadir as Almas a Caridade.

Diz no primeiro paragrafo em sustancia, que quando entendia que a mortificava, isto era com a correcçao da doutrina, a achava tão conforme, que facilmente faria milagres. E altudindo-os à tentaçao do Deserto, que o demonio fez a Christo Senhor Nosso, insinua-lhe, que aindaque tanta conformidade tinha apparencias de verdadeira, elle a tinha por suspeitosa. E dá logo a razão, dizendo: Porque supposto que neste papel quer V. M. parecer deserto do natural antigo, ainda acho nelle cousas, que, naõ sendo más na figura, naõ sei o que saõ na realidade. E fazia o Servo de Deos este juizo, considerando, segundo se infere, a mistura, que conhecia nas palavras, e Cartas de sta pessoa, de virtudes, e de vaidades. Porque sabia que a culpa de muitos annos em huma Alma, be como a hera no muro, que depois de cortado o tronco, ainda faz raizes das ramas, se de todo, e de tudo se naõ desapega.

Diz, que pegue o fogo da luz, que Deos lhe dá, a quem se naõ desapega das pestes humanas, que impedem o caminho do bem, e bemquistaõ as perdiçõens do mal. (E estes saõ os pernicio-

que estaõ no mundo, nem para isto lhes deo geito, nem auxilio, &c. Depois cuide no beneficio da Redempçao, em que o mesmo Deos se fez Homem, para vir morrer por V.M. O que naõ fez pelos Anjos, nem por muitas outras criaturas. E ultimamente cuide nos beneficios do sangue, da feiçao, do entendimento, da pessoa, dos auxilios, e de muitas occasioes, em que a livrou dos perigos, de peccados, e do inferno. E depois veja o retorno, que por isto tem dado a nosso Senhor, e quanto o tem servido, ou offendido, e com pena de naõ ter maior pena de seus peccados. Peça-lhe contrição, lagrimas, penitencia, e dor de sua ingratidao: fazendo firmissimo proposito de antes morrer, que peccar. Peça-lhe tudo o que naõ tem, o amor, a humildade, a mortificaçao, para o agradar, e servir. E em quanto naõ temos estas couias, quer Deos que com grande extremo lhas peçamos. E ou receba muito, ou pouco, de tudo isto lhe demos muitas graças: convidando a Virgem Maria, os Anjos, e os Santos, o Sol, e a Lua, e todas as criaturas, para que por V. M. o louvem. E no cabo faça cinco actos de amor de Deos, ainda que naõ seja mais, dizendo: Meu Deos, e meu amor. Ou o que já lhe ensinei: Meu Deos, em vós espero, em vós creio, e a vós mais que tudo amo, e me peza de vos ter offendido, e proponho antes morrer que peccar, tende misericordia de mim. Gaste em isto, ao menos, hum quarto de hora. Beije no fim a terra. E vá-se ás outras obrigaçoes: fazendo, quanto puder, em andar em amorosa lembrança da Divina presença: despejando a Memoria de outras figuras, o Entendimento de outros cuidados, a Vontade de outras affeçoes. E se peccar, e cahir, com suave sentimento, e conhecimento de sua miseria, naõ estranhando as ruinas, torne a Deos, pedindo-lhe misericordia. Isto me ponha por obra, sem falta, duas vezes no dia, tendo saude. E naõ tenha outra casta de Oraçao. E lhe mando que me dê conta de como se acha. E tome cada semana huma disciplina álem das da Comunidade; naõ estando enferma. E encommende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço todos os dias.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NO-

fos estragos , que fazem os exemplos domésticos. (E em dizer que pegue o fogo a quem se não desapega , lhe mostrava que a sua irresolução , e tibieza procedia da companhia , em que a sua deliberação empeçava. E este he o maior trabalho daquellas Almas , que se querem livrar das cadeas da vaidade , querendo desatar os laços , que deviaõ romper. E prosegue : Então poderá V. M. prevenir essa Senhora , (e diz por metáfora) porque com esta liga se ponha da banda de V. M. Isto era , que se resolva , para que siga o que difficulta.

O mais de sta Carta contém huma exhortação entendida , pelo mesmo estylo , e para o mesmo intento. Porque a porta , por onde o Servo de Deos entendia se podia ganhar este espirito , era pelo discurso. Mas esta prudencia he rara , e a dá Deos a quem he servido ; sendo certo , que sem ella , ainda todas as mais qualidades saõ poucas para haver de ganhar certas Almas.

C A R T A C.

O Amor de Deos more na Alma de V. R.



Uito Reverenda Madre Abbadesa. Acho-me com alguns papeis de V. R. , a que não poderei responder pela falta de tempo ; mas responderei ao que he necessário acerca daquellas perguntas , dando-me Deos espirito : que na verdade o desejo para dirigir as acções , e espirito daquella pessoa , em que V. R. me falla , e como Prelada deve cuidar de seus augmentos.

Primeiro que tudo , entendo que o natural desta pessoa he brando , e amoroſo ; assim não he muito que rompa para Deos em amor , e lagrimas. Tambem hei conhecido , que ha muito que fazer , e falta muito por mortificar , e que he necessário buscar algum remedio , com que suavemente se faça tudo. E não me inspira Deos outro , mais que o mesmo Amor de Deos : pois como dizem os Myſticos , não ha cousa , que tanto mortifique , nem cousa , que tanto deleite ,

te, nem tanto obre. E assim o amor he o melhor medicamento para esta Alma ; e para aquellas que V. R. entender, aindaque naõ estejaõ tão preparadas, como he necessario. Porque o amor será tambem preparaçao para si mesmo. Assim mando a V. R. esta receita para est² Alma, e as mais, que se quizerem aproveitar della.

A primeira, huma pureza de intençao, com que advertidamente haõ de desejlar contentar em tudo a Deos. A segunda, hum acto de simplez memoria, com que se haõ de despír de todas as outras lembranças, conceitos, imaginaçoes, discursos, figuras, juizos, por espirituaes que sejaõ : e costumarem-se a este despímento, que he o primeiro, ou segundo ornato da Esposa, para chegar á uniao (que com estas Almas he que fallo). A terceira, hum continuo acto de amor de Deos, ou passivo, ou activo ; isto he, ou obraundo Deos, e recebendo a Alma ; ou obrando a Alma, aindaque seja com violencia, em quanto naõ obra Deos. Em esta ociosidade ha de conservar o espirito hum continuo apego a Deos, fazendo das respiraçoes memorias, e de todas as criaturas espelhos, onde nem se veja, nem se saiba mais que a Deos (excepto para o que for necessario a cada qual em seu officio). E assim em cada huma destas tres presenças se empregue a vida, e sentidos, fazendo de todas as repugnancias exercicios, e dos affectos huma total entrega a Deos : sem lembrar-se, nem cuidar outra coufa (excepto o que tenho dito) mais que em andar em Deos por continua tençao de agradá-lo, ou perpetua, e simplez memoria sem esquecê-lo ; ou ardente, e aspirante amor de attrahí-lo.

Os gráos, por onde ha de subir a Alma, e os enfeites, com que se ha de adornar, saõ cinco. O primeiro he coraçao limpo, e sempre elevado em Deos. O segundo, hum espiritual, e interior silencio ; isto he despímento de todas as imagens espirituaes, e operaçoes das potencias, por excellentes que sejaõ. O terceiro, hum apegamento anhelante a Deos, fazendo aspiraçoes das respiraçoes, naõ buscando utilidade alguma, nem consolaçao de criaturas, aindaque se veja triste sem ellas. O quarto, huma quietaçao, ou encosto em Deos, de maneira que nelle viva, e com elle se

una: assim como a pinga d'agoa no vinho, ficando-se em suas veias. A quinta, hum suave sonno de espirito, com que a Alma dorme para tudo o que he mundo, ao que tem cerrado os olhos, se fica totalmente em Deos, como elle quizer, sem querer acordar deste sonno, excepto quando o mandar a obediencia, caridade, ou necessidade propria, ou alheya.

Vaõ por este caminho as Almas, a que Deos chama á perfeiçao. Naõ se cancem em fazer outras devoçoes, nem penitencias: (excepto as da Communidade) buscando sempre o retiro, e a solidao em as mesmas companhias, quando o tiro se lhe naõ conceda; sempre sem queixa, e sem desascoego do animo, que humas ancas turbadas parecem finezas, e saõ chimeras. E o que Deos quer destas Almas, he paz, e quietaçao, silencio, sonno espiritual, alegria, e resignaçao. Aindaque venhaõ perturbaçoes, tentaçoes, borrascas, e tribulaçoes, durma a todas, calando a Alma, perdendo os sentidos, e enfeitiçando as potencias, até que nesse encantamento nada saiba de si, e entenda que naõ faz nada. E do que fizer, dê conta ao Padre Espiritual, e lhe diga como lhe vai.

Só ao entrar das horas particulares de Oraçaõ, seja primeiro pelo Coraçaõ, ou Chagas de meu Senhor Jesu Christo. E dentro deste Coraçaõ, desappareça logo tudo o que naõ for simplez conceito de Deos; isto he, por lembrança, ou amor.

Mas advirto a estas Almas, que se Deos as levar, que se deixem ir. E tambem se lhes mostrar outro caminho, naõ se prendaõ no que eu lhes aconselho. Mas hajaõ-se com liberdade de espirito; porém avisem do que succeder de novo ao Padre Espiritual. Quando andarem doentes, naõ leaõ; ou leaõ muito pouco: nem ponhaõ na Oraçaõ muita força. E quando muito usem da simplez presença. Porque os actos de amor ardente enfraquecem muito, quando saõ nossos, se naõ nascem daquella fonte Celeste, que entaõ saõ medicina, e suavidade, que cura. Estando enfermas, façaõ o que lhes disserem os Medicos, guardando em todo o mais tempo as obediencias das Preladas, e seguindo o possivel a vida comum, que está primeiro que tudo.

O tem-

O tempo está bem repartido. O que importa he que se exercite. O que lhe aconcelho , segundo a conveniencia delle : peça huma , e outra vez a licença , que deseja ; e calle , se lha naõ derem. E dahi a espaço torne a pedi-la , e fazer da mesma maneira. Naõ posso dizer mais. Encommende-me a Sua Divina Magestade , que guarde a V. R.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa Abbadessa de certo Convento , que parece lhe havia dado conta dos espiritos de algumas Religiosas , que estavaõ a seu cargo. E fallando de huma , diz : que entende , que o natural daquella pessoa he brando , e amoroſo , e que naõ he muito que rompa para Deos em amor , e lagrimas ; porém que tem muito que mortificar , e que o remedio he o mesmo amor. A razão he. Porque estas lagrimas , estas levaredas , jaõ ordinariamente nos principios bons fumos , que com o fogo d'Alma se levantaõ da parte da natureza , como a panella , que começa o ferver , e em quanto se naõ purifica , e se coze , o mesmo calor lhe faz exhalar aquella porção indigesta , que a naõ deixa cozer , até de todo se compor. Assim faz o amor de Deos em huma Alma , em quanto lhe resiste a natureza. E por iſſo diz o Veneravel Padre , que ainda que naõ estejaõ bem preparadas , o amor será a preparaçao. Porque esta diferença faz este exercicio a todos os outros , que como he fogo , elle investe a materia , elle a prepára , a coze , a purifica , e transforma.

Diz , que manda huma receita de como se baõ de haver neste exercicio , e que a primeira couſa he huma pureza da intenção , com que advertidamente baõ de desejar de contentar a Deos em tudo , (e advertida , quer dizer actual.) Porque em qualquer outro exercicio , como naõ haja acto em contrario , naõ se desfroe a virtude , que se pertende ; mas neste , que he puramente de actos de vontade , quanto se omitte , tanto se enfraquece ,

Diz, que a segunda couſa, que haõ de fazer, he hum acto de simplez memoria; naõ quer dizer, que naõ ha de fer muito affectiva, ſenaõ, como declara, deſpida de todos os conceitos, imagens, figuras: &c. Porque uſſim quanto for deſtar couſas mais nua, ſera mais efficaz. Porque deſta simplicidade ſe segue ſer mais vehemente.

A terceira, hum continuo acto de amor de Deos, ou paſſivo, ou activo. E diz, que aindaque ſeja com violencia. Porque quando Deos he o que totalmente move, naõ ſe deve exceder a diſpoſiçāo de hum silencio humilde, suave, bem que anhelante; porque da parte da Alma os actos naõ interrompaõ a operaçāo da Graça Divina: mas quando ſe naõ conhece que Deos he o que obra, entaõ be neceſſario que opere o affecto, fazendo por ſe affervorar com os actos de amor. E por iſſo diz: Obrando a Alma, aindaque ſeja com violencia; iſto he, ou com ſigo meſma, ou como fazendo a Deos huma violencia amorosa. Diz, que os graos por onde ſe ha de ſubir ſao cinco: Coraçāo limpo, Interior silencio, Pegamento anhelante a Deos, Arrimo a Deos, e suave Sonno de eſpirito.

Primeiro: Coraçāo limpo. Naõ quer dizer, ſó varrido, ſenaõ purificado. Porque esta limpeza naõ a ha de fazer a eſcova, que limpaa ſó ſuperficialmente, ſenaõ a chanma, que purifica; iſto he, ſem deixar raiz alguma de creatura.

Segundo: Interior silencio. E diz interior, Porque naõ baſia o silencio dos ſentidos, ſenaõ tambem os das potencias, cer- rando as bocas do eſpirito para as couſas do mundo; iſto he, memoria, entendimento, e vontade, que he o deserto, onde Deos falla a huma Alma renunciada, e ella houve a Deos em ſilencio.

Terceiro: Pegamento anhelante a Deos. E diz anhelante. Porque a uniaõ neſta vida nem he ſegura, nem pode ſer perfeita; e como eſta uniaõ he objeſto deſte exercicio, parará o exercicio, em parando o deſejo; que he como certos fornos de vidro, que cabem, eim lhes faltando o fogo.

Quarto: Quietacaõ em Deos. Porque ſe eſta quietacaõ falta, a uniaõ he ſuſpeitoſa. E he clara a inferencia. Porque aindaque pela razão acim o amor ſempre ha de anhelar, eſte deſejo ſe entende naõ ſabendo do circulo de ſeu objeſto, que ſe naõ

com-

comprende por infinito: mas fóra delle todos os outros desejos
saõ impropios para este exercicio.

Quinto: Hum suave Somno de espirito. E este somno pôde
sero de que fallava a Esposa, quando dizia que dormia, e seu
coraçao velava. E supposto que nelle ha differentes estados, por-
que ha differentes recolhimentos, o de que parece que falla o Ve-
neravel Padre, he hum esquecimento, hum desapego, hum pou-
co caço de todas as coisas do mundo, huma paz do espirito, que
parece descuido, e he socego, e repouso.

No mais desta Carta continua o Servo de Deos a mesma
materia por differentes termos: encommendando muito, que sem
alguma perturbaçao se soffrao as repugnancias alheias, ou pro-
prias. E diz, que o mais parecem finezas, e saõ chimeras. A
razaõ he. Porque como todo este exercicio he fundado sobre amor,
e renunciaçao, o coraçao inquieto naõ estâ bem renunciado: e
porque o amor de Deos naõ faz estes effeitos, que faz o amor
proprio.

LAUS DEO.



IN-

LAUS DEO.





INDEX

DAS CARTAS, QUE CONTÉM este Livro.

C arta I.	<i>Para sua Irmaã Religiosa, exhortando-a à</i>	
	<i>perfeição.</i>	Pagina 1.
Carta II.	<i>Em resposta a huma Religiosa.</i>	6.
Carta III.	<i>A huma Religiosa.</i>	12.
Carta IV.	<i>A huma Irmaã sua, estando para entrar</i>	
	<i>na Religião.</i>	17.
Carta V.	<i>A huma Religiosa, filha espiritual sua.</i>	24.
Carta VI.	<i>Em resposta a huma Senhora Titular.</i>	30.
Carta VII.	<i>Para a mesma Senhora.</i>	33.
Carta VIII.	<i>Para a mesma Senhora.</i>	35.
Carta IX.	<i>Para huma Pessoa Ecclesiastica, em que respondia</i>	
	<i>sobre certos escrupulos, de que lhe dava conta.</i>	37.
Carta X.	<i>Em resposta a huma Religiosa.</i>	39.
Carta XI.	<i>Respondendo a huma Religiosa.</i>	42.
Carta XII.	<i>Em resposta a huma Religiosa.</i>	45.
Carta XIII.	<i>Em resposta a Joaõ Fernandes Vieira, havendo-lhe</i>	
	<i>escrito de Pernambuco, e fazendo-lhe muitas offertas.</i>	49.
Carta XIV.	<i>A huma Religiofa sobre varios pontos de espi-</i>	
	<i>rito.</i>	52.
Carta XV.	<i>Para huma Religiosa, cujo espirito governava, co-</i>	
	<i>mo quasi todas as que contém este Livro.</i>	55.
Carta XVI.	<i>Para certa pessoa, exhortando-a à conformi-</i>	
	<i>dade.</i>	58.
		Car-

Carta XVII. Para huma Religiosa, em que lhe responde o por- que lhe não havia escrito.	61.
Carta XVIII. Para huma Religiosa.	64.
Carta XIX. Para huma Religiosa, estando de partida para as Missaens, em que andava.	67.
Carta XX. Para huma Religiosa em resposta.	71.
Carta XXI. Para huma Religiosa, em que lhe persuadia a re- signação, por huma excellente metáfora.	75.
Carta XXII. Para huma Religiosa: contém varios documen- tos.	79.
Carta XXIII. Para huma Religiosa: em resposta.	82.
Carta XXIV. Para huma Religiosa, cujo espirito governa- va.	87.
Carta XXV. Para huma Religiosa, cujo espirito governava: comprehende muito em poucas regras.	93.
Carta XXVI. Para huma Religiosa: he de muita erudição.	95.
Carta XXVII. Para huma Religiosa.	97.
Carta XXVIII. Para huma Religiosa.	100.
Carta XXIX. Para suas Irmãas Religiosas.	104.
Carta XXX. Para huma Religiosa: he de muita doutrina.	106.
Carta XXXI. Para suas Irmãas Religiosas.	108.
Carta XXXII. Para huma Religiosa Irmã sua, andando en- ferma.	109.
Carta XXXIII. Para huma Religiosa, em que lhe dá algumas doutrinas por exemplos muito excellentes.	111.
Carta XXXIV. Para huma Religiosa, que contém doutrinas muito particulares.	113.
Carta XXXV. Para huma Religiosa, em resposta.	116.
Carta XXXVI. Para suas Irmãas Religiosas.	120.
Carta XXXVII. Para huma Religiosa, que servia de Enfermei- ra, eleita novamente.	122.
Carta XXXVIII. Para certa Religiosa, que parece lhe dava alguns avisos tocantes ao mesmo Padre.	124.
Carta XXXIX. Para huma Religiosa, sobre varias mate- rias.	126.
Carta XL. Para huma Religiosa, em resposta.	131.
Carta XLI. Em resposta a huma Religiosa: he de grande edi- cação.	134.
	Car-

que contém este Livro.

317

Carta XLII. <i>A huma Religiosa</i> : he de grande doutrina.	137.
Carta XLIII. <i>A huma Senhora Titular</i> , e Viuva.	141.
Carta XLIV. <i>Para huma Religiosa</i> , escrita algum pouco tempo antes da morte do mesmo Servo de Deos.	143.
Carta XLV. <i>A huma Religiosa</i> , he em resposta : contém muita doutrina.	145.
Carta XLVI. <i>A huma Irmaã sua Religiosa</i> , que pouco tempo antes havia tomado o Habito.	149.
Carta XLVII. <i>Para huma Religiosa</i> .	152.
Carta XLVIII. <i>Em resposta a huma Religiosa</i> .	154.
Carta XLIX. <i>Para huma Religiosa</i> , em resposta.	158.
Carta L. <i>Em resposta a hum Guardião de certo Convento</i> .	161.
Carta LI. <i>A huma Religiosa de virtude</i> , de quem fazia muita confiança.	163.
Carta LII. <i>Em resposta a huma Religiosa</i> .	166.
Carta LIII. <i>A hum Ecclesiastico seu amigo</i> .	168.
Carta LIV. <i>Em resposta a huma Religiosa</i> .	171.
Carta LV. <i>A huma Religiosa</i> : he de grande doutrina.	173.
Carta LVI. <i>A huma Religiosa</i> , em resposta.	176.
Carta LVII. <i>Em resposta a huma Religiosa</i> .	179.
Carta LVIII. <i>A huma Religiosa</i> , em resposta.	182.
Carta LIX. <i>A huma Abbadeffa de certo Convento</i> , cujo espirito governava.	185.
Carta LX. <i>Para huma Religiosa</i> , em resposta : he de muita disciplina , e doutrina.	188.
Carta LXI. <i>A hum amigo seu</i> , de quem o havia sido antes , e depois de ser Religioso.	192.
Carta LXII. <i>A huma Religiosa</i> , em resposta , havendo-lhe ella dado conta de que a havia ocupado em Officio do seu Convento.	195.
Carta LXIII. <i>Em resposta a huma Abbadeffa de certo Convento</i> .	198.
Carta LXIV. <i>A huma Religiosa</i> , em que diz os effeitos , que fazia as Missoens , em que andava.	201.
Carta LXV. <i>A huma Religiosa</i> , que estimava muito , por suas virtudes.	203.
Carta LXVI. <i>A suas Irmaãs Religiosas</i> .	207.
Carta LXVII. <i>A huma Abbadeffa de certo Convento</i> , que paece	

- rece lhe havia dado conta de certas afflicçõens , com que se achava. 210.
- Carta LXVIII. A huma Religiosa enferma. 212.
- Carta LXIX. A huma Religiosa , que espiritualmente governava. 214.
- Carta LXX. A huma Religiosa , que lhe dava conta de seu espirito , e enferniadade. 216.
- Carta LXXI. A huma Senhora Titular , e Viuva : e depois de lhe agradecer certos Livros , lhe diz algumas doutrinas muito excellentes. 218.
- Carta LXXII. A huma Religiosa : contém grande doutrina. 221.
- Carta LXXIII. A huma Irmaõ sua , Religiosa , logo depois de haver tomado o Habito. 224.
- Carta LXXIV. A huma Religiosa , que lhe fazia algumas advertencias , e avisos tocantes a cousas espirituaes. 226.
- Carta LXXV. A seu Irmaõ , em que se desculpa de lhe não haver dado conta antes de tomar o Habito de S. Francisco. 231.
- Carta LXXVI. Ao Reverendo Padre Fr. Jorge da Magdalena , Deputado do Santo Officio , e Pessoa , que elle muito estimava. 235.
- Carta LXXVII. A huma Religiosa , exhortando-a ao exercicio das virtudes. 238.
- Carta LXXVIII. As suas Irmaõs Religiosas. 242.
- Carta LXXIX. A huma Religiosa : he de grande doutrina. 246.
- Carta LXXX. A huma Religiosa , filha espiritual sua. 250.
- Carta LXXXI. A huma Religiosa , estando o Servo de Deus de partida para a Missaõ. 254.
- Carta LXXXII. A huma Senhora Titular. 258.
- Carta LXXXIII. A huma Religiosa , Abbadeffa de certo Convento. 260.
- Carta LXXXIV. A huma Religiosa : contém muita doutrina. 263.
- Carta LXXXV. A huma Senhora Titular : he de muita disciplina , e doutrina. 266.
- Carta LXXXVI. A huma Religiosa : contém varios pontos , e circunstancias de espirito. 271.
- Carta LXXXVII. A huma Religiosa , em resposta. 276.
- Carta LXXXVIII. A huma Religiosa , em resposta , e com alguns papeis , que lhe havia mandado. 279.

que contém este Livro.

319

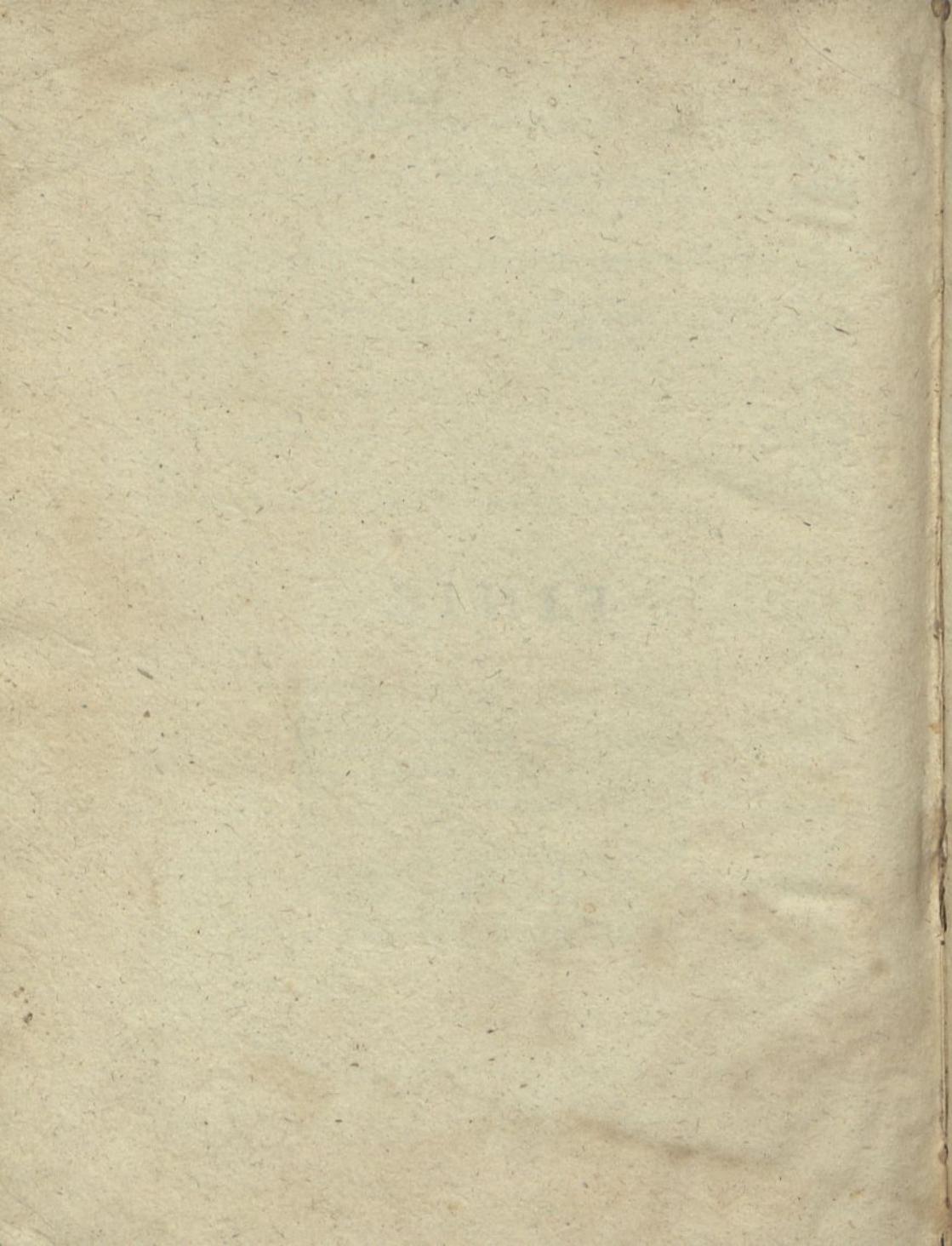
Carta LXXXIX. <i>A huma Senhora Titular, em resposta.</i>	281.
Carta XC. <i>A huma pessoa, que lhe comunicava sua consciencia.</i>	284.
Carta XCI. <i>A huma Religiosa, filha espiritual sua.</i>	286.
Carta XCII. <i>A huma Senhora, em occasião, que lhe morrerá huma filha.</i>	288.
Carta XCIII. <i>A huma Religiosa, cuja consciencia governava.</i>	290.
Carta XCIV. <i>A huma Religiosa, filha espiritual sua.</i>	293.
Carta XCV. <i>A huma Religiosa.</i>	294.
Carta XCVI. <i>A huma Religiosa.</i>	297.
Carta XCVII. <i>A huma Religiosa, Abadeffa de certo vento.</i>	298.
Carta XCVIII. <i>Para certa Senhora.</i>	302.
Carta XCIX. <i>Para hum Sujeito discreto.</i>	305.
Carta C. <i>Para huma Religiosa, Abadeffa de certo Convento.</i>	308.

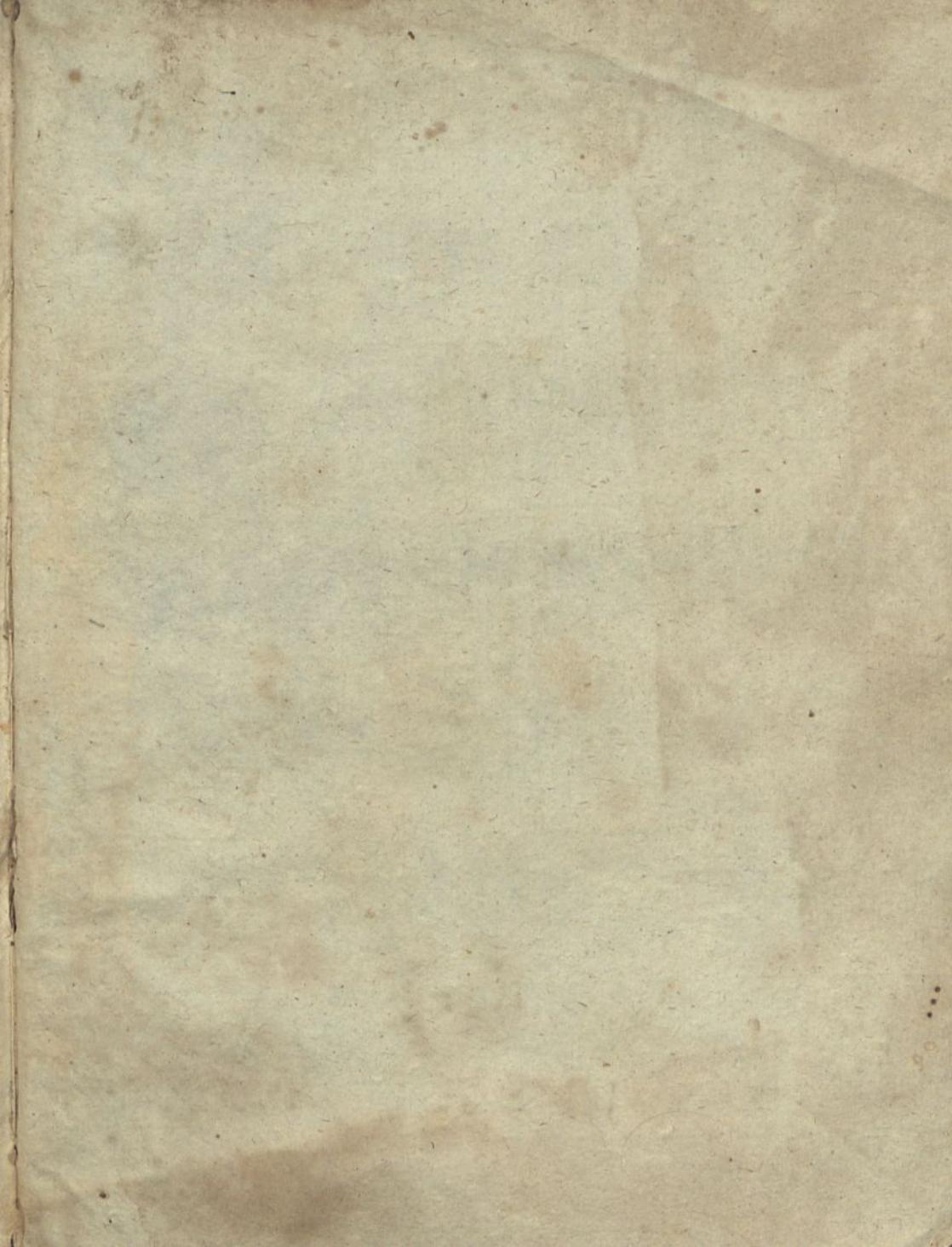
FINIS.



R.
12220

ЗИНЕ





卷之三

